

SÉRIE DONO DO MEU DESEJO  
LIVRO 4

# FELIPE

*“Ele a protegeu com tudo o que tinha.”*

E D U A R D A   G O M E S



# FELIPE

Eduarda Gomes

©2019 Eduarda Gomes  
**Design:** Creatus Design Editorial  
**Revisão:** Eduarda Gomes  
**Diagramação digital:** Eduarda Gomes

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, transmitida e/ou gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou outros, sem autorização por escrito da autora.

## Sinopse

### •LIVRO 4 DA SÉRIE•

Felipe Monteiro, é um homem sedutor e cheio de malícia, faz parte da gerência sênior da SQUAD. É o filho mais novo da família Monteiro, donos do empreendimento.

Com um passado repleto de segredos que ele mesmo precisará desvendar, Felipe busca uma maneira de conseguir descobrir o que seu irmão mais velho esconde.

Seu jeito sedutor e calmo faz com que muitos pensem que ele seja diferente de Benjamim, quando na verdade sua calma pode ser substituída pela ira em instantes.

Vanessa é uma mulher fria, que teve a inocência tomada por seu padrasto quando mais jovem. Os frequentes abusos que sofria a mudaram de forma irreversível e a fizeram fugir de casa, encontrando abrigo na casa dos tios.

Desde que viu o seu vizinho, Vanessa não consegue tirar o homem de voz sedutora e olhar intenso de sua cabeça.

Felipe tem certeza de que Vanessa não resistirá aos seus encantos, mas o que ele não sabe é que terá que lutar contra tudo o que ela sente para ganhar sua confiança.

Venha conhecer e se apaixonar por essa história de amor e superação.

## Depoimentos

A seguir, alguns depoimentos de leitoras que se identificaram com a história da Vanessa. Seus nomes serão poupados.

“Sei bem como é passar por isso, é como se estivesse lendo a minha própria cabeça quando vejo a narração da Vanessa.”

“Eu tenho medo de todos os homens, como a Vanessa. Inclusive do meu padrasto.”

“Sentia meu irmão me tocar e quando começava a acordar, ele corria. Minha mãe nunca soube e eu nunca tive coragem de confrontá-lo.”

“Fui abusada pelo meu ex. Quando descobriu que eu tinha outra pessoa, usou uma desculpa para entrar na minha casa e me estuprou.”

Esses são apenas alguns dos depoimentos recebidos. Abuso sexual é crime, denuncie; ajude mulheres e meninas que sofrem com isso todos os dias.

# Playlist



1. Take my breath away – Berlin
2. Back it up – Prince Royce, Jennifer Lopez, Pitbull
3. Send me an angel – Scorpions
4. Halo – Beyoncé
5. Shape of my heart – Backstreet Boys
6. Me and my broken heart – Rixton
7. Flashlight – Jessie J
8. The Greatest – SIA
9. Pra que entender – Jorge e Mateus
10. If I let you go – Westlife
11. Loved me back to life – Céline Dion
12. Fragile heart – Westlife
13. Razão de viver – Roupas Nova
14. The one that got away – Katy Perry
15. Para tu amor – Juanes
16. Say you won't let go – James Arthur
17. Un año – Sebastian Yatra
18. Heaven – Bryan Adams





.. UM ANO ATRÁS ..

FELIPE

Entro apressado na SQUAD e penso no quão atrasado estou. Com 26 anos, tenho a vida mais corrida que a de muita gente. Sigo para o elevador e aperto o botão "20", uma loirinha com uniforme da SQUAD e um decote generoso sorri assim que entro, deve ser do setor de atendimento. Pisco para ela e sorrio de volta, mas não me envolvo com quem trabalha comigo.

Como eu havia imaginado, ela é do setor de atendimento. Desce no 4º andar e eu sigo meu caminho. Ao sair do elevador no 20º andar, avisto Lara. Sorrio e vou até ela. Benjamim já deve estar arrancando os cabelos com meu atraso. Aquela puta histérica.

— Bom dia, cunhadinha. — Paro em frente à sua mesa e ela me olhou, sorrindo.

Lara não usa mais o uniforme da SQUAD, Benjamim insistiu para que ela usasse roupas comuns já que são casados e, agora, pais da sobrinha mais linda que alguém pode ter. A pequena Ellen.

— Bom dia, cunhado.

— Como está a Ell?

— Bem, morrendo de saudades do tio.

— Não diz isso que meu coração derrete. — Faço drama. — Onde está minha putinha?

— Está na sala.



— Obrigado. — Pisco para ela e sigo para a sala de Benjamim.

Dou dois toques à porta e entro; pela cara, Benjamim quer me esfolar vivo. Não tenho culpa se a noite passada me destruiu fisicamente e olha que tenho pique. A mulher era insaciável e tinha uma boceta gostosa do caralho.

— Não diga que vai comer meu rabo porque eu deixo, se insistir demais... — Ergo as mãos em rendição e vejo a expressão dele fechar mais ainda.

— Vai se foder!

— O que há, Ben? — Fico sério e sento na cadeira em sua frente.

— A loja de roupas masculinas que entrou há seis meses no grupo, declarou falência... O prejuízo para nós será considerável e como declararam falência, estão protegidos por lei e só nos pagam quando "puderem".

— Filhos da puta. — Recosto na cadeira e passo as mãos nos cabelos.

— Temos que recorrer a Anderson para ver o que podemos fazer quanto a isso... Quero que marque uma reunião com a gerência sênior e com Anderson.

Benjamim está puto, somente pelo jeito de falar se percebe isso. Eu sou um pouco diferente dele, minha raiva só é expressa na hora que eu julgo certa. Não queira me ver realmente bravo, dizem por aí que os calmos são os piores e são mesmo.

— Certo.

Saio da sala de Benjamim e sigo para a minha, cumprimento Lucas e entro em minha sala. Nunca me relaciono com secretárias, sempre vi Benjamim despedir uma a uma. Sempre depois de conseguirem uma boa foda, ficavam no pé da puta histérica e ele como sempre as despedia, até ter a sorte de chegar a Larinha e colocar uma coleira das boas nele.

## VANESSA

Acordo num pulo, ofegando e suada. Esse pesadelo sempre me atormentou, desde que precisei fugir dele. As imagens do meu padrasto dentro do meu quarto, me segurando, me tocando, abusando de mim são assustadoras. Ele tirou a inocência de uma criança.

Eu era só uma menina, minha mãe trabalhava fora e ele era um vagabundo pelo qual ela sempre foi apaixonada demais. Cega demais... e eu pagava muito caro por isso.

Meu tormento sempre se dava às tardes, pois eu estudava pela manhã e ficava em casa depois da aula. Ele invadia meu quarto enquanto eu estudava e a

cada toque, cada gemido nojento dele ao pé do meu ouvido, sentia vontade de morrer. Eu não sabia o que era aquilo, mas sentia medo, sentia que algo estava errado.

Saio da cama e vou para o banheiro, minha vida mudou muito desde que decidi vir pedir ajuda aos meus tios, mas não é fácil, apesar da ótima condição de vida deles. Vim morar com eles quando tinha 15 anos, estava fugindo do meu padrasto.

Aqui encontrei uma verdadeira família. Jânio, meu tio, que o chamo de pai, Gabriela, minha tia e mãe e Henrique, meu primo e irmão. Hoje, com 24 anos, moro sozinha em um apartamento fazem dois meses.

Trabalhei anos na casa de festas do meu tio, exigindo que ele me pagasse o mesmo salário que os seus funcionários recebiam, ele não tinha obrigação nenhuma comigo. Em meu aniversário, recebi esse apartamento. Mesmo protestando, eles me fizeram aceitar depois de me dizerem palavras lindas sobre o amor que sentem por mim.

\*\*\*

Chego correndo, atrasada, e vou direto para o caixa. Beijo o rosto da minha tia e sigo para o escritório. Ao abrir a porta, dou de cara com Henrique e meu tio Jânio; ambos sorriem para mim.

— Bom dia, Nessa — Henrique cumprimenta.

— Oi, filha. — Tio Jânio beija minha testa.

— Vim deixar minha bolsa, estou atrasada. — Sorrio de canto.

— De novo os pesadelos? — Henrique preocupa-se.

— Sim... eles nunca me abandonam.

— Estamos aqui para proteger você daquele miserável — tio Jânio diz, sério. — Ele nunca mais vai chegar perto de você.

Assinto rapidamente, evitando o assunto e saio em direção ao balcão de atendimento. Minha função aqui é preparar os drinks e servir todos os tipos de bebidas, alcoólicas ou não.

O trabalho não é tão pesado, mas bastante cansativo, principalmente quando se tem que lidar com clientes bêbados dando em cima de você. Isso é o pior do meu emprego.

Meus tios, meu primo e os clientes bêbados me dizem o tempo todo como sou bonita, mas faz muito tempo que não encontro essa beleza que eles dizem ver. No espelho eu só vejo uma mulher marcada pelo medo e pela insegurança.

Qualquer gesto que envolva carinho e afeto que não sejam com os meus

tios me causa arrepio, medo. Pavor. A única pessoa com quem tentei, se afastou.  
Sou um caso perdido.

# Capítulo 1



VANESSA

Me despeço de todos da casa noturna e saio em direção ao estacionamento, entro no meu sedã prata, afivelo o cinto e dou partida. Estou louca para chegar em casa, tirar essas roupas e cair na minha cama. Agradeço pelo meu tio ter me liberado hoje, estou exausta.

Toda vez que penso naquele prédio chique, tenho vontade de matar Henrique. Ele exigiu que meu apartamento fosse ali. Eu sou pobre! Sempre fui, não tinha porquê morar ali. Por mim, moraria em qualquer outro lugar.

O argumento dele foi o fato de não ser mais pobre pelo fato de que, agora, eu sou a sua irmãzinha. Eu não quero dinheiro, nunca quis. O que eu quero mesmo é me livrar desse medo que eu tenho de qualquer carinho, o medo que sinto toda vez que algum homem tenta me abraçar ou ser meu amigo.

Quero me livrar das coisas fodidas que tenho na minha cabeça.

Paro no mercado e faço algumas compras básicas. Não posso deixar de comprar meu vinho, que amo, e alguns chocolates para acompanhar um bom filme mais tarde. Esse é um dos únicos luxos que tenho, graças ao meu salário. É minha única diversão, além de conversar com Sheila, também funcionária da casa noturna do meu tio.

Volto com as compras e dou partida em meu carro, finalmente seguindo para o prédio. Buzino na entrada da garagem e abrem o portão em instantes. Entro com o carro e, pelo retrovisor, vejo que um carro entra atrás do meu.

Estaciono na vaga com o número do meu apartamento e vejo outro carro estacionar bem perto do meu. Somos do mesmo andar.

Desligo meu carro, pego meus pacotes e saio. Travo o carro e sigo para o elevador; por sorte, entro e aperto o botão "10". Avisto um homem alto vindo e seguro a porta.

Ele anda de um jeito que prende a atenção, seu porte é elegante, veste um terno escuro, que, somente de ver, percebe-se que é muito caro. Seus cabelos castanhos estão um pouco bagunçados, nem vi seu rosto e já o achei muito bonito.

O homem diz um simples "obrigado" e apenas solto a porta. Ele desvia a atenção do celular para o painel do elevador e eu posso observar melhor seu rosto. Sua mandíbula é meio quadrada, deixando-o com um ar másculo e forte. Muito bonito.

Ao ver que o botão já está pressionado, ele finalmente me olha e eu desejo mil vezes que ele pare. Seus olhos são muito azuis e ele abre um sorriso quando as portas se fecham, eu sorrio de volta, mas sem muito ânimo.

Sinto medo.

## FELIPE

Entro no elevador sem dar muita atenção a quem está dentro, estou com a cabeça fervilhando com as coisas da SQUAD. Acabei de sair de uma ligação sobre assuntos pendentes de uma rede de hotéis, ainda estou com o celular na mão lendo alguns e-mails.

Dou um rápido obrigado pela gentileza de segurar a porta para mim e quando vou apertar o botão "10", vejo que já estava pressionado. Olho para o lado e noto uma jovem mulher, muito bonita por sinal. Sorrio, simpático, e ela retribui, mas não parece confortável.

A bela morena tem curvas maravilhosas, seus olhos cor de mel me atraem e eu desvio o olhar para o painel somente para conferir se é verdade mesmo. Ela carrega alguns pacotes com compras de mercado e seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo.

— Não sabia que é minha vizinha... é nova aqui?

— Sou. — É seca, mas ao perceber que não estamos no deserto, emenda:

— Faz tempo que mora aqui?

— Três anos. — Recosto na parede de metal do elevador e cruzo os braços. — Mas realmente nunca vi você.

— Moro aqui há dois meses. — Dá de ombros e evita o meu olhar.

— E eu posso saber o seu nome?

Ela se remexe, parecendo desconfortável. Mas que porra essa mulher tem? É procurada pela polícia? Está tentando parecer normal, mas meus instintos treinados dizem que nada está normal.

— Se não quiser me dizer, tudo bem. — Sorrio. — Não vou obrigar você... sou somente um vizinho interessado no seu nome.

— Vanessa. — Hesita, abrindo um leve sorriso. — O seu?

— Felipe.

Estendo a mão e ela aperta, seguro um pouco mais que o necessário e percebo a morena meio nervosa. Ela puxa a mão e divide as sacolas entre elas. O elevador para e as portas se abrem.

— Quer ajuda, Vanessa? — Demoro mais em seu nome.

— Não. Obrigada.

Saímos juntos do elevador e quando vou em direção ao meu apartamento, ela me segue. Acabo rindo da situação, porque realmente parece que estamos juntos.

— Me seguindo? — brinco.

— Meu apartamento é pra lá.

Quando paro em frente ao meu apartamento, percebo que o dela é apenas uma porta após a minha. Muito bom saber disso, muito bom mesmo. Já ia abrir a porta quando ouço o som de algo caindo. Olho para o lado e vejo que Vanessa derrubou boa parte das suas compras do mercado.

— Merda — xinga baixinho, mas mesmo assim eu ouço e acabo sorrindo.

— Deixe-me ajudar. — Me aproximo e apanho a maioria dos pacotes.

— Não precisa.

— Não vai cair as minhas mãos se ajudar você. — Sorrio. — Não se preocupe.

Espero que ela abra a porta e, ao fazê-lo, Vanessa vira-se para mim para pegar os pacotes. Recuo prontamente, fazendo com que ela me olhe, espantada.

— Levo os pacotes para você.

— M-Mas...

— Posso fazer isso, Vanessa, não me custa nada ajudar.

Ela pondera e, por fim, dá de ombros, apontando para que a siga. Entro no apartamento logo atrás dela. Que bunda é essa? Meu Deus do céu!

Estou precisando trepar e depois desta visão, acabei lembrando disso. Preciso aliviar meu tesão urgentemente. Só de pensar em me enterrar numa boceta quentinha e acolhedora, quase gozo.

Levo os pacotes para a cozinha e os coloco no balcão. Ao me virar, fico muito perto da morena dos lábios carnudos e dos olhos hesitantes. Olho para sua

boca e me pergunto se é tão macia quanto parece.

Ela se afasta, parecendo sentir medo.

— Obrigada pela ajuda.

— Por nada, vizinha. — Dou de ombros. — Qualquer coisa, basta chamar... Venho apagar algum incêndio ou ajudar em alguma coisa.

— Claro, obri... Peraí, o quê?!

Pisco para ela mais uma vez, passo as mãos nos cabelos e caminho até a porta, sem responder sua pergunta. Antes de sair, olho em volta e fixo meu olhar nela, que ainda me observa.

— Você pode ir — murmura.

— Tudo bem. — Sorrio. — Desculpe-me ter ficado encantado com sua beleza.

Saio sem esperar resposta, abro a porta do meu apartamento e mal entro, já vou tirando o paletó e a camisa social. Estou exausto e preciso urgentemente de um banho. Adoro a SQUAD, mas aquilo pode se tornar um tanto estressante.

A puta estressada e possessiva do meu irmão não deixa ninguém além de mim, dele e de Celso cuidar das empresas. Ele tem razão em querer que seja assim. Ninguém é confiável o suficiente para saber tudo sobre nós.

Tiro o resto da roupa e jogo no cesto de roupas sujas, sigo para meu quarto somente com minha boxer. Tomo um banho quente, preciso relaxar. Ao encerrar o banho, enxugo meu corpo sem pressa e enrolo a toalha na cintura.

Vou em direção à cozinha, estou morrendo de fome. Quando vou me servir, ouço a campainha. Mas quem será? Subiu sem ser anunciado? Para que caralhos estou pagando Gabriel, afinal?

Caminho até a porta praguejando e ao olhar pelo olho mágico, tenho que rir. Abro a porta e dou meu melhor sorriso, o sedutor.

— Eu vim... — Ela silencia.

— Você veio, percebi.

Apoio o antebraço na parede, à altura do meu rosto e vejo quando ela umedece o lábio, nervosa.

— Engraçadinho. — Hesita. — Seu celular... ficou no meu balcão.

Estende o aparelho para mim. Aparelho o qual eu não havia dado falta ainda, iria enlouquecer quando procurasse mais tarde.

— Obrigado, só iria sentir falta mais tarde. — Sorrio, convidativo. — Quer entrar?

— Não.

O quê?

— Mas...

— Não, eu já disse que não! — Se irrita e eu me espanto com a sua



atitude. — Oh, Deus, me desculpe... e-eu não queria.

— Está tudo bem. — Sorrio, mostrando que realmente está. — Não deveria ter insistido. Não é não, certo?

— Olha, eu realmente não queria ser grossa. — Pega uma mecha dos cabelos e brinca com ela entre os dedos. — E-Eu tenho que ir. Boa noite.

— Boa noite.

Começa a se afastar apressada e eu saio do apartamento para observá-la. Antes de entrar, ela me olha mais uma vez. Cruzo os braços e fico rindo persistência da moça. Quantas não se atirariam em mim ao me ver de toalha?

Sei que sou gostoso pra caralho, nem adianta negar.

Me sinto instigado pela vizinha misteriosa. Algo nela me passa medo e insegurança, é como se precisasse de ajuda, mas não pedisse de maneira explícita.

# Capítulo 2



VANESSA

Acordo com meu despertador estrondando o meu quarto. Solto um gemido de dor e desligo o despertador, acho que exagerei no vinho ontem. Depois de o meu vizinho ter tentado me fazer entrar em seu apartamento, toda aquela coisa da minha infância veio à tona e eu não quis nenhum remédio... não aguento mais remédios, apenas me afoguei no vinho.

Olho o relógio e vejo que esse despertador estava tocando há mais ou menos uma meia hora. Devo ter hibernado, estou muito atrasada. Sei que a casa de festas só funciona à noite, mas sempre que posso, dou uma ajuda aos meus tios na limpeza do lugar. Hoje é um desses dias.

Dou um pulo da cama e sinto uma pontada em minha cabeça. Ressaca é uma merda e a de vinho é a pior de todas. Faço minhas higienes e quase corro para a cozinha, estou morrendo de sede.

Tomo duas aspirinas e, sem qualquer coragem para preparar nada, tomo o suco que havia sido do dia anterior e como o último pão. Faço uma nota mental para comprar mais assim que voltar da casa noturna amanhã de manhã. Pego minhas chaves, o celular e saio apressada.

O aparelho toca nas minhas mãos e eu bufo, irritada. Vejo o nome de Tio Jânio na tela e suavizo um pouco. Eles devem estar preocupados com o meu atraso.

— Oi, tio. — Aperto o botão do elevador.

— *Adoeceu, filha?*

— Dor de cabeça, mas já estou chegando. — Olho em meu relógio de pulso. — Em quinze minutos.

— *Tem certeza que está tudo bem? Você pode ficar em casa, se quiser.*

— Tenho, tio. Beijo. — Desligo.

Espero um pouco e as portas do elevador se abrem. Como se já não bastasse a minha sorte de acordar atrasada, Felipe está dentro do elevador.

Pelo que vejo acabou de voltar de alguma atividade física. Uma camisa regata cinza e uma bermuda azul, seus braços definidos estão à mostra e o suor cobre seu corpo. Seus cabelos estão uma bagunça meio molhada de suor, mas isso o deixa ainda mais bonito.

— Olha só, parece que a sorte está ao nosso favor, não é? — Me olha de cima a baixo. — Nunca vi você por essas horas.

— É que eu só trabalho à noite. — Comprimos os lábios um contra o outro.

Felipe sorri de canto de um jeito que me deixa hipnotizada, seu olhar para mim me intimida, me deixa acuada... qualquer olhar mais íntimo me faz lembrar das coisas que vivi.

— Em quê você trabalha? — Sai do elevador e segura a porta para mim, sorrindo.

— Em uma casa noturna. — Entro no elevador e ele solta a porta. — E você?

— Nos vemos por aí. — Acena e as portas se fecham.

Por que ele não me respondeu? Fica todo cheio de mistérios, será que ele é um sequestrador? Ou meu tio o mandou? Estou enlouquecendo com isso desde que cheguei aqui.

Tenho muito medo que meu padrasto possa me encontrar.

\*\*\*

— Nessa?! — Henrique estala os dedos em frente ao meu rosto.

— Ah? Oi. — Volto a limpar o balcão.

— No que estava pensando? Estava mordendo o lábio. — Sorri e faz sua cara de sacana habitual. — Isso é sinal de que anda pensando demais.

Eu estava pensando em Felipe e em todo o mistério que aquele homem emana. Estava pensando também naquele corpo másculo coberto apenas com uma maldita toalha.

Por que estou impressionada com ele? É apenas mais um homem que não se importa com o que sinto e que só quer sexo.

Tenho certeza que se um dia eu me abrir com qualquer um deles, qualquer um. Eles vão correr de mim, não vão querer investir em uma mulher quebrada no corpo e na alma... não querem uma mulher que tem medo do toque,

medo do beijo e do carinho.

— Não estava pensando em nada, Henry.

— Tem certeza? Algo... Ou alguém.

— O quê?! — Tento soar como se aquilo fosse um absurdo. — Não tem esse "alguém" aí não... você sabe que eu não consigo.

## FELIPE

Encontrar a morena quando estava saindo do elevador foi engraçado e ainda deixei uma dúvida no ar. Tenho meu jogo de sedução e irei usá-lo, não posso deixar aquela mulher passar.

Agora, pronto para ir à SQUAD começar um novo dia de trabalho árduo, ajusto minha gravata e sorrio, satisfeito com o que vejo. Arrumo minha arma no cós da calça, pego o celular e as chaves do carro.

Desbloqueio o celular e disco o número de Gabriel, o chefe da minha segurança. Assim como João é o chefe da segurança de Benjamim.

— *Diga, S5?*

— Estou descendo, prepare as carros.

— *Pode deixar, brother.*

— Brother é o caralho! — brinco e ele dá risada. — Mais uma coisa, Gabe, procure informações sobre uma moça chamada Vanessa que mora no mesmo andar que eu e me dê um relatório completo. Ela disse que trabalha em uma casa noturna, se isso for ajudar.

— *Gostou da moça, S5?*

— Digamos que eu pretendo conhecer melhor.

— *Deixe comigo, descobrirei tudo.* — Desliga.

Saio do quarto em direção à sala e olho em volta para verificar se não estou esquecendo nada. Sorrio, satisfeito com o estado do meu apartamento, impecável do jeito que gosto.

Finalmente, depois de conferir tudo, sigo para a garagem, destravo a minha Mercedes e entro. Coloco a chave na ignição e ligo a minha menina; buzino para Gabriel e deixo o prédio, sendo seguido por ele e meus seguranças.

\*\*\*

Saio do elevador apressado e ao olhar para a mesa de Lara, vejo uma loirinha ocupando seu lugar, a mesma de ontem no elevador. FRANZO O CENHO E

vou até lá.

— Bom dia, senhor Monteiro. — Ela sorri.

— Bom dia, meu bem. — Sorrio de volta. — Benjamim está aí?

— Está sim, senhor.

— Obrigado.

Passo as mãos nos cabelos e entro na sala, vejo a minha puta dos olhos azuis toda concentrada no computador. Ele me olha e volta a atenção para o computador.

— Ben, onde está minha cunhadinha?

— Em casa cuidando de Ellen, ela está doente.

Massageia a ponte do nariz e fecha os olhos, aborrecido.

— O que ela tem? — Sento em uma cadeira em sua frente.

— Estava com febre quando saí de casa.

— Ah, Ben, criança adoece mesmo. — Sorrio, tentando animar meu irmão. — Mais tarde vou ver minha princesa.

Nunca vi Benjamim tão comprometido com algo como ele é com Lara e com Ellen. Meu irmão não abre mão de estar ao lado da filha e da mulher, admiro muito o homem que ele se tornou. O que sou, devo à ele. Benjamim sempre foi o meu herói, daria tudo meu irmão e sei que ele faria o mesmo por mim.

A única coisa que me aborrece à respeito de Benjamim é ele nunca ir visitar nosso pai. Manoel está com Alzheimer e praticamente nenhum remédio está fazendo efeito para retardar a doença. Mesmo assim ele insiste em continuar dessa forma.

— Essa loirinha aí fora é dos deuses.

Recosto na cadeira e meu irmão dá risada.

— Não sou mais disso, você sabe.

— Sei bem. — Sorrio. — Vou indo, Ben, tenho serviço acumulado.

Fico de pé e encaro meu irmão, sei que vai falar algo.

— Vai e lembra da reunião com a gerência sênior mais tarde.

— Não esqueceria nunca, amor, ouvir você falando todo sério me deixa excitado.

Dou risada quando vejo Benjamim revirar os olhos e bufar. Puta histérica.

— Quer me pagar um boquete também, caralho?!

— Eita, Ben. — Finjo estar ofendido. — Você sabe que eu gosto mesmo é do seu rabo.

Abro a porta e saio da sala, deixando meu irmão esquentadinho lá falando sozinho, sei que eu iria receber uma patada daquelas. Ao chegar em

frente à minha sala, cumprimento Lucas e vejo Gabriel sentado, provavelmente já descobriu o que pedi.

— Não devia estar cuidando de minha segurança, Gabriel?

— Caralho! — Fica de pé e eu sinalizo para que entre na minha sala. — A investigação nem demorou muito.

— Essas gírias fodem tudo, Gabriel, como você consegue foder alguém? — Sento em minha cadeira, dando risada.

— Essas gírias são o charme, tá ligado?

— Uma porra. — Faço uma pausa. — O que conseguiu?

— Ah. — Dá de ombros como se estivesse decepcionado, me fazendo cerrar os punhos. — Consegui tudo.

— Filho da puta!

Ele coloca um envelope em cima da minha mesa e, antes de eu abrir, ele começa a contar.

— O nome dela é Vanessa Weiss, tem 24 anos, veio fugida do interior com 15 anos e mora com os tios desde então... O padrasto está preso por uma série de crimes, um deles é estupro. A mãe sumiu desde o dia em que ela fugiu de casa. — Faz uma pausa e sorri, vitorioso. — Jânio é o tio, Gabriela é a tia e Henrique é o primo. Ela trabalha na casa noturna dos tios, na orla da cidade. Tá tudo aí, tá ligado? Agora vou voltar para meu posto, junto com João.

— Obrigado. — Dou risada e penso um pouco antes de falar: — Que diferença entre vocês.

— Claro, brother, se eu e ele fôssemos parecidos, iríamos tocar fogo no mundo e nas bocetas. — Ele ri. — Mas João é calminho demais.

— Cuidado com os calmos, são os mais perigosos.

Gabriel ri e sai da minha sala. De repente, Vanessa volta à minha mente. Por que ela teria fugido de casa aos 15 anos?

# Capítulo 3



VANESSA

Subo na escada desmontável para arrumar a prateleira com as bebidas. Me inclino e coloco o litro com cuidado. Um desses pagaria meu salário.

— Cuidado para não cair. — Um arrepio gelado toma a minha espinha, quando ouço a voz. — Ou eu terei que salvar você.

Olho para trás e quase caio da escada quando vejo meu vizinho encostado no balcão com um sorriso de canto totalmente sedutor e um olhar penetrante em mim. Ao seu lado tem um homem, que ri da minha cara. Deduzo ser um segurança pelo fone que usa em um dos ouvidos, pelo terno escuro e pelo tamanho.

— O que está fazendo aqui? — Desço as escadas e ele abre mais o sorriso.

— Vim beber e me divertir um pouco com meu segurança e amigo, afinal, isso não é uma casa noturna?

— Como soube que eu trabalho aqui? — Coloco as mãos na cintura, brava.

— Meu bem, eu soube porque vim aqui e tive esta maravilhosa surpresa. — Sorri e passa as mãos naqueles malditos cabelos lindos. — Agora quero que prepare uma boa dose de whisky.

— Para mim também. — O homem ao lado dele diz, sorrindo.

— Largou as gírias, Gabe? — Ouço Felipe perguntar ao homem quando me viro para pegar o whisky.

— Não, brother! Eu só uso na hora certa, tá ligado? Não ia chamar a tia de tia.

Sirvo as doses de whisky e volto ao trabalho, polindo as taças, limpando o balcão e servindo os drinks dos clientes. Em pouco tempo, vejo o rapaz puxar uma moça para dançar a música latina agitada que embala toda a casa e os casais na pista. Acabo sorrindo com a animação do amigo do Felipe e me deixo levar pelo ritmo de Back it up de Prince Royce, JLo e Pitbull.

— Gosta de dançar?

A voz de Felipe me atinge e, instantaneamente, paro de dançar.

— Um pouco. — Fico nervosa.

— Por que não dança comigo? Sei que seu tio não se importaria. — Ele dá um sorriso sedutor.

Como ele sabe que a casa noturna é do meu tio? O conhece? Como ele sabe tanto da minha vida? Nem conheço esse homem, mal sei o nome dele, ou com o quê trabalha para que precise de um segurança. Estou assustada. E se meu padrasto colocou alguém para me vigiar?

— Como sabe disso? — Tremo.

— Eu só sei, meu bem.

— Não me chame assim, não sou nada sua!

— E a minha dança?

— Não tem dança nenhuma, Felipe, arrume alguém. — Olho em seus olhos azuis. — As mulheres por aqui costumam vir sozinhas.

— Tudo bem. — Sorri e dá de ombros.

Felipe termina sua dose e observa cada canto da pista de dança. De repente, abre um sorriso predador e se afasta do balcão. O vejo parar em frente a uma morena sorridente e fala algo no ouvido dela, que sorri toda feliz antes de olhar para mim e acena que sim com a cabeça.

O que será que ele disse a ela?

Ele estende a mão para a moça e os dois param perto do amigo dele. Logo começam uma dança despudorada. Ele mantém os braços abertos, enquanto move seu quadril de um jeito sexy e a mulher passa as mãos em seu abdômen.

O homem é lindo, mas não posso me dar ao luxo de confiar nele e muito menos de me interessar por aquele sorriso. Por nenhum deles.

De repente, a mulher dá as costas e começa a mexer o quadril, como se estivesse coreografado. Paro para observar o jeito sensual natural com o qual Felipe dança, o modo como passa as mãos nos cabelos e como sorri para a moça.

Como se soubesse que eu o observo, ele me fita e pisca para mim. Seu olhar devasso é um convite cheio de malícia. Volto rapidamente ao meu trabalho como se não tivesse visto.

— Tudo certo, filha? — Tia Gabriela sorri para mim.



— Tudo certo. — Sorrio de volta.  
— Então por que você e aquele rapaz não param de se olhar?  
— O quê?! Não é nada, tia, ele só me chamou para dançar e eu recusei.  
— Deveria ter ido. — Sorri, sacana. — Olhe aquele moço, Nessa.  
— Não, tia, ele é só mais um cliente... e a senhora sabe que eu tenho...  
tenho medo.

Ela afaga meu ombro e fica observando os casais dançando. Depois volta para o caixa e não volta a falar no assunto.

## FELIPE

Assim que leio os papéis que Gabriel me entregou sobre a vida dela, decido que visitarei a tal casa noturna. A história dela me intrigou muito. O padrasto preso por estupro e sua fuga de casa ainda na adolescência... será que ele tentou algo e ela fugiu?

Espero a noite chegar, horário de sair da SQUAD para ir com Gabriel ao local. Ao chegarmos, vejo aquela morena com a bundinha empinada na escada e a reconheço imediatamente. Me fez enlouquecer vendo aquilo e pensar que podia ser qualquer um ali dando cantada me fode todo. Caralho.

Ela é uma flor delicada e tem um olhar que diz isso. Não imagino a quantia de cantadas idiotas que deve levar.

Gabriel logo chama uma mulher para dançar no ritmo quente da música que toca. Olho para Vanessa e a vejo mexer o quadril de um lado para o outro levemente. Tenho que sorrir vendo a bela cena em minha frente. Essa mulher sabe o quanto é sexy e o quanto provoca a imaginação de um homem fazendo isso?

Quando a chamo para uma dança, ela recusa prontamente. Vanessa é difícil, mas vou seduzir essa mulher e descobrir o que ela esconde, estou decidido.

Puxo uma moça para dançar, quando ela me renega. Até que é interessante, mas uma certa morena me deixou encabulado. Isso me deixa mais determinado a tê-la em minha cama, custe o que custar.

Sinto a moça passar a mão em meu abdômen e a vejo sorrir, toda animada, devido aos drinks já tomados antes.

Olho para o balcão onde Vanessa trabalha e vejo uma mulher ao seu lado, deduzo ser sua tia pela semelhança. Ela finge não me ver. Sinto um beijo em meu pescoço.

— Vamos sair daqui. — Sua voz é um sussurro sensual. — Estou tão excitada.

— Está? — sussurro em seu ouvido e desço minha mão lentamente para sua lombar, a puxando para que cole o corpo em mim. — Quer foder comigo, meu bem?

— Quero...

— O álcool afetou sua mente? Não lembra que falei sobre fazer uma surpresa para minha namorada? — Pisco para ela e vejo a frustração brotar em seus olhos. — Nossa dança é para isso.

Ela alisa meu abdômen.

— Que pena... sempre ouvi falar dos dotes dos irmãos Monteiro.

— Ouviu?

— Sim.

— Então já deve saber. — Pisco outra vez e a solto. — Com licença.

Volto para o balcão e sento no mesmo lugar de antes. Olho para Gabriel e ele ainda dança com a moça, dando olhares a ela que qualquer um nota sua intenção. Se eu soubesse que esse puto iria ficar todo solto assim, não o teria liberado. Viro-me para Vanessa e ela revira os olhos, me fazendo sorrir.

— Pronto.

— O quê?

— Arrumei alguém, como pediu, mas tenho certeza que não dança tão bem quanto você. — Dou um dos meus melhores sorrisos.

— Não estou interessada.

— Ah, vamos, Vanessa. — Me debruço no balcão e aproximo meu rosto do dela. — Não vai doer... somente seus pés, claro.

— Estou trabalhando, Felipe. — Ela me olha nos olhos, desafiadora. — Não insista.

Essa morena é difícil, mas eu sou insistente.

— Tudo bem. — Dou de ombros e olho em meu relógio de pulso, lembrando-me que prometi a Ben que iria ver a pequena Ellen. — Já que me rejeita como se eu fosse repudiante, estou indo. — Abro um sorriso sacana e ela revira os olhos, sorrindo com meu drama. — Até mais, vizinha.

— Até, Felipe. — Acena, sustentando o sorriso leve nos lábios.

Olho para Gabriel e faço o sinal, deixo o dinheiro sobre o balcão e em seguida, me dirijo à saída sem olhar para trás. Ao chegar na minha Mercedes, destravo, mas antes de entrar, vejo Gabriel vir de mãos dadas com a moça que estava dançando. Ambos dando risada.

Mas que puto desaforado.

Antes de pararem em minha frente, ele diz algo no ouvido dela, que faz

com que ela morda o lábio e sorria. Cruzo os braços e dou risada da cena.

— Gabe? — Semicerro os olhos e apoio minha lombar na porta do carro.

— Fala, mano. — Solta a moça e vem até mim. — *Lipitcho*, tem como me liberar? Tô precisado afogar o ganso, entende? — Ele fala baixo para que a moça não escute.

— O quê?! Não entendi? — digo mais alto e dou risada da cara de desespero que ele faz.

— Não faz isso, empata do caralho. — Ele me dá um soco no ombro e eu retribuo.

— Vai logo, os outros seguranças dão conta.

— Qualquer bronca é só ligar, tá ligado?

— *Tô, tô ligado*. — Abro a porta do carro e entro.

Ligo minha menina e dou partida, seguindo direto para a casa da minha puta histórica. Está todo preocupado com a Ell e eu também, minha sobrinha linda.

Em alguns minutos, estaciono em frente ao edifício em que Benjamim mora com Lara e desço do carro. Faço o sinal para os seguranças e entro no prédio. A espera no elevador sempre é a pior. Quando finalmente chego à porta do apartamento do Ben, toco a campainha e logo sou recebido por Lara.

— Hey, cunhadinha. — A abraço e ela dá risada.

— Oi, cunhado. — Dá passagem. — Entra.

— Mas onde está a minha quenga?

— Benjamim está no banho, senta um pouco.

— Não, não. Estou ótimo aqui de pé, estou ficando mal acostumado, preciso voltar a treinar. — Bufo. — Aqueles novatos putos não sabem a técnica.

— Prometo liberá-lo para treinar qualquer dia. — Pisca para mim e sorri.

— Lara, sua safada. — Cruzo os braços e dou risada. — Onde está a minha sobrinha?

— No quarto, já dormiu. — Franze o cenho, preocupada. — A febre cedeu faz pouco tempo.

— Tadinha da Ell... posso ir dar um beijo nela?

— Claro, vai lá.

Passo as mãos nos cabelos e sigo pelo corredor até o quarto da pequena Ellen. Entro devagar e a vejo mexendo nos lençóis da cama, entretida.

— Mas não estava dormindo? — Cruzo os braços. — Peguei no flagra.

— Titio! — Ela sorri, sonolenta.

Sento ao seu lado e beijo o topo de sua cabeça. A pequena me abraça e se aconchega em mim. Vejo quando Lara surge na porta do quarto com Benjamim e sorrio para os dois.

— Mas já acordou? — Ben cruza os braços. — Nos dê uma trégua, minha pequena freira.

— Ela sentiu a presença do tio mais lindo, não foi, Ell?

— Sim. — Assente, arrancando risadas de todos nós.

— Mas é muito filho... — Benjamim é interrompido por uma cotovelada de Lara. — Ai, atrevida.

— Não xinga — repreende e eu dou risada. — Já te falei sobre o potinho do dinheiro... vou aderir.

— Não ri não, Felipe. Estouro tuas bolas, caralho!

— Benjamim Monteiro! O que tenho que fazer para você parar de xingar na frente da Ellen?

— Coloca a língua na minha boca e eu fico calado.

— Nossa, Ben, que direto. — Sorrio, vendo Ellen piscar leve no meu colo.

— Céus! — Lara vem até mim e pega a pequena. — Vão os dois para a sala, agora... seus safados.

— Quando minha cunhadinha está brava, sai de baixo.

— Estou fodido — Benjamim sussurra para mim e eu sorrio.

— Sim, você está.

— Eu já disse uma vez: Se apaixone e eu não serei o único.

— Ouvi isto, irmãos Monteiro!

Deixamos o quarto dando risada, Benjamim fala tudo isso de estar fodido, mas seus olhos negam. Meu irmão é completa e perdidamente apaixonado por Lara, ele faria tudo pelas duas mulheres da sua vida.

# Capítulo 4



## VANESSA

— Um rapaz super lindo gostou da Nessa hoje.

Minha tia pisca para mim, enquanto conta o dinheiro ao meu lado, lhe lanço um olhar mortal e volto a limpar o balcão.

— Tia! — repreendo. — Ele é só um conhecido.

Omiti o fato de ele ser meu vizinho, não quero mais perguntas.

— Conhecido e interessado.

— Huum. — Henrique dá risada. — Nessa arrasando corações?

— Ridículo. — Mostro a língua para meu primo sacana.

— Nessa, sua safada — brinca.

— Henry — Tio Jânio repreende, sorrindo. — Deixe o namorado da Vanessa.

— Tio? — Cruzo os braços, incrédula. — Que complô é esse contra mim?

— Que complô que nada, estamos expondo fatos... e querendo que você supere esse passado horrível, amor.

— Que fatos? Não tem fato nenhum e eu não vou superar nada. Já tentei terapias, conversas, remédios... nada funciona, sou um caso perdido.

Me despeço dos meus tios e de Henrique, deixo a casa e entro em meu carro. O sem-noção do Felipe não sai da minha cabeça com a insistência toda em dançar comigo. Minha vida amorosa nunca foi lá essas coisas. Devo isso ao meu padrasto tarado e pedófilo.

Nunca consegui confiar em homem algum, mas isso não me impediu de me entregar a um deles. Eu namorei um rapaz quando cheguei aqui, éramos

apaixonados e virgens... pensei que, se eu tentasse com alguém que eu gostasse, isso apagaria minhas memórias. Foi pior, muito pior. Era a primeira vez para ambos e foi a minha primeira e última tentativa.

Fiz porque o amava e porque tinha a esperança de esquecer tudo, mas era horrível para mim, eu sentia nojo todas as vezes que tentávamos, ficava apavorada. Não sentia nada além da vontade de afastá-lo e foi aí que decidi que jamais tentaria novamente, isso só reaviva minhas memórias horrendas. Ele nunca soube o motivo. Terminei o relacionamento, mesmo com ele me dizendo que queria me ajudar.

Ninguém pode me ajudar.

Ao chegar em casa me joto no sofá e penso na merda que a minha vida se tornou. Eu tenho que ser forte e tentar não me abater por causa disso. Não posso deixar que esse passado me atinja dessa forma.

Um arrepio gelado toma a minha espinha quando algumas lembranças me vêm à mente. Trato de esquecer e vou para o banheiro, tomar um bom banho.

Assim que termino, sigo para a minha cama e me deito, querendo ter uma noite de sono digna.

*Eu havia acabado de chegar da escola, estava em meu quarto tirando a farda para ajudar nos serviços de casa. Eu era uma menina inocente e minha mãe trabalhava fora para sustentar o meu padrasto desempregado.*

*Ele abre a porta e me olha de um jeito estranho. Eu vejo um sorriso nos seus lábios e me encolho quando ele fecha a porta.*

*— Deixe eu ajudar você com isso, Van. Vou te contar um segredo.*

*Na inocência de criança, eu balanço a cabeça. Ele me pega nos braços e me coloca na cama deitada. Meu padrasto retira a saia da minha farda e minha calcinha. Me encolho, envergonhada.*

*— Calma, Van... deixe eu te ensinar o nosso pequeno segredo. — Me faz esticar as pernas. — Quietinha.*

*Sua mão enorme afasta as minhas pernas e eu tento fechá-las. Mamãe sempre disse que não deixasse ninguém chegar lá antes da hora... é errado.*

*— Não... a mamãe disse...*

*— Shh! É o nosso segredo, Van... ela não pode saber, entende? Se ela souber, vai se machucar... e você também. — Ele sorri e eu sinto medo. — Quer que sua mãe se machuque?*

*Com medo, balanço a cabeça e fecho os olhos. Sinto suas mãos em mim, me tocando. Ele soltava sons estranhos e eu sabia que ele estava se tocando também, eu só não entendia porquê.*

*— Lembre que é o nosso segredo, pequenina — diz ao meu ouvido*

*quando tira a mão de mim. — Trate de tomar um banho, estou faminto.*

Um grito sai do fundo da minha garganta e eu sento na cama, completamente desperta e com um embrulho no estômago. Passo as mãos nos cabelos e deixo as lágrimas virem com tudo.

Naquele dia ele me roubou de mim, aquele desgraçado matou a criança inocente que havia em mim, feriu minha alma, mesmo que eu não fizesse ideia disso. Naquele dia eu deixei de ser Vanessa para virar uma alma machucada e sem rumo.

Olho para o relógio e noto que ainda é cedo da manhã. Dormi apenas algumas horas depois que cheguei do trabalho... ainda é madrugada para mim.

De repente, a campainha toca e eu me assombro. Quem seria?

Pego o robe e salto da cama para vesti-lo rapidamente e ir até a porta. Olho pelo olho mágico e noto que é o porteiro do prédio. Abro a porta e sorrio.

— Bom dia, senhorita Weiss. — Me estende uma caixinha. — O senhor Felipe que mora aqui ao lado me pediu para entregar-lhe isso.

— E por que ele mesmo não entregou? — pergunto, desconfiada.

— Disse que bateu aqui e a senhora não atendeu. Pediu que eu tentasse.

— Deve ter sido mais cedo... obrigada. — Sorrio e pego a caixinha.

Fecho a porta e olho para o objeto nas minhas mãos. Hesitante, abro a caixa e me espanto ao ver uma pequena tulipa vermelha ao lado de um bilhete escrito em letra cursiva. Involuntariamente, eu sorrio, antes de pegar o papel e lê-lo.

“Espero que esta pequena flor amoleça o seu coração  
cruel com este pobre homem que deseja apenas  
conhecê-la melhor. Meu número está no verso  
caso tenha conseguido quebrar sua barreira.”

~FM

Continuo sorrindo e releio o bilhete absurdamente descarado. Viro o papel e realmente o número está lá. Penso um pouco antes de pegar o celular e digitar o número que está ali.

Espero um pouco, olhando para a tela e, por fim, decido iniciar a ligação. O homem foi muito criativo e descarado.

— Alô. — A voz rouca e intensa me faz paralisar. — Alô?!

— FM?

Escuto uma breve risada e um arrepio intenso percorre todo o meu corpo. Me sinto estranha e sinto medo dessa sensação, muito medo.

— *Estava mesmo aguardando sua ligação.*

— O que você quer de mim?

— *Eu gostei de você... falo sério.* — Hesita. — *Já que sei que o seu dia de folga é hoje... poderíamos nos ver, não acha?*

Fico calada, paralisada. Eu nunca deixei nenhum homem se aproximar e fico apavorada quando um deles tenta. É como se eu ainda fosse aquela menina acuada em seu quarto, mas no corpo de uma mulher adulta com responsabilidades.

— *Está aí?*

— E-Estou...

— *Vamos... eu não farei nada que você não queira, é apenas um jantar. Quero ser seu amigo.*

Algo nele me faz querer ir, me faz querer confiar, mesmo com meu cérebro me dizendo para eu me fechar e me proteger.

— Tudo bem... um jantar.

— *Não vai doer nadinha em você.* — Ele ri outra vez. — *Será bem agradável, Vanessa... passo em sua casa.*

— Ok. — Desligo, nervosa.

Penso se fiz o certo e decido ligar para minha tia e avisar sobre isso. Ela e Sheila são as únicas em quem confio para contar isso.

— Tia?

— *Oi, Nessa. Algum problema, querida?*

— Um rapaz me chamou para sair e... e... — Minha voz treme. — Eu estou desesperada, não sei o que fazer ou como agir... estou com medo. Me ajuda, tia.

— *Fique calma, anjo... estou indo aí.* — Desliga.

## FELIPE

Olho para Benjamim e noto que ele fica todo nervoso sempre que eu falo que vou visitar nosso pai. Sempre que pergunto o que ele tem, mas a desculpa é o estresse.

— Ben, assunto sério agora. — Sento na cadeira em frente à sua mesa. — Por que você sempre se esquivava de visitar nosso pai? Ele está doente... sei que vocês têm suas diferenças, mas não acham que deveriam superar isso?

— Diferenças, Felipe? Ele ameaçou a vida da minha Lara e a de Ellen, que nem era nascida ainda, porra!



— Me deixe terminar, amor — brinco, mas logo fico sério. — O Alzheimer está avançando cada dia mais e os tratamentos quase não surtem efeito.

Benjamim abaixa a cabeça e bufa antes de juntar as mãos sobre sua mesa e me olhar. Meu irmão carrega uma dor com ele, isso eu vejo todas as vezes em que tentamos conversar sobre nosso pai. Eu só queria que ele se abrisse mais comigo, sou o irmão dele, quero que esteja bem.

— Não já arrumamos médicos de fora para tratá-lo em casa?

— Não se trata disso, porra — me irrita. — Ele sempre pergunta por você... venha comigo vê-lo hoje. Irei logo quando sair daqui, pois vou jantar com uma pessoa.

— Nós iremos. — Ouço a voz de Lara atrás de nós. — Benjamim precisa mesmo ir ver o pai e eu quero saber como Manoel está.

Meu irmão bufa, irritado. Sei que meu pai errou e muito com eles, mas ele ainda é o nosso pai, mesmo sendo tão cruel em alguns momentos. E além do mais, até Lara, que já foi ameaçada por ele, quer ir.

— O perdoou, Lara? — pergunto.

— Tem certas coisas que nunca esquecemos, Felipe, as palavras que seu pai me disse. — Hesita. — Quando disse que mataria meu bebê, aquilo se fixou em minha mente, mas não me dá o direito de afastar Benjamim do pai e, afinal, ele está doente.

— Entendo.

— Não se chateie. — Ela sorri, aproximando-se de nós. — Eu não o odeio.

— Jamais, Larinha, você é a minha cunhadinha do coração.

— Tá bom, chega de palhaçada com a minha mulher. — Meu irmão entra no assunto. — Vamos mais tarde.

\*\*\*

Entramos os três na casa onde moramos um dia e conversamos com os médicos antes de ir até o nosso pai, que está sentado na sala.

— Olá, pai — cumprimento e sento ao seu lado. — Como está hoje?

— Oi, meu filho. — Toca meu ombro. — Acredita que sua mãe passou o dia inteiro naquele quarto e não me deixou entrar?

Ergo uma sobrancelha, já sabendo como proceder. Tive uma conversa com os médicos e quanto mais o contrariarmos, pior.

— Mas o que o senhor fez?

— Você não lembra? — Ele ri. — Briguei com você mais cedo,

Benjamim... ela está furiosa comigo.

Então eu percebo que não é um devaneio, mas sim uma lembrança dele. Benjamim fica tenso e aperta a mão de Lara, que comprime os lábios um contra o outro.

— Eu sou Felipe, pai... não me reconhece?

— Larga de besteira, Felipe ainda está na barriga da sua mãe — briga. — Vá já lá pra fora, menino.

— Tudo bem. — Fico de pé e beijo sua mão. — Tchau, pai.

Ao olhar para o local onde Lara e Benjamim estavam, noto que não há mais ninguém. Meu irmão tem escondido algo, tem guardado algumas coisas somente para ele e eu não gosto nada disso.

\*\*\*

Pego a tulipa vermelha que comprei outra vez para Vanessa e passo as mãos nos cabelos antes de sair do apartamento e fechá-lo. Arrumo minha camisa social antes de tocar a campainha do apartamento dela.

Em instantes, ela abre a porta e eu a observo. Está simples, usando um vestido que chega na altura dos joelhos e os cabelos soltos em ondas perfeitas a deixam radiante.

Meu pau pulsa somente em olhá-la.

— Está linda. — Estendo a flor e pisco para ela. — Outra. Coloque junto à que lhe dei pela manhã... para não esquecer da minha pessoa.

— É uma marca sua? As tulipas?

— Gosto delas, particularmente... são delicadas, como você.

— Obrigada. — Ela parece nervosa.

Avanço para beijar seu rosto, mas ela recua e se encolhe. FRANZO o cenho, achando estranha a sua atitude.

— Tudo bem... sem beijo. — Estendo a mão e sorrio. — Desculpe.

Vanessa aperta a minha mão e a solta rapidamente. Essa é difícil.

— Onde vamos?

— O restaurante é ótimo. — Estendo o braço. — Você vai gostar.

Ela sai do apartamento e tranca a porta. Não segura em meu braço e segue na minha frente. Isso me faz ficar parado no lugar onde estou e dar risada, incrédulo.

— Vanessa?

— Diga? — Para em frente ao elevador.

— Não esqueça de mim, sou seu par esta noite... não abandone este pobre homem, ok? — Uso do meu lado sem vergonha e ela sorri. — Não seja

megera.

— Tudo bem.

O quê? Tudo bem? Cadê a resposta atrevida de volta? Cadê a provocação para a gente nem precisar sair daqui e ir direto para o meu apartamento?

Me aproximo rapidamente quando o elevador chega e resolvo ficar bem perto. Quero descobrir o que ela realmente tem e tirar as dúvidas que assolam minha mente.

— Pensei que não fosse aceitar meu convite. — Volto a estender o braço e, desta vez, ela segura. — Pela crueldade desse seu coração, garota mistério.

— Você é engraçado — diz baixo, como se não quisesse que eu ouvisse.

— E isso é bom?

As portas do elevador se abrem e ela não responde. Vanessa parece tensa. Abro a porta do carro para ela e vejo sua relutância em entrar. Estou começando a achar estranho.

Contorno o carro e entro no lado do motorista. Olho para ela e lhe dou meu melhor sorriso antes de ligar o carro e dar a partida. Ela coloca o cinto e junta as mãos no colo, apertando-as. No começo eu ignoro, mas depois fica impossível, ela está claramente tensa.

— Está tudo bem? — Tento soar despreocupado.

— E-Eu... sim. — Solta o ar pela boca.

— Tem certeza?

— Não — confessa, como se doesse. — P-pode parar o carro, por favor? Eu s-só preciso respirar um pouco, tudo vai ficar bem.

— Claro, tudo bem. — Ligo a seta e encosto com o carro. — À vontade.

Vanessa sai do carro e apoia as costas nele. Fico em uma guerra comigo mesmo, pensando se devo ir até ela e descobrir o que há ou se a deixo sozinha. Solto um breve foda-se e abro a porta do carro para descer. Me aproximo dela e vejo sua expressão preocupada.

— Se sente melhor? — Desta vez não tento tocá-la, já percebi que não gosta.

Vanessa não me responde, apenas abaixa a cabeça e fica em silêncio. Minhas desconfianças só aumentam em relação a ela. Será o passado com sua família? Será que minha suspeita é verdade? Afinal, ela fugiu de casa muito cedo... e não sabe que sei disso.

— Vanessa? — Toco seu ombro em um impulso e ela se afasta.

— Não me toque, por favor. — murmura e me olha. — Me leva de volta para casa?

# Capítulo 5



## VANESSA

Minha tia me aconselhou durante todo o dia e tentou me acalmar, me dizendo que nem todos são como meu padrasto. Eu me convenci disto e estava pronta na hora em que combinamos.

Minha convicção foi embora quando ele tentou me beijar. Eu senti medo, pavor. Agora estou aqui, quase implorando para que ele me leve de volta para casa.

— Eu fiz alguma coisa que você não gostou? Ou falei algo? — Tenta entender. — Me diga, Vanessa.

Ninguém nunca entenderia se eu falasse. Apenas os meus tios, Sheila e Henry sabem. Ninguém precisa saber.

— Não é você o problema — murmuro.

— Seguinte. — Olha ao redor antes de sentar no chão, me espantando. — Vou começar, ok? Meu nome é Felipe Monteiro, sou um dos herdeiros da multinacional SQUAD.

Fico parada, olhando para ele. Felipe é um dos donos daquele império? Como eu nunca liguei? Eu já o vi uma vez na TV e em um site de fofocas. A fama de garanhão do seu irmão acabou depois do seu envolvimento com sua secretária, mas a de Felipe continua de pé.

— Muitos dizem que ainda sou novo para estar de frente daquela empresa junto com meu irmão. — Faz uma pausa. — Mas meu pai está doente... só tem a nós. — Aponta para um carro parado mais atrás do dele. — Ali dentro têm os seguranças armados, que estão prontos para qualquer coisa que venha a acontecer... então creio que comigo você esteja segura do que quer que tenha

medo.

Felipe sorri para mim, mostrando sua sinceridade, e parte do meu medo se vai. Olho em seus olhos azuis e, se fosse para defini-los, eu diria que são como a imensidão azul do mar, trazem um pouco de paz para minha alma inquieta.

Por fim, decido sentar no chão também. Me sinto envergonhada por, de alguma forma, tê-lo feito de bobo.

— Desculpe por isso... não consigo evitar.

— Todos temos nossas razões... — Passa as mãos nos cabelos escuros e finos antes de olhar para o carro parado próximo ao dele. — Você deve ter as suas.

Balanço a cabeça e fico em silêncio. Vejo quando ele olha para cima e eu o observo. Ele parece um anjo, sem qualquer exagero meu. Um verdadeiro anjo. Respiro fundo e cruzo os braços, desvio o olhar para o chão e começo:

— Sou Vanessa, trabalho na casa noturna dos meus tios... vivo com eles desde que vim fugida para cá. — Meu tom é baixo. — Não tenho notícias da minha mãe desde o dia em que fugi... meu padrasto não faz diferença.

— Por que você fugiu?

— Não me dava bem com meu padrasto e minha mãe o amava muito. — Encurto a história de merda da minha vida.

— Sinto muito.

— Não sinta... porque eu não sinto. Não faz mais diferença. — Fecho os olhos e tento não parecer fraca na frente dele. — Pode me levar para casa agora? Por favor?

— Claro, você quem manda. — Fica de pé e me estende a mão.

Hesito antes de aceitar sua ajuda e fico de pé, o que faz ele dar um leve sorriso. Entro no carro e trato de colocar logo o cinto. Mesmo tendo conseguido conversar com ele, eu não confio, não gosto da proximidade, não me sinto bem.

Sem dizer mais nada, ele entra no carro e dá partida para seguirmos para o edifício em que moramos. Não ousa olhar para o lado, não ousa encará-lo. E se ele ficar bravo? E se ele estiver bravo?

Penso em minha tia, ela está lá em meu apartamento, esperando por mim. Disse que ficaria até a hora necessária para quando eu chegar, falarmos sobre o jantar que nem aconteceu.

Quando chegamos de volta ao edifício em que moramos, seguimos em silêncio no elevador e eu me sinto envergonhada. Ele me acompanha até em casa e eu toco a campainha. Assim que minha tia abre a porta, ela está séria.

— O que aconteceu?

— Eu...

— Vanessa não se sentiu muito bem — alivia. — Preferi voltar com ela. Talvez outro dia possamos marcar de novo.

Minha tia ergue uma sobrançelha e balança a cabeça, sei que ela não acreditou. Mas somente pelo fato de ele ter dito isso por mim, me alegrou um pouco. Entro em casa e paro ao lado da minha tia.

— Entre, meu rapaz, venha tomar alguma coisa. — Ela sorri. — Posso fazer um café.

Felipe me olha antes de mais nada, me analisa com um olhar preciso. Depois volta a olhar para a minha tia e sorri.

— Estou bem, senhora... obrigado. — O sorriso continua ali. — Melhoras, Vanessa, espero que fique boa logo para remarcarmos. Até mais.

Ele segue em direção ao seu apartamento e minha tia fecha a porta antes de olhar para mim, preocupada. Abaixo a cabeça e dou de ombros.

— Eu nunca vou conseguir — murmuro. — Sou um caso perdido... estou condenada a viver sozinha.

— Pare de dizer isso, menina. — Tia Gabriela me abraça. — Não se torture assim... você merece ser feliz e esquecer o que aquele nojento te fez.

— Como vou esquecer? — soluço. — Ninguém vai querer ficar comigo... ninguém vai querer uma mulher que não gosta de abraços, não suporta beijos ou carinhos por parte dos homens. Eu tenho muito medo, tia. É assustador, eu fico aterrorizada com um simples olhar.

— Nessa. — Me olha e enxuga meu rosto delicadamente. — Esse rapaz estava preocupado com você... eu vi a carinha dele quando olhou para você antes de negar meu convite. — Ela sorri, gentil. — Talvez ele seja a pessoa que você vai poder confiar e se abrir.

Olho para as tulipas vermelhas em cima do meu móvel, ao lado da caixinha e do bilhete e sorrio de canto.

Talvez.

## FELIPE

Escuto quando elas fecham a porta e resolvo entrar em meu apartamento. Penso sobre o padrasto estuprador dela e sobre sua repulsa por mim. Agora não tenho mais dúvidas sobre isso e preciso confirmar a veracidade dos fatos.

Pego meu celular e abro o aplicativo de mensagens instantâneas. Procuro seu número e abro uma nova conversa. Penso um pouco, já preocupado com a teoria que acabo de formar.

*"Noite agradável. Espero que o pouco tempo que conversamos tenha sido para você também, nos veremos em breve."*

Pensativo, sigo para o meu quarto e começo a desabotoar a camisa. Não consigo parar de pensar que ela pode ter sido abusada pelo padrasto. Isso é grave.

Jogo a camisa de lado e volto a pegar o celular para olhar a mensagem que acabou de chegar. Ao ver o nome dela na tela, sorrio.

*"Um dia. Desculpe pelo vexame."*

Ah, Vanessa... não vou desistir de me aproximar de você. Nessa vida todos têm um propósito, alguém por quem lutar, como Benjamim tem Lara e como Celso tem Suzana, só não assume de vez.

\*\*\*

Quando chego à SQUAD, Lara acena para mim e eu cumprimento a minha cunhada. Sorrio para ela e beijo sua cabeça.

— Como está Ellen?

— Está melhor, hoje pela manhã não tinha mais febre. — Suspira, aliviada.

— Isso é ótimo. — Sorrio. — Por que não me esperaram ontem na casa do meu pai?

— Ele não se sentiu confortável... guarda rancor. — Parece nervosa. — Benjamim tem seus motivos e não se abre comigo, por mais que eu insista.

— Não consigo entender, Lara, que tanto motivo é esse?

— Eu também não sei. — Hesita.

— Vou convencê-lo a ir para o aniversário dele... acha que consigo?

— Creio que sim. — Ela sorri. — Benjamim é louco por você, deve ceder se pedir com jeito, mas fingirei que não sei sobre o aniversário. Quero que ele me comunique, que quebre algumas barreiras.

— Tudo bem, Larinha. Vou tentar.

— Ande, antes que alguém chegue para falar com esse homem requisitado. — Ela sorri outra vez.

Sorrio de volta e saio em direção à sala do meu irmão. Entro sem bater e ele me lança um olhar que diz que vai arrancar minhas bolas.

— Bom dia, amor — brinco. — Sorria para mim.

O safado do meu irmão sorri e aponta para que eu me sente. Faço o que ele pede e o encaro.

— Diga?

— O aniversário do nosso pai está chegando. — Hesito. — Quero fazer algo para que ele se sinta lembrado... quero que você vá e leve Lara e a pequena mais linda desse mundo, entende? É importante para mim que você esteja lá.

Meu irmão retesa a mandíbula e não parece muito contente com a notícia. Por fim, ele fecha os olhos, suspira e assente.

— Tudo bem, falarei com Lara.

— Obrigado, Ben, isso pode fazer ele melhorar.

Benjamim me olha como se eu fosse ingênuo, quase com pena, e isso me deixa encabulado. É como se ele não quisesse que nosso pai fique bom. Eu sei que Manoel fez muito mal a ele e à Lara, mas não entendo certas atitudes.

— Não guarde tanto rancor dele, Ben, está velho e doente — digo.

— Eu sei.

— Me prometa que vai?

— Falarei com Lara — repete.

— Tá, minha putinha. — Fico de pé e sorrio. — Vou trabalhar, quer que eu prepare algum papel?

— Não, por ora é só.

Saio da sala do meu irmão e vou direto para a minha. Sento-me à minha mesa e ligo o computador. Enquanto espero sua inicialização, pego meu celular e vou na conversa de Vanessa.

*"Bom dia!*

*Como se sente essa manhã?*

*Espero que bem."*

Bloqueio o celular e o coloco de lado. Penso em Vanessa e em como ela se esquivou de mim ontem. Fico encabulado com a ideia que está em minha cabeça sobre seu padrasto.

Penso em investigar, mas logo abandono a ideia. Se ela tiver algo que guarda consigo, é porque não quer que eu ou ninguém saiba.

Meu celular vibra e eu sorrio ao ver o nome dela na tela. Abro a mensagem e meu sorriso se alarga.

*"Muito bem, obrigada."*



Penso que, quanto mais bonita a rosa, mais afiados são seus espinhos. Assim é Vanessa, uma mulher que tem o perfume e a beleza de uma rosa, mas seus espinhos afiados me impedem de me aproximar.

# Capítulo 6



"O sábio disse: apenas encontre o seu lugar  
No olho da tempestade  
Procure as rosas ao longo do caminho  
Só cuidado com os espinhos  
Aqui estou eu  
Você me enviará um anjo?"  
**Send me an angel - Scorpions**

## VANESSA

Minha tia não saiu do meu lado a noite toda, dormiu em minha casa mesmo com a minha insistência de que eu ficaria bem. Não sei o que teria sido de mim se não fossem os meus tios, Henry e Sheila.

Pela manhã, ela se despediu de mim com um beijo na testa, dizendo que iria preparar a casa noturna e me disse para ficar em casa. Nem discuti, estou mesmo precisando descansar um pouco.

Penso em Felipe e em como ele foi gentil e paciente, em como disse à minha tia que eu não havia me sentido bem somente para me proteger. Sempre que olho para ele, seus olhos me passam algo bom, como se realmente fossem o azul do mar me trazendo paz.

Como se soubesse que estou pensando nele, Felipe me manda uma mensagem me perguntando se estou bem. Respondo rapidamente e largo o celular de lado. Não quero que ele invista em mim, sou um caso perdido, não

quero que perca seu tempo comigo e depois se decepcione com a mulher sem alma que sou.

Minha vida foi tomada por aquele homem, minha inocência, minha infância. Nada do que eu faça vai mudar isso. Terapias não me servem, porque me sinto um nada, me sinto como sendo apenas um corpo existindo dia após dia.

Sinto tanto medo que ele possa sair um dia e vir me procurar, que venha me perseguir. Nunca esquecerei do dia em que ele me disse que eu não conseguiria fugir dele. A convicção das suas palavras me assustou, mas hoje eu entendo que nunca conseguirei fugir mesmo... está impregnado em mim, em minha memória.

Tio Jânio e Henrique seriam capazes de matar por mim, mas ainda assim não me sinto segura. A todo instante estou sendo atormentada pelas imagens do meu padrasto, pelos sons que ele emitia. Eu era somente uma criança.

De repente, meu celular começa a vibrar insistentemente e eu vejo o nome de Felipe brilhar na tela. Hesito antes de atender, nervosa.

— A-Alô?

— *Vanessa?* — Sua voz rouca faz meu corpo inteiro arrepiar.

— Felipe.

— *Quero saber se posso passar por seu apartamento mais tarde? Ou estará trabalhando?*

— Estarei no trabalho — respondo, seca.

— *Posso perguntar algo, então?*

— Depende da pergunta.

— *Por que me evita? Não agrado você?*

— Eu disse ontem... o problema é comigo, não com você — murmuro.  
— Tenho que desligar agora.

— *Tudo bem. Até mais, Vanessa.*

Desligo e solto um suspiro profundo. É fácil me sentir atraída por Felipe, ele é um homem bonito e tem o riso fácil mais bonito que já vi na vida. Nunca nenhum homem me tratou como ele me trata e eu sinto medo de como meu coração reage quando ele está perto, fica acelerado.

Está decidido.

Da próxima vez em que eu encontrar com Felipe, direi para que se afaste de mim. Não quero que ele acabe gostando dessa pedra de gelo que eu sou, não quero que acabe se machucando ao se apaixonar por mim. Vou viver o resto dos meus dias sozinha e condenada ao meu trauma.

\*\*\*

Encerro a maquiagem leve e me olho uma última vez no espelho antes de sair do banheiro para vestir o uniforme da casa noturna do meu tio. Assim que fico pronta, pego as chaves do carro e saio de casa.

No corredor, olho na direção do apartamento do Felipe e até penso em ir até lá falar com ele e esclarecer sobre não querer que me procure mais, mas o meu pequeno atraso me faz ir para o elevador.

Ao chegar no trabalho, cumprimento Sheila e ela me dá um sorriso gentil, antes de vir até mim.

— Henrique estava procurando você.

— O que ele quer? — Olho para um cliente e sorrio, antes de olhar de novo para ela. — Você sabe?

— Não, ele não disse nada. — Ela sorri. — Pode ir falar com ele, cuidado do balcão enquanto não vem.

— Obrigada. — Sorrio de volta.

Saio em direção à sala em que Henrique costuma ficar com Tio Jânio. Bato de leve à porta e entro. Encontro somente Henrique sentado em frente ao computador que mostra as imagens das câmeras de segurança.

— Oi, meu segurança favorito. — Sorrio e beijo seu rosto antes de sentar ao seu lado. — Sheila disse que queria falar comigo.

— Seu favorito? — Ele sorri e vira a cadeira para mim. — Nessa, vi minha mãe meio preocupada pela manhã e insisti até que ela me dissesse o que aconteceu para que tivesse que dormir com você. — Hesita. — Estou preocupado, não acha que deve voltar para a psicóloga? Conversar?

— Eu não já fui? — Cruzo os braços. — Me receitaram calmantes, como se eu fosse louca, Henry. Eu não sou louca, não preciso de mais calmantes, não vou viver dopada.

— Não estou dizendo que é louca, estou querendo ajudar você. — Segura as minhas mãos. — Você é como uma irmã mais nova para mim, quero cuidar de você... fazer o que sua mãe não fez.

— Eu agradeço muito a você, ao tio Jânio e a tia Gabriela que me acolheram e cuidaram de mim quando mais precisei... mas eu não quero ter que me submeter à terapia outra vez entende? Não funciona mais.

— Tudo bem. — Me puxa para um abraço apertado. — Saiba que quando precisar, estaremos aqui, você é a nossa caçula, Nessa.

— Obrigada. — O solto para olhá-lo. — Mesmo.

— Não agradeça.

Olho para o monitor do computador, mostrando em vários pequenos quadrados as imagens de todo o perímetro da casa. Pessoas dançando na pista, o bar, os corredores que levam aos banheiros e a área externa.

— Como vai com Sheila? — pergunto.  
— Hein?  
— Não se faça. — Sorrio. — Vejo os olhares de vocês.  
— Está vendo coisas demais, então.  
— Fingido. — Cruzo os braços.  
— Chata.

## FELIPE

O dia na SQUAD foi exaustivo e eu ainda tive que passar na casa do meu pai para resolver o aniversário dele com a cozinheira e as empregadas da casa. A enfermeira me disse que ele passou o dia no quarto e não quis sair nem para tomar sol.

Depois de me inteirar sobre o dia dele, saio sem vê-lo por já estar dormindo. Volto para casa e olho alguns instantes para o apartamento de Vanessa antes de seguir para o meu.

Quando entro em casa, afrouxo a gravata e a tiro pela cabeça, exausto. Arrio em meu sofá e penso que ser um dos últimos solteiros do quarteto está sendo uma merda. Sair está ficando cada vez mais raro.

Agora só tem Anderson e Celso solteiros, mas o puto do Celso já mora com a Suzy e aquela loirinha megera não vai me deixar roubar ele por uma noite.

— Putos apaixonados — resmungo.

O jeito é me virar com Anderson mesmo. Levanto do sofá, mesmo cansado, decidido a sair e me divertir um pouco. Foram poucas as vezes que saí para me divertir depois que esses putos resolveram se apaixonar.

Pego o celular e ligo para Anderson.

— *Fala, minha puta nervosa mais nova.*

— Já saiu do escritório?

— *Estou saindo agora, me livrando da diaba loira que é minha sócia* — resmungo.

— Ótimo, quer sair hoje?

— *Um encontro, Lipe? Que romântico.* — Cai na risada. — *Na sua casa ou na minha, neném?*

— Vai se foder! — Dou risada também. — Vai ou não?

— *Em meia hora chego na tua casa. Vamos no meu carro.* — Desliga.

— Putinha mandona — resmungo.

Sigo para o banheiro e tomo um bom banho de cabeça para tirar o

estresse do dia. Ao sair do banheiro nu, com a toalha na mão, enxugando os cabelos, pego uma camisa social simples e uma calça jeans.

Me visto rapidamente e volto para o banheiro para pentear os cabelos. Coloco perfume e saio dali para esperar o puto do Anderson.

\*\*\*

Entramos em uma casa noturna e não deixo de pensar em Vanessa e na minha teoria sobre abuso. Como posso abordar o assunto sem assustá-la? Eu vasculhei sua vida, não tem como abordar isso.

— Aquela diaba loira está me enlouquecendo. — Anderson me tira dos pensamentos. — Tudo o que faço ela questiona dentro do escritório.

— Ela não é sua sócia? Tem que questionar mesmo.

— É, mas poderia confiar no meu trabalho, não? Eu quem montei aquela porra. — Cruza os braços, irritado. — Meu amigo quem vendeu a parte dele para aquela megera.

— Vai acabar casando com ela — brinco.

— Uma porra.

Antes que eu possa responder, ele me dá uma cotovelada e acena com a cabeça para duas mulheres que dançam nos olhando. O safado olha para mim, termina sua dose de uísque e sorri.

— Nos vemos na SQUAD amanhã, Lipe.

— Digo o mesmo, putão.

Seguimos até as duas e uma morena maravilhosa me sorri. Me aproximo dela e lhe dou um sorriso sedutor. A mulher tem curvas enlouquecedoras presas em um vestido colado, não muito curto.

— Olá. — Ela sorri outra vez.

— Oi, meu bem. — Beijo seu rosto de maneira demorada. — Como se chama?

— Clarice. — Estende a mão. — Te conheço de algum lugar, não?

— Mesmo? — Sorrio e ela acena com a cabeça. — Vou deixar que se lembre.

Ela me analisa por alguns instantes e alarga o sorriso, parecendo lembrar.

— É Felipe Monteiro? — Aumenta o tom da voz para que se sobressaia na música alta do lugar. — Um dos donos daquela multinacional?

— Em carne e osso.

— Nossa, mas você é mais bonito ao vivo do que nas fotos — elogia.

Não respondo e a puxo para que volte a dançar no ritmo da música agitada que toca. A acompanho e vejo Anderson se esbaldando com a outra

mulher.

A sacana que dança comigo, me provoca com olhares e movimentos nos quadris largos e bonitos. Levo as mãos até sua lombar e a puxo para mim, sorrindo, observando-a dançar.

— Gosta? — pergunta.

— Muito, meu bem. — Sorrio. — Dance para mim.

Ela sorri para mim, com um olhar que promete uma longa noite. É mesmo o que estou precisando para clarear os pensamentos.

# Capítulo 7



## FELIPE

Chego na casa em que morei com meu pai e vejo que já está quase tudo pronto. Os serviços foram contratados por mim e a cozinheira da casa quem supervisionou tudo enquanto eu não estive aqui.

Subo as escadas em direção ao quarto de Manoel e o vejo se arrumar em frente ao espelho. Quando me vê entrar, ele sorri.

— Obrigado por fazer isso por mim, filho... mesmo com essa doença acabando comigo, eu ainda fico com meu juízo perfeito algumas vezes.

— Não precisa agradecer. — Fico sério. — É o seu aniversário.

— E Benjamim? Ele vem com Lara? E minha neta?

— Bom, eu o chamei. — Sorrio, tentando amenizar a situação em que me encontro. — Creio que venha.

Toco meu bolso e verifico se o presente que comprei para Ellen está lá. Ela vai adorar. Minha sobrinha é o meu pequeno tesouro, amo aquela menina como se fosse minha própria filha.

— Vamos descer para esperar os convidados? — chamo.

— Sim.

Desço junto com ele e nós nos acomodamos na sala para aguardar. Aos poucos os convidados chegam, Anderson vem junto com Celso e Suzana e Enzo chega depois com Lucca, Pedro e Dante, o irmão de Anderson.

Meu pai cumprimenta a todos e se retira para falar com os outros, nos reunimos e ficamos ali mesmo, conversando. Não demora para que a putinha mais nervosa do quarteto apareça na porta junto com Lara e a sobrinha mais



linda que alguém pode ter.

— Olá, família! — cumprimento e agacho em frente à Ellen. — Mas veja se não é a menina mais linda dessa festa!

— Titio! — Minha pequena me abraça e eu a ergo do chão.

— Vamos ali, tenho um presente para você. — Pisco para Benjamim e Lara e saio com Ellen nos braços.

— O que é, tio? — Bate palminhas, animada, e depois abraça meu pescoço.

— Sua mãe me disse que você gosta de colares. — Sorrio quando seu olhar se ilumina.

A coloco no chão, perto do jardim e agacho em sua frente. Tiro a caixinha do bolso e a abro, mostrando o pequeno colar a ela. O sorriso que brota no rosto de Ellen aquece meu coração, eu adoro ver essa menina sorrindo.

— Gostou?

— É tão bonito. — Suspira, me fazendo sorrir.

— É seu. — Pego a pequena joia de dentro da caixinha e faço um gesto para que me dê as costas. — Quem é o tio mais bonito desse mundo?

Encaixo a atadura do colar e a viro para mim.

— Você! — Beija todo o meu rosto, dando risadinhas.

— Isso mesmo — me gabo.

A observo quando ela pega a pequena pedra do pingente e brinca com ela. Ellen é uma mistura linda de Ben e Lara, os cabelos pretos do pai, os olhos castanhos da mãe, o gênio incomparável de Benjamim e a teimosia de Lara. Meu irmão e minha cunhada estão fodidos.

— Ei, princesa? — chamo, tirando o celular do bolso. — Agora faça pose, sim? Quero uma foto sua bem bonita.

Dou risada quando ela cruza os braços e faz bico, igual à mãe, e espero o atrevimento da vez.

— Mas eu tenho que me arrumar primeiro, tio — explica, colocando as mãos na cintura. — Mamãe sempre se arruma para tirar fotos.

— Você já está arrumada, miniatura da Lara. Ande, faça a pose.

Por fim, ela continua com as mãos na cintura e abre um sorriso largo. Tiro duas ou três fotos e volto a guardar o celular no bolso lateral da calça. A pego de volta nos braços e afasto os cabelos negros do seu rosto.

— Vamos voltar, antes que sua mãe venha me caçar.

Ellen solta uma risadinha e nós voltamos para perto do quarteto de putas nervosas. Paro em frente a Lara e sorrio.

— Gostou, mamãe? Titio quem me deu.

— É lindo, Felipe, mas não precisava.

— Nem vem, cunhada! Adoro mimar minha sobrinha. — Olho para a pequena nos meus braços.

— Obrigada. — Estende os braços para pegar Ellen.

Recuo prontamente e sorrio.

— Nada disso. — Pisco para o safado do Benjamim. — Curta um pouco a festa, quero ficar com minha sobrinha.

— Está com alguém, Felipe? — Meu irmão estreita o olhar. — Está diferente, irmão... parece que fodeu.

— Benjamim! — Lara repreende.

Ele lembra da presença da filha, que está distraída com o colar e eu caio na risada.

— Não fodi — sussurro. — Mas estou quase... minha vizinha gostosa fica toda atrapalhada quando me aproximo demais — omito boa parte da história e tento contornar a situação.

— Vocês são insuportáveis — Lara resmunga.

— Deixa disso, Lara. — Benjamim segura a cintura dela e a puxa para que cole o corpo no seu. — Qual o nome dela, Felipe?

— Vanessa. — Sorrio. — Vanessa Weiss.

Conto a breve história de como conheci a mulher bonita e acuada e depois, Benjamim se retira. Noto que Manoel também não está por perto e peço licença a Lara para ir entreter minha sobrinha.

Lara permanece com Enzo e com o resto do quarteto. Acho que Benjamim quer fazer algo para ela, meu irmão virou uma putinha romântica depois que minha cunhadinha apareceu.

Vejo quando ele sai do escritório com nosso pai e vai até o microfone. O olhar dele exclusivamente para Lara impressiona a todos do quarteto. Benjamim nunca foi de demonstrar o que sente e fico feliz que Lara e Ellen estejam dando vida a ele outra vez.

Meu irmão sempre foi muito presente em minha vida e ver como ele ficou depois de ser traído foi terrível. Ellen abraça meu pescoço e diz o quanto os pais são lindos... nisso eu tenho que concordar.

Quando meu irmão vem dançar com Lara, danço também com Ellen e vejo quando Lara tira o olhar de Benjamim para espiar a filha.

— Tio?

— Diga, *pretty face*?

— O que é isso? — Faz careta. — É palavra feia?

— *Pretty face*? — pergunto, sorrindo, e ela balança a cabeça. — Significa rosto bonito.

— Eu sou bonita, titio? — Ela sorri.

— Você é linda, princesa. — Sorrio de volta.  
— A mamãe vai demorar? — Faz bico.  
— Sua mãe está namorando, Ell... em pouco tempo deve estar voltando para você — brinco. — Fique aqui comigo um pouco, não seja tão ciumenta.

A pequena volta a sorrir e encosta a cabeça em meu ombro. A abraço e volto a dançar com ela, ao som de Imbranato, que Benjamim escolheu para dançar com Lara.

\*\*\*

Quando me despeço de todos e agradeço por terem estado no almoço de aniversário do meu pai, beijo o topo da cabeça de Ellen, que está adormecida nos braços do pai. Vou para meu carro e saio da casa em direção ao edifício em que moro. No caminho, penso em Vanessa, vou passar pelo apartamento dela para saber como está.

Já é fim de tarde, ela deve estar se preparando para ir à casa noturna dos tios, mas o que pretendo é algo rápido, quero que ela saiba que me preocupo e que quero ajudar.

Estaciono o carro em minha vaga do edifício e saio dele, sentindo-me nervoso. Falar com ela é sempre um desafio, porque sua forma de olhar e sua forma de reagir à mim é diferente de tudo o que já vi ou vivi.

Quando paro diante da porta do seu apartamento, respiro fundo e toco a campainha. Espero alguns instantes e ela abre a porta, desconfiada.

— Bom fim de tarde — cumprimento, sorrindo. — Desculpe não ter avisado que vinha... mas pensei que seria bom saber como você está.

— Ahn... estou bem. — Coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu acho.

— Isso é bom. — Sorrio. — Eu só...

— Felipe — corta, séria. — Eu preciso falar algo sério com você.

Franzo o cenho, espantado.

— Pode falar.

— Não quero que me procure mais.

— O quê? Por quê? — me revolto.

— Porque eu não sou quem você procura. — Hesita. — Eu tenho problemas, não sou como as outras mulheres, que querem se relacionar. Eu não quero.

— Eu sei.

— Sabe? — Franze o cenho. — Sabe o quê?

— Sei do seu. — Faço aspas. — Problema. Quero ajudar você.

— Como você sabe? — Sua expressão muda.

— Fique calma — peço.

— Como sabe?! — Horror cresce em seu olhar. — Você não deveria saber disso.

— Mas eu sei, Vanessa. Quero poder ajudar você.

Sim, eu quero ajudar essa mulher, ela desperta em mim sentimentos intensos, algo nela me faz querer protegê-la. Vanessa foi abusada pelo padrasto, a coisa é muito séria. Uma vida foi estragada pelo canalha, quero que reaprenda a se sentir bem. Se é que um dia já se sentiu.

— Sai daqui. — Sua voz soa como um sussurro.

— Preciso que me ouça. Me deixa te ajudar. — Me aproximo e ela recua. — Não vou te machucar.

— Não chega perto de mim, eu nem te conheço.

Ergo as mãos em rendição e ela se cala, com a respiração ofegante. Vanessa está nervosa e o que menos quero agora é que ela me afaste, preciso saber mais e ajudá-la.

— Se você confiar em mim, eu posso ajudar você.

— Não quero a sua ajuda, nem sei quem você é, a não ser o filho mais novo da Família Monteiro. — Solta o ar pela boca. — E muito menos, sei como sabe tanto da minha vida.

— Não quis assustá-la. — Me aproximo mais e ela ameaça fechar a porta.

— Faça o que eu disse. — Hesita. — Vá embora, não me procure... viva sua vida, eu não tenho nada de bom para dar a você.

Quando ela empurra a porta, eu a seguro em um impulso, fazendo seu olhar para mim se tornar assustado. Ela está com medo.

— Não tenha medo de mim — peço. — Eu jamais machucaria você.

— Ele disse a mesma coisa. — Alteia a voz. — Vá embora e não volte.

Solto a porta, derrotado. Merda! Tudo o que planejei deu errado. Por que ela me afastou? Eu nem havia falado ainda que sabia e ela já queria me afastar.

Um último olhar é trocado entre nós e ela não hesita em bater a porta, trancando-a em seguida. Bufo, irritado. Tenho que conquistar a confiança dela, mas como fazê-lo ainda é um desafio. Ela não quer que eu me aproxime.

Entendo seu medo, mas não vou desistir.

# Capítulo 8



"Se lembra daquelas paredes que construí?  
Bem, querido, elas estão desmoronando  
E elas nem sequer resistiram à queda  
Elas nem sequer fizeram barulho  
Eu encontrei um jeito de deixar você entrar  
Mas eu nunca tive dúvida  
Em frente à luz de sua aura  
Eu tenho o meu anjo agora"  
**Halo – Beyoncé**

.. DIAS ATUAIS ..

VANESSA

Fecho a porta do apartamento e, ao olhar de lado, meu coração acelera de maneira descontrolada. Felipe está saindo também. Penso em voltar para dentro, mas antes que eu possa fazê-lo, ele me vê.

Faz um ano que eu o afastei e sempre me senti sendo observada nesse meio tempo, é como se ele estivesse sempre presente, me olhando. Não sei o que é, mas eu sempre senti isso.

Mesmo que ainda pense nele, em como ele me tratou bem, não sinto que fiz errado em afastá-lo. Ele sabia demais da minha vida, eu estava assustada... e se ele quisesse fazer o que o meu padrasto fez?

Fico paralisada quando ele bufa e vem à passos largos até mim. Um anjo

bravo.

— Até quando vai me evitar desse jeito? — Seus olhos azuis intensos brilham para mim e sua expressão é de revolta. — Sempre que tento falar ou mandar alguma mensagem, você ignora.

Sim, eu o ignoro e o afasto porque tenho medo. Tenho medo do que sinto quando ele está perto, quando fala, ou até mesmo quando sorri.

— Felipe, nós já conversamos.

— Sim, já conversamos. — Cruza os braços e faz uma pausa. — Mas eu não quero ficar vendo você de longe, Vanessa, quero poder ficar perto.

— Você não entende.

— Não, eu não entendo. — Se aproxima um pouco. — Mas eu quero entender... fale comigo, me diga para que eu entenda.

— Ninguém pode me ajudar — me irrita. — Eu fui roubada de mim anos atrás, é somente uma carcaça sem alma que está falando com você agora. Eu sou um iceberg, Felipe.

Ele fica em silêncio, lançando um olhar gentil em minha direção. Isso faz sua beleza aumentar, Felipe parece um anjo. Um anjo bonito e bom que eu não mereço ter por perto.

— Por que insiste tanto em mim?

— Porque eu gosto de você. — Ele sorri. — Mesmo que me odeie.

— Não odeio você.

— Não? — finge espanto. — Então, se não me odeia, converse comigo... onde você quiser. Eu só quero que se sinta bem, quero entender você, quero mostrar que posso ser seu amigo e que pode confiar em mim.

Suas palavras, por algum motivo, me fazem ceder. Ele transmite algo bom e eu gosto disso. Por fim, mesmo cheia de receio, balanço a cabeça e ele abre ainda mais o sorriso angelical que tem.

— Quer ir à minha casa? — pergunta. — Ou não se sente confortável?

Pondero antes de dar de ombros e assentir. Algo nele me faz querer confiar. Sua insistência, talvez. Recebo mais um sorriso seu e ele acena para que o acompanhe.

Deixo que ele siga na frente e espero que abra a porta para que entremos juntos. Seu apartamento tem um ar masculino incomparável, os tons escuros nas paredes e nos móveis me faz sentir diferente.

— Estou feliz que, depois de um ano tentando me reaproximar, eu tenha conseguido trazer você para conversar.

O observo e sorrio levemente.

— O que quer conversar?

— Me diga você... o que quer me falar? — pergunta. — Vou ouvir o que

quiser me dizer, o tempo é seu e não me diga que devo me afastar, porque está inteiramente fora de questão.

Sento-me no sofá, quando ele acena para que eu o faça. Fico imóvel quando Felipe senta ao meu lado. Logo me afasto um pouco e ele pede desculpas. Abaixo a cabeça e fito minhas mãos em meu colo, sentindo seu olhar me analisando.

— Como soube? — pergunto e volto a olhar para ele. — Como soube do que aconteceu comigo?

— Quando nos conhecemos, no elevador, eu fiquei intrigado com você. — Me olha. — Sabia apenas seu nome e que era minha vizinha, quis saber mais. Então eu pedi para alguns amigos meus descobrirem mais sobre você. Apenas juntei o fato de seu padrasto ter sido preso à sua repulsa por mim.

— Não deveria ter pesquisado sobre minha vida.

— Eu sei — assume. — Mas eu queria saber mais de você, queria saber como me aproximar. Me desculpe por isso.

Apenas aceno com a cabeça e fico quieta por alguns instantes. Não estou brava, o homem em minha frente não parece ter feito isso por mal. Ele não ousa falar. Lembranças tomam a minha mente e meu peito começa a arder em agonia.

— Vanessa? Está tudo bem? — Toca meu ombro e eu me afasto do seu toque. — Fique calma, ok? Ele não vai mais chegar perto de você.

— Quem garante isso? — pergunto, amargurada. — Eu vivo com medo, Felipe, ele disse que voltaria por mim.

— Eu estou garantindo. — Enxuga uma lágrima solitária que desce pelo meu rosto. — Se me deixar ficar por perto, posso proteger você dele e de qualquer outro que queira se meter.

— Proteger?

— Sim, como seu anjo da guarda.

Meu celular toca antes que eu possa responder e eu lembro que estava saindo para o trabalho, quando iniciamos nossa discussão. Deslizo o dedo na tela e trago o celular ao ouvido.

— Henry?

— *Você vem, Nessa?*

— Estou atrasada. — Pigarreio.

— *Tudo bem, fiquei preocupado. Tome cuidado.* — Desliga.

Guardo o celular de volta na bolsa e encaro o olhar do homem que não sai da minha cabeça desde que nos vimos a primeira vez.

— Eu preciso ir agora. — Fico de pé. — Está tudo bem, não é?

— Tudo bem. Pense no que eu disse sobre ajudar você, ok? — Fica de pé também e se aproxima. — Posso?

Franzo o cenho e o vejo sorrir, descontraído.

— Se preferir, apertamos as mãos, como fizemos na noite em que saímos juntos.

— Você pode — murmuro quando entendo sua intenção.

Fecho os olhos quando ele se aproxima mais. Por mais que eu queira não ter medo dele, eu sinto. Uma angústia sem tamanho me domina quando um homem se aproxima e eu queria muito não sentir isso com Felipe. Ele é o homem mais gentil que já conheci na vida.

Quando seus lábios tocam minha bochecha levemente, eu abro os olhos em um impulso. Seu olhar encontra o meu, quando ele volta a erguer a cabeça e eu sinto como se o mundo estivesse parado. Meu medo parece cessar por um breve instante e um leve sorriso aparece nos meus lábios.

Paz. É o que eu sinto nesse momento, mesmo que seja curto, mas é muito bom.

— Posso entrar em contato com você sem riscos de ser ignorado agora?

— Pode. — Sorrio, me direcionando à porta principal. — Até mais.

## FELIPE

Hoje foi o estopim para mim. Há um ano, Vanessa me afastou, me dizendo que não deveria insistir nela. Eu já sabia do que ela havia passado, estava disposto a ajudar, sempre estive.

Desde àquele dia, não fui mais o mesmo. Não desisti de tentar, sempre mandei mensagens, tentei ligar, mas era prontamente ignorado. Então, coloquei um segurança para cuidar dela e todos os dias recebia um relatório de como havia sido o dia dela. Vanessa nunca desconfiou disso e pretendo que nunca desconfie.

Cheguei a falar com Lara sobre o assunto, quando estava prestes a desistir, mas ela me aconselhou e eu enxerguei que precisava ajudar Vanessa. Enxerguei que isso é uma forma de defesa dela. Então decidi continuar sendo seu anjo da guarda, sem que ela soubesse.

Na hora em que nos encontramos no corredor, eu estava saindo para ver alguém, não esperava encontrá-la indo ao trabalho. Minha abordagem foi uma loucura, o sangue ferveu quando a vi tão bonita indo levar cantadas de bêbados.

Quando ela me disse sobre ser uma carcaça sem alma, aquilo me deixou louco. Essa mulher não pode pensar assim de si mesma, ela é a coisa mais bonita que já vi. Uma flor machucada, que usa seus espinhos para se manter forte.



Quero fazer com que ela enxergue sua beleza, quero que saiba o quanto ainda pode viver, quero tirá-la da escuridão em que vive. Não sei o que ela tem para me fazer sentir assim, mas eu quero ensinar a ela tudo.

Sou arrancado dos pensamentos, quando meu celular vibra.

*"Você vem?"*

Imediatamente, lembro-me da moça que marquei de ver hoje. Merda, havia me esquecido dela.

*"Trânsito, meu bem. Estou à caminho."*

Guardo o celular de volta no bolso e saio do apartamento. Penso em como a morena vai estar me esperando. A conheci através do Anderson, que agora é um putão recatado e do lar. Ele me apresentou a moça quando falei sobre o que estava passando, o safado disse que eu precisava dar uma aliviada. E eu realmente precisava.

A SQUAD toma todo o meu tempo e o do meu irmão, estamos diante da empresa e precisamos estar presentes e atentos a absolutamente tudo ali dentro. Minha vida pessoal já foi mais movimentada, quando eu ainda estava começando na SQUAD e meu pai ainda comandava a empresa. Era um devasso nato... nada que eu ainda não seja, mas agora eu preciso focar em coisas importantes.

Ao chegar no apartamento da morena com quem marquei esta noite, tento esquecer das coisas que estão me aborrecendo e me concentro no meu prazer e no dela. Meu corpo clama por uma boa noite de sexo quente e é o que eu terei.

— Finalmente chegou. — Ela sorri ao abrir a porta. — Pensei que não viesse mais.

— Perdão, meu bem. — Pego sua mão e beijo o dorso dela, sem tirar o olhar do seu. — Estou aqui agora.

Sou puxado para dentro e avanço para beijar a mulher esfomeada em minha frente. Agarro seus cabelos e não tenho dó, beijo forte, saciando os desejos do meu corpo.

Seguimos esbarrando nos móveis pelo apartamento, até o quarto dela. Quando encontro sua cama, a empurro para que fique toda ao meu dispor e vou para cima dela.

— Hoje eu quero você dentro de mim, Felipe — ronrona, abrindo minha camisa. — Não seja gentil.

— Um pedido desses não se nega, bonita. — Sorrio.  
Avanço outra vez e tomo sua boca em um beijo para deixá-la sem fôlego.  
— Acostume-se, meu bem — digo, ao encerrar o beijo e vê-la ofegar. —  
Sua noite inteira será assim. Ofegante.

\*\*\*

Em uma investida final, urro de prazer, gozando como um louco necessitado. Os gemidos da morena em minha frente se transformam em suspiros e eu sorrio, sentindo o suor escorrer pelo meu corpo. Saio de cima dela e sento na cama, ao seu lado.

— O que há? — pergunta, passando as mãos nas minhas costas. — Está distante.

— Assuntos da empresa — minto.

— Uma pena não poder ajudar. — Raspa as unhas em minha pele. — Mas posso fazer você relaxar um pouco... deite aí.

Faço o que ela pediu e me deixo levar pelas carícias mais sacanas de uma mulher que ama proporcionar prazer, assim como eu. Ela me chupa de forma intensa, me levando ao gozo outra vez. Quando estamos os dois exaustos, ela deita ao meu lado e solta uma risadinha.

— Obrigada pelos orgasmos deliciosos — sussurra.

— Não há de quê, meu bem. — Sorrio com a brincadeira. — Nossa troca de prazer é mútua.

Levanto-me da cama e começo a me vestir, preciso voltar para casa, amanhã cedo tenho que resolver assuntos pendentes com Benjamim na SQUAD. Olho para a mulher na cama e ela me observa, sorrindo.

— Preciso ir.

— Tudo bem. — Sai da cama e busca suas roupas. — Vou só me vestir e te levo até a porta.

A mulher coloca a roupa rapidamente e me acompanha até a porta. Me despeço dela com um beijo em seu rosto e saio dali com o pau cansadinho e satisfeito, mas a cabeça à mil, em Vanessa.

Ao chegar no estacionamento do edifício, encontro Gabriel com os braços cruzados e uma cara nada boa. Me aproximo e sorrio.

— Vamos?

— Caralho, brother, eu podia estar usando minha Gabeconda agora. — Ele sorri antes de seguir para o carro. — Mas não, tô aqui esperando o *Lipitcho* sair da foda dele.

— Esse é o seu trabalho, seu puto — brinco.

— Ficar esperando você foder? Aí me quebra.

— Fazer minha segurança. — Pisco para ele. — Vai que a sentada é tão potente que o meu pau quebra? Ia te chamar para resolver lá.

— Hein? — Abre a porta do carro. — Tenho cara de urologista, porra?

Dou risada do mau-humor dele e entro no carro de uma vez. Saímos do edifício e, no caminho, o puto corta luz para mim para que eu o olhe me xingando, pelo retrovisor.

Quem vê pensa que Gabriel é um filho da puta, mas ele é um profissional excelente, como João é. Apesar das palhaçadas.

# Capítulo 9



## VANESSA

Durante toda a noite trabalhando, meus pensamentos não saíram do Felipe e da sua abordagem hoje no corredor. Sua preocupação comigo me comoveu de uma maneira que não consigo explicar.

— Nessa? — Henrique me chama, me tirando dos pensamentos. — Preciso da sua ajuda.

— Desde quando eu posso te ajudar em algo? — Sorrio. — Você sempre foi O independente.

— Para de graça que é sério. — Bufo e sacode as mãos, parece nervoso. — Sheila.

— O que tem ela? — me faço.

— Quero chamá-la para sair, mas não sei como chegar. — Recosta-se no balcão, próximo à mim. — Me diga do que ela gosta.

— Sheila é uma mulher tranquila e quer isso tanto quanto você. — Olho para o lado, me certificando de que ela está empenhada em servir os clientes. — Ela gosta de chocolates, estava sonhando com os bombons da loja aqui perto outro dia.

— Tudo bem. O que mais?

— Por que não pergunta para ela? — Toco seu ombro em apoio. — Tenho certeza que vai ser bem mais interessante do que eu ficar te contando.

— Você não acha que ela vai me dar uma cortada ou algo assim? — Franze o cenho, preocupado, me fazendo sorrir.

— Não.

Vejo Henrique passar as mãos nos cabelos, arrumar o uniforme e seguir

para perto da minha amiga. Acompanho com o olhar, mas desvio assim que ele chega perto dela. Sorrio comigo mesma, feliz por meu irmão estar conseguindo assumir o que sente.

Já eu, não sei o que sinto e não sei se quero sentir por Felipe. Tenho medo da grandiosidade do sentimento quando ele está por perto. É assustador.

Penso nele com muita frequência, mesmo com esse tempo tentando mantê-lo longe. Felipe Monteiro é um homem sedutor, tem uma boa conversa, não deve ser difícil para ele conseguir alguém para esquentar sua cama. Mas eu não quero esquentar a cama de ninguém, somente ao lembrar do toque de um homem sobre o meu corpo, sinto repulsa.

Meu primeiro namorado sofreu comigo, eu sabia que o fazia sofrer, principalmente porque eu nunca lhe disse o motivo de não conseguir aceitar seu carinho. Em nossa última tentativa, eu o empurrei da cama... fiquei desesperada, em pânico. Chorei até não poder mais, fiz arranhões em mim mesma, sentindo-me inerte.

Aperto os olhos e depois volto a abri-los, coloco um sorriso no rosto e atendo ao pedido do cliente em minha frente. A música alta hoje me incomoda, minha cabeça ferve com a ideia de ter Felipe por perto outra vez.

Sinto um toque em meu ombro e olho para a minha tia, que tem uma expressão amorosa no rosto. Ela toca meu rosto e eu sorrio para ela.

— Está tudo bem, filha?

— Sim. — Aceno com a cabeça.

— Estou preocupada com você... desde que aquele rapaz apareceu que algo mudou. — Franze o cenho. — Não volte a se fechar, Vanessa, nós estamos aqui para te ajudar. Queremos te ver bem, sorrindo, sendo feliz.

Fico em silêncio, sentindo o efeito dessas palavras.

— Se permita ser feliz, não deixe a chance passar. — Afaga meus cabelos e abre outra vez o seu sorriso. — Se ele amar você realmente, vai ter paciência e vai entender.

— Amor? — ironizo. — Tia, a única coisa que aquele homem recebeu de mim foram patadas. Acha mesmo que ele vai se apaixonar por mim? Um iceberg humano?

— Você não é um iceberg, só se encapa por trás de um. — Seu dedo indicador aponta meu coração. — Sei que aí vive uma mulher que quer se apaixonar e saber como é ser amada de verdade. Pense nisso.

Ela beija meu rosto e sai quando vê que um cliente se aproximando do balcão. As luzes se alternando dentro da casa me deixam aliviada por poder disfarçar um pouco minha cara de preocupação.

De repente, Sheila se coloca ao meu lado, com um sorriso que vai de

orelha a orelha. Acabo sorrindo também, enquanto sirvo a tequila do homem em minha frente.

— Já até sei o motivo desse sorriso — começo.

— Henrique me convidou para sairmos — diz, incrédula. — Ainda não estou acreditando.

— Pois acredite... ele estava com medo de levar um corte.

— Mesmo? — Morde o lábio, tentando esconder a felicidade.

— Mesmo.

— Acha que vamos nos dar bem?

— Eu tenho certeza, você e ele combinam muito. — Hesito. — Seria maravilhoso que se entendessem.

— E você? — Me cutuca. — Não tem ninguém em que pense? Ou que esteja se aproximando de você? — Faz uma pausa e, ao ver minha expressão, emenda: — Eu sei que você evita isso, mas, se sentir algo diferente, se sentir que deve... vá, Vanessa, não hesite.

— O pior é que não sei se devo. Eu sinto tanto medo.

— Eu, seus tios e Henrique estaremos aqui para apoiar e proteger você... não deixaremos que ninguém te faça mal. — Abre um sorriso gentil. — Nós queremos te ver feliz, superando o que aquele homem fez com você.

Apenas aceno com a cabeça e volto a trabalhar, mas sem deixar que o assunto morra em minha mente.

## FELIPE

Acordo com uma ressaca intensa e não é de álcool. Meu corpo pede para que eu fique na cama, mas minhas obrigações me fazem levantar e seguir para o banheiro, sonolento.

Tomo um banho quente e demorado, esperando que isso me devolva um pouco das energias que gastei. Penso em Vanessa outra vez e sei que, a essa hora, deve estar dormindo.

Odeio que os horários dela nunca batam com os meus, isso dificulta ainda mais para mim. Como poderemos ir adiante, se mal nos vemos?

Durante um ano, eu tentei me reaproximar, tentei me manter perto. Sinto pelo que ela sofreu e quero mostrar o quanto a vida pode ser bonita, mesmo com tantas merdas que aconteceram.

Eu perdi minha mãe em meu nascimento e, em parte, me culpo por isso. Se ela não tivesse engravidado, se ficasse apenas com Benjamim, ela estaria

viva. Somente pelas fotos, vejo que ela era a luz da nossa família. Tudo foi por água à baixo quando ela se foi. Meu irmão até hoje tem marcas disso.

Sempre tentei não me abater com o fato de crescer sem uma mãe. Afinal, eu tinha o meu irmão, que sempre me defendeu e foi por mim em todos os momentos. Foi aí que eu vi que precisava ser o humor que faltava em Benjamim, ser um porto-seguro para ele também, já que ele tinha sido forte a vida inteira por mim.

Existem sempre os dois lados da moeda e eu conheci os dois do meu irmão, por isso sei que sou capaz de qualquer coisa por ele. Assim, também, quero que seja com Vanessa, quero que ela veja o lado bom da vida, como meu irmão viu quando Lara lhe abriu os olhos.

Por fim, afasto esses pensamentos e volto a me arrumar para o trabalho. Aperto a gravata e me olho uma última vez no espelho antes de sair em busca da minha arma, a coloco no cós da calça e visto o blazer por cima.

Sigo para a sala e busco as chaves do carro antes de sair de casa. Pego o celular e mando uma mensagem para Gabriel, avisando que já estou descendo.

Quando passo em frente ao apartamento dela, me detenho alguns segundos, pensando no que fazer daqui pra frente para que possamos nos entender melhor. Ela me deu uma oportunidade de me aproximar e eu não vou desperdiçar.

Por fim, sigo até o elevador à passos largos e aperto o botão. Enquanto espero, leio alguns e-mails da SQUAD e preparo mentalmente a lista de coisas que tenho para fazer. De repente, o nome de Vanessa surge na barra de notificações, me fazendo estranhar. Abro a mensagem imediatamente.

*"Ainda está em casa?"*

O que ela poderia querer de mim? Será que está tudo bem?

*"Sim. Você está bem?"*

A resposta não demora:

*"Pode vir aqui?"*

Nem me dou o trabalho de responder, dou meia volta e sigo para seu apartamento. Passo as mãos nos cabelos e respiro fundo antes de tocar a campainha. Não sei o que me espera, mas ela não deve estar bem.

Quando a porta é aberta, Vanessa me dá passagem e eu entro. Ela veste

um robe e parece nervosa. Está tão bonita.

— Você está bem? — pergunto, preocupado.

— Estou atrasando você, não é? — Cruza os braços. — Desculpe... é que você é o único conhecido que mora mais perto, os outros são meus tios.

— Não atrasa em nada. — Evito tocá-la para não deixá-la acuada. — Fique tranquila. Quero saber o que aconteceu.

Ela fica em silêncio por alguns instantes.

— Têm dias que sinto uma angústia muito grande. — Desvia o olhar. — Me sinto perdida, entende? É como se ele estivesse aqui comigo. Parece idiota, mas...

— Não é idiota — corto. — Cada um sabe o que passou e cada um reage de uma maneira. Se você quiser, eu posso ficar um pouco... e você fala comigo. Falar é sempre bom.

Um soluço faz todo o corpo dela sacudir. Um choro forte a atinge e eu me espanto. Vanessa cobre o rosto e eu entro em um conflito interno, não vou me aproximar se ela não me disser nada. Não quero assustá-la outra vez.

— Vanessa — chamo, relutante. — Fique calma, eu... eu estou aqui. Não precisa falar nada, se não quiser.

— Vem, senta um pouco.

Sigo para o sofá que ela apontou, sento-me e fico quieto, esperando. Vanessa senta ao meu lado e pede desculpa outra vez antes de enxugar o rosto.

— Sem pressa.

— Eu. — Respira fundo. — Sinto tanta vergonha... me sinto suja, não consigo me imaginar em uma relação normal com alguém.

— Você não tem que se sentir assim, a culpa não é sua se um doente tocou você.

— Se eu não fugisse aquele dia. — Fixa o olhar no chão. — Se eu não fugisse, Felipe, ele tomaria meu corpo também... ele consumaria o ato, entende?

Não consigo esconder minha surpresa com sua revelação. Então ela fugiu no dia em que ele tentou de fato penetrá-la.

— Ele estava em cima de mim, tapando minha boca. — Sua voz endurece. — Eu estava desesperada, não aguentava mais ser tocada por ele, sentia tanto nojo... não sei como, mas alcancei o porta-retratos do criado-mudo. — Ergue o olhar para mim. — Bati nele, na cabeça... o homem caiu sobre mim, estava desmaiado. Eu corri, corri muito. Quando dei por mim, já estava chegando na pista local, estava com frio... e com medo, com muito medo.

Sou incapaz de dizer algo a ela, apenas ouço sua história, sentindo que finalmente Vanessa começou a confiar em mim. Quando noto seu nervosismo, pondero antes de tocar seu ombro para confortá-la.



— Com calma, ok? — Abro um sorriso leve. — Não imagino o quanto foi difícil.

— Não lembro muito bem como achei um posto de gasolina... mas consegui ligar para os meus tios. — Dá de ombros. — Os médicos disseram que foi o choque, perdi algumas memórias desses momentos.

— Seus tios buscaram você nesse posto de gasolina?

— Sim. — Acena com a cabeça. — Eu implorei para que fossem me buscar, contei tudo e eles denunciaram... meu padrasto foi preso e meus tios ficaram com a minha guarda. Eu ainda era uma menina.

— Sua mãe?

— Não sei dela desde àquele dia e não quero mais saber. — Suspira. — Se ela quisesse saber de mim, teria me procurado.

Ficamos ali, quietos. Tento pensar em alguma coisa para dizer, mas simplesmente não sei. Vanessa já deve ter ouvido muita coisa, repetir o que todos dizem não fará muito efeito.

— Desculpe por isso — pede. — Você mal me conhece.

— Conheço há mais de um ano — lembro. — Se é que isso vale pra você.

— Fui fria com você... pensei que te afastaria com isso. — Hesita. — Era o que eu queria, porque sentia medo.

— Sentia?

— Sim. — Comprime os lábios. — Depois eu vi que você só estava tentando ajudar.

Abro um sorriso genuíno e balanço a cabeça, antes de passar as mãos nos cabelos.

— É muito bom que você tenha conseguido confiar um pouco em mim.

— Espero não me decepcionar.

— Não irá. — Fico de pé e sorrio para ela outra vez. — Tenho que ir agora.

— Tudo bem, já estou melhor... foi muito bom ter podido falar com você. — Desvia o olhar, parece tímida. — Obrigada.

— Não precisa me agradecer, basta chamar e estarei aqui.

Vanessa fica de pé também e segue na minha frente para abrir a porta para mim. Assim que saio, viro-me para ela.

— Até mais? — pergunto.

— Até mais.

\*\*\*

Entro na SQUAD com a cabeça à mil. Não sei se fico feliz por ela ter confiado em mim ou triste por saber do que se passou com ela. Dirijo-me diretamente à mesa de Lara.

— Bom dia, Felipe. — Ela sorri. — Benjamim está em uma ligação, mas pode entrar.

— Bom dia, Larinha do meu coração. — Sento-me na cadeira em frente à sua mesa. — Vim falar com você.

— Devo preparar a consulta? — brinca.

— Sim, minha conselheira favorita.

— Está me bajulando?

— Sempre. — Pisco para ela. — Acabei de vir do apartamento de Vanessa, ela... nós conversamos.

— E então?

— Ela me contou sobre o dia em que fugiu de casa. — Olho nos olhos dela. — Vanessa está começando a confiar em mim, Lara.

— Isso é maravilhoso — exulta. — Você está conseguindo o que queria.

— Sim, estou.

— Qual o problema?

Fico em silêncio, procurando uma forma de expressar a minha inquietação para Lara. Ela sempre me entendeu, não só a mim, mas a todas as putas nervosas do quarteto.

— Temo não ser o suficiente para ela, Lara.

— Ter medo é normal, Felipe... isso caracteriza o amor. — Ela sorri, toda romântica.

— Amor, Lara? Acha que eu amo Vanessa?

— Você e ela precisam descobrir isso juntos. — Faz a carinha de cínica que tem.

— Não joga a bomba pra mim, me ajuda, Lara!

— Você vai saber. — Ela abre mais uma vez seu sorriso atrevido. — Na hora, vai descobrir se realmente é ou não. Com ela.

Quando ela silencia, já sei que os putos do Anderson e do Celso estão vindo até nós. Fico de pé e abro meu melhor sorriso para as minhas putinhas nervosas.

— Ninfetas lindas — exulto.

— Lipe, lindo — Anderson brinca.

— Ben está ocupado? — Celso pergunta. — Quero falar com a puta mais nervosa do quarteto fodástico... ops! Fantástico.

— Creio que, agora, ele já deva ter encerrado a ligação.

— Vamos entrar na sala do estressadinho, Larinha. — Anderson pisca

para ela. — Nos anuncie como o trio delícia.

— Aquiete, Anderson. — Ela cai na risada. — Benjamim vai comer seu fígado.

— Sou inocente, já disse. — Pisca para ela.

Seguimos juntos para a sala de Benjamim e sei que sairemos de lá trazendo junto o juízo do meu irmão. Apesar de tudo, somos muito unidos e gosto da relação de amizade que temos. Sei que posso contar com qualquer um deles, qualquer hora.

# Capítulo 10



"Tristeza é bonita, solidão é trágica  
Então ajude-me, não consigo vencer essa guerra  
Toque me agora, não se aborreça se cada minuto isso me torna mais fraco  
[...]

Estou aqui com minhas confissões  
Tendo mais nada para esconder  
Não sei por onde começar  
A não ser te mostrando a forma do meu coração"  
**Shape of my heart - Backstreet boys**

## VANESSA

Quando decidi chamar Felipe para conversar, como ele queria, eu realmente estava sentindo meu mundo desabar. Tento não me afundar na sensação de que não tenho um rumo, mas tem dias que não é possível me livrar dela.

Fecho a porta quando ele sai e respiro fundo, buscando forças dentro de mim. Felipe foi tão compreensivo em me ouvir, respeitou meus limites e não tentou excedê-los. Penso no que minha amiga me disse e me sinto confusa em relação a ele.

Felipe é um cavalheiro, me respeita, um dos poucos que já passou em minha vida. Estou conseguindo confiar nele aos poucos, sua atitude comigo me permite isso. Quero deixar que se aproxime, mas meu medo me prende como um

bicho acuado.

Fico quieta e me encolho em meu sofá. Imagino como seria se eu não tivesse sido abusada, se o doente do meu padrasto não tivesse me tocado. Talvez eu fosse uma mulher melhor, alguém menos problemática.

Olho para meu celular e noto que ele vibra de maneira insistente. Ao ver o nome de Henrique na tela, pego o celular e atendo.

— *Nessa? Me ligou? Aconteceu alguma coisa?*

— Sim. — Hesito. — Uma daquelas minhas crises... mas está tudo bem agora.

— *Tem certeza? Quer que eu vá aí? Posso...*

— Tenho — afirmo, tranquilizando-o. — Não precisa, já estou bem... não comente nada com Tia Gabi, sim? Não quero preocupá-la.

— *Vou tentar não comentar nada.* — Ele ri. — *Sabe como ela é, quando quer, arranca uma informação facinho.*

Apenas dou risada, concordando com o que ele diz. Minha tia é bem persuasiva quando quer.

— *Descanse, Nessa* — fica sério. — *Estou dando um dia de folga a você. Não sei o que está acontecendo, mas precisa resolver.* — Faz uma pausa. — *Estamos aqui para te apoiar, mas não podemos tomar decisões em sua vida.*

— Eu sei, Henry — murmuro. — Só não sei lidar com a decisão que preciso tomar de tentar ou de deixar ir.

— *É aquele homem, não é? O seu vizinho?*

— Sim — confesso. — Ele mexe comigo de uma maneira boa, muito boa, mas...

— *Tente conversar com ele sobre isso... sobre o que sente.* — Respira fundo. — *Diga o que acabou de me dizer, seja sincera. Coloque as cartas na mesa.*

— Obrigada, Henry. Farei isso.

— *Se cuide, princesa.* — Desliga.

Penso no primeiro namorado que tive, nos beijos que troquei com ele, na nossa noite. Para mim, foi espantoso... pensei que a sensação ruim passaria, mas não. Eu passei a sentir nojo do meu namorado e eu odiava isso.

Não quero sentir o mesmo com Felipe, não quero distanciá-lo da forma que distanciei meu primeiro namorado. Gosto muito dele, sinto que é mais forte do que eu.

Ainda com o celular nas mãos, abro o aplicativo de mensagens e vou na conversa com ele. Olho alguns instantes para a sua bela foto de perfil, antes de digitar.

*"Obrigada por me ouvir  
hoje. Como agradecimento, quero  
convidar você para jantar aqui em casa."*

Envio sem parar para pensar muito, pois sei que acabaria apagando. Minhas mãos tremem e eu não sei distinguir o porque. Quando meu celular vibra, não hesito em abrir a mensagem.

*"Não precisa de agradecimentos,  
mas aceito seu convite."*

Abro um sorriso de maneira involuntária. Estou tão nervosa com isso tudo, Felipe nunca desistiu e, agora, dar um passo desses, para mim, é difícil.

\*\*\*

Olho-me no espelho uma última vez e tento parecer amigável. Não me vejo como uma mulher atraente e, por isso, não entendo como Felipe pôde se interessar por mim. Sou ferida, machucada na alma... não tenho direito de ser amada por ninguém.

A campainha toca e eu sei de quem se trata. Meu coração acelera de maneira descontrolada e eu respiro fundo, antes de seguir até a sala. Paro diante da porta e arrumo meu vestido preto antes de abri-la e dar de cara com Felipe sorrindo.

Está usando apenas uma camisa social, calça e sapatos, também sociais. Lindo. Um anjo. Em sua mão, ele traz uma tulipa vermelha e me estende.

— Para você.

— Obrigada. — Pego a flor, sorrindo. — Entra.

Dou passagem e ele entra. Fecho os olhos com força antes de trancar a porta e virar-me para encará-lo. Seus olhos azuis como o mar me desconsertam e eu desvio o olhar para a rosa em minha mão.

— Você bebe? Trouxe um vinho.

— Aprecio. — Sorrio. — Pode deixá-lo na mesa.

— Está muito bonita — elogia, deixando o vinho na mesa.

— Obrigada. — Aponto para o sofá. — Senta um pouco, o jantar está quase pronto.

Felipe faz o que eu disse e me olha. Sento-me perto dele, coloco a rosa na mesa de centro e o olho também.

— Confesso que fiquei surpreso com o seu convite. — Abre um sorriso.

— Um ano foi tempo mais que suficiente para me fazer ver que você não é quem eu pensava. — Desvio o olhar para minhas mãos em meu colo. — Quero pedir desculpas por isso.

— Não se desculpe — pede. — Entendo você e o seu passado... Agora que me contou tudo, que se abriu comigo.

— Eu gostaria de ser diferente, gostaria de ser uma mulher normal. — Volto a olhar para Felipe. — Ele acabou comigo, com quem eu sou. Ou era.

— Não acabou não. — Aproxima-se e pega as minhas mãos, me olhando nos olhos. — Você vai recuperar a sua felicidade e eu vou ajudar você... se quiser.

Olho para as nossas mãos unidas diante de mim e dou um sorriso, com os olhos cheios de lágrimas. Não quero chorar, não quero. Ele leva minhas mãos aos seus lábios e as beija de maneira casta.

Fico paralisada, olhando para ele, querendo gritar para o mundo que aquele beijo não me fez sentir medo no início. Mas como é inevitável que o sinta, ele vem à tona.

— Não gostou? — pergunta e solta as minhas mãos de maneira calma. — Me desculpe se avancei seus limites.

— Está tudo bem. — Fico de pé. — Vou olhar o jantar no forno.

Ele apenas balança a cabeça e eu sigo para a cozinha. Olho para as minhas mãos e me sinto confusa. Felipe tem o poder de despertar em mim coisas que nunca senti, como a vontade de tentar outra vez. De tentar ser feliz.

Sei que não o mereço, por ser uma pedra de gelo sem sentimentos e ele é a doçura em pessoa. Nunca fui tratada assim, a não ser pelos meus tios e primo, que cuidam de mim como se fosse filha.

Desligo o forno e, com uma luva, retiro o prato.

— Está cheiroso.

Pulo de susto quando ouço a voz rouca de Felipe. Olho para trás e o vejo de braços cruzados, encostado na parede. Apenas sorrio.

— Vim buscar o abridor de garrafas.

— Sim, claro. — Pego o objeto e o entrego. — Aqui.

Felipe pega o abridor e sai da cozinha, me deixando. Respiro fundo algumas vezes, tentando não surtar, ele não merece ver somente meu lado ruim. Quero mostrar a ele meu lado bom também.

Pego o prato e sigo para a sala, onde ele está empenhado em abrir a garrafa de vinho que trouxe. Ele abre um sorriso lindo para mim, quando me vê chegando. Acomodo a comida na mesa e espero que ele sirva nossas taças.

## FELIPE

O jantar com Vanessa foi bastante agradável, pude descobrir coisas que ela gosta de fazer. Ela mesma não se permite gostar de sair ou algo assim, seu medo não permite.

— Então? — pergunta, depois de limpar os lábios com o guardanapo. — O que achou?

— Da comida? Ou da nossa conversa?

— Bom. — Dá de ombros. — Dos dois.

— A comida estava excelente, é uma cozinheira de mãos cheias — confesso e tomo um gole do vinho. — E a conversa foi... reveladora.

— Como assim? — Franze o cenho, completamente linda.

— Saber um pouco mais de você está sendo muito bom, Vanessa. — A olho nos olhos, quero que saiba que o que estou dizendo é a verdade. — E eu gostaria de poder ficar perto.

Ela não responde, apenas aperta as próprias mãos sobre a mesa e me lança um sorriso sincero.

— Felipe, eu... — Hesita. — Eu não sei fazer isso, essa coisa de relacionamentos e tudo o mais. Já vi que você quer algo comigo, mas eu não sei como fazer, não sei...

— Você quer? — corto. — Quer o que eu quero?

— Bom. — Sua voz treme. — Sim.

Não consigo evitar o sorriso. Levo minha mão até as suas, unido-as com força.

— Não se preocupe, hum? Esperei um ano, posso esperar um pouco mais, se quiser. — Acaricio suas mãos.

— Você não entende... Eu quero o seu beijo, Felipe, eu quero o seu toque. Quero saber como é ser amada por um homem, como é ser desejada sem ser forçada. — Abaixa a cabeça. — Mas eu não consigo, não consigo. Sinto medo.

Então, uma força que desconheço me faz levantar e me aproximar dela. Curvo meu corpo para frente e beijo sua testa, sem pressa. Agacho em sua frente, notando suas mãos trêmulas e seus olhos cheios de lágrimas outra vez.

— Não chore, *pretty face*. Não se preocupe com nada, deixe que eu cuido de tudo para você. Preocupe-se apenas em pensar que ele nunca mais vai encostar em você. Pelo menos não enquanto eu viver. — Enxugo a lágrima que escorre, solitária, pelo seu rosto. — Estamos entendidos?

Vanessa apenas assente e me olha nos olhos, murmurando um pequeno



"obrigada". Merda, ela é tão machucada. Tenho vontade de abraçá-la e protegê-la de perto, mas os limites que ela impõem me deixam sem saída.

Fico de pé e antes que volte a sentar-me na cadeira, ela segura minha mão e fica de pé também, aproximando-se de mim. Ainda segurando minha mão, ela suspira, parece nervosa.

— Faz um bom tempo que fiz isso, mas... vou tentar.

Ela fica na ponta dos pés e aproxima os nossos lábios. Entendendo sua intenção, afasto os cabelos castanhos e macios do seu rosto e fixo meu olhar no seu.

— Não precisa fazer se não se sentir bem, Vanessa. — Retribuo o aperto em minha mão. — Não vou e não quero pressionar você.

— Eu sei... é por isso que estou fazendo, pois sei que, se eu recuar, você vai entender. — Engole em seco, nervosa. — Me beije.

A mão que antes afastava os cabelos do seu rosto, agora afaga sua pele macia do rosto. Vanessa me encara, com a respiração descompassada. Meu coração parece que vai sair de mim, sinto medo de errar e perder esse momento com ela.

Inclino a cabeça, sentindo meu corpo ardendo por ela, ansiando seu toque. Merda, são tantos sentimentos quando estou com essa mulher.

Quando meus lábios tocam os dela, sinto-a trêmula. Sua mão livre sobe para o meu ombro, enquanto a outra aperta forte minha mão. Não ousa avançar com o beijo, apenas degusto seus lábios macios e deixo que ela faça o mesmo comigo.

Sua boca é deliciosa, estou no céu. A delicadeza do beijo me deixa muito tentado, mas avançar significaria afastá-la.

Quando sua boca se entreabre, dando-me espaço, aprofundo o beijo de maneira lenta, mas antes que possamos continuar, ela interrompe. Não me olha, apenas abaixa a cabeça.

— Desculpe — murmura. — Eu...

— Tudo bem — corto e a analiso por alguns instantes. — Acho melhor eu ir, não?

Vanessa apenas assente e solta minha mão. Arrumo minha camisa e sigo para a porta, olho uma última vez para ela e noto que está no mesmo lugar que a deixei.

— Vai ficar tudo bem?

— Sim. Não se preocupe. — Ela sorri.

— Só... me ligue se algo não estiver bem, ok?

— Ok.

Por fim, sorrio de canto e deixo seu apartamento sem saber se ela vai me

afastar ou não. Espero que a tentativa dela não a faça me afastar outra vez.

# Capítulo 11



"Tudo o que preciso é um pouco de amor no escuro  
Eu espero que só um pouco seja o bastante para recomeçar  
Eu e meu coração partido"

**Me and my broken heart – Rixton**

## VANESSA

O jantar com Felipe me fez sentir incrivelmente bem com ele. Senti que, finalmente, consegui deixar um pouco do meu medo dele de lado, depois de um ano tentando a reaproximação.

Beijar Felipe me fez sentir muitas coisas, é tudo muito confuso para mim. Medo misturado com uma vontade enorme de tê-lo mais perto. É terrível gostar de alguém, querer que esteja perto, mas não permitir isso por causa de um trauma.

De um doente, para ser mais exata.

Quando ele deixa o apartamento, um vazio sem tamanho me domina, um choro compulsivo faz minhas pernas fraquejarem. Sento-me no chão e passo as mãos nos meus braços, sentindo-me suja, contaminada por meu padrasto outra vez. É como se ele estivesse aqui comigo, assombrando os meus dias.

Fecho os olhos com força e sinto as lágrimas quentes rolando pelo meu rosto. Eu preciso superar as merdas que vivi, quero ter uma vida normal, quero amar e ser amada.

Penso em alguém com quem posso falar e a única que me sinto segura

para fazê-lo é Sheila. Ela deve estar com os meus tios agora, trabalhando. Creio que eles não ligariam se eu pedisse Sheila somente por hoje... não posso contar isso à minha tia.

Pego o meu celular e ligo para a própria Sheila.

— *Nessa? Tá tudo bem?*

— Sheila. — Hesito. — O bar está muito movimentado hoje?

— *Não muito, por quê? Aconteceu alguma coisa?*

— Preciso que venha aqui, minha amiga... preciso muito. — Fungo. — Fale com Henry, explique que sou eu quem precisa de você, ele vai entender sem muitos questionamentos. Por favor.

— *Farei o possível, Nessa. Fique calma.*

Desligo e me mantenho no chão. Se fechar os olhos, posso sentir suas mãos me alisando, me dizendo como o deixava tentado, especulando como seria estar dentro de mim... Deus, eu sinto tanto nojo.

Não é Felipe, não é ninguém... sou eu. Eu e o meu passado.

Fico quieta ali e perco a noção do tempo, até que ouço o interfone na cozinha. Demoro alguns segundos para compreender e levanto do chão para ir até lá. Libero a subida de Sheila e volto para a sala para aguardá-la.

Quando a campainha toca, me apresso e abro a porta. Ao me ver, ela sorri, mas com a expressão preocupada.

— Nessa. — Me abraça. — O que aconteceu? Henrique ficou bastante preocupado, mas eu o fiz jurar que não contaria aos seus tios até eu saber o que estava acontecendo.

— Entra.

Dou passagem e ela faz o que pedi, fecho a porta e aponto para o sofá, procurando as palavras. Sento-me ao seu lado e junto as mãos em meu colo.

— Lembra daquele homem? O que você sempre insiste em falar sobre ele?

— O seu vizinho gato? — Estreita o olhar para mim. — O que tem ele?

— Sim, o Felipe. — Dou um ar de riso com a classificação dele. — Eu decidi seguir seu conselho e o da minha tia... deixei Felipe se reaproximar, depois de um ano incansável dele tentando. O chamei para jantar aqui depois de uma conversa que tivemos esta manhã.

— Ah, Nessa. — Abre um sorriso genuíno, ela está feliz por mim. — Isso é maravilhoso.

— Sinto algo por ele, Sheila, algo bom... ele é bom. — Aperto minhas mãos.

— Estou muito feliz, Nessa, pela primeira vez em anos você voltou a sentir algo por alguém. — Envolve meus ombros com um braço e me puxa para

ela. — Agora me conta, como foi o jantar com o bonitão?

— Nos beijamos.

— O quê?! — berra.

— Você ouviu. — A empurro e me permito sorrir com a loucura da minha amiga.

— E foi bom? Você gostou?

— Na verdade, eu quem insisti para que me beijasse. — Comprimo os lábios, lembrando da delicadeza dele comigo. — Ele queria me dar mais tempo, mas eu não sei o que me deu... eu queria tanto beijá-lo e no fundo eu sabia que ele entenderia se eu recuasse.

Olho para Sheila e ela sorri de canto, me motivando a continuar.

— Foi tão gentil, me senti no céu nos primeiros momentos. — Fungo, segurando as lágrimas. — Eu não queria me afundar na escuridão outra vez, não em um beijo com ele, Sheila... Felipe não merece isso, ele é bom, é compreensivo, mas ninguém suporta uma coisa dessas. Ninguém consegue viver com uma mulher quebrada como eu.

— Vanessa, o que está dizendo? — repreende. — Você é uma mulher linda e merece ser feliz... não é sua culpa estar passando por isso. Aquele doente machucou você.

— Ele me apodreceu, me fez essa mulher que não vê sentido em nada... sou um caso perdido, não sei se devo prender Felipe à mim. Ele não merece isso.

— Você, mais do que eu, sabe que Felipe não vai desistir. Esse homem gosta de você, Vanessa. — Me puxa para deitar em seu colo e afaga meus cabelos. — Acho que você deve pensar em si, você merece ser feliz.

Fico em silêncio, pensando sobre as palavras que acabou de me dizer. Olho para a tulipa vermelha que ele me trouxe e o sorriso é inevitável. Não sei o que fazer, Felipe não sai da minha cabeça.

Eu quero o seu beijo, sua proximidade, seu toque, mas eu tenho uma escuridão dentro de mim, algo que me amarra ao que passei. Não sei se conseguirei satisfazer Felipe... Tenho medo que se canse de mim.

## FELIPE

Entro em casa pensando em Vanessa, ela não pareceu nada bem depois do nosso beijo, mesmo tendo sorrido para mim. Nosso jantar foi algo que nunca imaginei acontecer tão cedo, é ótimo que ela tenha aceito que não vou desistir.

Lembro-me do sabor dos seus lábios, da maciez deles. Merda, é tão

difícil manter o controle... meu corpo a deseja de todas as maneiras e meu pau safado não me obedece mais.

Tento me distrair, mas nada o faz desistir da ideia de me fazer bater uma. Puta merda, desde quando fico batendo punheta pelos cantos? Ah, Vanessa, eu sei o quão difícil vai ser, mas eu a quero.

— Não vai rolar — repreendo. — Aquiete aí.

Sigo para o banheiro e resolvo tomar um bom banho. Entro na água fria e fico nela até meu pau desistir de competir comigo. Sei que é só um paliativo, uma questão de tempo, ele vai voltar à ativa logo.

Por fim, saio do banheiro somente com a toalha enrolada na cintura. Verifico meu celular, mas não tem nenhuma mensagem de Vanessa. Respondo minhas amiguinhas, algumas perguntando quando relembraríamos nossa memorável noite quente e orgásmica.

Mando algumas piadinhas no grupo do quarteto sobre os putos casados e volto a bloquear o celular. Lembro-me de um documento da SQUAD que não fiz e resolvo fazê-lo agora. Ligo meu notebook e me afundo no trabalho.

\*\*\*

Saio do elevador no vigésimo andar e não vejo Lara em sua mesa. Sigo para a sala de Benjamim e a encontro com ele.

— Bom dia, casal — cumprimento, sorrindo.

— Bom dia. — Lara sorri.

Benjamim apenas ergue o olhar para mim e eu pisco, fazendo-o sorrir. Me aproximo e sento na cadeira em frente à sua mesa, abro o blazer e relaxo.

— Estou atrapalhando a conversa?

— Não, estávamos conversando sobre emprestar a casa na praia para Celso e Suzy — Lara explica. — Eles precisam de um tempo só deles, passaram por muita coisa. O sequestro, a perda do bebê... foi demais.

— Demais foi o que fizemos com aqueles putos quarenta dias atrás — digo, ainda sentindo raiva por terem pego a loirinha mais cruel e linda. — Fodemos aqueles filhos da puta. Enzo acabou com Devil e Celso terminou o serviço com Raquel.

— Vamos emprestar a casa — Ben anuncia. — Quero meus amigos bem e quero um casamento logo também... estão adiando demais essa porra.

Dou risada quando Lara lhe dá um tapa e ele retribui com um em sua bunda.

— Olha a safadeza na frente desse anjo, casal, não vão querer perverter o santinho aqui. — Sorrio.

— Uma porra, seu traçador de boceta.

— O quê?! — me faço. — Me respeite, Ben.

— Céus — Lara diz. — Vou voltar ao meu trabalho.

Minha cunhadinha linda sai e eu caio na risada junto com meu irmão. Por fim, o encaro. Algo nele está diferente, Benjamim está me escondendo alguma coisa faz um tempo, só preciso saber o quê.

— Está tudo bem? — pergunto. — Parece preocupado.

— Sim. — Acena com a cabeça. — Coisas da SQUAD. Preparou aquele documento que pedi?

— Sim, terminei ontem à noite. — Fico de pé. — Está no e-mail da SQUAD. Vou falar com o Celsinho agora e começar o trabalho do dia.

— Tudo bem. — Hesita. — Felipe.

— Diga, amor.

— Puto — xinga.

Dou risada e saio da sua sala, indo em direção à sala de Celso, quero perturbar o apaixonado um pouco. Ele ficou terrivelmente triste com a perda do bebê da Suzy, todos nós ficamos. Os últimos quarenta dias para ela foram difíceis. Entro na sala de Celso e sorrio, meu amigo retribui.

— Ei, puto! Soube que vai fazer uma viagem de lua de mel antecipada. — Sento-me na cadeira em frente à sua mesa.

— É. — Dá de ombros, meio triste. — Quero recomeçar com Suzana.

— Que coisa boa, finalmente!

Celso solta uma risada e eu o acompanho, mas de repente, ele para e me encara. Ah, eu conheço essa cara de puto curioso. Estou fodido.

— Ei? Vem cá, me conta dessa vizinha.

— O que tem ela? — Me remexo na cadeira.

— Ué? Quero saber se já tiveram alguma coisa, se isso vai pra frente mesmo...

— Ter, nós já tivemos, mas aquele caso é complicado, Celso. — Me mantenho completamente sério. — Muito complicado. Estamos afastados faz um tempo.

Omito nossa reaproximação. Celso franze o cenho, estranhando.

— Busquei ajuda com Lara, mas é difícil... Vanessa tem traumas horríveis. — Dou de ombros. — Provavelmente nem vou chegar a conquistar de verdade.

— Que desânimo é esse? Não te conheço assim, minha putinha.

— Penso que poderia ajudá-la, mas ela não me deixa chegar perto... não me deixa ser o homem dela.

— Se acha que vale à pena, se acha que é ela. — Ele sorri e passa a mão

nos cabelos. — Vá, puto. Se eu não tivesse corrido atrás de Suzana, hoje eu não seria a porra do homem que sou... ela lutou comigo, Felipe, nunca me abandonou e hoje eu sou um homem melhor.

Ouvir essas palavras de Celso me faz ver que o que ele sente por Suzana é grande e poderoso. O que eles sentem os tirou do fundo do poço, da escuridão em que meu amigo vivia.

Talvez eu seja a salvação da Vanessa. Mas como irei salvá-la? Que puta responsabilidade eu tenho agora.

— Não disse que ia desistir. — Sorrio. — Só falei que talvez nem chegue a nada sério, mas não quero desistir. Eu sinto algo forte por Vanessa, aquele jeitinho desprotegido dela... quero aquela mulher para mim, mesmo que se afaste de mim de todas as maneiras possíveis.

— Isso é bom. Deveria trazer ela e apresentar pra gente.

— Quando for a hora. — Fico de pé, ainda sorrindo. — Boa sorte na viagem. Aproveitem.

— Iremos, obrigado.

Celso sai de trás da sua mesa e me abraça forte. Ele sabe o quanto sacrificamos uns pelos outros e sabe que eu faria novamente para ajudá-lo e ajudar Suzy. Saio da sua sala em direção à minha, ligando para Anderson, precisamos conversar a respeito de cláusulas violadas de um contrato por parte de uma das empresas.

Sento-me em minha cadeira e esqueço qualquer coisa que possa me desfocar do trabalho. Aqui eu sou Felipe Monteiro, implacável como meu irmão. A SQUAD é nossa prioridade.



# Capítulo 12



"Estou presa no escuro, mas você é minha lanterna  
Você me guia, me guia através da noite  
Não consigo conter meu coração quando você brilha diante dos meus olhos"  
**Flashlight - Jessie J**

## VANESSA

Acordo com um pouco de dor de cabeça e lembro-me da noite passada. Sheila dormiu aqui, quis garantir que eu ficaria bem. A acomodei no quarto de hóspedes e a deixei dormir com a promessa de que descansaria também, mas isso não aconteceu. Fiquei acordada a noite praticamente toda.

Os olhos azuis reluzentes do Felipe não saem da minha cabeça, sua voz rouca, seu toque em meu rosto... o beijo de ontem me fez ver que ele pode sim me tirar da escuridão em que estou mergulhada. A paz que senti ontem quando me tocou, quando me disse que estava tudo bem em recuar.

Ele só precisa ter um pouco de paciência comigo, precisa saber que não me entregarei cegamente... sempre haverá um resquício em mim. Um resquício de medo... um resquício dele.

Olho para a tulipa outra vez. A trouxe comigo da sala e já devo ter olhado para ela umas trezentas vezes. Meu celular vibra, me tirando dos pensamentos e o nome de Felipe faz meu corpo estremecer.

*"Bom dia, pretty face.  
Como está? Me dê notícias."*

Sorrio como uma boba diante da mensagem e do apelido que me deu. Respiro fundo e continuo encarando o visor do celular, mostrando a mensagem.

*"Estou preocupado."*

Quando a segunda mensagem chega, eu sei que é hora de responder. Deixo de lado as preocupações e simplesmente mando a mensagem.

*"Bom dia. Tudo está bem e desculpe por ontem. Senti medo."*

Felipe já sabe o que passei, não há porquê esconder meu medo mais. Ele entenderá, sempre entendeu.

*"Não se preocupe, tudo vai ficar bem."*

Sorrio outra vez e respondo com apenas algumas expressões. À essa hora ele deve estar em seu trabalho, não quero atrapalhar. Bloqueio o celular e puxo a coberta para mim, me aconchegando na cama.

Não me lembro a última vez que me senti bem conversando com alguém do sexo oposto que não fosse meu tio e Henrique. Por um momento, Felipe foi capaz de me tirar da escuridão em que vivo. Foi quase divino, um peso enorme saiu das minhas costas naquele instante.

Ouço toques leves à porta e minha amiga entra devagar. Ao ver que estou acordada, ela sorri e senta-se ao meu lado na cama. Sorrio de volta para ela e continuo encolhida na cama.

— Como se sente? Dormiu bem?

— Sim — minto para não preocupá-la ainda mais. — Obrigada por ter vindo.

— Não me agradeça, Nessa. — Afaga meus cabelos. — Agora diga, o que posso preparar para o café?

— Preparar? — Sento na cama imediatamente. — Não vai preparar nada, você já fez muito vindo aqui ontem.

Ela ri.

— Sua teimosia não muda nunca.

Saio da cama, visto um robe e sigo para a cozinha para preparar algo para mim e Sheila. Penso em Felipe e no nosso beijo.

— Sheila.

— Sim? — Para ao meu lado, pegando uma maçã, enquanto preparo as frutas.

— O que devo fazer agora? — Hesito. — Com Felipe, depois do nosso beijo? Eu não sei como fazer isso.

Minha amiga me faz virar de frente para ela, coloca a maçã no balcão e segura minhas mãos. Um sorriso gentil brota nos seus lábios e eu fico quieta, esperando. Sheila me entende, não precisa de muito para que ela saiba o que sinto e o mesmo acontece com ela, não consegue me esconder nada.

— Pelo jeito que fala, você gosta dele, não é?

Apenas aceno com a cabeça.

— Bom, um casal costuma se aprofundar um pouco depois de um beijo... se um realmente quer o outro, eles saem mais, conversam mais. — Faz uma pausa. — Beijam mais... mas se você não se sente bem assim, vocês podem jantar ou almoçar juntos mais vezes, conversar, ver filmes... curtirem um ao outro até que você se sinta bem o suficiente para dar mais um passo.

— Acha que consigo fazer isso? Dar mais um passo com ele?

— Não vai saber se não tentar, Nessa. — Sorri e solta minhas mãos. — Acho que deve falar com ele. Pelo que me disse, ele te respeita e eu acho não vai tentar mais nada se não souber se você realmente quer isso.

— Tenho medo de fazer errado — confesso.

Volto a preparar o café da manhã e ela morde a maçã, indo sentar-se à mesa.

— Mas me conte — mudo o assunto. — Como vão as coisas com Henry?

— Bem. — Ela sorri. — Iremos passar a noite juntos hoje.

— Oh, Deus! Eu atrapalhei vocês ontem? Sheila, me desculpe, eu não sabia.

— Não! — Nega com a cabeça. — Fique tranquila, nossa noite é hoje, depois do trabalho, não remarcamos nada.

Pergunto sobre a casa noturna e lembro que terei de explicar a saída de Sheila ontem. Ela me fala sobre a quantidade de clientes gatos que apareceram, mas que ela não consegue prestar muita atenção em nenhum, além de Henrique.

Meu primo é um homem bonito, é charmoso e tem um olhar de matar. É bastante sério, mas sabe quando mostrar seu lado divertido. Criamos um laço desde que cheguei aqui. Ele é um pouco mais velho, então soube de toda a história desde o momento em que entrei na casa dos meus tios.

Naquele dia ele me disse para não sentir medo mais, ele estaria comigo e eu estaria segura. Henrique foi muito paciente comigo, assim como os meus tios, eu tinha pesadelos terríveis. Não os deixei dormir em paz por dias e dias.

Nunca, nem um só momento, eles deixaram de me apoiar ou de conversar comigo. Eu os devo muito.

— Deveríamos sair juntas, já que estamos aqui; vi um look naquela loja do shopping e achei a sua cara. — Me olha de soslaio. — E você me ajuda com um vestido para usar hoje.

— Tudo bem. — Sorrio. — Acho que vai me fazer bem sair um pouco.

— Ótimo.

## FELIPE

Depois de trocar mensagens com Vanessa, me pego pensando em seu beijo e porra, ela não sai da minha cabeça. Penso em chamá-la para nos vermos outra vez, mas desisto da ideia, preciso dar tempo a ela. Vanessa precisa de espaço.

— Lipitcho! — Gabriel chama. — Tá surdo, man?

— O que foi? — resmungo.

— As meninas super poderosas estão reunidas na sala do CEO, mandaram chamar você. — Cruza os braços, desconfiado. — Foi embocetado?

— Fui o quê?

— Embocetado. — Ele ri. — Quero saber se tá apaixonado, se levou chave de boceta, essas coisas. É aquela moça? A vizinha?

— Gabe, sua função é cuidar da minha segurança ou da minha vida? — Fico de pé.

— Não é a mesma coisa? — brinca.

— Não — resmungo.

— Sim, mas não sou cego. Tem uns dias que cê tá meio aéreo, mano.

— Vai se foder.

Sigo na frente dele e lembro de como chamou meu quarteto. Dou meia volta e ele para de andar, já sorrindo, enquanto fecha a porta da minha sala.

— Meninas super poderosas é o meu pau! — digo e disparo para a sala de Benjamim.

Estou prestes a abrir a porta, quando ouço Benjamim falar em mim. Não consigo ouvir muito bem, mas parece que eu não posso saber de algo. Que porra é essa? O que estão me escondendo?

— Já pode entrar — Lara afirma, sorrindo.

Completamente sério, volto em sua mesa e cruzo os braços.

— Lara, o que está acontecendo?

— Como assim? — Franze o cenho.

— Desde que assumiu a SQUAD e que descobriu a doença do nosso pai, Benjamim tem agido de forma estranha. — Apoio minha lombar em sua mesa. — Se é algo sobre mim, eu preciso saber.

— Não sei, Felipe. — Fica séria. — Pergunte ao seu irmão, não estou sabendo de nada.

— Falarei com ele.

Beijo o topo da sua cabeça e sigo para a sala dele, abro a porta e encontro Celso junto com ele. Ambos sorriem ao me ver.

— Mas onde está o puto do Anderson? — pergunto.

— Disse que vai se atrasar — Ben responde. — Está no tribunal, fodendo a vida de algum filho da puta.

Por fim, sorrio e sento-me ao lado de Celso.

— Mandou chamar?

— Sim, precisamos de uma reunião com a gerência sênior. — Benjamim fecha a expressão. — Aqueles porras do caralho estão me tirando do sério.

— Ainda sobre a exclusão da empresa locadora de veículos? — Cruzo os braços.

— Sim — Celso diz. — Não acham que Benjamim tomou a decisão mais sensata.

— Como diria o próprio Ben — começo. — A decisão mais sensata de cu é rola. Já falou com Anderson sobre isso?

— Sim, claro. Ele vai usar a retórica dele na reunião para trazer os indecisos para o nosso lado.

— E Ben vai usar a falta de paciência dele, se não funcionar — Celso completa.

— Sua cara, Ben. — Dou risada. — Mandar todo mundo se foder.

— Vai se foder — xinga.

Caímos na risada e resolvemos nos concentrar na data que marcaremos a reunião e em como abordar o assunto junto com Anderson, para que todos sejam convencidos. Depois de prepararmos quase tudo, o puto dos putos chega para dizer como vai abordar.

— Como sou o advogado mais foda desse mundo, já me preparei. — Coloca os papéis diante de nós. — Busquei nos arquivos as contas da empresa, onde baseei argumentos. Eles queriam nos enrolar.

— Olhem isso. — Celso ergue a mão e aponta para o braço. — Fico todo arrepiado vendo vocês sendo sérios.

Anderson dá risada junto comigo e meu irmão nega com a cabeça, fazendo Celso rir também. Meu quarteto é foda.

— Ben, minha puta nervosa — Anderson chama. — Fique calmo, nós vamos conseguir convencê-los.

— Somos o quarteto fodástico, afinal — digo, sorrindo.

— Sim, somos — ele diz.

Fico de pé soco o ombro de todos os putos antes de sair da sala. Olho para Lara e ela sorri. Retribuo o sorriso e volto para a minha sala, ainda desconfiado sobre o que ouvi Benjamim falar. Eu espero que meu irmão não esteja me escondendo nada grave, tenho uma fera e um anjo em mim. Não quero ter que externar o meu pior.

# Capítulo 13



"Eu vejo outra montanha para subir  
Mas eu, eu tenho vigor  
E eu preciso de outro amor para ser meu  
Porque eu, eu tenho vigor  
Não desista, eu não vou desistir"

**The Greatest – SIA**

VANESSA

Entro no shopping com Sheila e ela me puxa pelos corredores apinhados, me mostrando as coisas que gosta. Minha amiga é insaciável, adora compras e adora sair, já eu, sou mais reservada.

— Aqui, esse vestido é a sua cara. — Mostra a vitrine da loja. — Vamos entrar, não é? Vai ficar lindo em você.

— Onde eu usaria isso? — pergunto, analisando o vestido. — Eu nem saio de casa direito.

A peça é linda. É um vestido tubinho verde, com detalhes em renda no busto e um decote lindo.

— Você tem um pretendente que vive saindo, a oportunidade de usá-lo vai aparecer, tenho certeza. — Junta as mãos em súplica. — Vamos, Nessa! Não vai tirar pedaço somente provar esse vestido!

Reviro os olhos e sorrio antes de ser puxada para dentro da loja. Sheila fala com a vendedora e aponta o vestido da vitrine. A mulher me olha e sorri, antes de buscá-lo para mim.

Entro no provador e dou um último olhar para minha amiga antes de puxar a cortina. Encaro meu reflexo no espelho e respiro fundo. Retiro minhas roupas, trato de vestir a peça e fecho o zíper lateral. Abro a cortina e olho para Sheila, meio desconfortável.

— Uau, Nessa! Você está deslumbrante! — Bate palmas, animada. — Eu sabia!

— Você acha?

— Você não? — Franze o cenho.

— Eu... não sei. — A encaro. — Me sinto insegura usando algo assim.

— Insegura? — Aproxima-se. — Vanessa, você é linda, tire da sua mente tudo de negativo sobre si mesma. Acredite em mim.

Apenas sorrio para Sheila e ela me vira para o espelho de dentro do provador. Ela afaga meus braços e sorri também.

— Veja você mesma.

Analiso o resultado por alguns instantes, depois das suas palavras.

— Vou levar — afirmo.

— Ótimo. — Abre mais o sorriso. — Agora tire e me ajude a achar um para hoje com Henrique.

— Quais são suas intenções devassas para hoje?

— Do que está me chamando, dona Vanessa? — Cruza os braços.

Dou risada e puxo a cortina para colocar minha roupa de volta. Assim que saio, encontro Sheila concentrada nos modelos pendurados na loja. Chego perto dela, vejo seu cenho franzido e sorrio, constatando que ela está mesmo empenhada no encontro com Henry.

— Minhas intenções devassas com seu primo são as melhores, a propósito.

Solto uma risadinha e me empenho em procurar junto com ela. Pego um vestido soltinho, costas nuas, na cor nude e mostro a Sheila.

— O que acha desse?

— Viu? Por isso que amo te trazer comigo, sempre acha o que preciso.

— Pega o cabide com o vestido. — Vamos procurar outro, quero provar e ficar indecisa hoje.

Sair com Sheila é sempre divertido, ela sabe como descontraí-la. Depois de procurarmos em toda a loja, ela encontrou o vestido pelo qual ficaria indecisa. Sento-me na poltrona e espero que vista o primeiro modelo.

— O que acha? — Abre a cortina e faz pose.

— Gosto desse. — Faço um gesto para que me dê as costas. — Ficou lindo em você.

— Não acha que pareço uma louca desesperada por sexo?



— Deus do céu, Sheila! Fale baixo! — Dou risada.

— Ok, ok. — Ergue os braços em rendição. — Vou provar o outro.

Aguardo sentada e sinto meu celular vibrar na bolsa. Pego o aparelho e o nome na tela me faz engolir em seco, abro a mensagem e respiro fundo ao lê-la.

*"Tem planos para o almoço?"*

Sou surpreendida quando Sheila faz espanto ao meu lado, também lendo a mensagem e já com o outro vestido.

— É por isso que nem me ouviu chamar? — Estreita o olhar. — Não vai responder o bonitão?

— Não sei. — Dou de ombros. — Não sei o que fazer.

— Eu sei. — Pega meu celular. — Vamos dizer que não.

— Mas e você?

— Eu? Posso almoçar sozinha. — Ela sorri e devolve o celular. — Você vai almoçar com o gostosão hoje.

Olho para a tela do celular e o "não" está lá, enviado por mim. Fico nervosa de repente, não nos vimos mais depois do beijo que interrompi por medo.

— Pode olhar para mim um minuto? Só para me ajudar aqui?

Sorrio com o tom de brincadeira dela e analiso o vestido em seu corpo. Ele realça suas curvas, mas a deixa menos casual. Nego com a cabeça.

— Prefiro o outro — afirmo. — Te deixa mais jovem e mais casual.

— Tudo bem. — Segura a cortina. — Entrarei em uma guerra comigo mesma agora, enquanto não volto, trate de marcar o almoço com o vizinho.

Quando ela fecha a cortina, sorrio e pego o celular. Abro a conversa com Felipe e vejo outra mensagem sua.

*"O que acha de almoçarmos juntos?  
Ou ainda não quer me ver?"*

Olho para a cortina do provador em que Sheila está e respiro fundo.

*"Seria muito bom.  
Onde podemos nos encontrar?"*

Volto a bloquear o celular e cruzo as pernas na poltrona, sei que Sheila ainda está em uma guerra com ela mesma dentro do provador. Levanto-me e sigo para o caixa, preciso pagar o vestido.

Enquanto a vendedora embala o meu pacote, outra mensagem chega, é a localização de um restaurante. Não é muito longe daqui. Respondo que o encontrarei lá e pego o pacote com a vendedora, lhe entregando o dinheiro em seguida.

Olho para o lado e já vejo Sheila vindo até mim com um sorriso no rosto e apenas o vestido que escolhi em mãos. Sorrio de volta e ela para ao meu lado.

— O que resolveu com o bonitão?

— Vamos almoçar em um restaurante aqui perto. — Comprimo os lábios um contra o outro. — Se quiser, posso te levar em casa.

— Não. — Olha em seu relógio de pulso. — Você está quase atrasada para um encontro, posso pegar um táxi.

— Tem certeza?

— Vanessa, não se preocupe comigo, ficarei bem. — Me abraça. — Agora vá ou eu ficarei realmente brava. Se permita ser feliz uma vez ao menos.

## FELIPE

Ao receber a confirmação de que me encontrará no restaurante, saio da minha sala e constato que Ben e Lara já foram buscar Ellen na escola. Sigo para a garagem pensando em como será hoje, depois de tudo. Estar com Vanessa é realmente surpreendente, nunca é igual.

Passo na floricultura perto da SQUAD e compro o de sempre, a tulipa vermelha. Agradeço e sigo para o meu destino. Entro no restaurante e procuro por ela, mas ao constatar que não chegou ainda, escolho uma mesa e sento-me.

Olho para a pequena flor nas minhas mãos e percebo um certo nervosismo em mim. Oh, merda. O que Vanessa está fazendo comigo? De devasso estou passando para mocinho?

De repente, eu a vejo entrar no restaurante. Me coloco de pé e, ao me ver, ela apressa o passo. Prontamente, coloco as mãos para trás e espero que venha até mim, a cumprimento com um beijo no rosto e espero que sente para sentar-me também. Estendo a flor para ela, que vai logo sorrindo.

— Obrigada.

A observo e, porra, ela é muito linda.

— Está me deixando sem graça — comenta.

— Desculpe. — Sorrio e pego o cardápio. — O que gostaria de comer? Eu sugiro que aceitemos a sugestão do chefe, me parece deliciosa.

— Pode ser. — Fecha o cardápio e volta a pegar a tulipa que lhe dei. Ela

fecha os olhos, parecendo tomar coragem. — Eu sei o básico de você... o que me contou naquele dia na rua, não falamos de você no jantar. Me fale mais.

Ergo a sobancelha, surpreso.

— Vou falar do que eu gosto, tudo bem?

— Tudo bem.

— Eu trabalho o dia inteiro com um bando de loucos. — Sorrio, lembrando das putinhas nervosas. — Meus dois amigos e meu irmão, o CEO da SQUAD. Nós somos um time, um quarteto, e fazemos praticamente tudo juntos... Somos inseparáveis. Pratico Muay Thai e aprecio um bom filme.

— Uau. — Me olha. — Sua vida não parece ser monótona.

— E não é. — Sorrio. — Não faz meu estilo.

— Eu percebo.

— Bom, de você eu sei o que gosta de fazer... me contou no jantar em sua casa, mas não acredito que sejam tão poucas coisas.

— Acredite, são.

— Acho que você não descobriu ainda do que gosta. — Aceno para o garçom. — Por isso tem tão pouco em sua lista.

Faço nossos pedidos e acrescento uma garrafa de vinho. Vanessa me olha como se fosse louco e eu sorrio.

— Então acha que não descobri do que gosto ainda?

— Exato. — Repuxo meus lábios em um sorriso de canto. — Por exemplo, aquele dia em que me negou uma dança... você iria amar dançar comigo.

Vanessa solta uma risada sincera, a primeira que vejo nela. Porra, estou mesmo conseguindo me aproximar. Sorrio também e fico admirando o brilho que seu rosto toma quando ela ri.

— Você é engraçado.

— Tento ser. — Dou de ombros. — Desde criança, sempre tentei fazer meu irmão sorrir... ele era durão. Ainda é. Então, eu fiquei assim, não consegui mais largar o lado engraçado.

— Isso é bom. — Hesita. — Eu gosto.

— Mesmo? — Sorrio. — O que mais gosta em mim?

Ela desvia o olhar para a flor em suas mãos, parece desconfortável. Espero por alguns instantes, mas a resposta não vem.

— Tudo bem, tudo bem... eu começo falando o que gosto em você. Posso?

— Pode.

— Gosto quando sorri — começo. — Foram poucas as vezes que te vi sorrindo, mas confesso que valeram à pena. Gosto da sua sinceridade... apesar de

tudo. — Faço uma breve pausa. — Gosto de você.

Noto seu sorriso de canto e me mantenho firme, olhando-a, para que saiba que o que digo é verdade.

— Minha vez? — pergunta e eu aceno com a cabeça. — Bom... gosto dos seus olhos, são muito bonitos. Parecem com o céu. — Hesita. — Gosto quando me dá tulipas, virou sua marca. Também gosto do jeito que me trata, me respeita e... pode parecer estranho, mas gosto do seu cabelo.

— Ah? — Passo as mãos neles. — Obrigado. São coisas bem particulares.

— Apreendi a ver os detalhes nas coisas e nas pessoas, meu silêncio durante os anos me permitiu isso.

O garçom chega com nosso vinho e nos serve, em outra taça, ele serve a água e eu observo Vanessa. Quando nota que estou olhando, ela sorri. Merda, eu quero tanto beijá-la outra vez, sentir seu corpo quente contra o meu.

— Experimente — digo. — Creio que vai gostar, já tomou esse?

— Não. — Pega a taça e dá um breve gole, graciosa. — Muito bom.

— Vanessa, talvez você não se sinta confortável, mas é impossível não falar do que aconteceu em sua casa. — Analiso sua expressão. — Nosso beijo.

— Eu sei.

— Só preciso saber se você quer que eu continue... *que nós continuemos*

— dou ênfase. — Ou que paremos por aqui. Depende inteiramente de você, porque eu sei o que quero.

Fico sério, esperando uma resposta. Bebo um gole do vinho e a vejo nervosa.

— Eu... — Abaixa a cabeça. — Isso é tão difícil. Não sei o que fazer ou como fazer, mas eu quero ir mais fundo com você.

— Não se preocupe com isso, vou ensinar a você, se me permitir. — Seguro suas mãos por sobre a mesa.

Recebo um aperto nas minhas mãos, como se me dissesse que quer ser salva de algo. Seu olhar é um misto de medo com determinação. Eu a entendo, mas quero que me permita avançar um pouco mais.

— Tudo bem. Espero conseguir.

— Irá. — Trago o dorso da sua mão aos meus lábios. — Vou te ajudar a superar tudo o que seu padrasto te fez, vou dar o amor que você precisa... nós vamos superar isso, juntos.

— Amor? — Parece espantada.

Dou de ombros.

— Sim. Não sei o que sinto por você ainda, mas vou te dar amor, Vanessa. — Solto suas mãos e sorrio, divertido. — E eu quero outros beijos.

Vanessa sorri e balança a cabeça, assentindo. Sei que dentro dela há algo muito maior do que o seu querer, algo que a puxa para longe, sempre que tento me aproximar. Quero que lute contra isso, quero que se liberte das amarras que aquele homem asqueroso impôs. Quero que se entregue a mim e eu cuidarei dela como merece.

# Capítulo 14



VANESSA

Quando ele falou sobre amor, eu quis travar outra vez, mas vi naquela imensidão azul dos seus olhos a sinceridade. Felipe quer me dar o que eu sempre tive medo de receber. Amor.

Eu sei que ele não sabe o que sente por mim, e eu muito menos, mas se queremos estar juntos, então é um começo.

Nosso almoço foi bem calmo e divertido, ele tem um ótimo senso de humor e me fez rir algumas vezes falando dos seus amigos. Seu quarteto fantástico, ou fodástico, como prefere. Pelo que me disse, todos são humorados assim e eu confesso que adoraria conhecê-los, junto com suas esposas e noivas.

O jeito com que Felipe fala de todos é lindo de se ver, é uma amizade forte, mas o jeito com que fala do irmão... é algo como admiração. Ficaria horas o ouvindo falar.

— Tenho que ir agora, a SQUAD me aguarda. — Fica de pé e estende a mão para mim. — Está de carro?

— Sim, não se preocupe. — Seguro sua mão e fico de pé também.

Quando me coloco ao seu lado, solto sua mão e seguimos juntos até o estacionamento. Paramos ao lado do meu carro e eu fico frente a frente com ele. Meu coração fica acelerado com a proximidade e eu cerro os punhos com força, nervosa. Seus olhos azuis fixos em mim varrem todo o meu rosto, me fazendo engolir em seco.

O vejo inclinar a cabeça em minha direção devagar e não impeço. Olho para os seus lábios e os meus se entreabrem devagar, eu sei o que vem depois e quero isso. Só espero que a escuridão que habita em mim não me puxe para ela

no momento errado.

Felipe toca meu rosto com cuidado e desliza a mão para minha nuca. Meu coração acelera tanto que chega a me faltar o ar, minha boca resseca e eu subo o olhar dos seus lábios para os seus olhos. Ele dá um sorriso torto e isso me desconserta, fecho os olhos e deixo que nossos lábios se toquem pela segunda vez.

Sim, estamos nos beijando outra vez. Mal posso acreditar.

Deixo minhas mãos tocarem seus ombros e sinto-o beijar meus lábios, um de cada vez, sem pressa. Subo uma mão para os seus cabelos macios e aprecio a sensação de tê-los entre os meus dedos. A mão livre de Felipe pousa em minha cintura e ele me puxa um pouco mais para perto, me fazendo ficar na ponta dos pés.

Ele passa a língua devagar nos meus lábios e eu, hesitante, os abro um pouco mais. Quando Felipe mergulha a língua em minha boca, eu me derreto em seus braços. Deixo que ele me beije e retribuo, forçando-me a afastar e guardar em um canto toda a escuridão que tenho em mim. Felipe sempre lutou para ficar perto de mim, para que eu o deixasse se aproximar... posso fazer isso por ele também.

Quando ele encerra o beijo, me olha firmemente e sorri. Fico em silêncio, ainda não acreditando que consegui beijá-lo normalmente. Sinto sua carícia em meu rosto, esperando pacientemente por mim. Inclino a cabeça, deitando-a em seu ombro e ele me abraça.

— Está tudo bem? — pergunta.

— Sim — murmuro e lembrando do que ele me disse, ergo a cabeça. — Seus seguranças...

— O que tem?

— Nos viram? — Franzo o cenho.

Felipe sorri.

— Sim, mas não se preocupe. Eles não viram nada, se eu disser que não viram.

Apenas aceno com a cabeça.

— Tem que ir agora, não é? — Comprimo os lábios um contra o outro.

— Tenho.

Desvencilho-me do seu abraço e pego a chave do carro na bolsa. Sinto uma angústia já conhecida me tomar, mas desta vez porque quero ficar um pouco mais em seu abraço, me fez sentir bem de novo. É tão estranho querer estar com alguém, com ele.

— Vai ficar bem? — pergunta, quando entro no carro.

— Vou — garanto. — Fique tranquilo.

— Me ligue se precisar de algo. — Fecha a porta para mim. — Talvez, à noite, vá ver você em seu trabalho... posso?

— Claro. Seria ótimo.

— Me concederia a dança desta vez? — O sorriso torto volta.

— É o meu trabalho, não posso.

— Falarei com seus tios sobre isso. — Pisca para mim.

Nego com a cabeça, sorrindo. Dou partida no carro e saio, deixando Felipe lá. Penso em Sheila e sigo diretamente para a sua casa, precisamos conversar sobre o que aconteceu hoje.

Sorrio comigo mesma recordando do beijo e, se fechar os olhos, ainda posso sentir seus lábios nos meus. Acho que tentar algo com Felipe vai ser bom para mim, talvez me ajude a superar a sensação de que aquele infeliz está sempre me tocando. Me fazendo sentir suja.

Quando paro em um sinal, pego o celular e ligo para Sheila. Espero um pouco até ouvir sua voz e sorrio.

— Você está em casa? Ou ainda no shopping? Preciso conversar.

— *Estou entrando em casa. Espero você?*

— Sim, já chego.

Encerro a ligação e coloco o carro em movimento quando noto que o sinal abre. Ao chegar ao edifício em que Sheila mora, me identifico e o porteiro abre para mim. O cumprimento e me apresso para chegar ao elevador.

A subida é torturante para mim, cada segundo que passa, fico mais angustiada. Assim que toco a campainha do seu apartamento, espero alguns instantes até Sheila abrir a porta. Ela sorri e me dá passagem.

— Antes que se desculpe, quero deixar claro que não vou aceitar desculpas — começa. — Você pode me chamar ou vir aqui quando quiser. Somos amigas.

— Obrigada. — Sorrio.

— Quando disse que vinha, dei meia volta e fui ao mercado da esquina comprar coisinhas para comermos mais tarde. — Pisca para mim, ainda sorrindo.

— Isso inclui nosso sorvete?

— Sim, inclui nosso sorvete.

— Ah, não sei o que faria sem você.

— Eu sei, eu sei — gaba-se. — Agora vamos, me conte.

Sentamos em seu sofá e eu conto para Sheila o que aconteceu. Omito alguns detalhes por não achá-los necessários para a conversa, apenas quero que ela me ajude a prosseguir com ele. Minha amiga mal contém o sorriso quando falo sobre o nosso segundo beijo.

— Nessa, acho que agora vocês dois não têm volta. — Segura as minhas



mãos. — E eu espero que não tenham mesmo, você merece estar com alguém que cuide e que se importe com você.

## FELIPE

Entro na casa noturna dos tios de Vanessa e estreito o olhar, procurando-a no bar. As luzes me ofuscam um pouco e decido me aproximar. Então eu a vejo. O uniforme escuro realça suas belas curvas, os cabelos presos e a leve maquiagem a deixam ainda mais bonita.

Eu a desejo tanto. Nunca me imaginei em uma situação dessas, ter que reprimir meus desejos em função de uma mulher... para protegê-la, para fazê-la se sentir bem. Segura.

Sento-me em um banco do balcão, quando ela dá as costas para preparar a bebida de uma moça. Passo as mãos nos cabelos e espero. Quando Vanessa entrega o drink e me vê, abre um sorriso tímido e se aproxima, me fazendo sorrir de volta.

— Pensei que não viesse mais.

— Disse que viria.

Quando Vanessa abre a boca para responder, um homem chega no balcão e acena para ela.

— O mesmo de sempre, meu bem. — Pisca para ela e quando Vanessa dá as costas, o homem me olha. — Gostosa essa aí.

Semicerro as pálpebras, sentindo meu sangue ferver nas veias. *Do que ele a chamou?* Cerro os punhos sobre o balcão, com raiva. Se fosse somente o "meu bem", eu até levaria tranquilamente... eles podem se conhecer, mas gostosa?

— Gostoso vai ser o soco que eu vou dar nessa sua cara se não parar de perturbá-la — rosno, a música alta faz com que ninguém ao redor perceba.

— Está me ameaçando?

— Estou.

O homem ri, como se duvidasse, e olha para Vanessa.

— Meu bem, diga para ele...

Não o deixo terminar, agarro o colarinho de sua camisa e ouço Vanessa me pedindo para parar. Vejo seu primo parar ao seu lado e nos olhar. Quando meu olhar encontra o dela, solto o homem de uma só vez e bufo. Vanessa não merece ver isso.

— Algum problema aqui, Will? — o primo dela pergunta.

— Não. — Pega a bebida e sai.

Olho para Vanessa e o primo e volto a sentar-me.

— Obrigado por defendê-la, esse aí não desiste — explica, estendendo a mão. — Sou Henrique, primo dela.

— Felipe. — Aperto sua mão e hesito. — Somos amigos.

Talvez ela não gostasse se eu dissesse que estamos meio enrolados, então somos amigos. Vejo quando ele fica frente a frente com Vanessa e diz algo para ela, a música não me permite ouvir. Por fim, ele beija sua testa e sai.

— Desculpe por isso, não aguentei ver aquele infeliz perturbando você — explico.

— Obrigada.

— Não está brava?

— Não. — Ela sorri. — É a primeira vez que alguém, além do meu primo e tios, me defende. Obrigada.

Sorrio também, um pouco aliviado. Ela desvia o olhar do meu e arruma o rabo de cavalo. Continuo olhando-a, admirando. Por fim, decido contornar o balcão e aproximar-me.

— Não acha que está faltando algo? — pergunto em seu ouvido, por causa da música alta.

Vanessa me olha e faz uma expressão de dúvida. Sorrio e abro um lado do blazer para pegar do bolso a tulipa vermelha que comprei antes de vir para cá.

— Felipe, não precisa me dar uma dessas todas as vezes que nos vemos. Não quero que gaste comigo.

— Você mesma disse que é minha marca... não quero que esqueça. — Sorrio.

Por fim, resignada, Vanessa pega a flor e eu cruzo os braços. Volto a varrer o local com um olhar e vejo Gabriel parecendo um segurança da casa. Ótimo, não quero esse putro sendo notado.

Ao voltar meu olhar para Vanessa, noto que a tulipa está no bolso da sua farda, o que fica na altura dos seios. Analiso rapidamente seu pequeno decote e sinto meu corpo traidor arder.

— Está sozinha no bar hoje? — trato de mudar o assunto e pigarreio.

— Estou, minha amiga acabou de sair com meu primo.

Quando vou responder, meu celular vibra em meu bolso e eu o pego imediatamente. Ao ver o nome de Lara na tela, franzo o cenho.

— Lara? Aconteceu alguma coisa?

— Não, fique tranquilo. — Ela ri. — É apenas Ellen querendo vê-lo, mas pela música, está ocupado.

— É, bom... não. — Olho para Vanessa trabalhando. — Irei aí.

— *Não queremos atrapalhar sua vida, Feli...* — Lara é interrompida por Ellen me chamando. — *Ellen!*

Acabo dando risada. Ellen é igualzinha aos pais, uma mistura linda e impossível dos dois.

— Passarei aí. — Encerro a ligação.

Olho para Vanessa e passo as mãos nos cabelos antes de me aproximar do seu ouvido outra vez. Aspiro o cheiro que vem dos seus cabelos e sinto-me ainda mais tentado em tê-la.

— Precisarei ir agora. Minha sobrinha quer me ver... tudo bem?

— Tudo bem. — Me olha. — Disse que passaria para me ver e o fez... estou feliz por isso.

Sorrio e antes que possa começar a me afastar, Vanessa beija meu rosto. A encaro, surpreso e feliz pelo ato, feliz por saber que ela está confiando em mim... não vou quebrar isso.

Quando alcanço Gabriel, sigo na frente e ele me acompanha. Ao chegar em meu carro, faço nosso aceno para ele e saio na frente. No caminho até a casa do meu irmão, volto a pensar em um porquê de ele estar meio estranho nos últimos dias. Lembro-me do meu pai e sei que preciso voltar para vê-lo.

\*\*\*

Toco a campainha do apartamento e aguardo alguns instantes antes de Lara abrir a porta e sorrir para mim. Retribuo o sorriso e ela me dá passagem para que eu possa ver uma pequena figura de pijama, agarrada à um ursinho.

— Tio! — Corre para me abraçar. — Estava *morreeendo* de saudades.

— Venha aqui, pequenina. — A pego nos braços e recebo milhares de beijos no rosto. — Eu também senti saudades suas.

— Minha mamãe disse que não ia ligar... mas eu queria tanto te ver, titio.

Finjo espanto e olho para Lara, que já está dando risada.

— Que maldade, dona Lara. — Pisco para ela. — Onde está meu irmão?

— Já está deitado. — Dá de ombros. — Ellen nos acordou e cismou que queria ver você.

— Entendi. — Sorrio e volto a olhar para a pequena Ellen. — Hora de ir dormir, Ell.

— Lê uma história pra mim, tio?

Aceno para Lara, dizendo que está tudo bem e ela cruza os braços.

— Está estragando essa menina. — Faz cara feia.

— Mas mamãe. — Faz bico e junta as mãozinhas em súplica, dramática como o pai. — Por favorzinho.

— Vamos, cunhada, até eu já estou convencido — brinco. — Não me faça fazer biquinho também.

Lara cai na risada e acena com a cabeça, fazendo Ellen bater palmas, animada. Sigo com minha sobrinha para seu quarto e a coloco na cama.

— Qual história você quer?

— Tem um livro ali, mamãe sempre lê pra mim. — Abraça o ursinho.

Pego o livro e sento-me ao seu lado na cama. Seus olhinhos brilham e, de relance, na penumbra, vejo Lara na porta do quarto. Conto a história para Ellen, que adormece antes mesmo do final feliz da princesa.

Assim que fecho o livro, puxo o cobertor para cima dela e beijo seus cabelos macios. Fico de pé, deixo o livro sobre a mesa de cabeceira e sigo até Lara.

— Obrigada por ter vindo aqui somente para vê-la.

— Você sabe que faço tudo por vocês. — Envolvero seus ombros com meu braço e nós seguimos juntos pelo corredor. — Lara, se eu já percebi, você deve ter percebido há mais tempo... Benjamim anda meio estranho ultimamente.

Minha cunhada nos faz parar de andar e me olha, meio desconsertada.

— Sim.

— Poderia tentar descobrir para mim? Eu já perguntei milhares de vezes.

— Felipe, não me coloque em uma situação dessas — pede, entrelaçando os próprios dedos. — Eu amo demais vocês para escolher um lado e apoiar. Se eu souber de algo fora do comum, falarei com você, mas se Benjamim não quiser ajuda, não poderei fazer nada.

— Tudo bem, não se preocupe. Até amanhã.

— Até amanhã, Felipe.

Assim que saio do apartamento, decido que preciso ir ver meu pai amanhã e preciso falar com Benjamim sobre isso. Estou decidido a descobrir o que há.

# Capítulo 15



"O que tem por trás desse sorriso?  
Que me deixa fissurado em você  
É um misto de desejo e vício  
Já tentei, mas não consigo entender"  
**Pra que entender? - Jorge & Mateus**

## VANESSA

Quando Felipe apareceu no balcão, eu quase caí. Não esperava que ele realmente viesse me ver aqui. Quando ele diz que precisa ir, sinto vontade de fazer algo, de mostrar que, mesmo acuada ainda, gosto da sua presença. O beijo em seu rosto o deixou um pouco surpreso, mas eu senti que precisava.

O observo até que suma por entre as pessoas e já vejo minha tia ao meu lado. Escondo o riso e finjo estar concentrada, sei que ela vai perguntar.

— Nessa? Aquele rapaz é quem eu estou pensando? Aquele mesmo?

— Sim. — Comprimos os lábios, mas depois sorrio, ao ver a expressão dela. — Felipe.

— E vocês estão juntos?

— Tia? — me espanto. — Não.

— Tem certeza?

Bufo, mas acabo sorrindo. Ela me conhece tão bem, que não sou capaz de esconder nada.

— Estamos nos entendendo.

— Isso é maravilhoso! — exulta. — Eu preciso conhecer este rapaz.

— Ainda não... estamos em algo complicado e é tudo por minha causa, prefiro ir devagar.

— E ele está compreendendo você?

— Sim... muito mais do que eu mesma compreendo.

— Isso é ótimo.

Apenas sorrio e deixo o assunto morrer, não quero falar sobre isso. Estar com Felipe é bom, é mágico, mas penso na hora em que tivermos que dar um passo mais firme na relação. O sexo. Eu sinto tanto medo.

Minha esperança é que ele seja tão paciente comigo quanto está sendo agora. Não sei se vou conseguir e isso me aterroriza, porque eu quero estar com ele.

O resto da noite de trabalho foi bem puxado, a casa estava cheia e eu estava sozinha no bar. Penso em Henrique e em Sheila e sorrio comigo mesma, aqueles dois nunca me enganaram.

Assim que chego em casa, não penso em mais nada, sigo para um banho e visto uma camisola confortável. Completamente sem sono, sigo para a minha varanda e sento-me em uma espreguiçadeira, com a pequena flor que Felipe me deu, em mãos. Abraço minhas pernas e fico quieta, olhando o céu.

Penso em Felipe e no quanto é dedicado em me fazer sentir bem. Sorrio, relembrando das tulipas que me foram dadas por ele, é algo tão simples e tão significativo. Encaro fixamente a delicadeza da flor em minha mão e sou remetida ao sorriso mais bonito que já vi na vida, o olhar preocupado, o beijo cuidadoso... cada detalhe faz com que eu não consiga mais mantê-lo longe.

Volto a olhar para o céu e fico assim até que os primeiros raios de sol apareçam, mesclando a noite e o dia. A visão é de tirar o fôlego.

Por fim, sentindo o sono finalmente me alcançar, sigo para o quarto.

\*\*\*

Sou despertada pelo som do meu celular vibrando sobre a mesa de cabeceira. Resmungo antes de trazê-lo ao ouvido sem sequer ver de quem se trata.

— Sei que estava dormindo, não me mate — Sheila pede. — Podemos conversar?

Sento-me na cama imediatamente, desperta.

— Claro — pigarreio. — Esperarei você.

Assim que encerro a ligação, passo as mãos no rosto e respiro fundo. Abro o aplicativo de mensagens e respondo algumas delas. Procuro o nome de Felipe e me detenho em sua bela foto antes de digitar uma mensagem.

Penso por vários instantes, mas minha coragem se vai. Acabo bloqueando o celular outra vez e saio da cama para arrumar tudo, Sheila vem aqui.

## FELIPE

O dia hoje está daquele jeito, parece que todas as empresas resolveram empacar de uma só vez. Benjamim está puto e eu não estou tão longe disso. Não tive tempo de sequer mandar uma mensagem para Vanessa e sei que não terei como ir ver meu pai hoje.

Passo as mãos nos cabelos antes de abotoar o paletó e pego a pasta que Benjamim me pediu. Sigo para a sua sala e vejo Lara saindo dela.

— Ele está esperando.

— Obrigado, cunhadinha linda. — Pisco para ela e sorrio.

Lara nega com a cabeça, também sorrindo e eu abro a porta, me deparando com Celso, Anderson e o meu irmão.

— Trouxe o que pediram, putas nervosas.

— Puta merda — Anderson xinga. — Hoje vai ser o dia.

Coloco os papéis na mesa de Benjamim e ele pega todos, folheando rapidamente.

— Disse que eles não encontraram a pasta? — Ben ergue as sobrancelhas para mim.

— Exatamente. Não sei o que fizeram com a deles.

— Minha paciência foi para a casa do caralho e ainda somem com uma pasta para terminar de foder tudo — Benjamim resmunga, pegando o telefone e digitando o ramal de Lara. — Atrevida, pode vir aqui?

Quando ele devolve o telefone ao gancho, passa a mão nos cabelos e olha para a porta. Lara entra e sorri para nós.

— Sim?

— Pode tirar uma cópia dos papéis dessa pasta para mim? Eles não acham as cópias que forneci da última vez. Fodidos.

— Tudo bem.

Estendo a pasta para ela e sorrio, Lara segura a pasta e nos deixa em seguida. Volto a sentar perto de Anderson e focamos nossa discussão em outra empresa.

\*\*\*

Cumprimento João e faço o aceno para Gabriel, avisando que irei sair para almoçar. Benjamim e Lara vão ficar no restaurante da SQUAD, preferiram assim. Celso e Anderson foram almoçar com suas loirinhas e eu vou almoçar no shopping aqui perto, ou irei enlouquecer nesta empresa.

Ao entrar no shopping, acompanhado do meu segurança, me detenho em uma joalheria. O colar delicado que vejo na vitrine me remete imediatamente a Vanessa. Ficaré lindo nela.

— Ei, Lipitcho — Gabe chama. — Você vai entrar?

— Sim. Preciso presentear alguém.

— Ih, efeito vizinha na sua cabeça. — Ele ri. — Vou estar aqui fora.

Entro na loja de uma vez e pergunto sobre o colar. A atendente pega a joia para que eu possa ver mais de perto e eu constato que ficará perfeito. O colar é inteiramente desenhado, não é um cordão com um simples pingente, mas muito delicado. Pequenas folhas cravejadas com brilhantes dão à peça uma elegância perfeita.

— Será este. — Sorrio. — Embale para presente, por favor.

Espero a mulher colocar o colar em uma caixa revestida em veludo vermelho e a coloca em uma sacola de papel com o emblema da loja. Faço o pagamento e deixo a joalheria pensando se Vanessa vai gostar do presente.

Sigo para um restaurante mais afastado da praça de alimentação agitada e me acomodo em uma mesa. Finalmente, pego o celular e procuro o número de Vanessa.

— Alô?

— Boa tarde, *pretty face*. — Sorrio.

— Felipe. — Seu tom torna-se doce.

— Preciso vê-la hoje, antes que vá ao trabalho. É possível?

— Ahn... sim. — Hesita. — Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Olho para o presente na mesa. — Apenas quero vê-la.

— Tudo bem, espero por você.

— Até a noite, *pretty face*.

Encerro a ligação e faço meu pedido. Almoço rapidamente e volto para a SQUAD para me afundar no trabalho. Durante toda a tarde, estive na sala de Benjamim com Celso e Anderson, a bronca foi maior do que o esperado, mas como somos o quarteto fodástico, resolvemos tudo.

— Mereço tomar um bom whisky depois de hoje. — Benjamim recosta-se em sua cadeira e sorri.

— Todos nós — Anderson afirma.

— Mas. — Celso fica de pé. — Minha tigresa me espera, viajamos



amanhã para o nosso fim de semana.

— Hum... — Ergo as sobranças. — Havia esquecido disso... agora a coisa anda.

— Precisa da azulzinha para levar? — Anderson brinca, caindo na risada.

— Vai se foder. — Celso soca seu ombro e também dá risada. — Do jeito que estou, não vai precisar nem de preliminar.

— É a falta. — Benjamim sorri.

— Exatamente, amor.

— Amor, meu pau!

— Benjamim! — Larinha surge do nada na sala.

— Está fodido, Ben — comento.

— Você quem sempre entra na hora errada, atrevida.

— Você quem está sempre xingando — rebate.

— É, Ben... ninguém ganha para Lara. — Celso cai na risada. — Sei bem disso, ela e Suzy são amigas há anos.

— Resta saber quem ensinou a quem... minha diaba loira é do mesmo jeito. — Anderson nega com a cabeça. — Estão fazendo um plano maligno contra nós.

— Vamos fazer uma greve conjunta de sexo, seus safados. — Deixa a pasta na mesa.

— Ei, isso não se faz — Celso reclama.

Lara apenas abre seu sorriso sacana, me fazendo dar risada e sai. Ela adora tocar o terror entre a gente.

— Estou dizendo, Ben... você vai ficar com os cabelos brancos antes da hora. — Dou risada. — Deixa só a minha sobrinha crescer.

— Ellenzinha vai brincar muito com meu Heitor.

— Canalha — Celso xinga Anderson, dando risada.

— Já falei que aquela menina não vai namorar, porra. Ela vai ser freira.

Nego com a cabeça, também rindo e fico de pé. Preciso ver Vanessa antes que saia para o trabalho.

— Agora eu preciso ir, minhas putas, vou ver uma pessoa.

— A vizinha, claro — Celso brinca. — Tem que trazer a moça para a gente conhecer.

— Quando ela estiver pronta. — Sigo para a porta, fugindo do assunto.

Faço nosso aceno e saio, deixando meu quarteto lá. Despeço-me de Lara e volto em minha sala para buscar o presente, antes de seguir para o elevador.

No caminho para casa, olho rapidamente para o presente no banco do carona. Sei que ela vai querer recusar, Vanessa não parece gostar de ser mimada, mas eu quero dar algo a ela, algo mais do que as flores.

Ao chegar em frente ao seu apartamento, toco a campainha e arrumo a gravata. Escondo o presente atrás das costas e respiro fundo, quando a escuto abrindo a porta. Ela sorri para mim e eu retribuo.

— Oi, *pretty face*.

— Oi! Entra. — Dá passagem.

Analiso suas curvas bem desenhadas no uniforme da casa noturna e quase fecho os olhos quando sinto seu perfume adocicado. Dou um passo à frente e estendo o pacote, sorrindo.

— Vi isso e lembrei de você. — Dou de ombros. — Espero que goste.

Vanessa pega o presente e ao olhar o nome da loja no pacote, ela franze o cenho e ergue o olhar para mim.

— Não posso aceitar isso. — Estende o pacote de volta. — Somente pela loja, já imagino o valor disso aqui. Não posso, Felipe, não quero isso.

— Por quê?

— Eu não quero o seu dinheiro.

— Eu sei. — Faço uma pausa. — Eu sei.

— Não quis ofendê-lo. — Hesita. — Mas eu não quero que fique desperdiçando dinheiro comigo.

— Não é desperdício, Vanessa, não diga isso. — Cruzo os braços. — Eu quero dar esse presente a você.

— Precisa parar de me dar algo todas as vezes que me vê.

— Você não gosta?

— Não é sobre gostar ou não.

— Aceite o presente... você nem o abriu.

Resignada, ela desfaz o pequeno laço que une os dois lados da bolsa de papel. Quando tira a caixa de dentro da bolsa, me olha rapidamente e volta a se concentrar no presente. Ao abrir a caixa revestida de veludo vermelho, sua boca se entreabre lentamente.

— É bonito, não?

— Sim, ele é lindo. — Respira fundo. — Mas eu não posso.

— Vai mesmo fazer essa desfeita comigo? Estou profundamente magoado.

Vejo um sorriso leve surgir nos seus lábios bonitos e aproximo-me para tocar seu rosto. Vanessa estremece ao meu toque, mas não se afasta.

— Apenas aceitarei se parar de me presentear todas as vezes que me vê.

— É uma simples flor.

— Felipe... eu quero essência, procuro sentimentos, minhas feridas não podem ser preenchidas com mimos. Eu amo o que você faz por mim, mas eu sinto como se isso estivesse errado. Consegue entender?

— Tudo bem. — Bufo. — Eu paro, se é o que quer, *pretty face*.

— Obrigada por entender.

— Posso colocar em você?

— Sim. — Ela sorri, dando as costas para mim e puxando seus cabelos para o lado. — Por favor.

Pego o colar na caixinha e concentro-me nela. Respiro fundo ao ver seu pescoço à mostra, estou profundamente tentado em beijar o local, abrir este zíper lentamente e foder Vanessa até nossa completa exaustão. Eu estou ficando louco, pensando como um maníaco viciado em sexo.

Assim que encaixo a atadura do colar, deslizo as pontas dos dedos por sua pele macia. Vejo quando ela prende a respiração, mas não me impede. Vanessa vira-se para mim e sorri, interrompendo meu toque. Sinto tesão.

— Acha que é apropriado usar esse colar assim? — Arruma os cabelos.

— Totalmente. — Pigarreio, tentando disfarçar a voz rouca.

Vanessa fica me olhando e, porra, como eu a quero. Desço meus lábios sobre os seus outra vez, levando a mão ao seu rosto. Desta vez, ela não demora tanto para me dar passagem e eu mergulho minha língua em sua boca, controlando meus instintos que gritam para possuí-la.

— Não vai ver como ficou? — pergunto, quando ela para o beijo.

Ela pega o celular e parece se espantar ao ver o resultado.

— Está lindo em você.

— Obrigada. — Sorri, embaraçada. — Eu... preciso ir agora.

— Tudo bem. Nos vemos depois.

Recebo um beijo no rosto e um carinho nos cabelos que me faz sorrir, lembrando-me do que ela me disse sobre gostar deles. Sigo com ela para a saída e a observo até que entre no elevador. Por fim, entro em meu apartamento e respiro fundo, sentindo meu corpo inteiro pulsando na direção do meu pau.

Preciso de mais dicas da Lara, não sei como lidar com as feridas dela. Eu tento fazer o meu melhor, mas sempre parece ser pouco e eu quero que ela se abra comigo. Estou me apaixonando por Vanessa e não sei se há volta nisso.

# Capítulo 16



## VANESSA

Aceitar o colar de Felipe não estava nos meus planos, mas ele insistiu tanto e, mesmo escondendo, eu sei que minha recusa o feriu. Eu não quero parecer interesseira. Quero que ele me mostre um caminho para a luz, preciso desesperadamente que tenha a paciência de me tirar da escuridão em que me meti.

No caminho até o trabalho, não paro de tocar o colar delicado que ele me deu. Pelo menos, eu o fiz prometer parar de gastar seu dinheiro comigo. Eu amo as tulipas vermelhas que ele me dá, tanto que estão todas secando para serem guardadas, mas ele não pode me dar uma todas as vezes em que me vê.

Quero que ele entenda que sua presença é muito mais importante do que isso. Ele está me fazendo um bem sem tamanho somente por ficar perto. Não posso caracterizar o que sinto ainda, mas é algo bom, quero que isso cresça.

Esse colar representa muita coisa para mim, principalmente o nosso avanço, a minha pequena superação. Penso no último ano e no quanto ele tentou a reaproximação, sinto-me mal pelo que o fiz passar, mas eu não podia confiar ainda, não podia me entregar assim.

Ao chegar no meu trabalho, estaciono o carro na garagem privativa, ao lado do carro de Henry. Entro pelos fundos e dou de cara com Sheila arrumando os cabelos em frente ao espelho. Ela olha para mim e foca seu olhar analítico em meu pescoço.

— Colar novo, Nessa? — Aproxima-se e toca a joia delicada. — Uau! É muito lindo.

— Eu ganhei. — Comprimo os lábios um contra o outro, contendo o

sorriso que insiste em aparecer. — Do Felipe.

Sheila faz um espanto enorme, me fazendo desviar o olhar do dela.

— Não acredito que o bonitão já está presenteando você! Quando isso aconteceu? Depois que eu saí de lá?

— Sim... ele me ligou na hora do almoço, avisando que queria me ver quando saísse do trabalho. — Dou de ombros. — Quase não aceitei o presente.

— E por quê?

— Porque eu não quero parecer uma usurpadora, Sheila... esse colar deve ter sido caro.

— Sim, claro. — Ela sorri. — Mas vocês não estão juntos?

— Sim. — Hesito. — Não.

— Ainda não está firmado?

— Por minha causa... eu não sei o que fazer depois dos beijos e ele não avança porque me respeita. — Suspiro. — Felipe é um anjo.

— O que você sente por ele, Vanessa? Você o ama?

Sua pergunta me faz ficar quieta por alguns instantes, tentando decifrar a confusão de sentimentos que se aloca em meu peito.

— Eu gosto de Felipe, mas a escuridão que tenho dentro de mim não me deixa saber ao certo o que é.

— Vanessa, não permita que a escuridão use você. — Segura as minhas mãos e os seus olhos enchem-se de lágrimas. — Você está no controle do seu corpo e da sua mente, aprendeu isso com a psicóloga. Você usa a escuridão, você a controla. Não deixe que essa coisa te domine outra vez... não vou suportar ver você morrendo de novo.

Abaixo a cabeça, assentindo lentamente, lembrando-me do dia em que ela me salvou na banheira do meu apartamento. Eu estava mergulhada em meu passado, estava morrendo aos poucos todos os dias, precisava de um alívio e a minha banheira era a maneira perfeita para morrer sozinha. Tentei me afogar.

Quando os meus pulmões ardiam e se enchiam de água, Sheila chegou. Eu não sei como, mas ela sentiu que eu não estava bem, me salvou. Foi depois disso que me convenceram a procurar ajuda médica... eu quase não sobrevivi.

Passei por uma psicóloga e uma psiquiatra, a quem contei toda a minha vida e os meus sentimentos e a última me receitou diversos remédios. Eu passava o dia praticamente todo dopada, me tratavam como uma louca. Não quero mais isso, eu não sou louca.

— Eu não quero ter que voltar a tomar aqueles remédios. — A abraço com força. — Não quero.

— Não vai voltar — sussurra.

Respiro fundo e ela me faz voltar a olhá-la. Recebo um sorriso e um

beijo no rosto, o que me faz derramar algumas lágrimas, que são prontamente enxugadas.

— Vai borrar sua maquiagem, boba. Não chore, ou eu vou ligar para o bonitão vir aqui.

— Você não faria. — Fungo.

— Parece que não conhece a amiga que tem. — Volta a arrumar os cabelos em frente ao espelho.

Finalmente sorrio e enxugo o rosto, me colocando ao seu lado para arrumar a bagunça que meu rosto está. Por fim, nos dirigimos ao bar, é hora de abrir a casa.

## FELIPE

Nem o banho gelado fez meu pau me dar uma trégua. Puta merda, eu quero fazer isso direito com Vanessa, não vou trepar com ninguém para satisfazer a vontade de tê-la. Demorei demais para conquistar sua confiança, não vou quebrar isso.

Porra, o que ela está fazendo comigo? Me transformou em um mocinho. Logo eu, a delícia daquele quarteto, o fodedor dos fodehores... este mundo está perdido mesmo.

— Somente Vanessa para me fazer bater uma, porra. — Bufo. — Está me deixando louco.

Fecho os olhos e tomo uma respiração profunda antes que os seus pequenos detalhes tomem minha mente, me enchendo de tesão. É como se ela estivesse aqui em minha frente, posso sentir até seu cheiro delicioso.

Gemo quando acaricio a cabeça do meu pau, sentindo meu tesão crescer em grandes proporções. Dizem que para tudo tem uma primeira vez, mas nunca dizem que tem uma segunda. A única vez que acumulei tesão assim, foi quando tinha uma paixão platônica pela filha de Graça.

Ela era mais velha, eu vivia sonhando em fodê-la, era um adolescente aprendendo o que era desejo. Esta mulher foi a minha primeira, saciou minhas primeiras vontades urgentes e me ensinou muito sobre o sexo. Graça não sabe disso e até hoje trabalha na casa de Benjamim. Prefiro que fique assim.

Começo a deslizar minha mão em meu pau, apertando-o, imaginando-me dentro de Vanessa, fodendo-a, ouvindo seus gemidos. Eu a desejo com todo o meu ser. Imagino seu corpo nu e lembro dos seus seios apertadinhos no uniforme do seu trabalho.

Mordo o lábio e apoio as costas na parede molhada do banheiro. Olho para a minha mão deslizando em meu pau e gemo outra vez, ansiando pelo gozo. Continuo movendo minha mão em meu pau, sentindo o suor brotar em minha pele.

— Caralho — xingo, movendo ainda mais rápido e forte. — Oh!

Não demora muito e eu gozo, urrando como um louco, curvando um pouco o corpo para a frente devido à intensidade do orgasmo. Por fim, termino meu banho e decido ir logo dormir, amanhã será um dia cheio para mim.

\*\*\*

Concentrado em meu computador, escrevo as respostas dos e-mails que Benjamim me pediu para responder. De repente, o telefone toca na mesa e eu trago ao ouvido, sabendo que é Lucas.

— Uma mulher chamada Sheila está aqui e deseja falar com você. — Faz uma pausa e eu posso ouvir a mulher falando. — Diz que é amiga de Vanessa.

Engulo em seco e lambo os lábios. Será que algo aconteceu com ela?

— Mande-a entrar.

Coloco o telefone de volta ao gancho e fecho o botão do paletó, antes de olhar para a porta. Sheila dá dois toques antes de entrar e sorri para mim. Fico de pé e estendo a mão para ela.

— Oi, Felipe. — Aperta minha mão e senta-se quando aponto para que o faça.

— Como vai, senhorita? — Volto a sentar-me. — Em que posso ajudá-la?

— Sheila, apenas Sheila. — Ela sorri novamente. — Vanessa não sabe que estou aqui, ela reprovava.

— E por quê?

— Porque eu vim falar sobre ela. — Hesita. — Vim saber o que realmente sente pela minha amiga, você a quer? Mesmo?

— Não entendi você ter vindo aqui para me fazer essa pergunta. — Ergo as sobrancelhas, sério. — Algo aconteceu?

A mulher toma uma respiração profunda e abaixa a cabeça.

— Você deve saber que Vanessa passou por coisas irreparáveis em sua infância e parte da adolescência. — Volta a me olhar. — Oh, Deus, isso é tão difícil...

— Estou ouvindo. — Tensiono o maxilar.

— A minha amiga passou por uma fase difícil... Vanessa já chegou a tentar suicídio, Felipe, ela não via bondade em nada, absolutamente nada. Nós a

fizemos procurar psicólogos e psiquiatras, ela precisava de ajuda... passou um tempo vivendo apenas de remédios fortíssimos, que a deixavam meio dopada. — Funga, segurando as lágrimas, me deixando perplexo. — Eu vi esses dias de Vanessa e não quero que ela volte para eles. Consegue entender isso? Eu quero ver a minha amiga bem e eu vejo nos olhos dela quando fala de você... ela o quer, só não sabe como lidar com o sentimento. Você é o único que conseguiu se aproximar dessa maneira.

— Suicídio? — pergunto, perplexo. — Deus do céu.

— Sim, estou preocupada. Você é a única saída.

— Eu estou apaixonado por Vanessa — confesso. — Quero ajudá-la com o que passou, quero estar presente sempre, mas não posso avançar se não me sentir seguro... não quero afastá-la outra vez.

— Vi que a presenteou. — Ela sorri de leve e suspira. — Sei o que aquela cabeça dura deve ter dito, mas eu vi o sorriso no rosto dela. Vanessa sente o mesmo por você, só tem medo de expressar, medo de sentir.

— Ela não sabe que você veio?

— Não, mas conversei com ela. — Faz uma breve pausa. — Para que conte tudo a você, já que estão cada dia mais sérios juntos. Não me leve a mal, eu quis preparar o terreno para você... para que pense em algo para dizer a ela.

Apenas aceno com a cabeça.

— Se depender de mim, Vanessa não vai voltar para a escuridão de novo.

— Obrigada. — Fica de pé. — Muito obrigada.

Quando a mulher deixa a minha sala, jogo-me em minha cadeira, ainda perplexo. Suicídio? Porra, eu não posso deixar Vanessa se afundar dessa forma de novo. Ela precisa ver que a felicidade pode estar muito mais perto do que ela imagina. Eu preciso vê-la.

Meu celular vibra em cima da minha mesa e o nome dela me faz pegar o aparelho imediatamente. Respiro fundo e atendo.

— Bom dia, *pretty face*. — Deixo o tom alegre. — A que devo a honra da sua ligação para iluminar o meu dia?

— Sempre galanteador. — Ela ri e faz uma pequena pausa. — Felipe, você aceitaria almoçar comigo hoje?

Meu coração acelera de maneira intensa.

— Claro, *pretty face*. Onde iremos almoçar?

Passo a mão nos cabelos e busco dentro de mim o meu lado divertido de sempre. As forças para manter esse lado sempre foram outras, eram direcionadas a Benjamim, agora é um pouco mais difícil, envolve sentimentos mais profundos e conflituosos.

— Em minha casa. Esperarei por você, tudo bem?



— Tudo bem. — Sorrio, deixando o tom ainda mais leve. — Até mais.

Encerro a ligação e bloqueio o celular. Penso no que Sheila me disse sobre ter conversado com ela. Será que Vanessa vai me contar algo tão íntimo e profundo? Confia em mim o suficiente para isso?

# Capítulo 17



VANESSA

Durante a noite de trabalho de ontem, Sheila me falou sobre confiança e relacionamentos. Ela disse que preciso contar a Felipe a outra parte obscura do meu passado, que eu preciso confiar mais nele, se realmente quiser dar mais um passo.

Eu confio.

*"Vocês precisam resolver se vão engatar em algo sério ou se vão viver para sempre entre pequenos beijos, Nessa. Eu, mais do que ninguém, sei do que se passa na sua cabeça, mas eu quero que você se livre das memórias ruins que tem aí."*

Suas palavras não saem da minha mente. Então, eu decido ligar para Felipe e marcar um almoço aqui em minha casa, ele precisa saber tudo sobre a mulher com quem está se envolvendo.

Preparo algo simples, minha cabeça insiste em se concentrar em Felipe e em como vai reagir. Toco o colar que ele me deu e em um ato involuntário, beijo a pequena pedra pendurada na joia. Hoje será um dia decisivo para nós dois.

\*\*\*

Quando a campainha toca, fico paralisada por alguns instantes, hesitando e com medo. Por fim, respiro fundo e abro a porta para ele, que tem um belo sorriso no rosto.

— Oi, *pretty face*. — Ele sorri e aproxima-se para selar nossos lábios.

O ato me deixa um pouco surpresa, mas retribuo o carinho. Sorrio também e dou passagem para que entre.

— Confesso que fiquei surpreso com seu convite. — Coloca uma bolsa de papel comprida na mesa. — Trouxe um vinho.

— Felipe...

— Me disse para não presentear você, estou presenteando a nós dois.

— Muito esperto de sua parte. — Sorrio.

Ele pisca para mim e eu aponto para o sofá. Felipe senta-se e me acomodo perto dele, pensando em como abordar o assunto.

— Que carinha é essa? — Toca meu rosto. — Algo está errado?

— Eu... eu preciso contar algo a você. Algo pessoal. — Abaixo a cabeça e fito minhas mãos sobre o meu colo. — Algo que nunca contei a ninguém exceto Sheila, os meus tios e Henry, que viram e passaram por tudo.

— Por que quer me contar?

— Porque confio em você — confesso. — E porque você tem o dom de mostrar que sente muito sem sentir pena de mim... eu odeio que sintam pena de mim.

— Estou ouvindo.

Conto tudo.

Falo sobre como mergulhei na tristeza quando cheguei na casa dos meus tios, a sensação de estar sempre suja, contaminada, perseguida. Um dia essa angústia estava insuportável e eu vi naquela banheira quase esborrando a saída para mim. Felipe apenas ouve tudo.

Sheila me salvou do afogamento e Henry me levou às pressas para o hospital. Eu realmente quase morri, se Sheila não fosse rápida, eu nem estaria mais aqui. Quando acordei, chorei de vergonha. Sabia que havia causado algum tipo de dano a eles, então me forcei a procurar ajuda médica. Eles me trataram como uma louca, eu não sou louca.

Hoje, carrego apenas um dos remédios, para quando tenho alguma crise de pânico ou não quando não consigo controlar o nojo de mim mesma. Me ajuda a acalmar, mas evito tomá-lo.

Quando encerro minha versão da história, Felipe está em silêncio. Seu olhar demonstra bondade e ânsia para me ajudar. Ele não sente pena de mim e isso me faz querer ainda mais estar com ele. São poucas as pessoas que não sentem pena de mim.

Sou abraçada e fecho os olhos por alguns instantes antes de retribuir o gesto. Sinto seu cheiro amadeirado e tenho vontade de ficar acomodada em seu abraço o dia todo. Recebo um beijo no ombro e minha pele arrepia. Afasto-me sutilmente, temendo o que poderia vir a seguir se eu continuasse abraçada.

— Sinto muito pelo que passou, *pretty face*... mas peço com tudo o que tenho, que não faça mais isso. — Fica sério. — Não deixe que isso tome conta de você outra vez, você tem a mim agora e a sua família.

— Sentiria minha falta?

— Vanessa, que pergunta é essa? — Franze o cenho. — Mas é claro que sim. Eu estou apaixonado por você e, porra, não sei lidar com isso... não quero assustar você, se for o que acabei de fazer.

Fico sem palavras. Felipe Monteiro está mesmo apaixonado por mim?

Vagarosamente, ele aproxima o rosto do meu e me beija. Levo as mãos aos seus cabelos macios e os acaricio, enquanto trocamos um beijo suave.

— Eu não sei o que dizer. — Sinto a escuridão me preenchendo com força, quando o beijo é encerrado. — Eu sinto algo quando estou com você, mas ela é maior, não me deixa enxergar claramente o que meu coração sente por você.

— Ela...?

— A escuridão. — Passo as mãos nos meus braços, sentindo-me suja. — Ela faz isso comigo. Me desculpe.

— Não precisa se forçar a nada, você sabe. Eu só achei que estava na hora de revelar meus sentimentos para você, já que você revelou os seus para mim.

Felipe segura as minhas mãos, fazendo-me parar de passá-las nos braços. Ele as acaricia com a ponta do polegar e em seguida beija o dorso de cada uma delas.

— Obrigada — murmuro. — Sua paciência comigo é algo que nunca ninguém teve...

Não recebo uma resposta, apenas aprecio seu toque nas minhas mãos e isso me acalma um pouco. Depois que consigo afastar novamente esse peso do meu coração, começo a rir.

— Qual é a graça? — Ele abre um sorriso lindo ao me ver rindo.

— Eu devo ser uma chata, Felipe. Você vai para o céu.

— Você não é uma chata — afirma, sorrindo, divertido. — Vou para o céu? Então eu sou um anjo? Vanessa, não diga coisas assim, meu ego vai aumentar de tamanho.

— Engraçadinho.

FELIPE

Ouvir da amiga dela me causou muita preocupação, mas ouvir dela o que sentiu, o que passou, isso mexeu comigo. Eu não quero que ela volte a se sentir dessa maneira de novo, vi sua angústia ao falar sobre o que ocorreu.

— Vou servir o almoço. — Fica de pé. — Vai abrir o vinho?

— Sim, claro.

Ficamos de pé juntos e eu sigo com ela para a cozinha. Vanessa me entrega o saca-rolhas e eu volto para a sala. Fecho os olhos com força, tentando não pensar muito sobre o que Vanessa me contou. Estou extremamente preocupado com ela.

Quando ela coloca os pratos à mesa, para e me observa abrir a garrafa, ergo o olhar para ela e seu olhar me provoca, mesmo não sendo sua intenção. Pigarreio e tento voltar a me concentrar na rolha do vinho.

— Felipe.

Vanessa chega mais perto, fazendo-me olhar para ela outra vez. A vejo ficar na ponta dos pés e me surpreendo quando ela traz as mãos ao meu rosto. Inclino um pouco a cabeça, dando-lhe o que ela quer. Largo o saca-rolhas na mesa e subo as mãos para a sua cintura, puxando-a um pouco mais para mim, com cuidado.

Sinto meu tesão voltar a ascender com força. Aprofundo o beijo e ela não recua, suas mãos descem lentamente pelos meus ombros e param nos meus braços. Esqueço a fome, esqueço o vinho, esqueço tudo... somos somente eu e ela. Vanessa teve a atitude de querer o beijo e isso pode ser um sinal, um passo que ela pode dar comigo.

A aperto um pouco mais contra mim, sentindo meu pau latejar forte dentro da calça. Ouço um leve gemido seu, quando chupo seu lábio inferior e volto a beijá-la. Subo uma das minhas mãos para a sua nuca e ela traz as suas ao meu peito, me dando espaço. Acaricio sua cintura com a mão que mantenho nela.

Porra, eu a desejo tanto. Preciso fazê-la minha, quero mostrar o quanto posso satisfazê-la, mostrar que posso fazê-la amar o sexo, amar estar comigo. Deixo seus lábios e beijo delicadamente seu rosto, descendo por seu pescoço. Sinto suas mãos fecharem-se em meu peito e continuo beijando levemente a pele cheirosa.

— Felipe. — Afasta-me um pouco, me fazendo erguer a cabeça para olhá-la. — Não consigo, ainda não.

— Desculpe. — Afasto-me. — Me excedi, eu sei.

— Está tudo bem...

— Só quero que saiba que não vou desistir de você, *pretty face*. — Acaricio seu rosto. — Quero ser o seu homem, quero ensinar a você como pode

ser bom... quando estiver pronta.

— Está mesmo disposto a esperar?

— Sim, estou. E vou. — Beijo sua testa levemente. — Vamos almoçar.

Sento-me à mesa e sirvo as duas taças de vinho, ela coloca o prato em minha frente e senta-se ao meu lado. Vanessa espera que eu prove o prato e eu o faço.

— Hum... — Fecho os olhos. — Está divino.

— Obrigada. — Ela sorri.

Iniciamos a refeição e ela parece lembrar de algo.

— Henrique perguntou por você ontem. — Solta uma risadinha sacana. — Quer que apareça mais vezes.

— Viu? Já conquistei sua família. — Pisco para ela. — Vou conquistar você também, *pretty face*, vai ver.

— Você teve sorte, Henrique não costuma gostar dos homens que se aproximam de mim.

— Por isso nos demos bem, temos isso em comum.

Ela sorri, parecendo surpresa e toma um gole do vinho. Meu celular toca no bolso interno do paletó e eu peço licença quando vejo o nome de Benjamim na tela.

— Ben, amor.

— *Meu pau!* — xinga e eu dou risada do estresse contínuo dele. — *Precisa voltar à SQUAD, Celso vai viajar com Suzana hoje para o fim de semana e as coisas vão ficar um pouco pesadas aqui.*

— Sim, claro. Assim que terminar meu almoço, volto para a empresa, minha puta estressadinha.

— *Te quebro os dentes, Felipe.* — Encerra a ligação, me fazendo rir.

Volto para a mesa e ela fica olhando para mim, parecendo admirada.

— Algo errado, *pretty face*?

— Não, pelo contrário. — Ela sorri. — A maneira como você e seu irmão se tratam, é engraçado.

— Ah, você ouviu.

— Não quis ser indiscreta.

— Não tem problema. — Tomo um gole do vinho. — Admiro o meu irmão, muito mais do que ele imagina... me espelhei nele toda a minha vida. Meu pai foi muito ausente e eu o tinha como um herói, ainda tenho. Nunca parei de tentar fazer aquele ranzinza sorrir.

— Você o ama muito e eu admiro isso. Gostaria de conhecê-lo um dia.

— E irá, junto com meu quarteto fodástico, é só dizer quando quer ir... Eles também querem conhecer você.

Ela abre um leve sorriso, surpresa.

— Mesmo?

— Mesmo.

— E eles sabem sobre nós?

— Sim. — Seguro sua mão por sobre a mesa. — Não é segredo que estou apaixonado.

— Não faça isso. — Desvia o olhar. — Me faz sentir incrivelmente cruel por não conseguir decifrar meus sentimentos ainda.

— Você está sendo um pouco — brinco, fazendo-a sorrir. — Está maltratando meu coraçãozinho faz um tempo, mas eu não ligo.

Trago sua mão ao meu peito e continuo olhando para ela, sentindo meu corpo ardendo por ter sua mãozinha em mim. Deus, como eu a desejo. Estou ficando louco, ansiando pelo seu toque, imaginando seus beijos pelo meu corpo. Porra.

Por fim, solto sua mão e voltamos a comer. Quando terminamos a refeição, despeço-me dela com um beijo e a deixo com uma expressão apreensiva no rosto. Penso em perguntar sobre, mas evito.

A tarde na SQUAD foi bem mais calma que a de ontem, apenas coisas de rotina para resolver. Decido ir até Lara para pedir conselhos sobre o que está acontecendo comigo. Quando me vê, ela vai logo sorrindo.

— Quanto devo cobrar pelos conselhos de hoje?

— Estou disposto a pagar com a minha ilustre presença aqui todos os dias.

Lara solta uma risada e nega com a cabeça, juntando as mãos sobre a mesa para se concentrar no que estou prestes a contar. Remexo-me na cadeira e desabotoo o paletó para ficar mais confortável.

— Hoje Vanessa fez uma revelação para mim. — Hesito. — Me disse que já tentou suicídio alguns anos atrás, contou sobre seus medos, seus sentimentos mais profundos...

— Entendo. — Fica completamente séria. — E você está perdido com isso?

— Você não faz ideia. — Bufo. — Quero tirar ela disso, não posso deixar que tente uma coisa dessas de novo.

— Você está apaixonado — constata. — Quer cuidar dela e proteger, como o seu irmão sempre fez comigo.

— Deve ser da genética — brinco.

— O caso de vocês é um pouco mais difícil, mas vocês vão passar por isso. — Comprime os lábios um contra o outro. — Apenas não pense no que ela já tentou contra si mesma, veja Vanessa como a mulher que você ama e só... se

ficar pensando nisso desse jeito, ela acabará notando e achando que fez mal em contar.

— É impossível, Lara, eu me preocupo.

— Aquiete, macho alfa. — Ela sorri. — Me escute e vai dar certo.

— Vou tentar, mas você sabe que eu sou igual ao meu irmão em algumas situações.

— Sim, principalmente na braveza, quando quer.

Sorrio e ela fica séria, deixando claro que realmente quer que eu faça o que acabou de dizer.

— Faça o que estou dizendo, vai ajudá-la com isso... ela vai sentir que pode contar com você para qualquer coisa sem que a olhe diferente por isso.

— O que seria de nós, pobres putos, sem você, cunhada?

— Não seriam nadinha — gaba-se, sorrindo.

Acabo dando risada e balanço a cabeça, antes de ficar de pé e contornar sua mesa para beijar o topo da sua cabeça.

— Farei o que está pedindo. Obrigado, Lara.

— Depois traga a moça, queremos conhecê-la... posso marcar um jantar.

— Quando ela estiver pronta, Larinha.

— Tudo bem.

Despeço-me dela e volto para a minha sala para me concentrar de novo em meu trabalho. Apesar de querer desesperadamente ajudar Vanessa, creio que Lara tenha razão. Ela precisa de suporte.



# Capítulo 18



"Dia após dia o tempo passa  
E eu não consigo te tirar da minha mente  
Ninguém sabe, eu escondo por dentro  
Continuo procurando, mas não consigo encontrar  
A coragem para mostrar, para te deixar saber  
Eu nunca senti tanto amor antes"

**If I let you go – Westlife**

## VANESSA

Não paro de pensar em Felipe durante toda a tarde e em como ele disse que está apaixonado por mim. Sinto tantas coisas quando estou com ele... é difícil discernir o que realmente está habitando aqui em meu peito.

Penso também em Sheila e em tudo o que ela me disse sobre relacionamentos, sobre confiança e sobre amor. Tento imaginar Felipe se distanciando e concluo que não conseguiria ser a mesma pessoa. Felipe me ensinou muitas coisas somente com sua insistência em ficar perto nesse último ano, seus mimos, seus sorrisos, sua paciência, seu carinho... todo o conjunto, todas as suas ações comigo me fizeram confiar e sentir algo forte por ele.

Toco o colar em meu pescoço e sorrio comigo mesma. Apaixonado pela pessoa mais fria e machucada que vai cruzar seu caminho... isso não parece importar para ele. Anseio pelo seu beijo, pelo seu toque, mas quando estou cedendo, conseguindo afastar as lembranças que turvam meus sentimentos, elas voltam com força. É como se quisessem me atirar de volta à escuridão.

Afasto os pensamentos ruins da cabeça e volto para o meu quarto, preciso arrumar algumas coisas antes de sair para o trabalho. Coloco uma boa música e me perco nas sensações que ela me proporciona. A música é uma das poucas coisas que realmente conseguem me fazer esquecer um pouco do amargor da minha vida.

Ouçõ meu celular vibrar em cima da mesa e vejo o nome de Sheila na tela. Sorrio e abro sua mensagem, já imaginando sobre o que se trata.

"Seu primo me chamou para  
sair hoje à tarde. \0/"

Nego com a cabeça e, ainda sorrindo, digito a resposta.

"Aproveite, Henry está apaixonado."

Bloqueio a tela do celular e volto a cantarolar a música que soa pelo quarto.

"Felipe também."

Sheila não perde uma oportunidade. Eu sei que Felipe está apaixonado, ele mesmo me disse. O problema é o medo que sinto, não somente pelo toque mais aprofundado, mas também de não conseguir ser o que ele espera... tenho medo de decepcioná-lo.

Acabo não respondendo a última mensagem da minha amiga e volto aos meus afazeres. Por fim, resignada com a quantidade de sentimentos que tenho bagunçados em mim, decido parar e refletir a respeito.

Penso em tudo o que Felipe fez por mim e o que ainda faz, sempre paciente e com aquele sorriso lindo que tem. Pela primeira vez, penso nele sem deixar que toda a minha escuridão me deixe confusa sobre os meus sentimentos e sorrio como uma boba.

— Eu o amo — murmuro, com lágrimas nos olhos.

Começo a chorar de forma intensa, deixando lágrimas grossas rolarem pelo meu rosto. Eu nunca pensei que fosse capaz de amar novamente. Da última vez que isso aconteceu, eu machuquei e afastei... sinto tanto medo de fazer isso com Felipe também. A escuridão ainda é tão forte dentro de mim.

Pego o celular e procuro o número da minha tia, ela vai me entender e vai saber exatamente o que me dizer. Sheila é a melhor amiga que qualquer pessoa poderia ter, mas essa situação está um pouco mais séria, preciso da experiência

de vida que minha tia tem. Respiro fundo, escondendo a voz de choro.

— *Nessa, querida!*

— Tia, eu preciso conversar... está disponível? — Comprimos os lábios.

— *Claro, anjo... para você eu sempre estou.*

— Estou indo em sua casa, então.

— *Estarei esperando, Nessa.*

Encerro a ligação e pego as chaves do carro na mesa de cabeceira. Sigo para a saída do meu apartamento sem pensar duas vezes, preciso falar com ela.

\*\*\*

Toco a campainha e aguardo alguns instantes antes de o meu tio abrir a porta e sorrir.

— Nessa. — Dá passagem. — Entre, sua tia está esperando você.

Beijo o rosto do meu tio querido e ele sorri outra vez. Sigo pela sala e a encontro na cozinha, rodeada de ingredientes para um bolo. Ao me ver, ela sorri e pede que me aproxime.

— Estou fazendo aquele bolo que você adora.

— Não precisava. — Beijo seu rosto e ela continua sorrindo. — Eu só vim porque realmente não sei o que fazer.

— Mas eu gosto de mimar você, sabe disso...

Meu tio entra na cozinha e senta-se à mesa para tomar seu café, um vício que ele tem. Olho para ele, quieta.

— Oh! Assunto de vocês? — Fica de pé e pega sua caneca. — Já estou saindo.

Apenas sorrio quando recebo um beijo na testa e o observo sair da cozinha. Cruzo os braços e volto a olhar minha tia trabalhar em seu bolo.

— Sobre o que quer conversar, Nessa?

— Felipe disse para mim o que sente. — Suspiro. — E eu descobri hoje o que realmente sinto por ele.

— Mas isso é maravilhoso! — exulta, mas logo volta a ficar séria. — Qual o problema?

— Tenho medo de afastá-lo, como fiz com...

— Você não vai afastá-lo, Vanessa... aquele rapaz quer estar com você. — Lava as mãos e as enxuga antes de tocar meu rosto. — Não se prenda tanto ao seu passado... eu sei que é difícil, sei que machuca você, mas tente pensar em Felipe e na quantidade de coisas boas que vocês sentem juntos.

— O que acha que devo fazer?

— Diga a ele o que sente, deixe que ele saiba que você se sente da

mesma forma. Isso vai ser bom para você.

— Acha isso?

— Sim, anjo... desde que chegou na sua vida, esse rapaz tem te feito muito bem.

— Sim. — Sorrio e toco o colar.

Ela tem razão, devo contar o que sinto. Já confiei a ele meus sentimentos e segredos mais profundos, acho que está na hora de me entregar de uma vez a isso.

## FELIPE

Estou preparando a bandagem na minha mão para começar o treino com o puto do Anderson e meu irmão, já que Celso está com Suzana curtindo na casa de praia. Vejo no canto da sala, João e Gabriel malhando e dou risada.

— Não acredito que saí mais cedo da SQUAD — Ben resmunga.

— Aquieta, Ben, se não for nossos corpinhos deliciosos e em forma, quem vai nos defender? — Sorrio. — Eles podem se virar sem nós.

— Isso aí. — Anderson ri. — Faça como o Celso pornstar, vá trepar hoje... é o que farei com a minha diaba loira.

Meu irmão solta uma risada e antes que eu possa tirar alguma brincadeira, ouço meu celular tocar. Peço para que comecem sem mim e afasto-me para atender. Estranho ao ver o nome de Vanessa na tela.

— Pretty face? Está tudo bem?

— *Felipe... sim.* — Faz uma pausa e eu espero. — *Eu sei que já almoçamos juntos hoje e... bom, eu preciso falar com você.*

— Aconteceu alguma coisa? — preocupo-me.

— *Não... na verdade sim.* — O tom de voz me faz imaginar um sorriso em seu rosto, ela deve estar sorrindo. — *É algo que gostaria de falar com você pessoalmente.*

— Tudo bem, agora estou curioso.

— *Pode ser depois que sair do trabalho?*

— Estou treinando agora, pretty face. Assim que sair daqui, irei em sua casa.

— Espero por você, então.

Vanessa encerra a ligação antes que eu possa me despedir e eu acabo sorrindo. Penso no seu tom de voz meio sorridente e sinto meu coração acelerado.

— Vem logo — Ben chama. — Deixa a namorada pra depois.

— Já vou, amor — brinco.

Guardo o celular e aproximo-me dos dois, que se preparam para começar o treino e sorrio outra vez. Nego com a cabeça e dirijo-me aos pesos. Deito-me no apoio, seguro firme no ferro e o suspendo. Sinto meus músculos contraindo, enquanto levanto o máximo que consigo e trago de volta até perto do meu peito.

Solto a respiração e repito o processo, pensando no que Vanessa pode querer falar comigo. Almoçamos juntos hoje e ela não deu nenhum sinal de que queria contar algo que a alegrasse. Estar com ela é uma caixa de surpresas e eu estou louco para saber qual é a próxima. Se a deixa feliz, me deixará feliz também.

Faço algumas séries com o peso e assim que encerro, estou com os braços ardendo. Noto que meu irmão e Anderson ainda estão empenhados no tatame e sorrio. Benjamim não dá o braço a torcer e eu também não. Em uma luta, nós dois vamos à exaustão sem render-nos.

Por fim, quando encerramos nosso treino nos unimos os cinco, esperando a onda de calor e cansaço passar um pouco. Bebo um longo gole da minha água e olho para Benjamim.

— Preciso ir agora. — Fico de pé e olho para o chefe da minha segurança. — Vamos, Gabe.

— Vamos, brother!

Despeço-me de todos e sigo em direção ao meu carro, pensando sobre o que Vanessa tem para me falar. Penso em parar e comprar uma tulipa, mas ela ficaria aborrecida, então decido ir diretamente para o seu apartamento. Seja o que for, eu preciso saber.



"Mas você permaneceu ao meu lado  
Noite após noite, noite após noite  
Seu amor me devolveu à vida  
[...]

Você viu através da dor, viu através da máscara  
Você nunca desistiu de mim"

**Loved me back to life – Celine Dion**

## VANESSA

Olho para as minhas mãos trêmulas e penso em uma forma de dizer a ele, estou nervosa pelo que vou contar. Assumir assim é difícil, principalmente porque eu sempre fui tão fechada e acuada. Os sentimentos que tomam meu peito desde que o vi pela primeira vez só têm crescido desde então.

Quando a campainha toca, eu paraliso. Penso até em deixá-lo ir embora. Mas que merda estou pensando? É o Felipe! Não vou deixar que a escuridão me faça recuar outra vez com ele. Respiro fundo e fico de pé, sentindo o conflito interno aumentar.

Sigo até a porta e ao abrir, dou de cara com Felipe usando uma roupa mais despojada. Deduzo ser as que ele usou em seu treino somente pelo fato de estar suado. Desço o olhar para a camisa colada em seu tórax, marcando os músculos por baixo dela. Uau.

— Demorei?

— Ah? — Volto a olhá-lo nos olhos e abro um sorriso, sem graça. —

Não, entre.

Assim que ele beija meu rosto, passa por mim e eu fecho a porta antes de voltar a olhá-lo.

— Desculpe pelos trajes, pretty face, estava treinando com meus amigos. — Aponta para o próprio corpo. — Estava curioso para saber.

— Está tudo bem... — Dou de ombros, nervosa. — Não quer sentar um pouco?

— Não, estou bem aqui. — Aproxima-se para tocar meu rosto. — Está pálida, Vanessa... tudo bem mesmo?

— Eu... preciso dizer algo.

Felipe franze o cenho, preocupado, mas fica quieto. Penso em milhares de maneiras diferentes de dizer a ele o que sinto quando estamos juntos, quando estou com ele.

— Felipe, eu refleti muito sobre o que você me disse hoje mais cedo. — Minha voz soa trêmula e eu sinto minha boca ressecando. — Percebi que também estou apaixonada por você.

Vejo um sorriso radiante surgir nos seus lábios, mas me mantenho séria.

— Vanessa...

— Deixe-me terminar — peço e ele acena com a cabeça. — Sinto algo muito forte aqui em meu peito quando você está perto, mas temo que minhas feridas sejam profundas demais para serem curadas... temo que isso acabe machucando você também.

— Eu estou aqui, Vanessa. — Abriga meu rosto entre as suas mãos e me encara de maneira firme. — Vou curar suas feridas e medos mais profundos e não importa o que isso venha a me custar. Não vou deixar você se afundar novamente.

— Eu não quero machucar você. — Seguro as mãos dele, que estão no meu rosto. — Não quero ser a responsável...

— Pretty face. — Deixa o tom brando e isso me faz fechar os olhos. — Eu quero você com suas dores, com suas feridas, com os sorrisos... quero ser o seu homem. Nunca pensei que fosse sentir algo assim tão forte, nunca pensei que fosse ser sutil e cuidadoso dessa forma por alguém na vida... sempre fui acostumado a outra forma de me relacionar.

— Isso cansa você?

— Não. — Ele sorri e acaricia meu rosto com seu polegar. — Muito pelo contrário. Isso me motiva a fazer você enxergar que eu estou aqui para ajudar, porque eu me apaixonei desde a primeira vez em que cruzei com você naquele elevador... eu só não sabia o que era ainda.

Abraço Felipe com força, sem me importar com nada. Deito a cabeça no

seu ombro e ele me envolve com os seus braços fortes. Felipe está quente devido aos exercícios físicos e eu fecho os olhos, sentindo-me acolhida.

— Não se preocupe, pretty face, faremos dar certo. — Me faz olhá-lo. — Faremos, ok?

— Ok. — Sorrio, com lágrimas nos olhos. — Faremos isso.

— Não quero que chore.

— Dessa vez não é de tristeza.

Ele abre um sorriso e beija meus lábios, fazendo-me sentir um pouco mais leve. Olho no fundo dos seus olhos azuis e penso no quanto evolui desde que ele entrou na minha vida. Eu não suportava abraçar um homem que não fosse o meu tio e o meu primo. Hoje, Felipe ultrapassou essa barreira e conquistou minha confiança, me fez apaixonar novamente, me salvou do abismo.

— Vai trabalhar hoje? — pergunta.

— Sim.

— Podemos ficar juntos depois? Gostaria de tomar um vinho ou uma champanhe para comemorarmos mais um passo. — Hesita. — Posso esperar você chegar.

— E seu trabalho, amanhã?

— Sobreviverei. — Abre um sorriso lindo. — O que me diz?

— Tudo bem. — Sorrio de volta. — Assim que chegar, bato lá no seu apartamento.

— Ótimo! Estarei esperando. — Segura minha mão e a beija. — Agora preciso de um banho. Bom trabalho.

— Obrigada.

## FELIPE

Quando deixo o apartamento de Vanessa, estou à ponto de gritar. Porra, ela me disse o que sente e eu não poderia estar mais contente, não somente por saber que sente o mesmo, mas também por ter conseguido distinguir e externar seus sentimentos.

Entro em meu apartamento e sigo direto para um banho, o treino hoje foi pesado. Alongo meu corpo, sentindo meus músculos responderem e encho a banheira com água quente. Mergulho nela até o pescoço e fico quieto, sentindo meu corpo relaxar aos poucos.

Penso em Vanessa e sinto meu corpo aquecer outra vez. Eu a desejo



tanto, está se tornando quase insuportável controlar o que sinto. Por fim, termino meu banho e decido vestir algo mais despojado.

\*\*\*

Estou na sacada, bebericando uma dose de whisky, quando a campainha toca. Apresso-me em ir abrir a porta e dou de cara com Vanessa. Sorrio e vejo um pacote nas suas mãos.

— Demorei muito? — Faz uma carinha preocupada.

— Não, não se preocupe.

— Trouxe algo para comermos. — Ela sorri. — Minha tia mandou para nós.

— Hum... já estou sendo paparicado sem nem ter conhecido a família? — Sorrio outra vez. — Agradeça à sua tia por mim. Entre.

— Você é engraçado.

— Eu sei, meu bem. — Fecho a porta quando ela passa por mim. — Se está comigo, nunca estará entediada.

Ela solta uma breve risada, o que me faz a olhar como bobo. *Deus do céu, essa mulher está me deixando igual a um bobo.* Termino minha dose de whisky e pego o pacote das suas mãos para levar até a cozinha. Volto para a sala com um vinho, duas taças penduradas nos dedos e um saca-rolhas.

— Sente-se, pretty face... acomode-se.

Abro o vinho e sirvo as duas taças, viro-me e sigo até o sofá. Entrego uma taça a ela e sento ao seu lado, observando-a fixamente. Vanessa é tão bela e isso está me deixando louco. Meu corpo anseia tanto por ela que chega a doer, sinto necessidade de fazê-la minha, quero mostrar o quanto pode ser gostoso descobrir o sexo e o desejo de outra maneira. Da minha maneira.

— Como se sente depois de ter externado seus sentimentos? — pergunto. — Digo, tudo... desde que se abriu a primeira vez comigo.

— Estou melhorando. — Olha para a taça nas suas mãos. — Muito. Se você não tivesse insistido, talvez eu fosse ainda mais amarga do que antes.

— Não costumo desistir facilmente, pretty face, mas confesso que cheguei ao ponto de cogitar em desistir de você. — Sorrio. — Esse ano que passou foi uma tortura... o que me motivou foi ver sua falta de fé, enquanto a minha estava de pé.

Vanessa apenas sorri e bebe um gole do vinho. Algo aquece dentro de mim por ver a cena, algo a faz completamente sexy com isso e eu não resisto. Beijo os lábios de Vanessa e ela não me afasta, pelo contrário, sua mão vem para meu rosto e faz-me aprofundar o beijo.

Minha respiração descompassa, somente com a ânsia do meu corpo para tê-la. Sinto meu pau latejando dentro da calça e, porra, é preciso muito autocontrole quando ela para o beijo e continua me olhando.

— Você é linda. — Toco seu rosto e deslizo a ponta dos dedos por sua pele morena e bonita. — Sei que já disse isso, mas é para que não esqueça nunca.

Vejo quando ela fecha os olhos, enquanto desço com meu toque pelo seu pescoço, lentamente. Sua pele quente ascende meu tesão sem precisar de mais nada.

— Eu te quero tanto — sussurro contra o seu rosto. — Estou ficando louco com isso.

— Gostaria de conseguir ser normal, Felipe, gostaria de poder dar o que você merece.

— Tudo no seu tempo, pretty face. Não fique se maldizendo. — Seguro seu queixo levemente para que fixe o olhar no meu. — Posso esperar até que esteja pronta.

— Eu quero saber como é sentir o que pessoas normais sentem... quero saber se é mesmo tão gostoso quanto narram que é.

Sorrio, achando-a ainda mais linda, somente por falar.

— Já estive com alguém?

— Bom. — Gagueja. — Sim, mas eu só senti medo e dor. Foi horrível.

— Ele não sabia?

— Não. — Funga, segurando as lágrimas. — Eu o empurrei da cama, quando consumamos o ato, eu fiquei em pânico... era como se meu padrasto estivesse ali me forçando de novo.

Coloco a taça na mesa de centro e a puxo para mim, abraçando-a. Beijo o topo da sua cabeça e faço com que olhe para mim.

— Desculpe por ter entrado nesse assunto, sei que machuca você. — Volto a pegar a taça e bebo todo o conteúdo. — Vamos mudar, então. O que acha?

— É ótimo. — Sorri.

— Bom. — Penso um pouco. — Sabe por que sempre lhe dei tulipas vermelhas?

— Por quê?

— Sempre ouvi dizer que minha mãe as adorava... ela vivia enfeitando a casa com elas antes de morrer... aprendeu a gostar delas na infância. — Sorrio. — Tulipas vermelhas significam amor verdadeiro, eu não sabia disso até a senhora da floricultura me contar, quando fui comprar as suas.

— Elas são lindas. — Bebe mais um gole do vinho. — Obrigada por me

contar sobre sua mãe.

— Vamos para a sacada — mudo o assunto, não gosto muito de falar sobre Isabel. — Daqui a pouco vai amanhecer.

Levantamos juntos, pego a garrafa e, por fim, seguimos para a sacada. Vejo quando ela coloca a taça sobre a pequena mesa de centro e apoia-se na mureta para olhar o horizonte. Deixo meu olhar deslizar pelas belas curvas de Vanessa e penso em nós dois na minha cama, imagino cada detalhe do seu corpo exposto somente para mim.

Porra, vou acabar louco com tudo isso. Meu pau implora para se enterrar em uma boceta quente e acolhedora... mas não quero apressá-la, quero que vá no seu tempo. Está difícil aqui, mas consigo me conter.

Coloco a taça e a garrafa perto da sua e caminho lentamente até ela. A abraço por trás, colando meu peito nas suas costas e inclino a cabeça para beijar seu pescoço de maneira lenta e delicada. Suas mãos pousam sobre as minhas, que estão em sua barriga e eu vejo sua pele arrepiar.

— Estou incomodando? — pergunto. — Assustando?

— N-Não. — Vira a cabeça para me olhar nos olhos. — É só que...

— Que?

— Sinto algo diferente quando você me toca... é bom.

Sorrio e ela volta a olhar a cidade, um pouco sem graça. Colo ainda mais nossos corpos, sentindo seu bumbum durinho roçando em mim, e vejo quando ela fecha os olhos. Afasto um pouco mais os seus cabelos e o cheiro delicioso que emana deles me deixa ainda mais tentado.

— Posso continuar, então? — Meu tom é brincalhão.

— Sim. — Solta uma breve risada, mais de nervoso do que pela graça da minha brincadeira. — Pode.

Suas mãos alisam meus braços de maneira delicada e eu a faço ficar frente a frente comigo.

— Relaxe, pretty face. Você sabe que eu só irei até onde você permitir.

# Capítulo 20



VANESSA

Olhando com firmeza nos meus olhos, Felipe me faz relaxar um pouco depois das suas palavras. Deixo que ele beije meu pescoço outra vez e fecho os olhos, apreciando a carícia e o seu cheiro delicioso. Permito-me subir as mãos pelos seus braços e parar no seu peito.

Olho para o local e o sinto quente, quase fervendo sob as minhas mãos. Sinto minha respiração ficar um pouco mais forte e o peito dele começa a subir e descer mais rápido também. Quando para de beijar meu pescoço e olha para mim, Felipe encara os meus lábios.

Sinto meu corpo pedindo para que me entregue e, nesse momento, é como se a escuridão que vive em mim estivesse encolhida em um canto. Deixo que ele me beije e sinto algo diferente nele, mais intenso e mais profundo. Felipe me guia e eu afasto da mente qualquer outra coisa.

Suas mãos brincam em minha cintura e deslizam calmamente até as minhas costas. O beijo deixa-me quente como nunca havia ficado. Agarro os cabelos da sua nuca, sentindo meu corpo arder de forma estranha, é assustadoramente bom.

— Felipe — murmuro no meio do beijo e ele para sem hesitar.

— Exagerei? — Pigarreia. — Quer que eu pare?

— Não... só quero pedir que vá com calma.

Felipe apenas assente, sorrindo, e isso me acalma um pouco mais. *Confio nele*. Sua mão vem para a minha nuca, mergulhando nos meus cabelos e nós voltamos ao beijo. O conflito dentro de mim ameniza um pouco e eu sinto meu coração acelerar de maneira intensa.

Relaxo meu corpo e Felipe me pressiona um pouco mais contra a parede. Sinto o volume evidente entre as suas pernas, roçando sutilmente em mim. Afasto da minha mente a escuridão que quer sair do cantinho em que lhe coloquei, mas Felipe para o beijo sutilmente.

— Está tudo bem? — Passa o polegar nos meus lábios levemente inchados pelo beijo. — Você se fechou um pouco agora.

— Desculpe. — Olho para os seus lábios rosados. — Está tudo bem.

— Apenas me diga se é o que você realmente quer.

— Sim, acho que é a hora de darmos um passo definitivo... é hora de eu conseguir superar toda a merda que aconteceu comigo. Você não é ele e é nisso que estou focando.

O vejo sorrir para mim e meu sorriso é inevitável. Estou apaixonada por ele e quero aprender a mostrar isso sem sentir medo e sem machucá-lo.

— Venha. — Afasta-se um pouco e estende a mão para mim.

Cargas excessivas de adrenalina são despejadas em meu sangue, quando aceito sua mão e ele me guia para dentro do apartamento, deixando o vinho e nossas coisas na sacada. Quando para diante da porta do seu quarto, Felipe me olha rapidamente antes de abrir a porta e eu sinto meu corpo inteiro tremendo.

— Está nervosa? — Me puxa para dentro e fica frente a frente comigo.

— Sim. Penso se surtar no meio do nosso momento... não me perdoaria.

— Isso não vai acontecer... e se acontecer, não precisa ficar se martirizando, sou eu quem está aqui com você. Nunca vou te julgar.

Balanço a cabeça e ele sorri, afastando os meus cabelos dos ombros novamente. Noto quando ele olha para meu pescoço, onde o colar que me deu está.

— Posso? — Aponta para os botões do meu uniforme do trabalho.

Mordo o lábio, depois de dizer um breve "sim". Sem pressa, Felipe traz as mãos aos botões, desabotoando-os um a um. Meu peito sobe e desce mais rápido, estou tão nervosa. De vez em quando, ele ergue o olhar para mim e eu me mantenho quieta.

Quando expõe meu tórax para ele, Felipe me ajuda a tirar a blusa e, em um impulso, cubro os seios sob o sutiã. Faz tanto tempo que tentei o sexo com alguém, que é como se eu nunca tivesse feito. Me sinto uma boba diante dele, que tem tanta experiência com mulheres e escolheu logo a mim.

— Está com medo?

— Estou apavorada. — Sorrio, nervosa.

Com um sorriso torto nos lábios, Felipe segura as minhas mãos e as afasta lentamente do meu busto. Ele me analisa usando somente o sutiã e a calça e chega mais perto, colocando minhas mãos sobre sua camisa polo.

— Tire para mim.

O ajudo com a camisa e quando a jogo longe, paro e observo seu tórax bonito. Oh, Deus, como ele é lindo e... nossa, parece sempre fazer algum exercício. Felipe pega novamente as minhas mãos e as leva até o seu peito, seu coração está acelerado.

— Também estou nervoso, pretty face... não precisa ficar preocupada.

Aceno com a cabeça e ele entrelaça os nossos dedos para seguirmos para a cama. Deito-me, sob o seu comando e o observo livrar-se da calça, ficando somente com sua cueca. O membro nitidamente demarcado ali o deixa selvagem.

Sinto suas mãos subindo pelas minhas pernas e ele para no botão da calça. Respiro fundo e Felipe nota, deixando um breve beijo na minha barriga. Fecho os olhos quando ele suspira ali e abre o botão, seguidamente do zíper. O ajudo a deslizar o tecido pelas minhas pernas e, quando estou somente com a lingerie, Felipe me olha inteira.

— Linda, Vanessa. — Curva-se para beijar minha barriga outra vez, encaixando-se entre as minhas pernas. — Você é linda.

Toco seu rosto e aprecio a visão angelical em minha frente. Eu o desejo, mas ao mesmo tempo sinto medo. Queria não sentir esse medo, esse pânico todo. Maldito seja aquele homem, onde quer que ele esteja agora.

— Está confortável com isso? Está tremendo. — Beija a palma da minha mão, que está em seu rosto. — Podemos parar.

— Só estou nervosa, mas eu quero passar por isso. Com você.

Felipe me beija e eu luto com tudo o que tenho para manter afastada a escuridão que vive dentro de mim, não quero tornar sombrio um momento tão bom e bonito. Fico quieta quando ele para o beijo e, lentamente, afasta as alças do meu sutiã. Depois, me faz arquear o corpo para soltar a atadura.

Quando estou sem o sutiã, meus mamilos enrijecem e respiro fundo, sentindo meu corpo quente sob o seu olhar. Uma angústia toma meu peito, ardendo para que eu grite o mais alto que posso. É tão conflitante estar aqui diante do homem que eu amo, querendo me libertar das correntes dos meus piores pesadelos.

Vendo meu nervosismo, Felipe inclina a cabeça e beija meu pescoço, sussurrando para que eu me mantenha calma. Seus lábios descem pelo meu busto, aproximando-se dos meus seios. Contraio um pouco o corpo, um impulso da minha autoproteção.

— Desculpe — murmuro.

— Fique calma — pede baixinho. — Apenas farei o que me permitir... se disser não, será não. Calma, pretty face.

Fixo meu olhar no seu e a tranquilidade que ele me passa me faz relaxar. Minha pele arrepia quando Felipe volta a beijar o meio dos meus seios, provocando os meus mamilos em seguida com sua língua. Sinto algo explodir dentro de mim ao toque da sua língua e não consigo conter o som que sai dos meus lábios.

Vejo um sorriso torto e sacana surgir nos seus lábios, enquanto brinca com os meus seios. Sinto-me envergonhada de repente, nunca havia sentido algo intenso assim, sempre pensei que as mulheres fingissem. É tão inexplicável seu toque, seu carinho... Felipe é diferente de qualquer estereótipo de homem que eu tinha em mente.

Um olhar é lançado novamente em minha direção e Felipe desce lentamente por minha barriga. Minha respiração acelera um pouco mais ao toque dos seus lábios quentes. Oh, merda, é tão conflitante. Então ele para e traz as mãos à minha calcinha, fazendo meu corpo estremecer.

Quero fazer isso com ele, mas estou tão apavorada. Não sei como vou reagir quando ele for mais adiante e eu não quero magoá-lo com isso. Desejo Felipe com tudo o que tenho, mas não consigo fazer como uma mulher normal faz.

Quando retira minha calcinha, Felipe me olha nos olhos e volta para cima de mim. Estou tremendo, é quase impossível controlar meu corpo. Sinto quando ele entrelaça seus dedos nos meus e olha para mim de maneira firme.

— Precisarei tocá-la, pretty face. — Beija meu queixo e em seguida os meus lábios. — Ou o que faremos aqui pode machucar você.

— T-Tudo bem.

Felipe volta a me beijar e solta uma das minhas mãos. Sinto quando sua mão se aproxima do meu sexo e levo a mão livre ao seu rosto. Concentro-me nele e em nosso beijo, ele vai saber o que fazer para me deixar confortável.

Aperto a sua mão com força quando ele toca meu sexo, mas não deixo que pare o beijo. Seu toque é cuidadoso e eu sinto algo bom entre as minhas pernas, mas um breve temor me toma. Deus, como estar perdida em meio aos sentimentos e sensações é assustador.

Paro o beijo e seguro mais forte a sua mão, que se mantém na minha. A minha mão livre vai para o seu ombro e eu o aperto, querendo me segurar para não mergulhar no abismo da escuridão outra vez. Seus dedos tocam cada ponto sensível do meu sexo com maestria, estimulando meu corpo, fazendo com que seja bom para mim.

— Vanessa — chama, me olhando nos olhos. — Confia o suficiente para que eu vá adiante?

— Sim, Felipe. Eu quero isso com você.

Um beijo é deixado na minha testa e ele afasta-se um pouco para tirar sua cueca. Observo seus movimentos e o aguardo expor seu membro duro. Voltando a se aproximar da cama, Felipe sorri e pega um preservativo na gaveta do criado-mudo. O vejo abrir a embalagem e desenrolar o preservativo em seu membro.

O observo e noto o quanto é bonito. Sua exuberância me deixa hipnotizada, o homem é incrivelmente lindo e tem um corpo que parece ter sido esculpido à mão. Quando Felipe volta a encaixar-se entre as minhas pernas, olha-me nos olhos e sorri.

— Agora relaxe. — Afasta alguns fios de cabelo do meu rosto. — Quero dar a você algo muito bom.

Apenas aceno positivamente com a cabeça e recebo um beijo delicado nos lábios. Felipe não desvia o olhar do meu, sempre acalmando-me sem precisar dizer uma palavra sequer. Levo as mãos às suas costas quentes, sentindo seu membro sendo posicionado em meu sexo.

Fecho os olhos outra vez, sentindo meu corpo inteiro tremer de medo. Medo de não conseguir, medo de criar pânico dele, medo de recuar outra vez e me fechar. Eu o quero tanto.

— Olhe para mim, pretty face — pede em um sussurro. — Você confia em mim?

Abro os olhos e respiro fundo.

— Sim.

— Então relaxe.

## FELIPE

Encaixo-me entre as pernas quentes e acolhedoras de Vanessa e sinto meu pau latejar com força. Sinto vontade de fodê-la com força e fazê-la gritar de prazer, mas o medo em seu olhar me faz concentrar somente nela. A mulher é perfeita, completamente linda, creio que estou ainda mais apaixonado agora.

Adentro em seu sexo quente e molhado devagar, olhando-a nos olhos. Sinto suas mãozinhas se fecharem um pouco mais nas minhas costas, apertando a minha carne. Um som tímido sai dos seus lábios, o que a deixa ainda mais linda.

Com a mão, guio sua perna direita para que envolva meu quadril e inicio o movimento em vaivém lento. Olho nos seus olhos castanhos e Vanessa morde o lábio. Não consigo ler sua expressão e o que ela significa, isso me preocupa. Não quero feri-la.



— Felipe — chama baixinho, tocando minhas costas de maneira mais leve.

Beijo seu pescoço e vejo quando sua pele arrepia, fazendo-me sorrir. Se ela está tendo reações boas aos meus toques, isso significa que Vanessa está derrubando as muralhas imensas que tinha comigo. Talvez eu a esteja ajudando mais do que imagino.

— Está desconfortável? — pergunto, fazendo um esforço sobre-humano para mover o quadril lentamente. — Estou machucando você?

— Não. — Abre um breve sorriso. — Estou bem.

Continuo notando a presença do nervosismo nela, seu corpo treme levemente embaixo do meu e isso me faz parar de mover o corpo. Seguro suas duas mãos e as coloco na cama, entrelaçando os nossos dedos e pego um pouco mais de impulso, sentindo que meu pau vai explodir a qualquer momento. Porra.

Mantenho a pressão contra seu sexo, inclinando a cabeça para beijar os seus lábios macios. Gemo em meio ao beijo, sentindo sua boceta me provocando em níveis extremos. Vanessa geme também, deixando-me hipnotizado por ela, maravilhado.

— Sim, Vanessa... liberte-se — digo ao separar nossos lábios. — Olhe para mim.

Vanessa obedece e geme outra vez. Estou dando o meu máximo para que ela se sinta bem, quero que a minha pretty face fique bem. Solto uma das suas mãos e inicio estímulos em seu clitóris de maneira a fazê-la alcançar o orgasmo. Sinto o aperto na minha mão ficar mais forte e sorrio, ainda olhando-a nos olhos.

Volto a estocar mais rápido e sinto suas pernas me apertando entre elas. Vanessa remexe o corpo embaixo do meu, ofegando.

— Felipe, o que... o que é isso?

— O quê? Essa sensação? — Sorrio, maravilhado com a pergunta. — Chama-se orgasmo, pretty face... você está quase lá.

Escondo o rosto em seu pescoço, sentindo sua pele suada deslizar na minha. Sua boceta está cada vez mais molhada e isso é a porra de uma tortura, quero tanto fodê-la forte. Meu tesão está quase incontrolável, sinto minhas bolas doerem, querendo a libertação logo. Seguro mais um pouco, querendo proporcionar a ela o máximo de prazer e gemo.

As gotículas de suor em seu corpo e rosto a deixam perfeitamente linda, seus seios balançando ao meu ritmo, seu corpo me apertando na ânsia do gozo... Vanessa é linda. Olho para o colar em seu pescoço e sorrio outra vez. Sinto seu corpo estremecer embaixo do meu, seu gemido é o som mais bonito que já ouvi. Puta merda, ouviria isso o dia todo, parece música.

Estoco mais algumas vezes e permito o alívio que meu corpo tanto busca,

o gozo. Rosno, sentindo meu corpo inteiro queimando. Porra, como eu precisava disso.

Beijo seu pescoço e subo lentamente pelo seu rosto, movendo-me lentamente dentro dela. Seu corpo quente e suado ainda me aperta forte e eu deduzo ser os efeitos do seu primeiro orgasmo e da sua primeira tentativa no sexo depois de anos.

— O que achou do seu primeiro orgasmo, pretty face? — quebro o silêncio.

— É desesperador. — Comprime os lábios, me olhando. — Mas é bom.

Sorrio e solto sua mão para afastar os fios rebeldes do seu rosto mais uma vez. Beijo os seus lábios e mergulho minha língua em sua boca lentamente, saindo de dentro dela. Seu corpo estremece outra vez e eu me mantenho no beijo.

Penso nos efeitos depois do sexo, Vanessa tem traumas, talvez não tenham aflorado durante o ato, mas podem ganhar força depois. Isso me preocupa, porque eu não quero perdê-la.

— Vou me livrar do preservativo. — Lambo os lábios, afagando seu rosto. — Estarei de volta em meio minuto, ok?

— Tudo bem.

Saio da cama e, ainda nu, sigo para o banheiro. Livro-me do preservativo e paro diante da pia para lavar as mãos. Olho para o espelho enquanto higienizo as mãos e antes que eu possa puxar um assunto, escuto um grito de horror vindo do meu quarto.

Putá merda.

# Capítulo 21



"Como posso quebrar essa parede em torno de você?

Isso é ajudar nossos corações

Para crescer na dor [...]

Não deixe que seu passado

Destruir o que vem amanhã"

**A fragile heart – Westlife**

VANESSA

Quando vejo Felipe entrar no banheiro, penso em tudo o que aconteceu aqui nessa cama momentos atrás. Antes mesmo que eu possa mentalizar tudo, lembranças nojentas invadem a minha mente sem permissão, tento controlá-las outra vez, mas meu esforço é inútil. Elas saíram do lugarzinho onde as havia guardado.

A escuridão explodiu dentro de mim.

O toque dele vivo na minha pele, a imagem de um homem enorme em cima de mim, a escuridão me traga de uma só vez. Sou arrastada para o abismo com tanta força, que chega a me faltar o ar. Um grito de desespero sai da minha garganta e eu começo a coçar meu corpo com força, braços e pernas, tentando me livrar da sensação de nojo que o toque do meu padrasto me causa. Estou em pânico.

Lágrimas grossas rolam pelo meu rosto e de repente, eu o vejo, meu padrasto está aqui. Encolho-me na cama, ainda coçando meu corpo e sentindo meu estômago revirar de nojo. Grito, mas, dessa vez, querendo que Felipe me

ouça, que venha me salvar desse pesadelo horrível. Tento chamar seu nome, mas minha voz se foi, me abandonou.

O homem sobe na cama e vem para cima de mim. Me debato, chorando, desesperada. Puxo o ar com força, mas não o encontro, meu peito dói em angústia e medo, me fazendo fechar os olhos com força. Então, sinto o homem me abraçar forte e tento esmurrá-lo, ainda me debatendo.

— Sou eu, pretty face. Sou eu. — Ouço a voz de Felipe e isso me faz parar de lutar. — Acalme-se, abra os olhos e respire. Sou eu.

Tremendo de maneira intensa, puxo o ar com força, enchendo os pulmões. Abro os olhos devagar e encontro Felipe abraçado à mim, ele está com uma expressão preocupada no rosto. Olho em volta procurando o homem asqueroso e não o encontro. Finalmente, volto a olhar para Felipe e o abraço com força. Foi apenas um delírio do meu trauma, pânico.

Volto a chorar, sentindo minha pele arder devido aos momentos anteriores. Não ousou olhar para Felipe e fico quieta nos seus braços por um longo momento, agarrando-o com força.

— Desculpe por isso. Eu sabia que iria acontecer.

— Está tudo bem — sussurra antes de beijar carinhosamente minha cabeça. — Estou aqui.

— Tive tanto medo. — Ergo a cabeça para olhá-lo nos olhos. — Eu o vi aqui, senti aquelas mãos horrendas em mim, Felipe.

— Passou agora. — Enxuga meu rosto, completamente sério. — Não se preocupe, ele nunca mais vai encostar em você.

Apenas balanço a cabeça e desvio o olhar do dele, envergonhada. Olho para os meus braços e vejo as marcas de unha neles.

— Vou buscar uma toalha e preparar a banheira para você. — Afaga os meus cabelos e eu não ousou olhar para ele. — Um banho frio vai amenizar essas marcas.

Espero ele ir até o closet para deixar que mais lágrimas rolem pelo meu rosto de maneira silenciosa. Eu não queria ser desse jeito, uma mulher que todos olham diferente, que todos sentem pena. Por que ele se apaixonou por mim? Eu não tenho nada de bom para dar.

— Vanessa? Está chorando? — Larga a toalha no criado-mudo e vem até mim outra vez. — Oh, minha pretty face.

— Por que eu, Felipe? — Solução. — Por que você me escolheu? Eu sou só uma casca, uma mulher oca.

— Olhe para mim — pede e eu não o faço, sentindo meu coração apertado. — Vanessa.

Faço o que ele pediu e esqueço até que estou sem roupa juntamente com

ele. Seu olhar me resgata de uma forma indecifrável.

— Vou responder isso somente para que fique claro de uma vez por todas. — Coloca os meus cabelos atrás da orelha. — Estou apaixonado por você de uma forma que nunca estive por ninguém antes, por favor, acredite nisso. Não existe um porquê. E não diga isso de você nunca mais, eu não permito que se diminua dessa forma... agora vamos para o banho, essas marcas precisam sair de você.

Saio da cama junto com ele, enxugo o rosto e pego a toalha no criado-mudo. Felipe segue na frente e entra no banheiro primeiro, fico na porta observando enquanto ele enrola uma toalha na cintura e liga as torneiras da banheira.

— Venha, sente aqui dentro e relaxe um pouco. — Para frente a frente comigo. — Posso deixá-la sozinha, se quiser.

— Não. — Seguro suas mãos. — Fique.

— Tudo bem. Entre lá, vou buscar algo para colocar na água.

Faço como ele disse e entro na água gelada, sentindo os arranhões feitos por mim arderem um pouco. Faço um coque nos cabelos e recosto-me, olhando para a porta, esperando a volta de Felipe. Quando ele surge à porta, com um pequeno frasco nas mãos, sorri e vem até mim.

— Vai te fazer relaxar um pouco.

Abre o frasco e derrama uma pequena quantia do conteúdo na água. Felipe senta-se à beira da banheira e me observa, tento sorrir, para que ele saiba que está tudo bem.

— Está melhor?

— Sim, obrigada.

— Fico mais tranquilo. — Brinca com os dedos na água. — Fiquei bastante preocupado com você.

Deslizo as mãos pelos meus braços e abraço as pernas, ficando em silêncio. Felipe fica quieto, me observando. Por fim, fica de pé, ajusta a toalha em seu quadril e eu ergo olhar para apreciar sua beleza, mesmo suado e com os cabelos bagunçados.

— Vou arrumar a comida que sua tia nos mandou, tudo bem? — Ele sorri, deixando o tom brincalhão. — Estou morrendo de fome.

— Tudo bem.

— Se escutar algo diferente, corra, pois coloquei fogo na cozinha.

Finalmente consigo dar risada e, satisfeito, Felipe dá meia volta e sai do banheiro. Penso em Sheila, minha amiga querida, ela vai surtar quando souber o que se passou aqui hoje. Mal posso esperar para encontrá-la, preciso de uma direção a qual seguir.

Termino meu banho e enrolo a toalha no meu corpo, saio em busca da blusa do meu uniforme e a visto. Saio do quarto e sigo a luz de um cômodo, que deduzo ser a cozinha. Paro na porta ao ver Felipe colocando a comida nos pratos com maestria, ele não parece nem um pouco desastrado como me fez pensar que era há pouco.

— Venha, pretty face, estou vendo você aí.

— Me fez pensar que não sabia de nada na cozinha. — Aproximo-me, com os braços cruzados. — Vim mais rápido por isso.

— Foi somente para vê-la rindo de mim, mas sei me virar.

— Então estou mais tranquila. — Sorrio.

— Você está em boas mãos. — Pisca para mim e me estende o prato. — Vamos comer, já está amanhecendo.

## FELIPE

A observo sentar-se à mesa e iniciar a refeição da madrugada. Sento-me ao seu lado e me concentro no prato, essa comida está deliciosa.

— Assim que terminar aqui, irei para casa, você vai trabalhar e...

— O quê?

— Sim, você precisa descansar um pouco pelo menos.

— Não vou deixar você sozinha, não depois do que aconteceu. — Ergo a sobancelha. — Esqueça essa ideia.

— Felipe...

— Esqueça, Vanessa — reforço. — Quero que durma aqui comigo, não posso deixar você sozinha depois do que aconteceu.

A carinha de resignada que ela lança para mim me faz sorrir. Aceno para que continue comendo e volto a ficar quieto, não há o que decidir, Vanessa não vai ficar sozinha hoje. Assim que terminamos de comer, arrumamos a cozinha e voltamos para o quarto. Faço com que Vanessa acomode-se na minha cama e sigo para tomar meu banho.

Penso na cena que presenciei e sinto uma angústia tomar meu peito. Vanessa estava desesperada, seu olhar aterrorizado, as unhas praticamente rasgando a própria pele... não quero que ela volte a ter crises de pânico, quero ajudar Vanessa a se curar disso.

Ao sair do banho, a vejo sentada na cama, olhando para a janela panorâmica do quarto. Olho também e vejo o sol nascendo. Visto uma cueca e subo na cama, abraçando-a por trás.

— Vamos dormir um pouco, pretty face. — Beijo seu pescoço. — Venha.  
— Vou fechar suas cortinas.

Sai da cama e eu observo enquanto anda até as cortinas da janela e as fecha. Desço o olhar pelo seu corpo e penso no quanto ela ainda pode aprender, no quanto falta para que esteja liberta totalmente. Vanessa despertou um desejo incontrolável em mim, despertou algo que jamais pensei que fosse sentir, o amor.

Vi meu irmão sofrer com Vitória e isso me deixou cismado com o amor. Benjamim idolatrava aquela mulher e ela fodeu com um dos nossos homens de confiança na cama do Ben. Se não fosse Lara para tirá-lo daquele abismo e fazê-lo voltar a viver juntamente com a pequena Ellen, eu não sei o que teria sido do meu irmão.

Agora, aqui com Vanessa, sinto que finalmente entendo o que meu irmão diz quando fala sobre o que Lara lhe causou. É como se elas fossem capazes de nos mudar somente com um simples olhar, ou um sorriso. Anderson só falta cair de joelhos quando Melissa lhe sorri, Celso ouve Suzana antes mesmo de ouvir a si próprio. É assustador, mas quero descobrir como é estar com alguém de verdade.

Vanessa deita-se ao meu lado e eu a puxo para mim, abraçando-a. Sinto sua mãozinha pousando no meu peito e repuxo o canto dos lábios em um sorriso. Estamos juntos e eu vou ajudá-la a superar essa merda toda que viveu.

# Capítulo 22



VANESSA

Estar acomodada no peito quente de Felipe me faz acalmar ainda mais. Nunca pensei que fosse me sentir tão bem nos braços de um homem na vida. Fico quieta, ouvindo sua respiração se tornar compassada. Ele adormeceu.

Fecho os olhos, saciada e completamente feliz. Solto um suspiro e acaricio seu peito nu, apreciando sua presença e sua proteção sobre mim. Ouço sua respiração um pouco pesada e ergo a cabeça para, mesmo na penumbra, observá-lo.

Penso no que se passou hoje, em tudo. Felipe é uma das pouquíssimas pessoas que conhece o meu pior lado e mesmo assim me trata normalmente, não como se eu fosse uma doente, uma louca. Não poderia querer estar com alguém melhor.

\*\*\*

— Pretty face. — Sinto um carinho nos meus cabelos. — Acorde.

Abro os olhos e os semicerro quando vejo Felipe sorrir. Olho em volta e comprovo que realmente dormi com ele, não foi um sonho.

— Tinha alguém ligando para você.

— Oh, sim. — Sento-me em um pulo, lembrando de Sheila. — Deve ser minha amiga.

— Vá atender, então.

— Vou mandar apenas uma mensagem, falo com ela depois. — Sorrio.

— Assim vou inflar meu ego... Gostou de estar comigo? — brinca. —



Sou irresistível assim, Vanessa?

Não contendo uma risada e saio da cama para pegar meu celular. Digito um breve "estou bem" e sei que ela vai surtar, querendo saber de tudo, mas agora eu quero aproveitar que finalmente estou conseguindo controlar a minha escuridão.

Quero ficar com ele um pouco mais, descobrir e sentir coisas novas, aproveitar essa estranha sensação de liberdade. Bloqueio o celular e olho para ele, que está esparramado na cama, usando apenas sua cueca. Comprimo os lábios um contra o outro e o vejo sorrir outra vez.

— Volte para cá, pretty face, não quero sair desta cama tão cedo.

— E o que o faz pensar que vou ficar na cama com você? — Resolvo brincar também.

— Podemos ficar em pé, então.

Felipe sai da cama e vem até mim, me fazendo sorrir outra vez. Ele me puxa para si e me beija rapidamente, fazendo um carinho na minha cintura. Sinto-me bem de uma maneira que não consigo explicar quando estou com ele.

— Felipe. — Coloco as mãos nos seus ombros.

— Sim?

— Obrigada. — Subo uma das mãos para os seus cabelos que tanto amo. — Eu... não queria que tivesse visto aquilo, mas eu não sei quando passaria se você não estivesse comigo... a angústia era tanta que já estava doendo.

— Não se preocupe com isso. — Afasta-se e segura minha mão. — Verei quantas vezes for necessário, estamos juntos. Vamos voltar para a cama.

Estamos quase alcançando a cama, quando vejo o cano de uma arma entre suas roupas em uma poltrona. Paro de andar e penso um pouco, ele não estava com ela quando cheguei ontem.

— O que significa isso? — Solto sua mão e me dirijo à poltrona. — Uma arma?

Pego a pistola e constato que é bem mais pesada do que imaginei que fosse. Diferentemente da reação que esperei, Felipe sorri e vem até mim para tirar o objeto das minhas mãos com calma. Fico quieta, esperando que ele me diga.

— Isso é para proteção. Todos nós do quarteto temos uma, a segurança também. — Pega a pistola pelo cano das minhas mãos. — Ninguém está escape dos perigos que nos ronda. Vi meu irmão ser sequestrado juntamente com a minha cunhada, vi a loirinha do Anderson quase ser estuprada por um doente, vi Celso enlouquecer quando Suzana foi levada por uma psicopata e perder o bebê... não quero que nada de mal aconteça a você, não aguentaria.

— Entendo. — Olho para o objeto e não posso deixar de pensar nele com

isso. — Você treina para usar isso?

— Sim, pretty face. Juntamente com defesa pessoal e artes marciais.

— Mesmo? — faço espanto.

— Mesmo. — Ele ri. — Te levo qualquer dia, quando as sacanas do quarteto forem também. Adoram assistir.

Abro um leve sorriso, sabendo o porque de elas gostarem tanto. Sei disso por causa de Sheila. Se os amigos do Felipe forem assim como ele e seu segurança, esse quarteto é muito mais do que fantástico, como o próprio Felipe diz.

— Está com medo de mim por conta de uma arma?

— Não estou com medo de você, apenas fiquei assustada em ver uma arma nas suas coisas.

— Não fique. — Me puxa para a cama outra vez. — Ainda te levarei ao clube para conhecer Enzo e um pessoal italiano, mas isso será aos poucos.

Apenas sorrio, querendo saber que história é essa de italianos, mas deixo para depois. Assim que deito ao lado dele, permito-me acariciar seu peito e ele grunhe, olhando fixamente para mim.

— Você está confortável aqui? Comigo?

— Sim... absolutamente.

— Isso é ótimo. — Pega minha mão que está em seu peito e a aperta contra ele. — Minha pretty face, nunca mais ninguém vai machucar você... isso é uma promessa.

— Acredito em você.

## FELIPE

Olhando para o belo rosto de Vanessa, penso no quanto ela é machucada e sinto uma necessidade extrema de protegê-la. Não quero que sofra mais.

— Quero levar você para conhecer alguém. Se você quiser, claro.

— Mesmo?

— Sim. — Hesito. — Meu pai.

— Pensei que fosse o seu irmão. — Ela sorri. — Nunca havia me falado do seu pai.

— Meu pai fez coisas ruins, meu irmão não o suporta, mas ainda assim é o nosso pai... e está doente. Entende?

— Claro que entendo. — Fica séria.

— Mas se, em alguma situação, eu tiver que escolher entre o meu pai e o

meu irmão, eu escolherei Benjamim. — Franzo o cenho. — Disso eu nunca tive dúvidas, meu irmão sempre esteve comigo... dos meus piores aos meus melhores momentos.

— Você e ele têm uma relação muito bonita.

— Ele é a minha putona. — Sorrio. — Mas então, você topa ir conhecer meu pai?

— Claro que topo.

— Manoel tem Alzheimer, releve se ele me confundir com Benjamim ou se perguntar por minha mãe. — Solto o ar pela boca, preocupado. — A doença me deixa tenso, ele está ficando à deriva de tudo e de todos.

— Sinto pelo seu pai. — Afaga meu rosto com uma expressão calma no rosto. — Ficarei feliz em ir vê-lo.

— Só quero apresentá-lo a você antes que a doença avance ainda mais.

Não dizemos mais nada por alguns minutos, não quero parecer que a estou pressionando.

— Henry quer saber quando volta para conversarem mais. — Ela deixa o tom divertido. — Quando ele aprova, então está tudo certo.

— Isso é bom. — Sorrio. — Prometo ir lá para conhecer seus tios e falar com Henrique.

Vanessa senta-se na cama e eu a observo vestindo sua blusa do dia anterior. Toco os seus cabelos e sento-me também, para saber o que há.

— Está tudo bem?

— Sim.

— Então sorria para mim — brinco. — Por favor.

Deixo pequenos beijos no seu ombro e pescoço, ouço sua risada baixa e somente assim paro para voltar a olhá-la.

— Precisamos comer para irmos ver o seu pai.

\*\*\*

Saio do carro e Vanessa não espera que eu abra a porta para ela. Contorno o carro e seguro sua mão, entrelaçando nossos dedos.

— Vamos — encoraja. — É o seu pai.

— Vamos, pretty face.

Sigo junto com ela e cumprimento os seguranças da frente da casa. Olho para trás e vejo Gabriel ficando com eles, do lado de fora da casa. Passamos pelos jardins e eu abro a porta da sala principal, onde encontro o meu pai sentado, lendo um jornal.

Manoel ergue a cabeça para nos olhar e faz uma expressão interrogativa.

Fecho a porta atrás de mim e guio Vanessa para mais perto dele. Sento-me com ela no sofá e o encaro.

— Que bom que veio me ver hoje. — Ele sorri, sem ânimo. — Me sinto sozinho.

— Estou aqui agora. — Olho para Vanessa.

— E quem é a moça?

— Ah, bom... Essa é Vanessa. — Seguro sua mão novamente. — Estamos juntos.

— Juntos? — faz espanto. — Nunca imaginei você sossegando, Felipe... estou realmente surpreso.

— É. — Respiro fundo. — Nos conhecemos faz um tempo, mas nos deixamos levar ontem... começamos algo mais sério.

— É um prazer estar aqui conhecendo o senhor. — Ela sorri, apertando ainda mais a minha mão.

— Você ama o meu filho?

Vanessa fica espantada com a pergunta, mas abre o sorriso outra vez.

— Sim, senhor. — Olha para mim e desvia o olhar rapidamente. — Nosso relacionamento é um pouco diferente, mas eu estou apaixonada por ele.

— Isso é ótimo. — Sua expressão muda. — Faça o meu filho feliz. Não vou cometer o mesmo erro que cometi com Benjamim, não vou julgar vocês... se Felipe está feliz, eu também estou. Antes tarde do que nunca, quero consertar os meus erros.

Um silêncio pesado se instala na sala e eu abaixo a cabeça, lembrando-me do tempo em que meu pai ameaçou Lara e a pequena Ellen de morte. Deus, aquilo foi como um soco na minha cara, vi meu irmão ensandecido de raiva do Manoel.

— Sei que não mereço, mas eu gostaria muito de ver o meu primogênito. — Abaixa a cabeça. — E a minha neta.

— Vou ver o que consigo fazer, sim? — Fico de pé, não querendo que se aborreça com o assunto. — Eu e Vanessa precisamos ir agora.

— Tão cedo? Acabaram de chegar...

— Realmente é necessário, volto depois para conversarmos... está tomando os seus remédios?

— À pulso, mas sim — resmungo. — Não sei para quê isso tudo.

— É necessário, para que não piore. — Afago seu ombro. — Até mais.

Dou as costas e saio com Vanessa dali. Sempre que venho vê-lo, Manoel me diz coisas que eu não entendo. É como se fossem códigos e Benjamim anda estranho... algo está acontecendo e eu não pretendo demorar a descobrir o que está errado.

# Capítulo 23



VANESSA

Quando deixamos a verdadeira mansão, que é a casa do pai de Benjamim, noto Felipe um pouco tenso e pensativo. Tem algo mais nessa história dele com o irmão que eu ainda não sei e, sinceramente, tenho medo de descobrir.

Felipe não me disse à fundo o que aconteceu entre ele, o irmão e o pai quando a esposa de Benjamim foi ameaçada quando estava grávida. Não sei como aquele homem teve a coragem de ameaçar um bebê, ele não parece ser capaz de tal coisa.

Meu padrasto também não parecia ser capaz de fazer tal coisa comigo, por isso não duvido da capacidade de mais ninguém. Em público ou quando estávamos com minha mãe, ele era outra pessoa, amoroso, carinhoso e aparentemente um bom pai para mim.

Todos o adoravam, ninguém imaginava o motivo de aquela menina calada, tímida e retraída ser daquele jeito... pensavam ser a falta do pai. Na verdade, era a falta de uma mãe de verdade, que enxergasse os abusos que a filha passava. Isso é o que mais me machuca até hoje, ela nunca ter visto.

— Felipe. — Toco seu braço quando o vejo segurar o volante com força, antes de dar partida no carro. — Está tudo bem? Estou ficando preocupada.

— Sim. — Parece acordar de um transe e olha para mim. — Estava apenas pensando, desculpe.

— Está com raiva.

Olho para as suas mãos, já esbranquiçadas pela força que usa.

— Não. — Abre um leve sorriso. — Não se preocupe.

Ele solta a mão esquerda do volante e toca minha mão, sobre o seu braço direito. Sua expressão muda de forma drástica, ilumina-se quase que completamente.

— Vamos para casa agora. — Dá partida no carro.

Nossa volta é silenciosa e eu sei que ele deve estar pensando em alguma coisa. Felipe é transparente como água, mas consegue esconder coisas. Talvez ele guarde suas emoções somente para si e isso pode machucar muito, eu sou prova viva disso.

Vejo seu celular tocar e, de relance, vejo o nome "Celso" brilhando na tela. Felipe não hesita em pegar o aparelho e atender.

— Fala, amor. — Faz uma pausa para ouvir o que o homem diz. — Não acredito? Isso é sério?

Pelo tamanho do sorriso no rosto do Felipe, ele ouviu algo realmente muito bom. Comprimo os lábios e o observo.

— Estou muito feliz por você, amor! Claro que eu irei, isso lá é pergunta?! — Dá risada. — Desejo toda a felicidade para você e para a Suzy.

Quando encerra a ligação, Felipe me olha rapidamente e volta a atenção ao trânsito. Noto que quer falar comigo, mas parece não saber como começar.

— Pretty face.

— Hum?

— Meu amigo... do quarteto fodástico. — Ele ri. — Vai se casar em alguns dias e acabou de me ligar informando. Quero de saber se gostaria de me acompanhar.

— Tem certeza?

— Mas é claro que eu tenho.

— Bom, então sim. — Toco o colar que me deu. — Ficarei muito feliz em conhecer os seus amigos.

— Tenho certeza de que eles também ficarão.

Ao chegarmos no prédio, aguardo para que ele estacione e, por fim, nos dirigimos ao elevador. Quando estamos no nosso andar, Felipe me puxa pela cintura e me prensa contra a porta do meu apartamento.

— Se vamos nos despedir, quero fazer isso direito.

— O quê? — ofego.

— Quero te dar algo antes de seguirmos com o curso normal do nosso dia. — Ele sorri, subindo a mão para os cabelos da minha nuca de maneira firme. — Uma pequena, mas deliciosa despedida.

— Felipe...

— Deixe-me guiar você, Vanessa... vou te trazer para a luz, para que aprenda o quão deliciosa a vida pode ser.

Fico calada, esperando que me mostre e até sei o que vem pela frente. Desejo isso, desejo me libertar dos traumas, das lembranças dolorosas e sujas. Quero que Felipe me faça mulher e me trate como mereço; Sheila tem razão, eu preciso viver e amar alguém intensamente.

Estou me entregando a esse homem como nunca imaginei que faria com ninguém, estou me atirando em um abismo de olhos fechados e espero estar certa. Sou beijada com avidez e prensada com ainda mais força na porta. Felipe está desejoso, quente. Minhas mãos pousam no seu peito duro e quente e meu coração volta a acelerar de maneira intensa.

— Felipe. — Paro o beijo, sentindo a angústia, já conhecida, voltar. — Nos falamos depois, sobre o casamento do seu amigo.

— Desculpe se me exagerei. — Acaricia meu rosto. — Não era a intenção assustar você.

— Não me assustou. — Sorrio para tranquilizá-lo. — É só que...

— Está com medo de não resistir a mim? Sei que sou um pedaço de mal caminho, mas não é para tanto. — Pisca, abrindo um lindo sorriso em seguida, me tranquilizando. — Fique tranquila, pretty face, não vou ficar bravo com você.

— Obrigada.

Felipe me espera entrar em casa para poder seguir para o seu apartamento. Fecho a porta e respiro fundo, pensando em tudo o que aconteceu desde o dia de ontem. Ainda não acredito que consegui me entregar a ele, que senti coisas maravilhosas nas mãos de um homem.

Pego meu celular e sorrio ao ver milhares de ligações da minha amiga. Sento-me no meu sofá e retorno a sua ligação, já pensando na chuva de perguntas que virão.

— *Vanessa! Por que você não me atendeu? Estava ficando louca!*

— Viu a minha mensagem? — pergunto calmamente.

— *Claro que vi! Aquilo é conteúdo de me tranquilizar, por acaso? Um 'estou bem'? Me poupe, mocinha.* — Respira fundo, parecendo tentar se acalmar. — *O que aconteceu ontem entre você e o bonitão? Me conte tudo.*

— Eu... nós transamos. — Solto de uma vez.

— *Vocês o quê?! — berra.*

— Você ouviu, engraçadinha. — Deixo o tom brincalhão. — Não se faça.

— *Estou indo aí agora!* — Encerra a ligação.

Sorrio comigo mesma e coloco o celular de lado, esperarei Sheila.

FELIPE

Ver meu pai hoje me deixou bastante pensativo. Ele falou de erros do passado, coisas que queria consertar... sei que se trata de Lara e Ellen, mas existe algo mais nesse meio, algo que não estou conseguindo enxergar.

Ainda.

Quando deixo Vanessa no seu apartamento, saio novamente e sigo para o apartamento que Benjamim mora com Lara. A essa hora eles devem estar em casa. Ao chegar, sou recepcionado por Graça e ela avisa que Anderson também está aqui. Mas que porra?

— Olhe só, minha outra puta morena chegou — Anderson exulta.

— O que faz aqui? — pergunto, descontraído, mas noto Benjamim tenso.  
— Algo errado?

— Não! — meu amigo emenda. — Vim trazer Melissa e Heitor para verem Lara e Ellen, estavam com saudades.

— Hum. — Franzo o cenho, mas acabo abrindo um sorriso. — Irei ver as mulheres maravilhosas lá dentro e volto para conversarmos algo.

— Ei, porra! Mulheres não, meu moleque está lá!

— Tudo bem, Putão... as mulheres e o seu pequeno putinho.

— Isso mesmo. — Abre um sorriso bobo.

— Ellen está com saudades — Benjamim fala pela primeira vez.

— Eu também estou... da minha princesa.

Sigo em direção à sacada do apartamento do meu irmão e encontro Ellen sentada no chão, ao lado de Heitor, que engatinha. Melissa e Lara estão conversando, mas atentas às crianças.

— Titio! — Ellen grita e corre até mim. — Não acredito que veio!

— Vim te ver, Ell! — A abraço. — Como está a minha princesa?

— Estou bem. — Alisa minha barba por fazer. — Brincando com o Heitorzinho.

— Brincando, é? — Pisco para Lara e Mel, que sorriem. — Ele é o seu namorado?

— Não, titio! — Ela ri. — Heitorzinho ainda é muito pequenininho, estou esperando ele crescer.

— Oh, céus. — Lara cai na risada. — Ben irá correr louco.

— Para de rir disso, Lara! — Benjamim surge na porta da sacada com Anderson. — Não se brinca com essas coisas, porra, meu coração de pai não aguenta! Vou infartar!

— Vou chorar, Benjamim?

Coloco Ellen no chão e pego o pequeno Heitor, que abre um sorriso para mim. As crianças desse quarteto derretem até os corações mais duros.



— Mas esse menino é a cara da mãe! — Pisco para Melissa, que sorri. — Bonito desse jeito, só poderia ter puxado a ela.

— Seu cu!

— Anderson Rocha, seu cretino abusado! Policie essa língua! — Mel repreende. — Ellen está aqui.

— Minha língua não precisa de policiamento, diaba loira, precisa somente da sua boce...

— Céus! — É a vez de Lara interromper. — Parem.

— Viu, cunhada? Sempre digo que sou o santo daqui. — Brinco com Heitor nos braços, sorrindo. — Você tem que assumir que sou o mais santo desse quarteto.

— Do pau oco — Anderson completa.

— Mas onde está Celso e a sua loirinha?

— Só quer saber de saliência agora — Anderson comenta, fazendo cara de inocente.

Caio na risada quando vejo a expressão de Melissa ao ouvir a frase do marido.

— Não seja ridículo, Anderson... você também só pensa nisso.

— Ei, loirinha. — Faz bico. — Me dê uma moral diante dos meus amigos, assim sou capaz de ficar profundamente magoado. Todos sabemos que a tarada da relação é você.

— Até parece.

— Ela vai te bater, putão — aviso.

— Adoro quando me bate, me xinga, me ama. — Pisca para ela, que não se segura e abre um sorriso.

— Não vale nada, Anderson. — Benjamim nega com a cabeça.

— O assunto está muito bom, mas eu preciso tomar vossos maridos um minuto.

— Me respeita, Felipe — Anderson brinca. — Sou pai de família, não posso mais fazer menáge com vocês.

Todos rimos e eu sigo com os putos para dentro do apartamento. Ao passarmos por Graça, Benjamim lhe dá uma palmada na bunda e ela o xinga.

— Mas nem respeito se tem mais nessa casa! — Cruza os braços e olha para mim e Anderson, que damos risada. — E vocês dois entrem nessa que ganham o de vocês.

— Sim, senhora. — Pisco para ela e espero que nos deixe a sós.

Benjamim serve uma dose de whisky para mim e para Anderson, antes de servir uma para si mesmo.

— O que você precisa? — Ben pergunta, preocupado.

— Que me digam o que realmente aconteceu no tempo em que descobrimos desvios da SQUAD. — Passo as mãos nos cabelos. — Foi somente aquilo? Por que o nosso pai sempre fala que gostaria de poder consertar os erros do passado?

Meu irmão e meu amigo se olham rapidamente antes de voltarem a atenção para mim. Nesse momento eu sei que há algo mais e que preciso saber o que é.

— Foi somente aquilo. — Benjamim se mantém sério. — Ele deve se referir a ter te deixado de lado e às ameaças contra Lara e Ellen.

— Isso mesmo, puto. — Anderson segura meu ombro. — Deixa de paranoia e vamos voltar para perto das heroínas das nossas vidas.

— Falando em heroína, e Vanessa?

— Logo vocês a conhecerão, estamos juntos.

A comemoração é feita em coro pelo meu irmão e por Anderson, que me abraçam e tiram sarro de mim até que eu não aguento mais. Um pouco mais tranquilo, volto para casa, mas isso não significa que eu estou completamente satisfeito.

# Capítulo 24



.. ALGUNS DIAS DEPOIS ..

VANESSA

Olho para o vestido estirado em cima da minha cama e respiro fundo. Hoje é o casamento do amigo do Felipe, o Celso, e ele quer que eu vá com ele para que possa conhecer o seu quarteto fodástico. Confesso que estou um pouco nervosa, conhecer seus amigos e seu irmão é algo muito maior do que conhecer o seu pai.

Felipe fala dos seus amigos e do seu irmão de maneira muito mais bonita e apegada do que com seu próprio pai. Desde que visitei aquele homem com Felipe, eu soube que tem algo entre eles que precisa ser resolvido. Manoel fala em códigos, como se Felipe não soubesse do que se trata. Espero que ele não machuque Felipe, não sei se suportaria vê-lo quebrado.

— Nessa, querida. — Minha tia entra no quarto. — Esses saltos ficarão lindos com o vestido que escolheu.

— Obrigada. — Sorrio. — Preciso me apressar, Felipe vai chegar.

— Estou tão feliz te vendo assim, deixando que o rapaz te ajude.

— Felipe é a minha salvação, ele se empenhou muito em me ajudar... não desistiu um minuto sequer. — Pego o vestido na cama e paro. — Não sei se mereço.

— Claro que você merece, você precisava de alguém que realmente te entendesse e te fizesse uma mulher feliz.

Não respondo, apenas sigo para o banheiro e me empenho em vestir-me. O tom lilás do vestido é lindo, ele tem um leve decote, é longo e as costas são

nuas. Quando minha tia o mostrou para mim, nem quis prová-lo, minha autoestima não me permite vestir algo assim.

Depois de muita insistência, eu provei o vestido e, por incrível que pareça, gostei dele. Agora, diante do espelho, estou em um conflito comigo mesma.

— Nessa? Está tudo bem aí dentro?

— Ah? Sim, tia. — Suspiro e abro a porta para que ela possa me ver. — É que não sei se...

— Não me venha querer se vestir como uma senhora de sessenta anos, Vanessa. — Abre um sorriso. — Você está linda.

— Deslumbrante. — A voz de Felipe me faz petrificar no lugar.

Olho para ele usando um smoking de tirar o fôlego e segurando uma tulipa vermelha. Seu sorriso é algo fora do comum.

— Vim para avisar que ele chegou, mas acabei me distraíndo. — Ela sorri.

— Espero não estar sendo inconveniente.

O olhar intenso não sai de mim e eu sinto algo ferver dentro de mim. As cenas eróticas que tivemos juntos me vêm à mente e eu não posso negar que foi umas das melhores sensações que já tive na vida, apesar da crise de pânico que tive depois.

— Claro que não! — minha tia responde por mim. — Ela só falta colocar os saltos e estará pronta.

Mais uma vez, ele sorri, me derretendo toda. Desvio o olhar e me concentro em sentar-me na cama e calçar os saltos. Sinto as minhas mãos trêmulas e o meu rosto esquenta somente com a sensação de tê-lo me observando.

— Bom, eu vou estar na sala, Nessa.

— Tudo bem, tia.

Quando ela sai do quarto, Felipe caminha calmamente até mim, passa a mão nos cabelos e estende a rosa. Fico de pé diante dele e pego a tulipa, resignada.

— Antes que reclame sobre a tulipa, hoje é uma ocasião especial. — Toca meu queixo e me beija de maneira leve. — Você está linda, pretty face.

— Obrigada. — Passo as mãos no seu smoking, estirando-o. — Você também está.

— Estou, é? — Ele ri. — Estou uma delícia, Vanessa... agora vamos, quero apresentar você às putas nervosas antes do casamento.

\*\*\*

Felipe para o carro em frente a um edifício e explica que é onde Benjamim mora e, também, onde Suzana está se arrumando. Adentramos no local e seguimos juntos para o elevador, ele segura a minha mão e entrelaça os nossos dedos.

— Porra — xinga. — Estou com uma vontade incontável de beijar você.

— Controle, então. — Sorrio. — Estamos em...

Sou interrompida quando ele, com a mão livre, me puxa para si, sorrindo. Fecho os olhos quando seus lábios alcançam o meu pescoço e deslizam calmamente, deixando um caminho úmido por onde passa.

— Felipe — murmuro.

— Só uma provinha, pretty face. Juro.

O sacana sorri, afasta-se e passa a mão nos cabelos. Nessa hora, as portas do elevador se abrem, revelando o corredor vazio do andar. Respiro fundo e saio com ele em direção a um dos apartamentos.

A porta é aberta por um homem, que abre um sorriso e eu noto uma leve semelhança entre ele e Felipe. Deduzo ser seu irmão. Eles se abraçam e eu noto o amor, a confiança e o laço forte que há entre eles.

— É... Ben, essa é Vanessa. — Felipe abre um sorriso. — Vanessa, esse é Ben, minha puta nervosa.

— Puta nervosa é o caralho! — xinga e olha para mim. — Desculpe por esse puto, prazer conhecê-la.

— Olá. — Sorrio. — É um prazer finalmente conhecê-lo, Felipe fala muito em você.

— Ele não me tira da boca dele, esse pirralho. — Pisca para o irmão, sorrindo.

— Sem safadeza na frente da minha pretty face, Ben. Sou um homem puro, não sei o que significam essas coisas.

— Tá bom, madre Tereza. — Benjamim sorri. — Entrem, Suzana está no quarto com Lara e Melissa.

— Aquelas três juntas não dá certo. — Um homem alto e com uma barba muito bem feita se aproxima. — Minha diaba loira vai ser colocada na perdição junto da Larinha e da Suzy.

— Uma porra! — Benjamim xinga outra vez.

Por fim, o homem olha para mim e abre um sorriso maravilhosamente lindo. Deus, quantas pessoas bonitas aqui hoje.

— Não me diga que você é a vizinha do puto aqui?

— Me respeita, putão. — Felipe o abraça e vira-se para mim em seguida.

— Essa é Vanessa.

— Anderson. — Estende a mão. — Encantado... porque prazer, somente na cama.

— Canalha. — Benjamim ri e olha seu relógio de pulso. — Vamos apressar aquelas mulheres, ou não sairemos daqui hoje para esse casamento.

— Loiraaaa, vou enlouquecer sem você aqui comigo — Anderson chama da sala mesmo, mas não há resposta. — Chega, vamos até lá.

Seguimos Anderson pelo corredor do apartamento impecável e Anderson abre a porta de um dos quartos. Ouve-se a voz de uma criança e algumas mulheres.

— Opa! — Anderson entra com Benjamim ao seu lado, deixando Felipe e eu mais para trás. — Chegamos para ver a terceira noiva mais linda deste quarteto.

— Que invasão! — Uma mulher loira com um bebê nos braços o recebe com um beijo.

Ele pega o bebê nos braços, sorrindo. Benjamim vai até uma morena bonita e a beija, antes de elogiar a menina vestida de daminha de honra. Ela rodopia para que ele veja seu vestido. A menina é a uma incrível mistura da morena com Benjamim.

— Tio Celso tá nervoso, papai? — ela pergunta. — Como o tio Anderson estava?

— Ei, Ell? Não me entregue, pequena!

Todos damos risada quando a menina leva a mão à boca, fazendo carinha de inocente. Benjamim cochicha algo para ela, que solta uma risadinha sacana. Então, Felipe me puxa para dentro do quarto e todos olham para nós, me deixando um pouco tímida com a situação.

— Bom, essa é Vanessa. — Pigarreia. — É a minha vizinha.

— Aaah! Finalmente conhecemos a vizinha dos sonhos do puto. — Anderson aproxima-se de mim e me cumprimenta outra vez juntamente com seu bebê. — Bem vinda ao grupo de putas nervosas, Vanessa.

— Não se importe com o linguajar ou como se tratam — a morena diz e vem me abraçar. — Eles são uns amores quando querem.

Felipe sussurra o nome "Lara" no meu ouvido, enquanto a morena me abraça e deduzo ser o seu nome. Ela é muito simpática, gostei dela.

— É um prazer conhecê-la e tê-la em meu casamento — a loira vestida de noiva diz.

— Obrigada a todos. — Sorrio levemente. — Felipe me falou muito de cada um de vocês... estou muito feliz por estar aqui hoje.

— Céus, que linda! — Lara afirma.

— Vamos? — Benjamim olha para a noiva. — É a hora.

— Sim. — Sua voz soa trêmula.

Por ela ser a noiva, sei que é a Suzana, Felipe me falou o quanto sofreu com o Celso para estarem juntos. A outra loira é a Melissa, que o Anderson chama de diaba loira.

— Nós vamos antes — Lara interrompe. — Quando chegarmos lá e nos acomodarmos, ligaremos para vocês.

— Tudo bem. — A noiva assente.

Saímos todos juntos do quarto e Felipe me guia até a porta principal do apartamento. Dou um breve tchauzinho a todos e eles sorriem, simpáticos. Nunca pensei que eles fossem me acolher tão bem dessa maneira, a recepção foi tão boa e calorosa que me senti parte deles.

## FELIPE

Noto o semblante de Vanessa mais descontraído e sorrio, feliz por ela ter gostado dos meus amigos. As putas histéricas são um caso sério.

— Gostou do meu quarteto fodástico, pretty face?

— Sim, muito. — Ela sorri. — Não pensei que fosse ser tão bem-recebida por eles.

— Não? — faço espanto. — Ainda achei bem retraída para a quantidade de palhaçadas dos meus putos... mas eles estão tímidos com você ainda, vão se soltar mais. Ainda falta o Celso.

— A Suzana está linda. — Suspira.

— Sim, Suzy está perfeita. — A olho de soslaio enquanto coloco o carro em movimento. — As noivas do quarteto são as mais bonitas.

Vanessa não responde, apenas sorri. O caminho é silencioso, sei que isso tudo é muito novo para ela, mas vejo que gostou de conhecer os meus amigos. Vanessa está segura conosco, quero que sinta isso.

A cerimônia do casamento é celebrada de maneira simples e bonita. Vanessa está encantada com cada detalhe do lugar e eu estou simplesmente encantado por ela usando esse vestido... a mulher está deslumbrante.

— Há algo errado comigo? — pergunta, me olhando de maneira séria. — Estou ficando preocupada.

— Não. — Sorrio. — Está tudo muito certo, estou hipnotizado.

Recebo uma leve cotovelada e um sorriso lindo. Merda, eu quero fazê-la minha outra vez, quero estar dentro dela e dizer o quanto é bonita, o quanto é

desejada, o quanto me atíça... quero Vanessa toda.

Benjamim está sentado do meu lado, juntamente com Lara, que não tira o olho da filha toda comportada no altar. Celso treme mais que vara verde no altar e Suzana está toda sorridente... Ela e Lara devem estar tramando algo. Anderson, o pequeno Heitor e Melissa estão ao lado de Vanessa, concentrados no casamento.

Quando o casamento se encerra, reúno o quarteto e espero que tudo se acalme para Suzana e Celso. Eles estão cumprimentando os convidados.

— O casamento está lindo — Lara comenta. — E com a surpresa que Suzy está preparando, ficará ainda mais.

— Surpresa? — Ben estranha e a esposa apenas sorri. — Lara, Lara.

— Mas olha quem está chegando — Anderson anuncia. — Loirinha, assim que cumprimentarmos o puto ali, vamos dançar um pouco.

— Posso saber como, seu cretino abusado? Estou com Heitor.

— Agora vai me largar por causa desse moleque. — Pisca para nós, fazendo drama.

A cara amarrada da Melissa faz o putão sorrir feito bobo e beijar seu rosto de maneira carinhosa. Ele faz o mesmo com o filho e o pega no colo. Quando Enzo aproxima-se de nós com sua esposa, Kiara, ele sorri.

— *Miei amici*<sup>u</sup> — cumprimenta.

Sorrio para a sua esposa, que nos cumprimenta apenas com um aceno de cabeça, a mulher está estonteante. Nos concentramos em uma conversa, até que anunciam a valsa e todos nos aproximamos do centro do salão de festas para apreciar.

— Seu amigo está mesmo apaixonado — Vanessa comenta. — Veja como olha para ela.

— Eles sempre foram apaixonados... estão juntos há mesma quantidade de tempo que Lara e Benjamim, apenas preferiram casar depois.

Quando penso que a valsa vai começar, Suzana pega um microfone e abre um sorriso, nervosa. Coloco Vanessa na minha frente para que veja melhor o momento. Continuo com as mãos na sua cintura e ela fica quieta, concentrada.

— Eu preciso dizer algo antes de dançarmos. — Respira fundo e olha para Melissa e Lara, que parecem encorajá-la. — É uma notícia, na verdade, algo que me deixou muito feliz dias atrás, quando fiz um exame.

Mesmo estando na minha frente e de costas para mim, sei que Vanessa está sorrindo, ela já entendeu do que se trata. Porra, a loirinha do Celso está grávida de novo! Isso é alegria demais!

— Eu estou grávida.

Olho para Anderson e Benjamim antes de começarmos a comemorar



feito loucos. Celso está estático no lugar, enquanto comemoramos com a nossa algazarra costumeira. Lara, Melissa e Vanessa dão risada, mas estão loucas como nós, só não demonstram.

Quando encerramos, finjo que sou uma pessoa séria e volto para perto da minha pretty face. Eles autorizam que a música comece e All of the stars do Ed Sheeran toca. Os dois dançam concentrados em si mesmos, conversando baixinho, se curtindo.

Colo meu corpo no de Vanessa e sinto suas mãos pousarem sobre as minhas, que estão em sua barriga. Inclino a cabeça e beijo seu pescoço, o que a faz virar um pouco a cabeça para me olhar.

— Vamos dançar um pouco assim que a valsa terminar, sim? — peço.

— Sim. — Sorri.

— Finalmente aceitou dançar comigo... você é bem difícil, senhorita Weiss.

# Capítulo 25



## VANESSA

Estou sentada, olhando todo o quarteto dançar com suas esposas e sorrio quando Ellen chega perto de mim, mas não diz nada. Ela ainda está se acostumando comigo, quando vejo Felipe vir até mim, sorrindo. A menina corre e para perto dos pais dançando, cheia de ciúmes.

— Perdão, pretty face, estava resolvendo algo. — Estende a mão. — Ainda aceita dançar comigo, este pobre homem redimido de tê-la deixado sozinha?

— Não merece. — Sorrio e seguro a sua mão de maneira firme. — Mas aceito.

Fico de pé e ele me guia até o meio do salão, onde os casais do quarteto dançam juntamente com o casal que chegou por último, Enzo e Kiara. Quando ficamos frente a frente, noto seu semblante diferente e franzo o cenho.

— Está tudo bem? — pergunto quando começamos a dançar.

— Sim, está. — Abre seu sorriso mais uma vez. — Não é nada demais, apenas vamos aproveitar a festa.

Não respondo, encosto a cabeça no seu ombro e deixo que ele me guie na dança deliciosa. Pelo que conheço, ele não quer falar. Sinto-me leve nos seus braços, não quero estragar isso perguntando sobre coisas que podem acabar com nosso clima.

Fecho os olhos e aspiro o seu perfume amadeirado, deixando-me inebriar por ele. Sinto-me tão confortável e segura que é como se, por alguns momentos, eu não tivesse tantos problemas.

— Você é uma verdadeira dançarina, pretty face... estou surpreso.

— Não faça elogios para me deixar feliz, já devo ter errado coisas ridículas aqui — brinco.

— Não estou querendo agradar você. — Ele ri. — Estou sendo sincero.

Ergo a cabeça para encarar os seus olhos intensos e as palavras me abandonam. É como se ele tivesse o poder de me silenciar e me fazer sentir bem com isso. Ficamos alguns instantes nos encarando e dançando, antes de sermos interrompidos por Benjamim.

— Com licença, casal, mas Celso e Suzana vão partir o bolo para irem embora.

— Sim, claro. — Felipe abre um sorriso. — Vamos, pretty face.

Sorrio para Benjamim e ele apenas me lança um sorriso de canto. Ele é mais fechado e mais sério do que Felipe e acho que isso é o equilíbrio da relação dos dois. Esses irmãos são muito unidos, é lindo de se ver como se tratam e se protegem. Dou risada quando Felipe cutuca o irmão e ele solta um "seu porra do caralho".

— É culpa dele, você viu. — Olha para mim e, pela primeira vez, o vejo sorrir de maneira genuína e aberta. — Esse meu irmão não vale nada.

— Ben, pare de tentar me jogar contra Vanessa, ela sabe que o santo daqui sou eu... já falei sobre todo o seu fingimento.

— Te quebro os dentes, porra. — Pisca para mim e segue na frente.

Paramos de andar quando avistamos o belo casal sorrindo para a câmera, enquanto cortam o bolo. É uma cena linda. Os casamentos sempre me emocionam, porque sempre invejei as mulheres que se permitem ser felizes, que não são machucadas como eu.

— Vanessa? — Felipe me faz olhar para ele. — Está chorando?

— Não. — Sorrio e respiro fundo, espantando as lágrimas. — Apenas acho os casamentos emocionantes.

Volto a olhar para o casal e sou abraçada por trás mais uma vez. Sinto a respiração quente e forte batendo contra o meu pescoço e minha pele arrepiada de maneira intensa. Remexo-me ao sentir algo sendo pressionado contra a minha bunda.

— Não faça isso — rosna, rouco. — Ou me fará mostrar uma ereção nessa festa.

Solto uma breve risada, um pouco surpresa com sua sinceridade, e jogo a cabeça para trás, alcançando seu ombro. Suas mãos passeiam por minha barriga e eu sinto meu corpo sensível ao seu toque, sensível demais.

— Titio! — Ouço uma vozinha de criança e, ao olhar para baixo, vejo a filha de Benjamim e Lara sorrindo. — Essa é a sua namorada?

Felipe pigarreia, afasta-se e agacha diante da sobrinha, que agarra seu

pescoço, abraçando-o. Sorrio quando vejo a expressão de felicidade de Felipe. Ele ergue o corpo, ficando de pé com ela nos braços, ainda abraçando seu pescoço.

— Pretty face número um. — Ele sorri, olhando para a sobrinha e em seguida para mim. — Essa é a pretty face número dois... Vanessa.

— Eu sou Ellen. — Sorri, dando um tchauzinho que deixa Felipe bobo. — Você é muuuito bonita.

— Oh, é mesmo? — espanto-me com a sinceridade. — Obrigada, você também é linda.

— Podemos brincar juntas um dia, podemos? Aí eu posso te mostrar o meu quarto... vamos fazer o dia das meninas!

— Mas é claro que sim. — Sorrio outra vez. — Falarei com seu tio para que avise a você.

— Tá bom. — Beija o rosto do Felipe e aponta para o chão. — Vou procurar o Heitorzinho.

— Tome cuidado.

Quando ela some por entre as pessoas, volto a olhar para Felipe e o sorriso bobo ainda está bem ali no seu rosto. Aproximo-me e ele segura minha cintura.

— Ellen é uma menina e tanto... eu a amo como se fosse minha própria filha, daria tudo para vê-la sempre feliz assim.

— Sim, ela é. — Arrumo alguns fios que caem na sua testa. — Ellen tem muita sorte de ter nascido entre vocês... ela sempre será protegida e amada.

— Como você é agora, pretty face — sussurra. — Vou fazer você esquecer os tempos de inferno que viveu.

— É o que mais quero que você faça.

— E o que mais você quer que eu faça?

— Não entendi? — me faço.

— Sim, você entendeu. — Ele ri, inclinando a cabeça para beijar levemente os meus lábios.

## FELIPE

Depois do fim da festa, olho para Vanessa empenhada em uma conversa com a minha sobrinha. Vejo Ellen dar risada e cruzo os braços para olhar as duas.

— Elas estão se dando super bem — Lara comenta, parando ao meu

lado. — Vai dar trabalho tirar Ellen dali para irmos embora.

— Estou ficando com ciúmes. — Cruzo os braços. — Fui trocado.

— Não seja dramático, já basta Benjamim na minha vida.

— Eu o quê, atrevida? — Meu irmão surge atrás de nós.

— Você e os seus dramas.

— Eu dramático? — faz espanto e eu dou risada. — Está vendo isso, Felipe? Isso é o que eu ganho por fazer essa ingrata gozar todas as...

Meu irmão recebe um tapa no braço e cai na risada ao ver a expressão espantada da minha cunhada. Ele a puxa para si e rouba um beijo do bico de braveza dela.

— Fiquem aí na DR de vocês, eu vou buscar a minha pretty face. — Pisco para os dois. — Estou enlouquecendo aqui.

— Vá com calma — Lara adverte.

Apenas sorrio e dou as costas, seguindo para onde as duas estão. Perto dali está a loirinha do Anderson, com Heitor adormecido nos braços.

— Tio!

— Olá. — Sento ao lado de Vanessa. — Odeio interromper vocês, mas precisamos ir agora.

— Mas já? — Ellen faz aquele biquinho irresistível.

— Já, pequena.

— O que acha de conversarmos mais outro dia? — Vanessa sugere. — Eu adoraria.

— Sim! — Fica de pé. — Até mais, tia Vanessa.

— Até, anjo.

Fico quieto enquanto as duas se abraçam e beijo os cabelos da minha sobrinha antes de vê-la disparar em uma corrida até alcançar os pais. Eles acenam para nós e seguem com Ellen saltitando até a saída da casa de festas.

— Podemos ir?

— Sim, claro.

Fico de pé e estendo a mão para ela, que aceita e apoia-se para ficar de pé. Espero que arrume o vestido no corpo e lembro-me de como é linda sem ele. Meu pau já começa a se animar somente com o pensamento de estar dentro dela outra vez.

Pigarreio para espantar os pensamentos obscenos para que eu possa dirigir normalmente. Abro a porta do carro para ela e espero que entre para fechar a porta. Sim, sou um cavalheiro nato, e essas qualidades se afloram quando quero trepar. Entro no carro e dou partida nele, vendo, pelo canto do olho, que Vanessa coloca o cinto.

— Gostou da festa, pretty face?

— Sim. — Ela ri. — Seus amigos são hilários.

*Hilário é o que pretendo fazer com você, Vanessa.*

— Bom saber que gostou deles, muito bom.

— Delas também — complementa. — As meninas me receberam muito bem, elas são muito gentis.

— Safadas também, não se engane.

Vanessa olha para mim e sorri como se eu tivesse dito algo absurdo, sorrio também. Esqueço que ela não está acostumada ainda ao meu modo e ao dos meus amigos de nos tratarmos.

— Você vai acostumar.

\*\*\*

Quando passamos em frente ao seu apartamento, ela para, fazendo-me parar também. Franzo o cenho, mas acabo sorrindo.

— Eu iria sugerir que dormisse na minha casa hoje. — Continuamos de mãos dadas e os dedos entrelaçados. — Talvez para vermos um filme, ou simplesmente...

— Tudo bem.

Vanessa aproxima-se e se aconchega, fazendo-me envolver seus ombros com o meu braço. Sorrio e pego as chaves do meu apartamento no bolso lateral da calça. Assim que abro a porta, deixo que ela entre e analiso todo o seu corpo naquele vestido. Perfeita.

— Posso tomar um banho antes de assistirmos?

— Mas é claro, pretty face. — Sorrio. — Vou ligar a banheira para você, deve estar exausta com esses monstros desses saltos... vai ajudar a relaxar.

Quando entramos no meu quarto, retiro o blazer, os sapatos e desabotoo a camisa. Finjo não vê-la desamarrando o vestido e sigo para ligar as torneiras da banheira. Livro-me da camisa, ficando somente com a calça e a vejo entrar no banheiro, já sem os saltos e com o vestido desamarrado.

De costas, ela tira o vestido e entra na água morna lentamente. Tento resistir, mas não consigo, aproximo-me e sento-me à beira da banheira, por trás dela. Seguro os seus cabelos e os prendo no topo da sua cabeça, fazendo-a ficar imóvel. Inclino o corpo e beijo o seu pescoço de maneira lenta e suave.

Deslizo os dedos da mão livre pelo seu ombro e vejo sua pele arrepiar. Vanessa ofega e segura a minha mão, fazendo com que eu pare de tocar sua pele.

— E se acontecer de novo? Se eu entrar em pânico?

Volto a soltar seus cabelos e faço com que olhe para mim.

— Então eu irei abraçar você até que passe. — Toco seu queixo e sorrio

para ela. — Prometo não deixá-la sozinha dessa vez... ficaremos juntos até que toda a sua insegurança se vá.

Vendo o breve sorriso nos seus lábios, avanço e a beijo. Sua mão molhada vem para o meu pescoço e eu grunho com a sensação. Toco seus seios, querendo estimulá-los e fazer com que ela se sinta bem, sem deixar de beijá-la. Sinto sua entrega gradual ao passo que o beijo vai ficando mais intenso.

Sua mão livre dedilha o meu peito ao passo que a outra aperta um pouco o meu pescoço. Seguro os cabelos da sua nuca e encerro o beijo com uma leve chupada no seu lábio inferior, a encarando em seguida.

— Não iríamos ver um filme? — Ela sorri.

— Prefiro que façamos o nosso.

Ergo o corpo e retiro a calça rapidamente, junto com a cueca. Alcanço um preservativo na gaveta do móvel do balcão da pia e entro na banheira junto com ela. A puxo para que me dê as costas e se encaixe entre as minhas pernas.

— Tranquila, sim? — Beijo seu ombro. — Sabe que pode parar quando quiser.

Vanessa apenas assente e recosta-se em mim. Coloco o preservativo, ainda na embalagem, na beirada da banheira e deslizo os meus dedos pela pele da barriga e arredores dos seios dela. Noto quando Vanessa respira fundo e eu beijo seu rosto; seu cheiro me faz querer mordê-la e beijá-la inteira, até que esteja gritando o meu nome.

— Traga sua mão aqui — sussurro em seu ouvido e seguro seu pulso, conduzindo sua mão para o meu pau. — Assim.

A faço segurá-lo para deslizar a mão nele, me masturbando. Fecho os olhos com a sensação de ter sua mãozinha envolvendo meu pau e gemo baixinho no seu ouvido.

— Estou fazendo certo?

— Sim, pretty face. — Grunho. — Muito certo.

Desço as mãos para fazê-la abrir as pernas e volto a beijar o seu ombro. Devagar, deslizo a mão para a sua boceta, embaixo d'água, e a acaricio de maneira lenta, dedilhando cada ponto dela. Paro no seu clitóris e circulo o dedo ali, deixando minha mão livre subir para brincar com os seus mamilos.

Vanessa ofega, prendendo o lábio inferior entre os dentes e geme baixinho. Quando prendo seu mamilo entre os meus dedos, ela vacila ao me masturbar, me fazendo sorrir.

— Gosta disso?

— S-sim. — Relaxa nos meus braços e sua cabeça encosta no meu ombro. — Isso é bom.

— Sim, muito bom. — Mordisco seu ombro e subo para o seu pescoço.

— Me beije.

Obedeço, a beijando com todo o meu desejo crescente, enquanto a sua mãozinha desliza pelo meu pau. Faço com que vire-se para mim e monte no meu colo, voltando a beijá-la. Minha língua busca pela sua com muita vontade, meu tesão faz meu pau pulsar forte por ela e meu corpo arder, querendo penetrar seu corpo quente e ouvir seus gemidos até me derramar.

— Preciso tê-la — sussurro, subindo e mordiscando sua orelha. — Vanessa, preciso estar dentro de você.

— Não espere mais. — Me olha nos olhos, apoiando-se nos meus ombros.

Com uma mão, seguro sua cintura e com a outra, pego o preservativo. Rasgo a embalagem no dente e sorrio, vendo Vanessa afastar-se um pouco para que eu fique de pé e coloque o preservativo. Nessa posição, ela me chuparia facilmente e me faria a porra do homem mais feliz do mundo, mas prefiro ir com calma.

Volto a sentar dentro da banheira e puxo Vanessa de volta para o meu colo. Encaixo meu pau na sua entrada, o pincelo ali e a vejo morder o lábio, voltando a segurar os meus ombros com força.

— Fique tranquila, pretty face — peço, segurando sua cintura com firmeza. — Será ainda mais gostoso do que da nossa primeira vez.

Forço um pouco sua cintura e ela entende, movendo o quadril, me ajudando a entrar na sua boceta apertada e deliciosa. Grunho, olhando fixamente os nossos sexos se encontrando embaixo d'água. Quando estou inteiramente dentro, volto a olhar Vanessa nos olhos e os seus lábios carnudos me tentam a beijá-la novamente.

— Rebole — digo, forçando sua cintura para que faça o que pedi.

Vanessa geme baixinho e rebola, descobrindo que pode dar e sentir prazer sozinha. Sorrio ao ver sua expressão devastada de prazer, enquanto rebola em mim. Desço o olhar para os seus peitos dançando livremente em minha frente e não me seguro. Caio de boca neles, ouvindo um gemido dela.

Deixo que rebole em mim como queira e fico vidrado, as ondulações lentas do seu quadril são capazes de causar hipnotismo. Contraio meu corpo, sentindo o pau reclamar das movimentações lentas e duras. A faço parar e a coloco sentada na minha frente, fico de joelhos entre as suas pernas e sorrio.

— Precisa se segurar nas beiradas, pretty face, isso vai ser duro e delicioso.

Ela faz o que mandei e imediatamente, puxo as suas pernas para que as enrosque no meu quadril, suspendendo seu corpo na água. Ainda de joelhos, volto a penetrá-la e gemo, na ânsia de ir rápido e forte. Movo meu quadril em



círculos, querendo alargá-la um pouco mais para não machucar.

Olho para o seu corpo e porra, quanto tesão nessa mulher. Começo a estocar fundo nela, indo até o talo e saindo quase completamente, vendo-a fechar os olhos e agarrar firme as beiradas da banheira.

— Vanessa. — Seguro firme suas coxas, cravando os meus dedos na sua carne macia. — Olhe para mim.

Lentamente, ela me obedece e geme quando aumento o ritmo entre nós. Gemo também, sentindo as minhas bolas reclamarem. Sinto o calor aumentar e as gotículas de água que escorrem pelo meu corpo já começam a se misturar com o suor.

Os gemidos contidos de Vanessa, agora passam a ser mais despudorados. Ela não consegue mais conter e isso me faz sorrir.

— Está gostoso, não está? — Seguro ainda mais firme as suas coxas para intensificar ainda mais as estocadas fundas. — Não se reprima, minha pretty face... quero ouvir e ver todo o seu prazer, o seu gozo.

— Felipe... awn — geme baixinho e isso me deixa louco.

Vejo seu corpo delicioso estremecer e me empenho em vê-la convulsionar de prazer. Respiro fundo e seguro um pouco mais o meu gozo.

— Goze, Vanessa... quero vê-la gozando.

Solto sua coxa esquerda e, com o polegar, massajeio seu clitóris de forma intensa, enquanto ainda estoco fundo nela. Gemo alto, sentindo meu corpo inteiro arder, ansiando gozar.

— Porra, isso está muito intenso.

Vejo quando ela agarra com mais força as beiradas da banheira e me aperta entre as suas coxas, sei que está gozando. Seu corpo estremece e ela geme alto, incontida, como pedi que fosse. Vendo a cena, não consigo mais segurar, gozo de maneira intensa. Sabe aquela gozada que chega a doer? Puta merda.

Urro, sentindo os meus músculos contraídos e jogo a cabeça para trás em busca de ar para preencher os meus pulmões. Por fim, volto a olhar para ela, que está ofegante e me olhando firmemente. Sorrio e puxo o ar mais uma vez, tentando regular respiração descompassada.

Puxo Vanessa para mim e sento-me na banheira. Beijo os seus lábios levemente e ela sorri para mim, passando as mãos nos meus cabelos.

— Você está bem? — Beijo seu queixo.

— Sim, estou. — Beija meu rosto e depois os meus lábios. — E estou feliz por isso.

— Não sabe o quanto eu também estou feliz, Vanessa.

Ela apenas sorri e ofega, fazendo com que eu a abrace. Ficamos quietos dentro da água, depois de toda a agitação de instantes atrás. Ver que Vanessa está

superando as merdas do seu passado me alegra muito. Quero que ela esqueça completamente que um dia esteve nas mãos do padrasto maldito.

Antes que eu possa beijar sua boca outra vez, ouço meu celular tocar. A risadinha que Vanessa dá me faz rir também, mas não me movo. Fico quieto, querendo que desliguem.

— Não vai atender?

— Não, prometi não deixar você sozinha.

— Mas Felipe, pode ser importante. — Faz uma carinha de preocupada.

— Eu estou bem, vá atender.

Bufo, resignado, e saio da banheira vendo um leve sorriso no rosto de Vanessa, que se encolhe na banheira. Eu sei que ela pode até estar bem, mas a mente é uma coisa traiçoeira e perigosa, brinca com a gente.

Busco o celular nos bolsos da calça e, ao ver o número da enfermeira particular do meu pai na tela, franzo o cenho e atendo prontamente.

— Sim?

— *Senhor Felipe?* — A mulher tem o tom da voz baixo.

— Estou ouvindo.

— *Seu pai, ele... ele disse que precisa falar com o senhor.* — Hesita.

— *Diz que é importante.*

Fecho os olhos com força e bufo. Isso só pode ser a porra de uma brincadeira. Justo agora que estou tentando ficar com Vanessa e tirá-la da escuridão?

— Agora?!

— *Sim, senhor.*

— Vou ver o que posso fazer, Judite, não dê esperanças a ele... estou ocupado.

Encerro a ligação e viro-me para Vanessa, que está me observando. Aproximo-me da banheira e bufo.

— Está tudo bem?

— Meu pai... quer falar comigo agora.

— Você não vai? — Toca minha mão.

— Não vou deixar você sozinha, pretty face, isso não está em discussão.

— Felipe...

— Não. — Beijo sua testa. — A não ser que venha comigo... não vou permitir que fique sozinha. Venha comigo, então.

— É uma conversa de família, Felipe.

— Então eu ficarei bem aqui. — Sorrio com a teimosia dela, mas tenho a minha também, a família Monteiro é impossível. — Com você.

— Você é impossível. — Ela sorri. — Vou com você, já que não desiste.

— Ótimo, vamos terminar o banho.

# Capítulo 26



VANESSA

Nossa noite juntos foi maravilhosa e eu estou feliz por não ter sido tragada pela escuridão outra vez. Afasto todas as merdas da minha mente quando ligam da casa do pai de Felipe. Ele insistiu para que o acompanhe, mas não sei se é certo, se é uma conversa de família, não compensa estar com ele lá.

— Posso ficar sozinha.

— Não vamos discutir isso de novo, pretty face. — Cruza os braços e eu visto uma camisa sua. — É muito simples, isso está fora de questão. Ou nós vamos, ou ninguém vai, não vou te deixar sozinha.

— Eu sei. — Sorrio e toco os seus braços duros para que desmanche a cara de bravo. — Mas se seu pai o chamou, deve ser importante... vou esperar por você aqui.

— Tem certeza?

— Tenho. — Fico na ponta dos pés e beijo os seus lábios. — Prometo ligar se algo se passar.

— Vou deixar a chave com você, então... não demorarei.

Apenas assinto e nós seguimos juntos até a porta principal do seu apartamento e ele passa as mãos nos cabelos antes de sair. Pela cara, Felipe está bastante apreensivo com o que o pai quer falar com ele e eu não devo ir.

— Tome cuidado — peço.

Quando ele sai, giro a chave na porta e cruzo os braços, pensativa. O que será que está acontecendo? Estou tão preocupada com ele, sinto que essa conversa vai perturbá-lo.

## FELIPE

Deixar Vanessa não estava nos meus planos, mas ela insistiu que eu viesse e realmente quero saber o que meu pai quer tanto falar comigo. No caminho, fico pensando se ele quer me esclarecer os códigos que tem com Benjamim.

Ao parar o carro na frente da casa, desço dele e aceno para que Gabriel saia do seu carro também e venha até mim. Cruzo os braços e aceno com a cabeça para os seguranças da casa.

— Fala, Lipitcho.

— O carro ficará aqui fora, não quero demorar.

— Espero aqui então, brother.

Sorrio e faço o nosso aceno antes de travar o carro e me dirigir ao portão principal da casa. Adentro pelo jardim iluminado e bonito da casa que um dia chamei de lar. Ao parar diante da porta, toco a campainha e aguardo.

Judite abre a porta para mim e aponta para que eu entre. A cumprimento com um beijo no rosto e eu sigo para o sofá onde vejo Manoel sentado. Ao me ver, ele fica de pé e esfrega as mãos, como se estivesse nervoso.

— Sente-se, filho.

Faço o que ele pediu e apoio os cotovelos nos joelhos, juntando as mãos em seguida. O encaro e um breve silêncio domina a sala.

— O que quer falar? — pergunto.

— Quero abrir algo com você, algo que passei a vida toda escondendo, algo que machucou muito a nossa família... achamos que seria melhor esquecer essa mancha no nosso passado, colocar uma pedra em cima dela e fingir que não existiu. — Abaixa a cabeça. — Quero aproveitar enquanto os remédios ainda estão retardando um pouco essa merda de doença que tenho.

Meu coração se aperta de repente, mas o que merda ele teria para me contar? Escondeu a vida toda? Meu irmão sabe disso?

— O que é?

— O pai do Enzo, Giuseppe Salvatore, era um grande amigo, você sabe. — Recosta-se na cadeira. — Ele era o chefe naquela época e veio ao Brasil exatamente como Enzo veio, olhar de perto os negócios daqui e expandi-los. Nesse tempo eu o conheci, precisava de dinheiro emprestado... então ele me propôs um serviço, eu estaria livre de cobranças e com o dinheiro. Eu precisava erguer a SQUAD e colocar comida em casa, Benjamim ainda era muito pequeno, eu havia gastado todas as nossas economias para abrir a empresa e Isabel não

tinha mais o auxílio da família depois de se casar com um pobretão como eu.

— Prossiga. — Começo a ficar nervoso.

— Isabel não sabia desse serviço... e não precisava saber. — Passa as mãos nos cabelos. — Não naquele momento, que tinha descoberto a segunda gravidez... estávamos no fundo do poço, mas muito felizes.

— Qual era o serviço?

Manoel ergue a cabeça para me olhar e fica assim por alguns instantes, como se pensasse em me dizer ou não. Mantenho-me firme, esperando.

— Eu deveria fazer uma entrega. — Desvia o olhar e eu já sei de que tipo de entrega se trata. — Era muito simples, Isabel jamais saberia e eu iria ter o dinheiro para pagar as dívidas e esquecer de Giusepe Salvatore e da sua máfia para sempre.

As palavras dele são duras de processar, franzo o cenho e fito o chão, tentando engolir na marra tudo o que ouvi. Assim que volto a olhar para ele, Manoel ainda não consegue me encarar.

— Mas?

Há um "mas", ou nós não conheceríamos Enzo.

— Na noite da entrega, eu disse a Isabel que iria receber um pagamento... ela estranhou o horário, mas me mandou tomar cuidado. Seu irmão já estava dormindo e eu lembro de sentir medo por vocês. — Passa as mãos no rosto, como se sentisse algo ruim ao tocar nesse assunto antigo. — Encontrei-me com Giusepe em um galpão dele no tempo e ele me deu a maleta, estava tudo certo, um dos seus soldados iria comigo para garantir que a mercadoria não fosse desviada por mim... mas no caminho nós fomos interceptados por rivais deles. Mexicanos ou colombianos, não lembro.

— Que porra é essa? — Franzo o cenho. — E o que aconteceu?

— Eles mataram o soldado que me acompanhava. — Ergue o olhar para mim, me deixando paralisado. — E quase me mataram com uma surra... disseram que precisavam de alguém para mandar um recado a Giusepe e à máfia que tentava se apossar das vendas aqui.

Permaneço quieto, tentando engolir toda essa merda que estou ouvindo. Puta merda, não estou conseguindo acreditar, isso só pode ser ficção.

— Eles levaram a encomenda e eu voltei ao galpão praticamente me arrastando, quando cheguei lá, apaguei de uma maneira que foi preciso me levarem para casa desacordado... não queria Isabel soubesse, mas ela soube da pior forma. — Funga, segurando o choro. — Ela quase enlouqueceu quando me recebeu na porta.

— Ela estava grávida?

— Sim, de você. — Nega com a cabeça, atordoado. — Nós brigamos

feito naquele dia, além de ter mentido, estava fazendo aquelas coisas... mas era isso ou morreríamos todos de fome! E eu nunca me rebaixaria à família maldita dela!

— Continue.

Fico de pé e começo a andar de um lado para o outro, sentindo minha cabeça ferver. Por que eu não sabia disso? O que ele tanto esconde?

— Com os gritos, Benjamim acordou, mas ficou quieto, brechando a nossa discussão... — Fica de pé também. — Não queria bater nele, não sei o que me deu, mas senti raiva quando o vi ali... eu estava todo roxo e ensanguentado, mas mesmo assim bati em Benjamim. Sua mãe tentou me parar e eu a empurrei, foi tudo muito rápido... ela caiu por cima de uma cadeira.

— Espera, você fez as suas coisas e Benjamim e minha mãe quem apanharam? É isso?

— Eu não queria! Você não entende, nem era nascido! — berra. — Deixe-me terminar logo isso e me livrar desse peso que carrego por guardar isso de você.

Bufo, sentindo a raiva crescer dentro de mim.

— Prossiga.

— Depois do acontecido, Giusepe me deu dinheiro em dobro para "compensar" o ocorrido e Isabel tentou devolver, mas eu a impedi... nós precisávamos. Desse dia em diante, meu casamento com ela não foi mais o mesmo... ela ficou distante e sempre chorava, sempre. — Deixa uma lágrima escorrer pelo rosto. — Eu amava a sua mãe, Felipe... não quis machucá-la, não queria ferir a nossa família.

Fico em silêncio, esperando que continue.

— Ela emagreceu muito durante a sua gravidez e dormia no quarto com Benjamim, nosso casamento não era mais nada.

— Deus do céu — murmuro, sentindo meu peito queimar de angústia.

— Ela adoeceu, mal comia, então descobrimos uma depressão profunda... Isabel não suportava me ver comprando as coisas para o seu enxoval, cada vez que eu chegava em casa era uma discussão diferente e Benjamim sempre via tudo. Cheguei ao ponto de bater nela outra vez, eu estava ficando louco com toda a pressão da SQUAD e dela doente, me chamando de bandido o tempo todo. — Nega mais uma vez com a cabeça. — Estávamos discutindo quando ela sentiu as dores do parto, era muito cedo. Era muito cedo, Felipe... ela sangrou, você poderia ter morrido.

— O que está dizendo?!

— Chamei sua tia às pressas, ela cuidava de Benjamim de vez em quando... foi ela quem fez o parto junto comigo. — Bufo. — Eu estava

desesperado, Isabel não tinha forças, não reagia direito e se negava a ir para um hospital. Quando você finalmente nasceu, depois de muito sofrimento, ela te pegou no colo por alguns instantes e sussurrou o seu nome... Benjamim veio e ficou segurando você enquanto cuidávamos dela e tentávamos fazer a febre abaixar. Nada deu jeito, Isabel morreu na nossa frente e a culpa é minha, ela morreu me odiando e eu nunca me perdoei. A matei.

Fico parado assistindo o meu pai chorar e não consigo sentir nada além de dor e raiva. Sinto os meus olhos queimarem, as lágrimas dolorosas querem sair.

— Eu nunca soube disso. — Seguro na gola da sua camisa, cego de raiva. — Por que nunca me contou?

— Você era a luz da casa, Felipe, sempre alegre, mesmo que eu fosse ausente e amargo, te ver crescendo feliz me alegrava... então eu pedi ao seu irmão para nunca falar sobre isso.

— E vocês quem decidem por mim? Por minha vida inteira, porra?! — O sacudo, raivoso. — Sabe quantas vezes eu me culpei pela morte da minha mãe? Sabe quantas vezes eu perguntei para Deus, quando era criança, o por que de ele ter levado a minha mãe e não eu? Vocês não tinham o direito de fazer isso comigo!

— Senhor Felipe, senhor Felipe! — Judite surge na sala, correndo. — Solte-o, por favor.

— Precisava te dizer isso antes de esquecer de tudo...

O encaro firmemente, tomo uma respiração profunda e o solto de uma vez. Passo as mãos nos cabelos, sentindo meu corpo inteiro tremer de raiva. Eles não tinham o direito de me esconder isso, não tinham!

Não digo mais nada, saio feito foguete pela porta da frente. Vou atrás de Benjamim, ele vai ter que me explicar porque aceitou me enganar a vida toda, dizendo que minha mãe havia morrido no parto, quando na verdade ela vinha morrendo aos poucos todos os dias por causa de um casamento falido.

— Lipitcho? *Cê tá bem?*

— Estou ótimo — rosno. — Vamos para a casa do meu irmão.

No caminho até lá, quase bato o carro, minha mente está dando voltas e mais voltas. Fui enganado uma vida toda, me culpei uma vida toda, quando o verdadeiro culpado estava bem e fazendo um patrimônio milionário.

Ao parar o carro, não espero nada, entro no edifício e subo para o apartamento, sentindo a raiva pulsando nas minhas veias. Toco a campainha de maneira insistente, mesmo sabendo que à essa hora Ellen está dormindo. Ao me ver, Lara abre um sorriso, mas logo se desmancha.

— Aconteceu alguma coisa? — Dá passagem para que eu entre.



— Onde ele está?!

— Felipe...? Meu Deus, se acalme.

— Lara, onde merda ele está?! — Controlo a voz.

— O que está acontecendo? — Benjamim aparece na sala e eu sinto ódio.

— É verdade que você sabia como nossa mãe morreu? Que sabia que ela apanhava quando estava grávida de mim? — As lágrimas raivosas começam a rolar, a expressão surpresa do meu irmão me confirma tudo. — Que morreu por causa dele? Você sabia, não é?!

— Felipe... meu irmão...

— Sabia, porra! — berro. — Sabia e me deixou sentir culpado toda uma vida!

— Porra! Isso não é verdade!

— Ah, não? E dizer "não foi culpa sua" todos me diziam! Isso não foi o suficiente! — Passo a mão no rosto, afastando as lágrimas com força. — Eu te admirei a minha vida toda, te vi como meu próprio pai! Você era a porra do meu herói, Benjamim!

— Me escuta, porra! Eu não queria te ver sofrer a merda que eu sofri, eu presenciei aquilo!

— Anderson e Celso sabem disso também? — O ignoro. — Sabem?

Benjamim abaixa a cabeça e eu já sei da resposta. Como puderam esconder isso de mim? Como puderam ser tão filhos da puta comigo?

— Eu quem não quis que contassem a você, é um assunto nosso. Culpe a mim por isso, porra, ninguém mais.

Perco todo o meu controle e avanço em meu irmão, ele tenta me segurar, mas desiste. Continuo esmurrando Benjamim, furioso. Lara grita e o infeliz não faz nem questão de se defender direito dos meus golpes.

— Lute, porra! — berro.

— Parem! — Lara implora. — Felipe, para com isso, por favor! Oh, céus!

— Deixe-o, Lara — Benjamim diz. — Ele precisa...

— Por que você não me disse?! — Seguro no pescoço dele. — É a minha vida também, porra! Sabe quanto tempo eu me culpei pela morte dela? Sabe?!

Ele fica quieto. Fecho a mão livre em punho e quando vou dar mais um soco, escuto um grito desesperado e um choro que conheço bem. Olho para o lado e vejo Lara correr até Ellen, que chora desesperadamente.

— P-Papai! — grita.

Lara a pega no colo, cobre o seu rosto e a abraça, tentando acalmá-la.

— Mamãe, o meu papai tá machucado — chora. — O que a-aconteceu, mamãe? Titio, você bateu no meu papai? Por quê?

Ellen olha para mim, fazendo meu coração se partir em milhões de pedaços. Eu amo a minha sobrinha e daria tudo para que ela não visse o que se passou aqui. Perdi o controle. Porra, perdi a merda do controle, esqueci completamente que Ellen poderia ver.

— Está tudo bem, minha pequena freira — meu irmão diz, olhando para a filha. — Eu e seu tio estamos treinando, ok? É só um treino das lutas do papai... lembra que falei?

Solto Benjamim de uma vez e ele se arruma de pé. Quando vai até a filha, ela se encolhe nos braços de Lara, assustada ao ver sangue no rosto dele. E a culpa é minha. Fiz minha sobrinha chorar, a minha pequena menina.

— Por que você bateu no papai, tio? — Funga. — Por que vocês estão brigando? Não briguem. E-Eu gosto muito de vocês.

— Vou levar Ellen para o quarto e acalmá-la... resolvam isso — Lara diz, claramente brava, e sai com Ellen. — Calma, mamãe está aqui com você, ok? Ouviu seu pai, aquilo era um treino.

Olho para Benjamim e ele está quieto com os braços soltos ao lado do corpo e os punhos cerrados. Vejo quando Lara some no fim do corredor e fecha a porta.

— Eu sei que mereço toda a sua ira — ele diz, ainda de costas. — Mas você é meu irmão, porra! Eu nunca faria nada para prejudicar você, não queria que soubesse da merda que passei quando você nasceu... eu te protegi daquilo tudo, sempre.

— Eu merecia saber — rosno. — Sempre fiquei ao seu lado, Benjamim!

— Eu também, será que não entende?! — Vira-se para mim e eu vejo o que causei em seu rosto. — Só fiz isso porque você é o meu irmão e eu amo você, caralho! Como contar uma coisa que só ia te corroer? Isso me mata aos poucos todo santo dia. — Lágrimas escorrem pelo rosto dele e eu sei que ele odeia derramá-las, odeia mostrar sua fraqueza. — Lembrar do que ouvi, do que vi... Eu sou a merda de um homem que não conseguiu esquecer o que o pai fez e isso eu nunca quis para você. Eu não permitiria que sofresse por um erro dele.

— Mesmo assim eu sofri. Não quero escutar nada mais — declaro. — Vou tentar dar um beijo em Ellen.

Caminho pelo corredor e abro a porta do quarto da pequena devagar. Vejo Lara sentada em sua cama com cara de choro e a pequena sonolenta, agarrada à mão da mãe, também com cara de choro.

Lara me olha e enxuga o rosto rapidamente com a mão livre. Em silêncio, aproximo-me da cama e Ellen me olha. Agacho e a observo por alguns instantes antes de beijar sua testa.

— Tio. — Solta a mão da mãe e toca meu rosto. — Você e o papai estão

de bem agora? Você não vai mais bater no meu papai, não é? Promete?

Minha cunhada levanta da cama e se afasta, dando as costas, para chorar baixinho. Volto a olhar para Ellen e forço um sorriso, que me dói muito mais do que qualquer surra que levei na vida.

— Não, princesa, não vou mais — afago seus cabelos. — Eu prometo.

— Irmãos não podem brigar, a mamãe me disse uma vez... se eu tiver um irmãozinho, vou ter que dividir *tuuudo* com ele sem brigar. — Faz uma carinha de pensativa. — Brigou por que não queria dividir, tio?

— Coisas de adultos, pequenina, não se preocupe. Tudo vai ficar bem, eu prometo.

— Boa noite, titio.

— Boa noite, *pretty face*.

Ergo meu corpo quando ela fecha os olhos e me direciono à Lara, que já enxuga o rosto, fitando a filha.

— Seja forte, Lara — sussurro. — Não sei se serei capaz de perdoar Benjamim tão cedo. Sei que você não tem culpa nisso, muito menos Ellen, pretendo ver a menina.

— Felipe... — Sua voz está embargada.

— Fale com ele — corto. — Amanhã eu prometo conversar com você na SQUAD.

Ela funga e balança a cabeça. Beijo sua testa e deixo o quarto. Na sala, encontro meu irmão exatamente onde o deixei. Ele me encara, me fazendo sentir um aperto no peito. Decepção, raiva, angústia... eu o idolatrei a minha vida toda, achei que ele fosse diferente do nosso pai.

Por fim, passo por ele e bato a porta da frente. Então, as lágrimas que segurei começam a cair sem controle. Caralho, o meu pai é culpado pela morte da minha mãe, ele queria dinheiro e acabou destruindo a nossa família.

De que importa ter um império e ter fodido a sua família? Eu me culpei uma vida por ter nascido prematuro e ter matado minha mãe, Benjamim e ele me esconderam isso. Não é justo.

# Capítulo 27



"Com você não preciso mais inventar  
Minha paz  
Vou ligando teu ser ao melhor de mim  
[...]  
Pra você eu espero ser uma voz  
Uma luz  
Um momento de paz pra velar seu sono  
De você eu vou receber a razão de viver  
Seu contato vital me mantém feliz"  
**Razão de viver - Roupas Nova**

## BÔNUS BENJAMIM

Quando ele sai do apartamento, arrio sobre os joelhos no chão e fico quieto, sentindo a dor que sempre temi sentir. Felipe era a única coisa que me mantinha são antes de Lara e Ellen chegarem.

Perdi meu irmão por causa dele também. Manoel maldito.

Cerro os punhos com força, fitando o chão, e, de repente, sinto um toque delicado em meu rosto. Olho para Lara e noto que ela está ajoelhada em minha frente, quieta.

— Ah, Lara. — A abraço com força e escuto seu choro baixinho. — Me perdoe, eu não queria que visse aquilo... você não merece.

— E-Está tudo bem. — Ela me solta e me olha, amorosa. — Vamos ficar bem.

— E a minha pequena freira?

— Conseguiu dormir. — Se coloca de pé e estende a mão para mim. — Vem, vou cuidar disso.

— Como das outras vezes — recordo das duas vezes em que ela cuidou dos meus ferimentos. — Não?

— Sim. — Ela sorri, sem ânimo. — Venha.

Seguro firme em sua mão e me coloco de pé, ela analisa meu rosto, que lateja e me puxa para a cozinha. Sento-me em uma cadeira e observo enquanto a minha atrevida com carinha de choro pega a caixinha de primeiros socorros e gelo.

Vejo quando ela pega algodão e abre um pequeno frasco para molhar o algodão com o líquido dele. Ela se aproxima e, delicadamente, coloca o algodão sobre os cortes.

— Porra — xingo. — Isso dói, Lara.

— Eu sei. — Me entrega o gelo envolvido em um pano. — Segura isso nesse olho.

Fico encarando Lara toda séria com cara de preocupada e acabo lembrando do meu irmão liberando toda a sua fúria em mim. Fecho os olhos e volto a cerrar os punhos. Não queria que ele soubesse de tudo o que passei, de tudo o que vi... ele não merecia ficar amargo como eu.

— Lara — chamo. — Acha que um dia ele vai me perdoar?

— Eu não sei — fala baixo. — Precisa dar tempo a ele... você tem à mim e à Ellen, nós vamos estar ao seu lado independente de qualquer coisa. Seu segredo com Manoel é sério, mas logo Felipe vai ver que você só quis protegê-lo, como sempre faz com todo mundo... deixe que ele clareie os pensamentos.

— Você sabe que eu jamais o machucaria... nunca fiz nada com a intenção de ver o meu irmão daquele jeito.

— Eu sei. — Toca meu rosto, toda emotiva. — E tenho certeza de que ele também sabe disso, mas a raiva do momento da descoberta o abalou... tranquilize-se, o seu irmão ama você, isso vai passar.

— O que eu faria sem você, atrevida?

— Graça faria no meu lugar. — Ela sorri.

— Não, não faria... Graça iria tirar o chinelo e nos bater até fazermos as pazes.

Faço com que coloque o algodão de lado, esse negócio parece ácido. A puxo para que sente em meu colo e acaricio seu rosto antes de beijar a ponta do seu nariz vermelho.

— Você perdoou o meu pai, mesmo tendo recebido ameaças de morte dele... quem faria isso? — A olho firme. — Você, minha atrevida, é a causa da

minha perda de juízo e da volta dele ao mesmo tempo.

— Para — pede, voltando a chorar.

— Obrigado por me suportar todos esses anos, Lara. — Fico sério. — Com ou sem segredo, você sempre esteve comigo.

— Benjamim Monteiro, você é o pai da minha filha e eu amo você, como vou deixá-lo sozinho? — Afaga minha nuca e, com a mão livre, enxuga o rosto. — Estarei sempre com você.

— Eu também amo você, Lara Monteiro. Não chore por mim.

— Papai! — Ouço Ellen chamar em tom de desespero. — Papai!

Olho para Lara, assombrado, e ela pula do meu colo para correr na minha frente. A sigo até o quarto da pequena, onde a vejo na cama, com lágrimas nos olhos. Lara aponta para que eu vá até ela.

Respiro fundo e sento ao lado dela na cama, que se joga nos meus braços, me abraçando forte. Seguro a pequena e olho para Lara, que faz cara de choro também.

— Estou aqui, filha, fique calma... — Beijo seus cabelos e a sinto febril. — Calma.

— Papai — chama baixinho e me olha. — Você e titio estão bem agora né?

— Sim, pequena freira. — Enxugo seu rosto e tento sorrir. — Tudo vai ficar bem, não se preocupe. Trate de dormir, tem escola amanhã, sim?

Me afasto dela um pouco e chego perto da minha atrevida.

— Ela está com febre... acha que é emocional?

— Oh, céus. Tenho certeza. — Vou buscar água gelada.

Espero Ellen deitar na cama, beijo sua testa e fico de pé, sentindo meu peito doer de angústia por ela ter visto aquilo. Espero por Lara e ela cuida de Ellen divinamente, não saio de perto das duas. Depois de algum tempo, já morto de sono, noto que Lara fica de pé.

— A febre cedeu... vamos nos deitar.

Vejo quando ela olha para a mãe e sussurra um código das duas, que ouvi muito bem.

"Cuida do papai."

## VANESSA

Estou andando de um lado para o outro no apartamento, muito preocupada com Felipe. Ele está demorando tanto.

Como se ouvisse as minhas preocupações, ele toca a campainha do seu apartamento e eu corro para abrir. Meu sorriso morre quando vejo seu rosto vermelho e sua expressão devastada.

— O que aconteceu? — Toco seu rosto, ele retesa a mandíbula, olho para as suas mãos e as vejo sujas de sangue. — Felipe, meu Deus...

Meu olhar encontra o seu e ele urra de raiva, fazendo meu desespero aumentar ainda mais. Estou muito assustada, mas ao vê-lo tremendo, eu o abraço, sem saber o que dizer ou fazer, apenas querendo consolá-lo.

Suportei muita coisa na vida, a dor, o trauma, as crises de pânico, mas vê-lo dessa forma está partindo meu coração ao meio. Ouço sua respiração forte, ele segura algo doloroso dentro de si. Felipe não retribui o meu abraço, está machucado e eu tenho quase certeza de que foi o seu pai quem fez isso com ele.

Eu sabia que Manoel o machucaria.

— Felipe. — O afastamento para que olhe para mim. — Estou ficando preocupada...

Felipe fecha a porta antes de afagar os meus cabelos, querendo me acalmar, mas isso não adianta muito. Olha para as próprias mãos e movimenta os dedos, erguendo o olhar para mim novamente, em seguida. Está atordoado.

— Briguei com o meu irmão e com meu pai. — Bufa. — Eles me esconderam o real motivo da morte da minha mãe.

— O quê? Como assim?

— Eu me culpei a vida inteira porque, aparentemente, Isabel havia morrido no parto.

— M-mas como você soube disso? O seu pai quem contou?

— Meu pai me contou essa merda toda que é a minha família.

— Não diga isso, Felipe. — O puxo para que se sente no sofá. — Seu irmão te ama, vocês tem uma relação linda...

— Ele me escondeu a verdade! — Está alterado. — Eu o idolatrei a minha vida toda, o vi como meu próprio pai.

— Se acalme, sim? — Toco seu rosto, acariciando sua barba por fazer. — Vou buscar algo para limpar suas mãos.

Corro para a cozinha e respiro fundo por alguns instantes, buscando forças dentro de mim. Abro os armários, à procura de uma caixinha de primeiros socorros e assim que a encontro, corro de volta para a sala.

— Não precisa. — Olha as mãos.

— Sim, precisa. — Sento-me ao seu lado no sofá. — Agora conte essa história direito, não estou entendendo mais nada... por que suas mãos estão assim?

— Bati no meu irmão por ser um filho da puta comigo a vida inteira. —

Nega com a cabeça. — Não é nada.

Pego sua mão e começo a limpar os cortes superficiais. Ele fica em silêncio e eu também, empenhada em cuidar das suas mãos. A dúvida me corrói, quero ajudá-lo, mas ele não me diz tudo, não se abre.

— Que carinha é essa? — pergunta. — Está brava?

— Não... apenas pensando sobre você ter batido no seu irmão.

— Não queira me fazer sentir culpado, pretty face, o errado nessa história é o meu irmão e o meu pai... principalmente ele, que sempre esteve comigo, sempre confiei minha vida nele. — As lágrimas aparecem, mas Felipe não permite que elas caiam. — Me culpei a porra de uma vida toda por ter nascido prematuro, por ser a causa da morte da minha mãe. Eles não tinham o direito de me esconder isso.

Meu coração se aperta ao ver Felipe dessa maneira.

— Acalme-se, sim? Apenas penso que a violência piora tudo. — Dou de ombros. — Não conheço seu passado e nem o do seu irmão à fundo, mas sofri violência durante a minha vida... e é horrível. Acho que ela é a causa de muita coisa ruim acontecer entre as pessoas, apenas peço que tente ver o outro lado da moeda também. O lado do seu irmão... pelo que me contou sobre Lara e a menina, ele não é o monstro da história.

Felipe fica em silêncio, sei que está bravo, sei que acabei de chegar perto deles, mas também sei das coisas que ele mesmo me contou. Benjamim não ameaçou ninguém de morte e pelo que conheci dele na festa, não seria capaz de machucar o irmão dessa maneira.

— Não quero que fique bravo. — O encaro e volto a limpar sua mão. — Estou ao seu lado e quero que saiba disso, pode contar comigo, como sei que posso contar com você.

Ainda em silêncio, ele retesa a mandíbula, provavelmente pela dor por eu estar colocando remédio nos seus cortes. Finalizo a limpeza e analiso o resultado. Os arredores dos cortes estão avermelhados. Fico de pé e ele me acompanha com o olhar.

— É melhor eu ir agora. — Coloco a caixinha de primeiros socorros sobre a mesinha de centro. — Você precisa pensar.

— Vanessa. — Fica de pé em um pulo e segura as minhas mãos. — Me desculpe, eu não quis...

— Eu sei. — Sorrio. — Não estou brava com você... apenas quero deixar você pensando sobre o que conversamos e sobre o que aconteceu hoje.

— Fique comigo. — Aproxima-se. — Por favor.

Solto as suas mãos devagar e o puxo pela nuca para abraçá-lo. Com o corpo um pouco curvado, Felipe retribui o abraço com força e cola os seus lábios



no meu ombro de maneira demorada. Sinto sua respiração forte, como se segurasse um turbilhão de emoções dentro do peito.

— Sabe que não precisa esconder seus sentimentos de mim — sussurro.  
— Abri todos os meus com você, pode fazer isso comigo.

Afago os seus cabelos de maneira paciente e o ouço soltar a dor que está presa. Um soluço dolorido escapa dos seus lábios e eu o aperto ainda mais forte. Felipe tentou ser durão com a dor que está sentindo, mas é sempre bom ter com quem desabafá-la.

— É uma merda chorar por isso — rosna, bravo.

— Chorar não é vergonhoso. — Permanecemos abraçados. — Cada um reage de uma maneira diferente e você está no seu direito de sentir dor e raiva, mas não deixe que isso o cegue para sempre. Me promete isso?

Desmancho o nosso abraço e o olho de maneira firme. Ele enxuga o rosto de maneira bruta e assente.

— Vamos descansar.

## FELIPE

Depois de toda a merda que se passou essa noite, ver Vanessa e estar com ela foi a melhor coisa que pude ter. Olho para ela adormecida ao meu lado e penso em tudo o que me disse hoje.

Arrasto o meu olhar para o relógio na mesa de cabeceira e noto que já é madrugada. Não consigo nem dormir. Penso em Ellen, em Lara, nos meus amigos, que também sabiam disso. Porra. Minha cabeça está explodindo com toda a informação que tive hoje. Olho para a foto da minha mãe na minha mesa de cabeceira e fecho os olhos com força.

Como eu queria que ela estivesse aqui, vendo os homens que os seus filhos se tornaram. Ela se orgulharia?

Não imagino a dor que deve ter sentido ao ver o homem, que foi a razão de ela ter largado tudo, bater nela e no seu filho, estragar a família por causa de dinheiro. Penso no meu irmão e lembro-me do que disse hoje. Ele esteve comigo a minha vida toda, viu o quanto sofri por não ter uma mãe, viu como ficava nas festas onde todas as mães compareciam, viu quando fiz as minhas merdas... ele estava lá.

Olho para Vanessa quando a ouço emitir um som angustiado, interrompendo os meus pensamentos. Ela se remexe na cama e murmura um "não". Toco seu ombro e em seguida o seu rosto, querendo acordá-la.

— Pretty face, acorde.

Vanessa desperta em um pulo e afasta-se do meu toque, assustada. Isso me deixa ainda mais apreensivo em relação à sua mente, ela pode mostrar uma coisa e esconder outras muito piores sozinha.

— Está tudo bem, foi somente um pesadelo... sim?

— Desculpe. — Senta-se e passa as mãos no rosto, com uma carinha de sono encantadora. — Acordei você, não foi?

— Não. — Sorrio, sem ânimo. — Na verdade, eu já estava acordado.

— Não dormiu ainda?

Ela estica o corpo, olha para o relógio de cabeceira do meu lado da cama e volta a me olhar. Ah, esse olhar me fascina. Porra, até mesmo preocupada ela tem o dom de me tirar a capacidade de ser durão.

— Não. — A puxo para que deite no meu peito. — Com o que estava sonhando?

— Não era nada... não quero falar sobre isso. Vamos deixar meus pesadelos guardados, eles ficam melhor escondidos.

Sinto uma carícia leve no meu peito, a puxo para mim, acariciando seu ombro. Respiro fundo e beijo sua cabeça, apreciando seu cheiro em seguida.

— Tudo bem.

— Ainda pensando no seu irmão? — Ergue a cabeça para me olhar.

— Sim. — Suspiro. — Não consegui descansar... estarei morto pela manhã.

— Irá trabalhar?

— Sim, preciso falar com os meus amigos também.

— Mantenha a calma. — Volta a deitar a cabeça no meu peito. — Conversem direito, nada se resolve sem o diálogo. Me promete que vai ouvir a versão do seu quarteto?

— Vanessa, não me peça esse tipo de coisa.

— Por favor. — Afaga minha barba por fazer. — Peço apenas para que ouça, que dê a eles o direito de falar também.

— Tudo bem, vou tentar.

— Agora tente descansar... — O tom brando da voz me acalma um pouco mais. — Uma boa noite de sono, vai ajudar.

— Você não existe, pretty face. — Sorrio. — Trate de dormir também. Sonhe comigo.

A risadinha que ela dá me faz ver que minha piada surtiu efeito. Ótimo, não quero que ela fique preocupada comigo, Vanessa já tem seus demônios para lidar, não precisa somar os meus agora.

# Capítulo 28



VANESSA

Desperto pela manhã, sentindo o braço de Felipe sobre a minha barriga. Me mantenho imóvel, apenas observando-o dormir um pouco. Penso no que ele me disse ontem e franzo o cenho, preocupada.

Felipe é imprevisível; o seu jeito calmo e doce pode muito bem ser substituído por raiva e impulsos. Vi isso ontem e confesso que estou assustada, não sei como ele deixou o irmão, mas preciso ir saber dele essa história.

Mesmo que não tenha o direito ainda de saber certas coisas sobre Felipe, quero ajudá-lo. Olho para o relógio de cabeceira e noto que será necessário despertá-lo, sei que detesta atrasos. Afago seu braço que está sobre a minha barriga de maneira carinhosa, com pena de acordá-lo.

— Felipe.

Sorrio de canto quando o vejo mexer-se, mas nem sequer abre os olhos. Decido sair da cama e abrir as cortinas para a claridade ajudar.

— Estou esperando você vir me acordar, pretty face.

— Ah, mas que fingido!

Viro-me para olhá-lo e fico séria ao ver sua expressão. O humor é algo presente constantemente nele, mesmo machucado, Felipe tenta amenizar tudo. Caminho de volta para a cama e sento-me ao seu lado.

— Quer que eu prepare alguma coisa?

— Não. — Senta-se. — Estou sem fome. Vou à SQUAD resolver logo essa merda toda, não se preocupe comigo.

— Como não vou me preocupar?

— Vou fazer o que me pediu... você está certa, tenho que ouvi-los.

— Isso é bom.

— Tem certeza de que pode ficar sozinha?

Cruzo os braços quando o vejo ficar de pé e coloco de lado minha preocupação com os meus demônios.

— Fiquei ontem, não? — Sorrio de canto. — Não se preocupe, estou acostumada com os meus demônios... posso cuidar deles enquanto você estiver fora.

— Tudo bem. Apenas prometa que me liga se algo acontecer.

— Fique tranquilo.

\*\*\*

Felipe se despede de mim com um beijo leve nos lábios e um breve sorriso. Fecho a porta e fico pensando se devo voltar para casa ou esperar que ele volte, no almoço. Temo sobre o rumo que a conversa de hoje vai tomar e decido ficar, ele pode precisar de mim, do meu apoio.

Sigo para a varanda e olho o movimento lá embaixo por um tempo. Fecho os olhos, sentindo a brisa fria da manhã tocar meu rosto e lembro-me da noite anterior. É como se Felipe fosse capaz de afastar as barreiras que tenho, de fazê-las ruir.

Ouçõ o toque do meu celular e sorrio, pensando ser Sheila. Sigo para a sala, para pegá-lo, mas ao ver um número estranho, meu sorriso some. Olho alguns instantes para a tela, mas decido atender.

— Alô? — Não há resposta. — Alô?!

— Vanessa... — meu nome soa como um sussurro. — Oh, Vanessa, eu sei onde você está agora... vamos estar juntos em breve.

Um arrepio intenso toma a minha espinha, sou incapaz de formular qualquer palavra, estou em choque. Seria capaz de reconhecer essa voz em qualquer lugar... é ele.

— Espere por mim.

A ligação é encerrada e eu fico parada, estática, sentindo meu coração muito acelerado e cheio de medo. Outra vez, as lembranças dele tomam minha mente, destruindo tudo de bom que habitava agora há pouco. O pânico volta a me consumir, me deixando sufocada, sem ar.

— É ele — murmuro.

Minhas pernas fraquejam, me obrigando a sentar no chão e puxar o ar com toda a força dentro de mim. Fecho os olhos e procuro recuperar a minha calma, mas é impossível. Ele me achou, meu padrasto me encontrou... depois de anos esse homem volta a me perseguir.

Já não basta o quanto sou perseguida pelas lembranças?

## FELIPE

Entro na SQUAD e retiro os óculos escuros antes de cumprimentar a recepcionista e os seguranças responsáveis pela empresa. Gabriel segue comigo para o elevador e eu evito as brincadeiras hoje, não estou no clima.

Ao pararmos no vigésimo andar, saio do elevador e já vejo, de longe, Lara na sua mesa. Respiro fundo e caminho firmemente até ela. Gabe fica para trás, já sabendo do que vou tratar com a minha cunhada.

— Felipe. — Fica de pé. — Seu irmão está...

— Não quero falar com ele agora, quero saber se Celso e Anderson já chegaram.

— Bom, Celso sim... Anderson ainda não chegou por aqui, deve estar no escritório.

— Estou aqui, puta nervosa. — Anderson chega, sorrindo. — Quer meu corpo nu hoje? Que cara é essa? Pegou a doença do Ben?

— Foi exatamente isso.

Meu amigo fica em silêncio e olha para Lara, que volta a sentar-se. Sinalizo para ele, para que possamos ir à minha sala. Sem dizer mais nada, seguimos juntos até minha sala. Aponto para que se sente em uma cadeira em frente à minha mesa e ele o faz, abrindo seu paletó. Interfono para a sala do Celso e deixo Lucas avisado sobre sua vinda.

— O que você tem?

— Deixe que Celso chegue. — Nego com a cabeça. — Trataremos isso de uma só vez.

Quando Celso abre a porta, fico de pé, estou impaciente e sinto que estou igual a Benjamim.

— Fala, minha putinha mais nova.

— Vocês sabiam? — Cruzo os braços, completamente sério. — Sabiam daquela merda de segredo?

Ambos silenciam, Benjamim já deve ter adiantado que descobri.

— Sim, sabíamos — Anderson diz.

— E por que demônios me esconderam essa merda toda?

— Esse assunto é seu e do seu irmão. — É a vez de Celso. — Ele nos contou porque, um dia, o vimos muito angustiado e insistimos em saber... nem Lara, que é a sua esposa, sabia.

Bufo e volto a me sentar. Passo as mãos nos cabelos, procurando calma para seguir com isso.

— Se Benjamim não queria que você soubesse, ele tem motivos. — Anderson se remexe na cadeira. — E você deve saber de todos eles.

— Nunca foi por falta de amor. — Celso também se senta. — Benjamim estava ficando louco escondendo isso de você por todos esses anos.

— E eu estou errado em estar bravo?

— Não. Estamos apenas explanando os fatos para que reveja em quem deve jogar a sua fúria.

— Vou pensar nisso. — Volto a ficar de pé. — Já tomei o tempo de vocês. Obrigado.

— Puto. — Anderson vem até mim e me coloca o braço nos meus ombros. — A gente te ama, você é o pirralho do quarteto... nunca iríamos querer o seu mal.

— Exatamente — Celso assevera. — Ben está sofrendo com isso, Lara também.

Apenas assinto, não estou bravo com os meus amigos, eles realmente não tinham como entrar em um assunto de família assim. Apesar de considerá-los a minha própria família.

Não duvido do amor de ninguém aqui, sei que daria a vida pelos meus amigos e pelo meu irmão e também sei que eles fariam o mesmo por mim. O problema não é esse.

A porra do problema é ele ter visto a minha culpa durante anos de ser o causador da morte da minha mãe. Desejei milhões de vezes ter ido no lugar dela, desejei ter, pelo menos uma vez, seu abraço, seu consolo de mãe. Isso eu nunca tive.

Meu celular vibra de maneira insistente no bolso interno do meu paletó e eu peço um minuto aos meus amigos ao ver o nome de Vanessa na tela. A preocupação toma meu corpo de imediato.

— Pretty face?

— *F-Felipe... é ele.* — Toma fôlego, a voz está trêmula. — *Ele me achou... s-sabe onde estou.*

— Por favor, Vanessa... acalme-se e me diga.

— *Meu padrasto, Felipe.*

— O quê?! — berro. — Como...? O que ele fez?

— *Ele encontrou meu número.* — Ela chora. — *Me ligou, disse que...*

— O que ele disse? — acalmo meu tom, mesmo estando extremamente apreensivo.

— *Disse que estaríamos juntos em breve, que viria por mim.* — Puxa o

ar mais uma vez. — *Felipe, estou com medo... com muito medo.*

— Fique calma, sim? — Passo a mão livre nos cabelos. — Não vou deixar que nada aconteça a você.

— *Ele sabe onde estou.* — Soluça. — *Ele virá... ele virá me buscar.*

Penso alguns instantes, sentindo meu coração doer somente em ouvi-la chorando.

— Pretty face, ouça... Você confia em Gabriel?

— *S-seu segurança?*

— Sim. Mandarei ele ir buscar você e te levar para a nossa casa de treinamento, leve o seu celular, lá eu explico tudo. — Faço uma breve pausa. — Apenas confie em mim.

— *Eu confio.*

— Tudo vai ficar bem.

Encerro a ligação e olho para os dois na minha frente, que esperam uma explicação. Fecho os olhos, raivoso por aquele doente ter encontrado a minha Vanessa. Não vai sobrar nem pó dele para contar a história, se tentar se aproximar dela.

— O que houve? — Celso pergunta.

— Vanessa, o padrasto dela encontrou seu número. — Nego com a cabeça. — A perturbou, preciso ir à nossa casa de treinamento.

— Iremos com você — Anderson diz.

Isso implica dizer que meu irmão também vai.

Pego o telefone e peço para que Lucas chame Gabriel imediatamente. Espero por Gabe e assim que ele abre a porta da sala, respiro fundo.

— Gabe, vou confiar uma missão muito importante e delicada a você.

— Fala, Lipitcho.

— Preciso que vá no meu apartamento buscar Vanessa e a leve diretamente para a casa de treinamento. — Faço uma pausa. — Com cuidado.

— Entendi. Pode deixar comigo.

— Encontrarei vocês lá.

Gabriel apenas assente e sai. Olho para Celso e Anderson e sei que vão querer avisar a Benjamim.

— Eu mesmo vou avisar, conheço essas caras de cu de vocês — resmungo.

Meus amigos sorriem e eu saio da sala, apressado. Sigo para a mesa de Lara e ela me encara, surpresa.

— Meu irmão está livre?

— Sim, ele não vai receber ninguém hoje...

Ela não precisa explicar o porquê.

— Obrigado. — Beijo o topo da sua cabeça. — Precisarei levá-lo.

— O que vão fazer?

Olho para Celso e faço um sinal para que explique tudo a ela. Sigo para a sala do meu irmão junto com Anderson e entro sem bater, só estou fazendo isso porque os putos o fariam de todo jeito.

— Felipe. — Fica de pé.

Analiso rapidamente o seu rosto com o olhar e pigarreio, focando no que mais importa no momento.

— Estou indo à casa de treinamento, Anderson viria chamá-lo, mas preferi vir eu mesmo. — Olho para o meu amigo e em seguida volto a olhar Benjamim. — O padrasto de Vanessa a ameaçou por telefone.

— Vamos todos. — Pega a chave do carro e o celular.

— Saiba que...

— Eu já sei — rebate.

O silêncio toma a sua sala por completo antes de sairmos. Encontramos Lara de pé e com sua bolsa no ombro.

— Vou com vocês, ela pode precisar de alguém com quem realmente possa conversar a respeito, sem rédeas.

— Ótimo, vamos.

Vejo quando meu irmão envolve os ombros de Lara em um abraço protetor e ela o abraça, preocupada. Desvio o olhar e sigo o caminho, pensando em Vanessa, não há nada que eu não esteja disposto a fazer para vê-la bem e longe daquele maldito.



# Capítulo 29



## VANESSA

Quando a campainha do apartamento do Felipe toca, já estou pronta para ir. Abro a porta para Gabriel e ele está completamente sério, diferentemente da vez em que o conheci na casa noturna dos meus tios.

— Vim buscá-la, Felipe está se dirigindo à casa.

— Estou pronta.

O homem analisa meu rosto por alguns instantes, deve estar vermelho pelo choro, e faz um sinal para que sigamos. Ao entrarmos no elevador, cruzo os braços, sentindo a escuridão que estava conseguindo controlar aos poucos, retornar com força. Abaixo a cabeça, fazendo uma prece silenciosa para que os impulsos do meu corpo não afastem Felipe de mim.

Quando chegamos à garagem, Gabriel me indica o carro e abre a porta traseira para mim. Murmuro um obrigada e entro, querendo chegar logo nos braços de Felipe e me sentir protegida.

— Onde estamos indo?

— À casa de treinamento. — Me olha pelo retrovisor. — Felipe vai explicar tudo.

Fico quieta e ele se concentra no caminho. Cruzo os braços e sinto meu corpo inteiro tremendo de medo. Gabriel não ousa falar e eu sei o respeito que tem por Felipe.

Quando ele para o carro diante de uma casa gigantesca, franzo o cenho. Os portões da garagem se abrem e posso ver quatro carros. Notei os da segurança na rua porque Gabriel os cumprimentou com um aceno especial.

Me alegro um pouco ao saber que Benjamim está aí, somente assim

poderei falar com ele. Quero saber o seu lado da história e guiar Felipe para fora desse abismo que a raiva momentânea o meteu.

— Por aqui. — Me guia.

Vejo quando ele digita uma senha no painel do lado da porta principal da casa. A porta se abre e eu me espanto por não ver nada do que, normalmente, veria em uma casa. Vejo apenas computadores de última geração e o quarteto sentado diante deles ao lado de um homem que ainda não conheço.

Ao me ver, Felipe vem até mim e me abraça. Retribuo seu abraço com força, sentindo meu coração se acalmar aos poucos. Como é bom estar nos seus braços, me sentindo protegida.

— Vai precisar de mim aqui, Lipitcho?

— Sim, Gabe. João está ali nos ajudando, vá se inteirar do assunto.

Quando Gabriel se afasta, Felipe toma meu rosto entre as suas mãos e o seu olhar preocupado me faz voltar a derramar lágrimas. Sinto um beijo na minha testa e fecho os olhos.

— Não vou permitir que ele faça nada com você, pretty face.

— Senti tanto medo.

— Olhe para mim.

Ergo o olhar e sinto quando ele enxuga as minhas lágrimas.

— Preciso que confie. — Beija levemente os meus lábios. — Dê-me seu celular, vamos tentar rastrear a ligação.

Afasto-me e pego o celular no bolso, o entrego e vejo Lara vindo na nossa direção. Felipe abre um leve sorriso e eu sei o quanto o ocorrido com o seu irmão o abala.

— Vanessa. — Me abraça. — Como se sente?

— Cansada.

— Bom, vamos lá para cima, temos alguns quartos, poderemos conversar um pouco...

— Seria ótimo.

Sigo Lara e, ao olhar para os quatro empenhados nos computadores, vejo o rosto machucado de Benjamim. Paro por breves instantes, observando-o.

— Vamos — Lara chama. — Ele está acostumado.

Seguimos por um corredor acinzentado e o estampido seco de um tiro me faz gritar de susto. Paro de andar ao constatar que veio de uma das salas por qual passamos. Olho para Lara e ela sorri levemente.

— Demora um pouco para que nos acostumemos. É normal.

— Normal?

— Sim. — Me faz voltar a andar. — Aqui é uma casa de treinamento; eles aprendem a usar armas, facas, defesa pessoal, hackear...

— Felipe sabe fazer tudo isso?

— Todos sabem, é para a nossa proteção. Construir um império como a SQUAD e mantê-lo firme no mercado trás cargas e muitos pesadelos, Vanessa, quem está por perto também corre riscos... é preciso segurança. — Comprime os lábios. — Eu e Benjamim já fomos sequestrados, quase torturados, Celso e Suzana também... Melissa quase morreu com um tiro. Queremos evitar ao máximo que algo assim volte a acontecer com quem está à nossa volta.

Apenas assinto, ainda processando tudo. Subimos as escadas e ela abre a porta do primeiro quarto para mim. Entramos juntas e eu observo o enorme cômodo branco, com uma cama de casal forrada com lençóis brancos, uma janela de vidro e uma cômoda planejada em frente à cama.

— Não se preocupe, ninguém poderá pegar você aqui. — Ela sorri. — As janelas são blindadas e as portas também. Se quiser descansar um pouco, posso sair.

— Não. — Seguro seu braço. — Quero conversar sobre o que aconteceu ontem.

— Vanessa...

— Por favor, eu preciso saber para poder ajudá-lo.

Lara parece pensar por alguns instantes antes de assentir levemente, me puxando para que sentemos na cama.

— O que quer saber?

— Você sabia que Benjamim escondia algo?

— Sabia. — Passa as mãos nos belos cabelos castanhos. — Mas não sabia do que se tratava, ele sempre me pediu para esquecer, para nunca perguntar sobre.

— Benjamim não me parece o tipo de homem que faria algo para machucar Felipe.

— Ele não fez isso para machucá-lo, jamais o faria. — Seus olhos enchem-se de lágrimas. — Eu estava lá quando Felipe saiu, depois de descontar a sua fúria. Benjamim ficou arrasado... também não o culpo, a situação é difícil, amo aqueles dois.

— Felipe também está arrasado. — Faço uma pausa. — Estou tentando fazer com que enxergue além da raiva que está sentindo.

— Agradeço por isso.

— Eles vão sair disso. — Seguro as suas mãos e as aperto. — Precisam sair.

Recebo um sorriso sincero e ela me abraça, disfarçando seu choro.

— E Ellen? Como está?

— Abalada... ela viu tudo.

- Mesmo? Deve ter sido horrível.
- E foi.
- Posso ir vê-la?
- Claro, quando quiser... Ellen adorou você.
- Ela é uma menina adorável e muito gentil.

Sorrimos e Lara me pede para deitar um pouco e descansar. Vejo quando ela pega um livro e senta-se na poltrona para ler. Seu olhar é preocupado, ela tenta esconder, mas consigo vê-lo. Os acontecidos da minha vida me permitiram ser um pouco mais observadora do que falante.

Por fim, um sono fora do comum me atinge e eu não faço esforço para ficar acordada, apenas me entrego.

## FELIPE

Estou andando de um lado para o outro, nervoso, esperando Celso e Anderson rastream a ligação. Benjamim está sentado, com os braços cruzados, completamente sério e quieto.

— Aqui. — Celso acena para mim. — Diz aqui que a ligação veio da periferia da cidade.

— Já tem o endereço?

— Não o exato — Anderson afirma. — Ainda.

— Quero seguranças. — Olho para João e Gabriel, que estão lado a lado. — Quero quatro homens para acompanhar Vanessa em todo e qualquer lugar fora da sua casa. Dois durante o dia e dois durante a noite.

— Pode deixar isso comigo, Felipe — João se prontifica. — Gabriel irá me ajudar a escolher os homens.

— Isso mesmo. Vamos foder a vida do desgraçado se ele ousar chegar perto da Vanessinha.

— Vanessinha? — rosno.

— Ih, ele é ciumentinho igual ao Ben — Anderson brinca.

Lanço um olhar mortal para o meu amigo e Celso dá risada.

— Confio isso a vocês. — Passo as mãos nos cabelos. — Vou ver como estão lá em cima.

Olho rapidamente para o meu irmão e vejo quando ele nota, sei que precisamos conversar. Apenas sigo o caminho para a escada e subo, querendo encontrar Vanessa. Abro a porta do quarto devagar e encontro a minha pretty face adormecida na cama e Lara lendo ao lado da cama, na poltrona.

— Cunhado. — Fica de pé e vem até mim sem fazer barulho. — Consegui fazer com que ela descansasse um pouco... O que conseguiram?

— Você é ótima, Lara. — Beijo sua testa e continuo falando baixo. — Descobrimos que ele está solto... e na cidade. Já pedi a João e a Gabe que designem dois seguranças exclusivos para ela.

Olho para Vanessa adormecida na cama e admiro sua beleza. Eu a amo, jamais deixaria que nada de mal acontecesse. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para mantê-la segura e longe daquele doente.

— Vou deixar vocês — diz baixinho.

Antes que ela possa sair, Benjamim aparece na porta.

— Como ela está?

— Está bem. — Lara toca seu rosto. — Tratei de acalmá-la e explicar como algumas coisas funcionam por aqui.

Sinto meu coração apertado, por Vanessa e por estar assim com o meu irmão, odeio estar brigado com ele, mas ainda não consigo agir normalmente.

— Vamos deixá-los.

— Quero falar com Felipe.

— Ben...

— Agora não é uma boa hora, converso com você depois.

Ouçó quando Lara o acalma e os dois deixam o quarto. Sento-me na poltrona e me sinto um lixo. Não sou capaz de enxergar a verdade no meio dessa merda toda em que estou metido. Isso está me deixando oco, meu coração está secando.

## BENJAMIM - BÔNUS

Lara tenta me acalmar no corredor e eu sinto meu coração doendo. Suportei uma surra dada por vários homens, suportei a dor de ver minha mãe morrer, suportei tudo... só não consigo suportar a indiferença do meu irmão, a dor está se comparando a quando Lara foi embora por causa de Manoel.

— Ele vai ceder, meu insuportável... fique calmo.

— Lara. — Toco os contornos do seu rosto. — Vou acabar enlouquecendo.

— Não, não vai. — Beija o meu queixo, toda safada. — Não posso permitir isso.

— E como vai evitar?

— Vou fazer com que relaxe de uma maneira bem gostosa.

— Mas que atrevida safada. — Mordisco seu lábio. — Somente você para me fazer esquecer um pouco das merdas da minha vida... você e a minha pequena freira.

— Está tão romântico, Ben.

— Aproveite, é por tempo limitado... depois vou querer foder sem qualquer romantismo.

— Pare. — Ela sorri. — Vamos lá para baixo.

— Eu quero falar com Felipe e só saio daqui quando conseguir.

— Benjamim. — Respira fundo, abrandando o tom. — Deixe o seu irmão se sentir à vontade para falar, tem isso com Vanessa também... dê tempo ao tempo. Por favor, me ouça.

Tensiono a mandíbula, bravo. Porra, eu só quero esclarecer tudo a ele, conversar.

— Vai ajudá-lo se apenas descobrir sobre o padrasto da Vanessa... por enquanto.

— Tá bom, atrevida. Vou fazer o que está pedindo.

— Vamos.

A minha Lara segura a minha mão e entrelaça os nossos dedos para voltarmos lá para baixo. Ver o quanto Felipe se preocupa com Vanessa me faz lembrar de como me preocupei por Lara, é uma angústia infindável. Nada paga estar nos braços de quem amamos.

# Capítulo 30



VANESSA

Sinto um toque leve nos meus cabelos, afagando-os de maneira carinhosa. O perfume amadeirado do Felipe invade os meus sentidos e eu abro os olhos devagar.

— Desculpe ter que acordá-la, pretty face.

— O localizaram?

— Sim. — Segura a minha mão. — Ele está solto... e na cidade.

Sento-me em um pulo, assustada. A notícia faz meu coração acelerar, mas não de um jeito bom.

— Felipe, ele vai vir...

— Se ousar, encontrará várias pistolas apontadas para ele. — Senta-se ao meu lado. — Não permitirei que ele toque em você. Nunca. Quatro homens farão a sua segurança dia e noite, dividirei dois por turno.

Não digo mais nada, apenas o abraço com força, sentindo meu coração cheio de medo. É tão bom poder confiar nele, agradeço por não ter desistido de mim. Sinto suas mãos passeando nas minhas costas e acabo me afastando, é involuntário, mas sei que o machuquei com isso.

— Preciso avisar aos meus tios, a Henry e a Sheila — tento disfarçar.

— Vanessa, como você está com tudo isso? Seja sincera comigo.

— Apavorada. — Desvio o olhar. — Sinto que, a qualquer momento, a escuridão vai me engolir outra vez e eu não quero isso, Felipe... é difícil lutar contra a mente e sinto que estou perdendo.

— Pretty face, você não está sozinha nisso... estou aqui.

— Você também acha que estou ficando louca?

— Não, claro que não. — Beija a minha testa e eu enxugo rapidamente as lágrimas que ousaram cair. — Você é o ponto de luz no meio de toda a escuridão que me cerca, você é o bem, Vanessa... sem você, me tornarei apenas mais um da família perdido na escuridão que nos rodeia. Agora vamos.

Saio da cama em silêncio, aturdida com as suas palavras e ele envolve os meus ombros com o braço. Saímos juntos do quarto e descemos as escadas em silêncio, já podendo ouvir as vozes do restante quarteto.

Ao chegarmos na sala em que todos estão, a primeira coisa que faço é olhar para o rosto machucado de Benjamim. A fúria de Felipe pode sim ser incontrolável.

— Você falou com o seu irmão? — pergunto baixinho.

— Ainda não. Não tivemos tempo para isso.

— Mas agora têm. — Fico frente a frente com ele. — Vocês precisam conversar, me prometeu que o ouviria.

Vejo quando Felipe fecha os olhos, parecendo tentar se acalmar. Sei que estou pedindo muita coisa, mas ouvir a versão de Lara me fez crer ainda mais que Benjamim não fez por mal.

— Não estou com cabeça para isso agora, pretty face. Minha preocupação maior é você, depois falarei com ele, ok?

— Eu quero falar com ele.

Afasto-me sem esperar resposta e me dirijo à Benjamim. Olho para trás e noto Felipe estático no lugar onde o deixei. Paro diante do casal e Lara sorri para mim, Benjamim se mantém sério, mas consigo notar a surpresa no seu olhar.

— Quero agradecer a vocês por terem deixado tudo para me ajudar.

— Não precisa agradecer — Benjamim sorri de canto. — Nós somos uma família e nos ajudamos sempre.

— Como você está? — Vou ao ponto, mesmo já sabendo por Lara.

A expressão dele muda, seu maxilar tensionado me faz ver o quanto está mal com isso.

— Não vou julgá-lo, se é o que está pensando... — Olho para Lara e volto a encará-lo. — Eu só quero que vocês se entendam... seu irmão é tudo para mim, ele foi o único que persistiu diante da minha repulsa. Vê-lo triste me machuca, principalmente sabendo o quanto ama você.

— Você quer ver Ellen, não é? — Lara muda o assunto ao ver que o silêncio se instalou entre nós. — Por que não vamos para o nosso apartamento e os dois poderão conversar?

— Claro, seria ótimo. — Sorrio.

— Faria isso? — Benjamim parece surpreso.

— Estou fazendo. — Hesito. — Deixe somente que eu agradeça ao Celso



e ao Anderson.

Deixo os dois e sigo para onde vejo Anderson, Celso, Gabriel e outro homem, que ainda não conheço. Olho rapidamente para Felipe e ele está com os braços cruzados, me observando. Desvio o olhar, sentindo meu corpo esquentar.

— Olha a Vanessinha aí. — Anderson abre um sorriso largo. — Como se sente sabendo que os heróis aqui vão proteger você?

Acabo sorrindo com a sua brincadeira e isso faz o meu fardo ficar um pouco mais leve. Cruzo os braços e pigarreio.

— É sobre isso que vim falar, quero agradecer a vocês por...

— Ah, não! — Celso interrompe. — Não agradeça, fizemos porque é da nossa família agora...

— Isso mesmo, você é a mina do Lipitcho, é da família.

— Não ligue para o vocabulário, senhorita, Gabriel costuma ser impertinente. — O homem que ainda não conheço sorri. — Sou João, chefe da segurança do Benjamim.

— Que bom conhecer você, João.

— Impertinente — Gabriel imita, afinando a voz.

Todos dão risada e João fica completamente sério. Gosto deles.

— Com licença? — Felipe me puxa para ele pela cintura.

— Ih, lá vem o ciúme outra vez.

Toco o peito duro de Felipe e olho para cima, encontrando os seus olhos azuis fixos em mim. Sou abraçada e os homens na nossa frente fazem um "awn" em coro, exceto João.

— Bando de palhaços — Benjamim xinga.

Olho para Lara e ela pisca rapidamente, voltando a olhar para Felipe.

— Gostaria de ver Ellen... Lara me convidou.

Ele estreita o olhar para mim, mas acaba assentindo.

— Não está fazendo isso somente para que eu converse com o meu irmão, está?

— Claro que não, quero ver a menina... mas pode ser uma boa oportunidade.

Negando com a cabeça e escondendo um leve sorriso, Felipe me guia na direção do irmão e eu sinto meu coração batendo descompassado. Apesar do medo que passei hoje, me preocupo com Felipe e com sua relação com o irmão.

— Vamos? Posso falar com Graça e preparar um almoço.

— Vamos, quero ver a minha sobrinha.

## FELIPE

Seguimos primeiro para o apartamento de Benjamim, ele foi com Lara buscar Ellen na escola. Toco a campainha e espero que Graça venha abrir. Ao me ver, ela abre um sorriso enorme e me abraça forte, toda emocionada.

— Ah, meu menino, nunca mais te vi. — Me afasta e toca meu rosto. — Cada dia mais lindo, como o seu irmão.

— Sempre babona, Graça. — Sorrio e viro-me para Vanessa. — Bom, pretty face, essa é Graça, a minha segunda mãe.

— Essa é a sua namorada? — faz espanto. — Mas ela é muito linda.

Graça a abraça, não deixando tempo ou espaço para que Vanessa fale nada. Pelo jeito animado dela, não deve saber do que aconteceu ontem e, muito menos, deve ter visto o rosto de Benjamim. Devem ter saído antes da sua chegada, hoje.

— Venham, entrem. — Dá passagem e sorri. — Fiz um bolo que Ellen adora para a sobremesa. Vão ficar para o almoço?

— Sim. — Hesito. — Tenho que falar algumas coisas com Benjamim... algo sério.

— Bom... Querem alguma coisinha enquanto esperam?

— Não, obrigado.

Quando Graça nos deixa, olho para Vanessa e noto que está admirando as fotos da família na estante da sala de estar. Há uma foto da pequena Ellen em um balanço, com um sorriso radiante no rosto. Ela é a mistura perfeita dos dois.

— Ela tem o mesmo sinal que Lara no rosto — comenta, sorrindo. — Os cabelos do pai... muito bonita.

— E o gênio dos dois — completo, aproximando-me para abraçá-la por trás.

Vanessa tenta disfarçar, mas está incomodada com minha aproximação e isso me preocupa. Solto-a sem dizer nada e passo as mãos nos cabelos.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar, pretty face, sabe disso. — Cruzo os braços. — Apenas não deixe ele te dominar, mesmo estando longe... não depois de ter deixado a sua escuridão de lado um pouco.

Ela assente e abre um leve sorriso, me fazendo sorrir também. A porta é aberta instantes depois e um chaveirinho, com a pequena mochila nas costas, corre até mim, gritando. Agacho e espero o seu abraço apertado, sentindo meu coração doer pelo que ela presenciou.

— Como foi na escola?

— Foi bom, mas eu estava um pouquinho triste e com dor de cabeça.

— E por quê? — me faço.

— Titio, não viu o rosto do meu papai? Deve doer muito... — Faz bico.  
— Vocês não vão mais brigar, não é?

— Não, pequenina. — Olho para o meu irmão e em seguida, para ela novamente. — Não vamos mais brigar, não se preocupe.

Ellen beija o meu rosto e abre um sorriso enorme para ir até Vanessa. As duas se abraçam e eu ergo o corpo, olhando rapidamente para o meu irmão ao lado da esposa.

— Tia Nessa. — A abraça. — Que bom que veio! Vamos brincar hoje?

— Vamos sim.

Se separam e Ellen dá pequenos pulinhos de alegria.

— Muitão assim? — Abre os braços.

— Muitão assim.

— Quer ver o meu quarto?

— Eu adoraria.

Vejo o entusiasmo da minha sobrinha ao puxar Vanessa pela mão para seguirem juntas. Cruzo os braços e sinto a mesma dor no peito que senti ao saber de tudo. Olhar para Benjamim me faz recordar de toda a merda que aconteceu, de tudo o que passamos juntos e do que ele me escondeu.

— Bom, eu vou acompanhá-las, Ellen precisa tirar o uniforme. — Lara beija o meu irmão e me olha. — Com licença.

Meu irmão espera que Lara suma no corredor para aproximar-se de mim. Fico quieto, sabendo que teremos uma conversa difícil pela frente, mas irei ouvi-lo, como Vanessa pediu.

— Felipe. — Hesita e eu vejo o seu nervosismo. — Meu irmão, precisamos conversar sobre aquilo... sobre tudo.

— Estou ouvindo.

Ele aponta para o sofá e eu sento, sendo acompanhado por ele. Apoio os antebraços nas coxas e o olho, esperando que comece. Benjamim tensiona o maxilar e passa as mãos nos cabelos.

— Sei que você pensa que sou um filho da puta, que te enganei a vida toda, mas isso não é verdade. Vou contar a minha versão dessa merda de história. — Abaixa a cabeça. — Nosso pai sempre foi incisivo, exigia muito de mim desde muito pequeno. Claro que dona Isabel não aprovava aquilo, sempre brigavam por minha causa... quando ela engravidou novamente, foi uma alegria só, eu estava animado porque iria ganhar um irmão e porque eles pararam de brigar um pouco.

— Continue.

— Nosso pai se dedicava muito à SQUAD, a fazer com que ela crescesse... estávamos mergulhados em dívidas, mal tínhamos o que comer. — Hesita. — Não lembro muito bem, mas era muito difícil, Isabel vivia preocupada e tentava esconder as coisas de mim, já que eu sempre pegava tudo no ar. No dia do ocorrido com Manoel, eu já estava deitado, ela tinha lido uma história para mim... Quando ele chegou, todo machucado, ouvi as vozes alteradas e, de fininho, saí da cama e fiquei olhando de longe.

Benjamim se cala, as lembranças parecem machucá-lo. Me mantenho em silêncio, esperando que continue.

— Na minha inocência, achei que ele jamais me veria. — Ergue o olhar para mim. — Quando Manoel me viu, ali foi o princípio do fim da nossa família, Isabel suportaria qualquer coisa, menos o que ele fez. A surra que levei naquele dia me deixou uma semana sem ir à escola... isso ele não contou, não é?

— Estou ouvindo de você agora. — Me faço de forte, mas isso me chocou. — Continue.

— Tinham hematomas pelo meu corpo todo, mas o que mais me machucou foi vê-lo bater nela. Porra, nossa mãe estava grávida de você. — Volta a abaixar a cabeça. — Eu o odiei, ele é o meu pai, mas eu o odiei desde aquele dia... como ele pôde bater em você e na nossa mãe ao mesmo tempo?

Benjamim parece distante, imerso nas suas lembranças.

— Nossa mãe deixou de dormir com ele, mudou-se para o meu quarto, se dedicou a cuidar de mim e da gravidez.

— Quando ela adoeceu?

— Não sei dizer ao certo, mas quando notei, a tristeza já a havia consumido por completo... ela chorava o tempo todo. Eu era uma criança, Isabel escondia de mim... Eles mal se falavam em casa e, quando o faziam, passavam a maior parte do tempo brigando.

O encaro e noto outra vez o seu silêncio. Sinto meu coração apertado, culpa começa a me corroer. Deveria tê-lo escutado, mas a raiva do momento, a sensação de ter sido traído e a dor de saber a verdade me deixou cego.

— Quando ela morreu, você estava nos meus braços. — Olha para as próprias mãos. — E eu senti algo muito forte, algo além da dor de ver a minha própria mãe morrendo, até porque eu não entendia muito bem o que a morte significava, o que ela trazia... senti que tinha que cuidar de você, que era somente um bebê e precisava ser protegido dele. Do Manoel. E fiz, Felipe, eu nunca deixei ele te bater, sempre o enfrentei, te defendi como se eu fosse o seu pai... não faria nada que pudesse machucar você, acredite em mim.

Um momento de silêncio nos atinge e eu sinto a barreira de raiva ser quebrada dentro de mim. Solto um suspiro e nego com a cabeça, sentindo as

lágrimas brotarem na minha visão. Eu nunca quis odiar o meu irmão, brigar com ele foi uma idiotice, não tê-lo ouvido foi pior ainda.

Fico de pé e Benjamim me segue, ainda sem entender. O abraço sem que ele espere e noto a sua surpresa porque ele demora um pouco para retribuir o meu abraço. Ouço um suspiro aliviado e o aperto em um pedido de desculpas silencioso.

— Perdão — peço. — Fui um idiota com você e reconheço isso. Você não merece a minha raiva, meu irmão.

— Tudo bem. — Me afasta para me olhar nos olhos. — Não se preocupe com isso, temos que cuidar da proteção de Vanessa agora.

— Claro, mas também tenho que me redimir com você. Fui um idiota sem tamanho, Ellen viu o meu descontrole e agora está toda triste, Lara chora pelos cantos, escondido... espero que possa me perdoar.

— Está tudo bem, meu irmão. Obrigado por ter me ouvido, mesmo estando com raiva... eu também errei em esconder tudo. — Dá de ombros. — Sempre pensei que fosse o melhor a se fazer, não queria ver você se tornar amargo como eu.

O abraço outra vez e o silêncio fala por nós. Sinto um alívio enorme inundar o meu peito e respiro fundo. Quando nos separamos, Benjamim agarra a minha nuca com força e dá dois breves tapas nela, me fazendo sorrir.

— Só não inventa de me beijar, Ben... não gosto disso.

— Quebro a sua cara, Felipe.

Sorrimos juntos e ele arruma o terno, endireitando o corpo.

— Vamos chamar as atrevidas e Vanessa, essa conversa me deu fome.

— Concordo plenamente.

# Capítulo 31



## VANESSA

Estamos tentando nos manter calmas, enquanto os dois conversam lá fora. Lara tenta esconder, mas está tão nervosa quanto eu. Ellen está empenhada na sua brincadeira com as bonecas e o chazinho e eu resolvo sentar ao seu lado para entretê-la.

— Tia Nessa, você quer chá? A princesa já está tomando o dela.

— É mesmo? Cheguei atrasada, então?

— Sim, um pouquinho... mas não tem problema, a princesa não vai ligar.

— Então tudo bem. — Sorrio.

Antes que possamos começar o chá com a princesa, a porta do quarto da Ellen é aberta e eu avisto Felipe com um leve sorriso no rosto, ao lado de Benjamim. Lara corre até o marido e eu fico de pé imediatamente, na expectativa.

— Vamos almoçar, Graça já está servindo a mesa — Benjamim chama.

— Está tudo bem?

— Sim, atrevida. Finalmente pudemos conversar.

O sorriso que Lara abre contagia a todos. Sorrio enquanto Felipe caminha até mim ainda com o sorriso leve no rosto.

— Estou tão feliz por vocês. — O abraço rapidamente. — Que bom que finalmente conversaram.

— Sim, pretty face... eu errei com ele e sinto vergonha do que fiz.

— Mas você se arrependeu e reconheceu... isso é o que importa. — Sorrio, realmente feliz por eles.

Recebo um beijo e sinto meu coração se apertar. Não quero regredir com

ele, não agora que descobri o que realmente é amar e ser amada. Afago os seus cabelos quando encerramos o beijo e seguimos Lara e Benjamim, que está com Ellen nos braços.

— Papai. — Deita a cabeça no ombro de Benjamim.

— Estou ouvindo, pequena freira.

— Eu te amo muito, muito, muito.

— Eu também te amo, filha. — Beija os seus cabelos. — Muito, muito, muito.

— E à mim? — Lara pisca para nós.

— Você também, mamãe.

— Lara está assumindo o seu lugar de ciumento, Ben — Felipe brinca.

Todos sentamos à mesa e Graça junta-se à nós; é ótimo ver que o clima entre eles melhorou. Felipe tem o olhar radiante de antes e isso me alegra, mesmo que o medo de aquele homem me encontrar faça a escuridão se mostrar. Se Felipe estiver bem, posso me manter firme por ele. Ver sua tristeza me machuca muito.

O almoço é descontraído, Felipe mantém o seu humor de sempre, fazendo todos rirem. Seu amor com a sobrinha me deixa completamente boba. Não posso deixar de pensar em como ele seria se tivesse um filho. Pelo jeito que trata a sobrinha, seria um pai maravilhoso.

— Não é, pretty face? — Toca a minha mão.

— Ahn? Desculpe...

— Estávamos falando de como você e Ell se dão bem — Lara explica.

— Ah, sim. — Olho para a menina e ela abre um sorriso largo. — Adoro a Ellen, sinto como se nos conhecêssemos há mais tempo... vocês são muito receptivos, fico muito feliz em estar aqui.

— Nós é que ficamos felizes que Felipe tenha escolhido alguém tão especial.

— Eu não poderia achar alguém mais paciente e compreensivo. — Seguro sua mão e a aperto, dizendo essas palavras do fundo do meu coração. — Foi muito difícil para nós... mas finalmente conseguimos nos estabelecer em algo e eu estou feliz.

— Algo? — Benjamim sorri, mas faz careta, tocando o corte no rosto. — Isso é um namoro?

— Tio Felipe e tia Vanessa estão namorando. — Bate palminhas.

— Ainda não — Felipe responde.

Sorrio com o "ainda".

— Já deu flores a ela, tio? — a menina cochicha, mas todos na mesa são capazes de ouvir.

— Já — cochicha de volta. — Várias.

Desvio o olhar deles e me concentro em terminar de comer. Se ele souber que guardo cada uma das tulipas que me deu, vai ficar se achando.

— Que romântico, tio... você gostou, tia Nessa?

— Ellen — Lara repreende.

— Tá bom, mamãe. — Faz bico.

— Assumam isso, porra. — Benjamim muda o assunto. — Estão escondendo de quem? Todo mundo no quarteto já sabe que estão juntos.

— Benjamim Monteiro!

— Já sei, atrevida.

— Céus, você é um insuportável.

— Claro que sou, por isso é louca por mim.

— Até parece. — Revira os olhos.

Acabo sorrindo com o momento dos dois e sinto como se estivesse em casa.

— Está fodido, Ben, a primeira puta nervosa e apaixonada do quarteto é você... se contente com isso.

— Você também com os palavrões na frente de Ellen?

— Perdão, cunhada... meu irmão me obriga a isso.

\*\*\*

Assim que deixamos o apartamento de Benjamim e Lara, seguimos de volta para casa e eu noto um carro a mais na escolta. Devem ser os seguranças para mim que Felipe mencionou.

Quando saímos do elevador em direção aos nossos apartamentos, noto Felipe incomodado. Ao pararmos em frente ao meu apartamento, ele olha fixamente nos meus olhos.

— Está tudo bem, pretty face?

— Sim. — Coloco uma mexa atrás da orelha. — Tudo bem.

— Olhe para mim.

Obedeço, sentindo meu coração bater forte dentro do meu peito. Sei que ele está preocupado comigo, mas sinto que estou dando trabalho com as minhas coisas. Vejo dois homens saírem do elevador, mas se mantêm afastados. Ele também os nota, mas não diz nada.

— Preciso que confie em mim, que diga do que precisa e o que sente. — Toca meu queixo. — Sabe que faço qualquer coisa para ver você bem e à vontade. Estou prometendo que não vou deixar aquele miserável tocar você outra vez. Não sei do que sou capaz se isso acontecer.



— Vou ficar bem, só preciso me adaptar com tudo isso de armamento, seguranças... essas coisas.

— Quer companhia?

— Se puder ficar um pouco comigo...

— Claro que posso, a SQUAD pode me esperar.

Sorrio, abro a porta do apartamento e penso em Henry e nos meus tios. Hoje preciso ir trabalhar e conversar com eles sobre tudo o que está acontecendo.

— Vanessa, não comunique os seus tios sobre o que aconteceu... deixe que eu converse com eles.

Já não bastava ele ter olhos em todos os lugares, agora lê mentes?

— Por quê?

— Porque além de falar sobre a merda do seu padrasto, quero fazer as coisas direito entre nós. — Hesita, me fazendo sorrir. — Benjamim está certo, temos que assumir que estamos juntos de uma vez... porque eu sei o que sinto por você.

— O que sente por mim?

— Eu amo você, Vanessa Weiss.

Fico em silêncio por alguns instantes e o vejo caminhar até mim. Felipe segura as minhas mãos e me lança o olhar que sempre me deixa com as pernas fracas.

— Eu — gaguejo, sentindo que é hora de dizer o que sinto, mas o medo de me abrir tenta me tomar. — Eu também amo você, Felipe... mas sinto que nunca serei boa o suficiente, nunca serei totalmente curada, a escuridão nunca vai me deixar.

— Não diga isso. — Aperta as minhas mãos. — Nós vamos expulsar toda essa merda de passado da sua mente... vai ser somente uma coisa distante. Saber que você sente o mesmo é suficiente para mim.

## FELIPE

Abraço Vanessa de maneira delicada, como se fosse quebrá-la. Ela dominou meu coração e o fez se render aos seus encantos, mesmo sem intenção nenhuma. Saber que ela corre perigo me deixa enlouquecido, não posso deixar, jamais, que algo lhe aconteça.

Sinto seu aperto e o retribuo, querendo que saiba que está protegida. Inclino a cabeça e escondo o rosto no seu pescoço, aspirando o cheiro adocicado

dos seus cabelos. Meu pau entra em ação no mesmo instante, mas controlo os meus desejos, ela ainda está abalada com o reaparecimento do padrasto.

Ergo a cabeça para voltar a olhá-la e noto a sua respiração descompassada. Seus lábios carnudos estão me tentando de muito perto e minha carne é fraquíssima quando o assunto é Vanessa.

— Quando quer ir vê-los?

— Seus tios? — Dou de ombros. — Por mim, hoje.

— Tudo bem, iremos juntos antes de a casa abrir.

— Ótimo. — Sorrio. — Tenho que me preparar então.

— Para de bobagem. — Ela abre um sorriso lindo. — Henry você já conhece e ele é muito seu amigo agora, não é para tanto.

— Estamos namorando, então?

— Estamos?

Olho para o seu pescoço e toco o colar que lhe dei. Sorrio ao notar que ela não o tirou desde o dia em que lhe presenteei.

— Você aceitaria?

— Bom, não sei. — Dá de ombros, me fazendo sorrir outra vez.

— Do que estou dependendo? — A puxo para mim pelo colar.

— De nada. Você tem o meu coração e sabe disso.

— Então?

— Aceito namorar com você.

Nos olhamos por alguns instantes antes que eu avance lentamente para beijá-la. Quando os nossos lábios se tocam, sinto como se a estivesse beijando pela primeira vez. Uso minha língua e ela se entrega ao beijo de bom grado, o que me alivia um pouco.

Afasto os seus cabelos dos ombros, jogando-os para trás, e desço lentamente, deixando beijos pelo seu queixo e pescoço. Sempre atento aos seus movimentos e reações.

— Seus seguranças...

— O que têm? — Continuo beijando levemente o seu pescoço.

— Vão saber o que estamos fazendo.

Acabo sorrindo e ergo a cabeça para olhar nos seus olhos.

— Eles só sabem o que eu quero que saibam... se eu disser que estamos conversando, estamos apenas conversando.

— Não sou acostumada com isso.

— É necessário, pretty face.

— Eu sei. — Toca meu rosto. — E agradeço por você se preocupar com a minha segurança.

Beijo sua mão que está no meu rosto e ela sorri, mas uma ponta de

preocupação cruza o seu olhar.

— O que há?

— Não é nada. — Hesita. — Quero que faça amor comigo... quero oprimir essa angústia iminente no meu peito, quero mostrar a ela que quando estou com você é diferente, Felipe.

— Você tem certeza?

— Tenho.

Estendo a mão para ela e espero que segure para que possamos ir ao seu quarto. Paro em frente a ela e meu coração acelera, temeroso para não assustá-la e feliz por vê-la se entregar.

Vanessa fecha os olhos e eu pego as suas mãos, trazendo-as ao meu peito. Observo a mulher que tenho diante de mim e sinto algo muito forte me dominar.

— Minha namorada.

Vejo um sorriso brotar nos lábios doces e carnudos dela, que volta a abrir os olhos para mim. Inclino a cabeça e volto a beijar sua boca de maneira lenta e cuidadosa. Toco sua cintura e a puxo um pouco mais para mim, grudando seu peito no meu.

Suas mãos sobem pelos meus braços e o meu corpo arrepia, me fazendo soltar um gemido de satisfação no meio do beijo. Cravo os dedos na sua cintura, sentindo o desejo me consumir por completo. Sinto uma urgência em possuí-la com força, que chega a doer.

— Está bem? — A olho firmemente ao encerrar o beijo.

— Sim. — Afaga a minha nuca.

Não penso duas vezes, volto a beijar sua boca e sinto Vanessa se entregando um pouco mais a mim. Porra, eu quero tanto poder ensinar a ela que se libertar será delicioso, mas preciso ir com calma, principalmente agora que o filho da puta decidiu voltar.

— Tire minha camisa, pretty face.

Quero fazer com que ela se sinta bem comigo, quero que faça tudo, que sinta que sou seu e que pode confiar em mim. Controlo as reações do meu corpo quando ela começa a desabotoar minha camisa social.

Quando a camisa está inteiramente aberta, ela toca meu peito de maneira delicada, deslizando os dedos pela minha pele calmamente. Mordo o lábio inferior com força, me controlando.

— Porra — xingo.

Vanessa ergue o olhar para me encarar e abre um sorriso que faz meu pau pulsar com força. Sinto-o apertado dentro da calça e rosno, querendo saciar os meus desejos.

— Você é tão bonito — comenta, me olhando.

— É mesmo? — Sorrio, sentindo a voz rouca.

Vejo Vanessa sorrir, tímida, e continuo sorrindo. Suas mãos continuam deslizando pelo meu tórax, tocando cada ponto meu em uma carícia quente e delicada ao mesmo tempo.

— Te desejo tanto, Vanessa. — Toco seu rosto e ela fecha os olhos.

Não consigo evitar e o meu polegar vai direto aos seus lábios. Deslizo sem pressa o dedo na pele macia e gemo, imaginando como seria tê-la envolvendo o meu pau. Ah, se Vanessa me desse o prazer de ser chupado por ela...

— Venha, pretty face.

Sento-me na cama e a puxo para que fique entre as minhas pernas. Vejo sua respiração descompassada e beijo o seu busto.

— Comigo não precisa ter medo, vou proteger você... custe o que custar.

# Capítulo 32



VANESSA

A sensação de finalmente mergulhar em um namoro fixo com Felipe me faz querer gritar para o mundo que estamos juntos. Mesmo com todo o seu passado de devassidão, isso não me incomoda nem um pouco. O que importa é que ele está comigo agora e que nos amamos.

Quando ele diz que vai me proteger, independentemente do custo, isso me deixa assustada e aliviada ao mesmo tempo. Tenho medo de como ele possa reagir se algo sair do planejado.

Felipe me ajuda a tirar a blusa, me deixando apenas de sutiã e calça. Sinto meu coração acelerado e toco seu rosto, para que me olhe. Estar com Felipe sempre é bom e bonito, não quero que a minha escuridão estrague isso também.

— Não me deixe voltar para o lado obscuro — peço, sentindo meu corpo se aquecer com o seu olhar. — Eu te amo tanto... jamais me perdoarei se machucar você algum dia.

— Farei o impossível, pretty face... demorei tempo demais para ter você. — Toca meu queixo. — Não me permitirei jamais ver o brilho nos seus olhos se apagar outra vez. Vou afastar esse maldito de você.

Nos olhamos por mais alguns instantes e ele volta a beijar meu busto e colo dos seios levemente. Suas mãos sobem lentamente pelas minhas curvas até alcançar a atadura do meu sutiã. Livro-me dele e Felipe fica parado, os encarando.

— São perfeitos. — Toca-me de maneira cuidadosa. — Você é linda.

Não respondo, apenas deixo que ele continue a me despir, me

concentrando em não deixar a escuridão me dominar. Quando estou somente de calcinha diante dele, Felipe me puxa para que eu monte no seu colo.

— Me ensine — peço.

— Relaxe, pretty face.

Felipe afasta os meus cabelos do pescoço e os une, segurando-os em um dos lados da minha cabeça. Com a outra mão, ele aperta a minha cintura, guiando meu corpo para que eu me esfregue nele.

— Apenas rebole, vou guiar você.

Sinto seu volume rijo roçando no meu sexo e o meu corpo continua aquecendo ainda mais. Seguro nos seus ombros e rebolo, me deixando levar pelas sensações gostosas que meu corpo começa a apresentar. Ouço um breve gemido dele e o seu olhar não desvia de mim um minuto sequer.

Sou surpreendida quando ele agarra minha cintura e me suspende para me colocar deitada na cama. Felipe livra-se da calça juntamente com a cueca e volta a sentar, mas recosta-se nos travesseiros e puxa-me levemente pelo colar.

— Tire a calcinha para mim — pede, rouco. — E volte para o meu colo, quero que descubra como é gostoso estar por cima.

Obedeço, olhando fixamente nos seus olhos, preciso disso para me manter firme e manter a escuridão afastada. Respiro fundo e volto a montar no seu colo, sentindo seu membro grosso e quente roçando livremente no meu sexo.

Felipe geme e o seu olhar transtornado de tesão me passa uma urgência que jamais havia visto nele. Sei que os seus desejos por mim foram muito bem acalmados, Felipe me respeita, nunca deixou transparecer tudo. O admiro por isso.

— Me coloque dentro, pretty face, preciso sentir sua boceta me acolhendo... estou enlouquecendo.

Nos olhamos por breves instantes antes que eu faça o que ele pediu. Coloco seu membro para dentro e mexo meu quadril, sentindo cada centímetro dele adentrar em mim. Meu coração acelera quando ele entrelaça os nossos dedos, apertando minhas mãos.

— Isso, com calma. — Lambe os lábios, olhando-me intensamente. — Rebole.

Felipe geme e eu penso estar fazendo certo, ou ele não estaria entregue dessa forma. Sinto algo muito gostoso e gemo, não conseguindo controlar.

Suas mãos deixam as minhas e ele as traz à minha cintura, conduzindo-me com precisão. Ao notar que mantenho o ritmo demandado, ele morde o lábio e desce as mãos para a minha bunda, agarrando com força.

Gemo, surpresa pela pegada. Sinto meu coração acelerado e sorrio em meio ao prazer, feliz por deixar que Felipe me mostre realmente o prazer, por

manter a escuridão guardada.

— Isso, pretty face, só irei descansar quando ouvir você gritar de prazer.

Fixo meu olhar no seu e sinto que estou na porta do céu, que encontrei realmente o homem com quem devo estar. Inclino o corpo para frente, colando minha testa na dele. Sua respiração quente em contato com o meu rosto me faz fechar os olhos, deliciada.

Suas mãos sobem pelas minhas costas e eu o sinto calor aumentar e uma intensidade fora do comum nascer entre nós. Felipe abriga o meu rosto entre as suas mãos e me beija de forma intensa, gemendo baixinho. Apoio as mãos no seu peito e não paro de mover o meu quadril.

Volto a gemer, sentindo um calor intenso dominar o meu corpo. Sentir Felipe, o calor que ele emana, seu corpo no meu, me faz experimentar sensações completamente novas. Estou apaixonada por ele e mesmo que a minha mente tente me controlar, tente me afastar, meus sentimentos por ele são mais fortes.

— Olhe para mim, Vanessa... nos meus olhos — sussurra contra o meu rosto. — Me deixe ver o prazer nos seus olhos.

— Felipe — murmuro, fazendo o que me pediu.

Minhas pernas fraquejam e ele nota, abrindo um leve sorriso.

— Com calma. — Me suspende e me coloca deitada ao seu lado. — Me deixe trabalhar agora.

Com a respiração ofegante, observando enquanto ele se posiciona e é a cena mais linda que já vi na vida. Felipe está com algumas gotículas de suor brotando na sua pele, o que o deixa ainda mais bonito, olha para mim e passa as mãos nos cabelos.

Acabo sorrindo quando ele fica na ponta da cama, inclinando o corpo para beijar os meus pés. Solto um suspiro, sentindo meu sexo pulsar. Felipe sobe lentamente, beijando e mordiscando as minhas pernas, sem pressa.

— O que...

— Shh! — Abre as minhas pernas e deita-se de bruços entre elas. — Vou levar você ao céu, pretty face... quero vê-la gozar na minha boca e ouvi-la gemer até ficar rouca, me entende? Apenas relaxe e aproveite.

Agarro os lençóis quando Felipe assopra lentamente o meu sexo sensível. Minha respiração se torna pesada e descompassada e eu apenas aguardo para o que vem a seguir. Quando a língua de Felipe alcança o meu sexo, não consigo conter um gemido alto e descontrolado.

— Adoro ouvir você gemendo para mim, Vanessa. — Ergue o olhar e me lança aquele sorriso torto que eu amo. — É delicioso.

Cravo os dedos nos lençóis, agarrando-os com mais força, sentindo algo fora do comum. Felipe geme, enquanto sua língua mergulha no meu sexo,

brincando com meu ponto do prazer sem qualquer pudor.

— Felipe — chamo baixinho.

Ele entende o meu recado e vem, sem pressa, se encaixar entre as minhas pernas. Nos encaramos por alguns instantes e eu sinto uma carícia no meu rosto. Levo as mãos às suas costas e ele volta e me penetrar lentamente.

O aperto contra mim, voltando a emitir sons que não consigo controlar, é como se o domínio sobre mim mesma tivesse evaporado. Sinto breves beijos no meu pescoço, enquanto ele se move de maneira firme. Nossas respirações descompassadas se misturam e o nosso calor me acalenta, me faz sentir bem.

Suas investidas contra o meu sexo se tornam mais firmes e velozes. Seus gemidos roucos ficam mais intensos e eu me entrego de uma vez ao que estou sentindo.

— Goze, Vanessa... se entregue a mim. — Beija os meus lábios e os mordisca.

Meu corpo explode em um orgasmo intenso proporcionado por ele e eu agarro a pele das suas costas com força. Chamo o seu nome baixinho e ele não para de se mover intensamente, buscando o alívio. Seus cabelos macios caem no seu rosto e isso me faz admirá-lo, extasiada com toda a sua beleza.

Quando Felipe estoca uma última vez, indo fundo. Sinto o seu membro convulsionar dentro de mim e m gemido alto e intenso escapa dos seus lábios, seguido de um murmúrio que distingi ser o meu nome, me fazendo tocar o seu rosto suado. A sua respiração descompassada e forte me faz tocar o seu peito e ele se larga sobre mim, com cuidado.

Ficamos em silêncio, apenas tentando controlar os nossos corpos agitados. Recebo breves beijos no ombro e Felipe sobe lentamente para os meus lábios.

— Eu te amo — murmura, fixando o olhar no meu e acariciando o meu rosto. — Lembre-se sempre disso.

Abro um leve sorriso e sinto o meu coração batendo forte.

— Eu também te amo, Felipe... mesmo que, às vezes, os impulsos do meu corpo digam o contrário.

Recebo um breve beijo na ponta do nariz e ele se afasta com cuidado, deitando-se ao meu lado, me puxando para me acomodar em seu peito.

— Descanse um pouco, à noite iremos ver os seus tios.

FELIPE



Observo Vanessa dormir nos meus braços e sorrio, observando-a. Ouço meu celular vibrar no meio das minhas roupas e a coloco com cuidado deitada ao meu lado. Levanto da cama e sigo para as minhas roupas, procurando meu celular.

Ao encontrá-lo, saio do quarto devagar e atendo:

— Fala, Gabe.

— *Lipitcho, você ainda volta para a SQUAD?*

— Não. — Olho para o quarto, que tem a porta entreaberta, me permitindo ver Vanessa nua, dormindo. — Ficarei com Vanessa e, à noite, iremos falar com os tios dela. Explicarei a situação.

— *Vou providenciar tudo com a segurança.*

Encerro a ligação e volto devagar para o quarto. Deito-me na cama com cuidado para não acordá-la e fico vidrado, observando-a. Não posso deixar que nada de mal aconteça com ela. Vanessa é a mulher que amo, quero estar com ela, amá-la até que enxergue o quanto é importante e desejada.

\*\*\*

Afago os cabelos de Vanessa, querendo acordá-la. As mechas sedosas e cheirosas me fazem apreciar mais um pouco o seu cheiro antes de finalmente acordá-la.

— Já está na hora? — murmura, ainda de olhos fechados.

— Sim, pretty face. Vamos.

Vanessa sai da cama e segue, ainda sonolenta, para o banheiro. Levanto-me e vou atrás dela.

— Está tudo bem?

— Sim. — Ela sorri, entrando no box. — Estou feliz porque finalmente vai conhecer os meus tios.

— Estou nervoso com isso, Vanessa. Nunca fiquei assim com nada, nervosismo não existe no meu vocabulário há anos. — Cruzo os braços. — No que você está me transformando?

— Você está apenas mostrando um lado seu que ninguém vê e eu estou amando conhecer.

— Isso é bom e é ruim.

Aproximo-me do box e entro para ficar cara a cara com ela.

— Por quê?

— Porque você sabe os meus pontos fracos e sabe que é um deles. — Aperto um pouco o seu queixo. — Se quiserem me atingir, vão pegar você.

— Isso não vai acontecer, você irá me proteger. Não é?

— Com tudo o que tenho.

— Então vamos ficar bem... estou confiando nisso.

Não digo mais nada, apenas a abraço, escondendo a minha preocupação. Se aquele maldito der um jeito de chegar perto? De fazer mal a ela? Jamais me perdoarei.

Agora entendo o que Benjamim sempre disse. Ele deu tudo para ter Lara e a filha consigo, até deixou a SQUAD sob minha responsabilidade para resolver o que Manoel havia causado. Sei que faria o mesmo para proteger Vanessa e que ele me apoiaria nisso.

# Capítulo 33



VANESSA

Felipe estaciona o carro na vaga reservada para mim na casa noturna dos meus tios e suspira, me fazendo sorrir. Toco seu rosto lisinho por causa da barba que acabou de fazer e adoro a sensação. Ele me olha, parece realmente nervoso.

— Vamos?

Meu coração se derrete quando ele pega a minha mão, que está no seu rosto e a beija.

— Vamos.

Sáímos do carro juntos e ele o contorna para segurar a minha mão. Entramos pelos fundos e eu o guio para a sala onde os meus tios sempre preparam tudo antes de abrir a casa. Ao abrir a porta, vejo Sheila no colo do Henry e faço espanto, mas acabo sorrindo.

Ao nos ver, minha amiga pula do colo do meu primo e fica pálida. Olho para Felipe e ele está com um sorriso torto no rosto. Henrique gagueja e eu acabo sorrindo outra vez.

— Estava mesmo procurando vocês. Onde estão tia Gabriela e tio Jânio?

— Ahn... — Sheila arruma o cabelo. — Estão chegando.

— Vocês estão muito soltinhos — brinco.

— Ah, Nessa... estamos juntos. — Henrique coça a cabeça, embaraçado.

— E...

Solto a mão do Felipe e aproximo-me do meu primo.

— Eu já sei, Henry... você parou de me contar, mas Sheila não.

Abraço o meu primo e ele beija o meu rosto antes de me olhar nos olhos e desviar o olhar para Felipe. Também olho para o meu namorado e ele está com

as mãos nos bolsos e um sorriso no rosto, completamente lindo.

— Ah, o meu amigo. — Henry sorri, indo até Felipe. — Como está?

Paro de prestar atenção na conversa dos dois quando chego perto da minha amiga. O sorriso que ela abre antes de me abraçar é revigorante.

— Estou namorando — sussurro para ela, que faz espanto.

— É sério?! — Me abraça outra vez. — Eu também!

— Ele veio para conversar com os meus tios sobre o nosso namoro e sobre... — hesito. — O meu padrasto.

— O que tem aquele miserável?

— Me encontrou.

O olhar de Sheila se torna espantado e ela segura as minhas mãos.

— Você tem que pedir proteção à polícia, uma ordem de afastamento. — Nega com a cabeça. — Como você está com isso?

— Felipe está cuidando de tudo — omito todas as coisas que sei que ela não vai entender. — Estou apavorada com a possibilidade de rever aquele homem.

— Estou aqui para qualquer coisa que necessitar, Nessa, sabe disso.

— Sei.

— E o bonitão ali? — Abre um sorriso sacana, mudando o assunto. — Te ensinou coisas legais de se fazer à dois?

— Sheila — repreendo, sentindo um calor ao lembrar da nossa tarde. — Digamos que estou me soltando aos poucos.

— Isso que eu sempre quis ouvir.

— Com licença, senhoritas. — Felipe para ao meu lado e a sua voz forte me deixa hipnotizada. — Detesto atrapalhar, mas os seus tios chegaram, *pretty face*.

— Já falou com o meu irmão?

Fico de pé e seguro sua mão, sentindo o meu coração disparado. Dizer que estamos juntos oficialmente faz muita coisa mudar e eu sinto a felicidade finalmente me dominar, depois de anos vivendo em meio a uma escuridão terrível.

— Sim... ele concorda comigo que você deve parar de trabalhar, pelo menos por enquanto.

— O quê?!

— Felipe tem razão, Nessa... não podemos arriscar que se encontre com ele aqui.

— Mas e o seguranças?

— Estarão sempre com você, mas não posso correr esse risco, me entende? Não posso descansar sabendo que você estará aqui.

— Sua segurança está em risco, Nessa. — Está sério. — Te considero e amo como se fosse a minha irmãzinha caçula, não posso deixar que nada te aconteça.

Sinto as mãos de Sheila nos meus ombros, ela sabe o quanto gosto de trabalhar aqui, de estar com os meus tios, com Henry e com ela. Me dói ter que deixar o trabalho, mesmo que por pouco tempo. Foi uma das poucas coisas que evitou que a escuridão me puxasse ainda mais para o fundo do poço.

— Vanessa? — minha tia chama ao entrar na sala, sorrindo. — Oh, esse é aquele moço? Felipe?

— Sim, senhora. — Pega a mão da minha tia e a beija, todo cavalheiro. — Felipe Monteiro.

— Mas que cavalheiro, venha ver isso, Jânio.

— O que ele faz aqui? — Meu tio cruza os braços e eu sorrio.

— Ele é o meu namorado. — Entrelaço os meus dedos nos de Felipe. — Resolvemos oficializar.

O silêncio dos meus tios é assustador. Sinto Felipe apertar um pouco a minha mão e retribuo.

— Isso é sério? — meu tio pergunta.

— Completamente sério, senhor — Felipe responde. — Estou apaixonado pela sua sobrinha e estou disposto a qualquer coisa para vê-la bem.

— Acredito nele, querido. — Minha tia deita a cabeça no ombro do meu tio. — Vanessa o conhece há mais de um ano.

— Então está certo. — Estende a mão para Felipe. — Cuide dela.

— Com tudo o que tenho, senhor.

Quando eles apertam as mãos, acabo abrindo um sorriso e abraço o meu tio. Depois, volto para os braços do Felipe, que é onde me sinto segura.

— Também preciso dizer algo.

— Diga, filha.

— Meu padrasto me encontrou.

Meu corpo estremece somente ao lembrar do som da sua voz. Aperto Felipe e ele afaga o meu ombro.

— O quê?!

— Ele me ligou, encontrou meu número...

— Por isso — Henry interrompe. — Decidimos que seria melhor a Nessa se afastar um pouco do trabalho aqui e se manter em segurança.

— Maldito seja aquele infeliz. — Meu tio passa as mãos nos cabelos. — Como saiu da cadeia?

— Pelo que descobri, teve ajuda para cumprir apenas uma parte da pena. — Felipe suspira. — Era protegido.

— Como vou pedir ajuda à polícia desse jeito?

— Não se preocupe, eu a protegerei com todos os recursos que tenho. Já conversei com Henrique, ela terá seguranças particulares vinte e quatro horas por dia.

Minha tia não diz nada, ainda está abismada com tudo.

— Confio a minha sobrinha a você. — Olha para mim. — Irei ver você juntamente com sua tia sempre que puder.

— Tudo bem.

— Vou abrir a casa.

Assim que meu tio sai da sala junto com Henrique, viro-me para Felipe e ele sorri.

— O que acha de ficarmos um pouco? — sugiro. — Podemos pagar a dança que lhe devo.

— Não é uma má ideia. — Beija os meus lábios com cuidado. — Deixe-me avisar a Gabriel para que entre com mais dois homens.

Viro-me para a minha tia e para a minha amiga quando Felipe se retira para falar com o chefe da sua segurança. Abraço as duas e recebo felicitações pelo namoro seguidas com recomendações sobre o meu padraço.

Estou feliz por estar com Felipe e feliz por estar superando o meu trauma... espero que a aparição daquele maldito não me atrapalhe.

## FELIPE

Quando a casa é aberta, Sheila segue para o bar e a tia de Vanessa segue para o caixa, Henrique fica de olho nas câmeras de segurança. Olho para Vanessa e estendo a mão para ela, que sorri, completamente linda.

— Aceitaria dançar comigo e pagar a sua dívida? — Pisco para ela.

— Sim.

Vanessa segura a minha mão e eu a conduzo para fora da sala de segurança. Seguimos para a pista de dança e ao encontrar um lugar que me dá a visão de toda a casa, paro e a faço ficar de frente para mim.

Com as mãos na sua cintura, começo a conduzir Vanessa na dança. A música latina que toca me faz lembrar de quando a convidei para dançar pela primeira vez. Minha namorada leva a dança em um ritmo hipnotizante com os seus quadris.

— Estou indo bem? — pergunta ao meu ouvido por causa da música alta.

— Perfeitamente bem, pretty face — digo, sorrindo.

Solto sua cintura e faço com que coloque as mãos nos meus ombros. Fixo meu olhar no seu e aproximo um pouco mais os nossos corpos antes de voltar a segurar sua cintura.

Inclino a cabeça e escondo o rosto no seu pescoço, apreciando o seu cheiro adocicado e tênue. Sinto as suas mãos deslizando pelos meus ombros, acariciando-me, e fico feliz por ela estar conseguindo se envolver comigo. Porra, somos namorados agora.

Beijo a pele quente do seu pescoço e a envolvo com os meus braços. Dançamos como se não houvesse mais ninguém na pista de dança e eu a aperto mais contra mim. Quando a música acaba, dando lugar a outra, ergo a cabeça e seguro sua mão para fazer com que ela gire em torno de si mesma.

Vejo seu sorriso descontraído e penso que jamais poderei permitir que aquele miserável se aproxime dela. Vanessa é minha, eu a amo com cada fibra do meu ser e jamais vou permitir que algo lhe aconteça.

De repente, Vanessa paralisa, me fazendo olhar para ela. Seu olhar está fixo em algo; tento encontrar o que é, mas não vejo nada.

— Pretty face. — Toco seu rosto. — O que há?

Vanessa está trêmula e o medo está estampado no seu olhar, me fazendo sacudi-la.

— Vanessa.

— É ele. — Treme, nervosa. — Meu padrasto está aqui.

— O quê?! — rosno, sentindo a raiva me tomar. — Diga-me onde, vou matá-lo agora mesmo.

— Não! — Me segura pelo braço, apavorada. — Não me deixe aqui sozinha, por favor!

Passo as mãos nos cabelos, sentindo a raiva borbulhar nas minhas veias. Faço o sinal de emergência para Gabriel e ele corre até nós.

— Fala, Lipitcho.

— O maldito está aqui! — Olho para Vanessa. — Viu onde ele foi?

— S-sim. — Aponta para o lado oposto da pista de dança. — Por ali.

— Ela não pode ficar sozinha; coloque os homens atrás dele — ordeno.

— E vocês, brother?

— Tenho a arma e o meu treinamento, posso protegê-la. Vá, porra.

Envolvo o ombro da Vanessa e a guio de volta para a sala de segurança.

— Calma — peço ao entrarmos na sala.

Noto que Henrique saiu da sala e acho melhor assim.

— F-Felipe, estou com medo. — Anda de um lado para o outro. — Ele me encontrou aqui.

— Fique calma, eu estou aqui com você.

Faço com que se sente em uma das cadeiras e agacho diante dela. Seguro as suas mãos e as sinto geladas e trêmulas.

— Vou buscar água para você, ok?

— Não! — Seu olhar é de medo. — Por favor, não me deixe sozinha.

— Tudo bem, tudo bem. — Toco o seu rosto. — Fique calma, ele não vai te alcançar.

Fico de pé e assim que solto as suas mãos, a vejo começar a coçar os braços com força. Puta merda, a sombra das lembranças está atormentando Vanessa, a volta desse homem está fodendo com ela e comigo também. Odeio vê-la desse jeito.

— Pretty face. — Seguro os seus pulsos, fazendo-a parar. — Vai se machucar desse jeito.

— É involuntário... alivia um pouco a angústia que sinto.

Não respondo, apenas a abraço e tento controlar a raiva que sinto. Se Vanessa me pediu para ficar com ela, é o que vou fazer, mas minha vontade é caçar o maldito. Sentir seu corpo trêmulo, cheio de medo, é o mesmo que cravar uma faca no meu peito.

— Vamos esperar por Gabriel aqui, ok? — Volto a olhá-la.

Vanessa apenas assente e fecha os olhos, fazendo com que algumas lágrimas escapem. Enxugo o seu rosto e o beijo de maneira cuidadosa. Ela não se move.

Estou muito preocupado com Vanessa, ela não pode voltar a se entregar à escuridão. Não posso permitir que aquele homem volte a atormentá-la assim. Preciso tirar esse problema das nossas vidas o quanto antes. Quero ser feliz com Vanessa, quero que ela saiba o que é amar e ser amada, sem escuridão e sem traumas.

Pego a minha pistola, que está encaixada no cós da calça, e puxo o ferrolho, carregando-a. Não vou deixá-lo fazer gracinha comigo perto.



# Capítulo 34



VANESSA

Quando vejo a pistola na mão do Felipe, me desespero. Não vou permitir que suje as suas mãos por mim, nunca.

— Felipe, guarde isso.

Toco o seu braço, nervosa.

— Vou matá-lo — rosna, raivoso.

— Eu preciso de você comigo. — Me coloco em sua frente e coloco as mãos no seu peito. — Já disse isso.

Com a mão livre, Felipe me puxa para si e beija os meus lábios. Toco a mão que segura a pistola, mas ele não cede.

— Guarde isso. — Afago o seu rosto. — Por favor, fique comigo... preciso de você.

Assim que ele abre a boca para responder, Henrique entra na sala de uma só vez. Felipe me coloca atrás dele com uma rapidez absurda, se fazendo de escudo, e aponta a arma para o meu primo.

— Ôu. — Henrique ergue os braços. — Que porra é essa?

— Feche a porta — ordena.

Henrique obedece e fica com o cenho franzido, nos encarando. Saio de trás de Felipe e o vejo guardar a arma de volta.

— Alguém pode me explicar essa merda?

— Meu padrasto está aqui. — Cruzo os braços. — Felipe mandou os seguranças atrás dele.

— Vou atrás dele! — Meu primo se exalta. — Maldito descarado!

— Não. — Felipe recobra a consciência. — Vanessa está certa, ela

precisa de nós aqui.

— Vou ficar aqui parado? Conheço cada parte dessa boate como a palma da minha mão.

— Então vá, vai encontrar os meus homens.

— Cuide dela.

Meu primo me olha uma última vez antes de sair e bater a porta. Passo as mãos nos cabelos e sou abraçada por Felipe. Retribuo o abraço com força, sentindo-me segura.

— Acalme-se, vou proteger você com tudo o que tenho se for preciso.

— Ele está nos seguindo... ele não tem limites, o conheço.

— Limites quem não tem sou eu, pretty face. Ele que não cruze o meu caminho.

Fico quieta, sentindo a escuridão voltar a me dominar como se toda a minha luta contra ela não valesse de nada. Fecho os olhos e afasto-me de Felipe, sentido um aperto no meu coração.

— Você está bem?

— Um pouco sem ar... não se preocupe.

Felipe senta-se na cadeira do meu primo e olha nos visores as imagens das câmeras. Impressiono-me quando ele navega no programa sem qualquer dificuldade e deixa apenas a imagem de algumas das câmeras nos visores.

Aproximo-me e fico quieta, procurando algum sinal dele nas câmeras. Apenas vejo Gabriel tocar o ponto no ouvido e se comunicar com os outros. Junto as mãos em uma prece silenciosa, sentindo meu coração apertado no peito.

— Caralho — Felipe xinga.

— O que há?

— Ele fez o nosso sinal de emergência... vão retornar.

— O que quer dizer com isso?

— Não o encontraram.

Trago as mãos à boca e não consigo conter as lágrimas. Ele fugiu, vai vir por mim, não vai desistir.

— Ei, ei! — Felipe fica de pé. — Não chore, pretty face.

Sinto meu corpo trêmulo, o medo me domina de uma maneira assustadora. Felipe hesita em me tocar, mas acaba pegando as minhas mãos e as aperta.

— Não se desespere. — Beija a minha testa. — Quando Gabe voltar, iremos para casa e os homens ficarão na sua porta... deve ficar com o seu celular por perto o tempo todo.

Balanço a cabeça e ele solta as minhas mãos para enxugar as minhas lágrimas de medo. Fecho os olhos e ouço um suspiro seu. Isso me mata, porque

sei que está preocupado comigo. De repente, a porta é aberta por Gabriel e ele entra em silêncio.

— Lipitcho, o filho da puta sumiu. Não o encontramos em lugar nenhum.

— Vou falar com Henrique — afirma, duro. — Quero a cara desse desgraçado na minha mão, sei o que fazer com ela.

— Faço isso — Gabriel se dispõe. — Leve Vanessa para casa, mandarei as escoltas com vocês.

— Não irei dormir até saber que tem essa foto, entendeu Gabe?

— Sim, Lipitcho. Pode deixar.

Sinto a mão de Felipe segurar a minha e ele entrelaça os nossos dedos antes de eles fazerem o aceno e nós sairmos da sala. Seguimos pelos fundos sem nos despedir de ninguém. A situação nos obriga; ele ainda pode estar escondido, nos observando.

Olho para trás, assustada, mas só vejo os homens da segurança de Felipe nos seguindo. Volto a olhar para frente e seguro mais firme a mão do meu namorado, que carrega a sua pistola na outra mão.

A volta para casa é tensa. Mesmo com as escoltas, de carro e de moto, Felipe se mantém em alerta, olhando pelo espelho retrovisor sempre que possível. Se ele era protegido na prisão, pode ter alguém com muito poder nisso... alguém que ele conhecia.

— Seu padrasto tinha dinheiro?

— Ahn... somente o suficiente para vivermos eu, ele e minha mãe. Ele sempre entendeu de computadores.

— Caralho. — Soca o volante. — Alguém o ajudou na cadeia... com experiência em computador é muito fácil arranjar amigos, dependendo do quanto ele sabe.

A imagem do homem nos observando na pista de dança me vem à mente. Um arrepio gelado toma a minha espinha e o meu coração fica acelerado de medo. Ele tem uma cicatriz no rosto, deve tê-la ganhado na prisão.

Ao chegarmos no estacionamento do prédio, desço do carro junto com ele e seguimos juntos para o elevador. Com os braços cruzados e o maxilar tensionado, Felipe sobe em silêncio no elevador.

Assim que paramos em frente ao meu apartamento, fico frente a frente com Felipe. Ele abriga meu rosto entre as suas mãos e beija os meus lábios.

— Não hesite em me chamar se sentir algo. Pode pedir aos seguranças, se não quiser me ligar. Estarei em alerta.

— Obrigada. — Toco os seus cabelos, que tanto amo. — Vou tentar ficar bem.

— E se não ficar, o que faz?

— Chamo você.  
Acabo sorrindo com a sua insistência.  
— Ótimo. Boa noite, pretty face.  
— Boa noite, Felipe.

## FELIPE

Espero que Vanessa feche a porta do seu apartamento para, somente assim, deixar que os dois homens que a guardarão durante a noite se aproximem. Faço o aceno para os dois e espero que se posicionem.

— Ninguém, além de mim, entra — instruo. — Se essa mulher se machucar, o pescoço de vocês rola. Ficou claro?

— Sim, senhor Monteiro — respondem em coro.

— Ótimo. Tenham uma boa noite.

Caminho para o meu apartamento e passo as mãos nos cabelos, preocupado com ela. Vanessa estava muito abalada na boate dos tios, temo que volte a se sentir mal outra vez, que comece a recuar.

Sigo para um banho, pensando no que ela me disse sobre ele entender de computadores. Isso explica o motivo de tê-la achado, um bom hacker descobre as coisas. Celso e Anderson que o digam. Preciso falar com eles e bolar algo para impedir que esse homem encontre Vanessa.

Preciso providenciar para ela um celular novo e um chip também. Quanto mais difícil o acesso a ela, mais fácil fica para mim controlar os meios. Preciso encontrar esse homem, saber onde se esconde e destruir esse mal pela raiz.

Olho para a pistola no balcão do meu banheiro e entro embaixo da água fria da ducha. Sinto minha cabeça latejar de preocupação e penso se Gabriel conseguiu a foto que quero. Assim que termino o banho, pego o meu celular e respiro fundo.

Procuro o grupo com o meu quarteto e Enzo e digito uma mensagem:

*"Quarteto, preciso ter uma conversa séria  
com vocês amanhã."*

\*\*\*

Olho o celular e não há nenhuma mensagem dela. Estou preocupado. Pego um papel e procuro uma caneta; escrevo para Vanessa sobre a minha preocupação. Dobro o bilhete e guardo a caneta, soltando um suspiro.

Pego a pistola e a coloco no cós da calça antes de arrumar o paletó vez e sair em direção à sala. Antes, confiro o aviso que pendurei na geladeira para a moça da faxina e saio.

Paro na frente o apartamento dela e já vejo que os seguranças trocaram o turno. Os cumprimento e passo o bilhete por debaixo da porta dela. Não quero acordá-la.

— Vou dizer a vocês o que disse aos seguranças da noite. — Passo as mãos nos cabelos. — Ninguém entra, além de mim. Se essa mulher se machucar, o pescoço de vocês rola. Ok?

— Sim, senhor Monteiro.

Faço o sinal para eles e saio em direção ao elevador. Ao descer na garagem, Gabe já me espera ao lado do carro.

— Bom dia, Lipitcho. — Estende um envelope para mim. — Aqui está a foto.

— Bom dia, Gabe. — Pego o envelope. — Obrigado.

— Para a SQUAD?

— Sim.

Entro no meu carro e dou partida, seguindo para o meu destino. Penso em Vanessa e no seu silêncio, estou muito preocupado. Espero que ela me ligue logo, ou voltarei e colocarei aquela porta abaixo.

\*\*\*

Entro na sala de Benjamim e já o vejo junto com Celso e Anderson. Respiro fundo e fecho a porta para caminhar até eles.

— Fala, Lipe — meu irmão recepciona, mas fica sério ao ver minha expressão. — O que houve?

— Vou matar aquele homem, mas antes, quero encurralá-lo, quero vê-lo fugir como o covarde que é.

— Calma aí, minha putinha. — Anderson vem até mim. — Como advogado de vocês, preciso saber que merda aconteceu.

— Aquele nojento asqueroso daquele padrasto da Vanessa apareceu na boate dos tios dela ontem.

Estou bufando de raiva somente por lembrar do desespero dela.

— Puta merda, ela o viu? — Anderson pergunta.

— Sim, porra! Ela ficou em choque, paralisada... não vou suportar se ela recuar outra vez comigo.

— Por que não nos ligou? — Celso pergunta.

— Suzana está grávida, precisa de você.

— Ah, a minha tigresa é o meu oásis no deserto, esse bebê é a nossa esperança.

— Por isso mesmo — reforço.

— Em breve vão descobrir o sexo. — Benjamim sorri. — Mas diga, Felipe, o que quer fazer?

— Quero deixar a foto dele com os homens da segurança. — Estendo o envelope para o meu irmão. — Eles precisam saber qual é a cara do desgraçado para ficarem em alerta constante. Quero trocar o celular e o chip de Vanessa... falar com os tios, o primo e a amiga dela para que não liguem. Apenas conversas ao vivo.

— Mas por que isso tudo?

— Ela me disse que ele sabe muito de computadores... deve ter hackeado algo para encontrá-la.

— Não mais do que eu, Celso e Lucca juntos.

— Eu sei, Anderson... mas vocês não conseguiram encontrar nada dele.

— Fica tranquilo, vamos te ajudar em tudo.

— Isso mesmo, pirralho — Benjamim bate no meu ombro. — Sabe que pode contar com o quarteto.

Pensar que fiquei com raiva do meu irmão me envergonha; ele sempre fez tudo por mim, sempre me defendeu. O abraço e sei que receberei todo o apoio da parte dele e da Lara. Ela tem o dom da conversa, sei que vai ajudar muito Vanessa.

Lembro das loirinhas do quarteto, elas são mais animadas, também podem ajudar. Olho para os meus amigos e Benjamim mantém o braço ao redor dos meus ombros.

— Seria bom se as mulheres do quarteto se reunissem para apoiá-la... Vanessa se envergonha do que passou, não conversa muito sobre isso comigo. — Dou de ombros. — Talvez Suzana, Melissa e Lara pudessem ajudar com a amiga dela, Sheila.

— Claro! — Celso assevera. — Basta dizer quando!

— Falarei com Vanessa.

— Não se preocupe, putinha nervosa caçula, iremos fazer de tudo para te ajudar.

Antes que eu possa responder, meu celular vibra insistentemente no meu bolso e eu o pego. Ao ver o nome de Vanessa, faço um sinal para eles e atendo.

— Pretty face.

— Me desculpe por não ter dado notícias, acabei de ler o seu bilhete. — Hesita. — Eu apenas fui tentar dormir um pouco...

— Fiquei preocupado com você. Está tudo bem?

— Sim...

— Preciso pedir algo a você.

— O quê?

— Preciso que desligue o seu celular, em pouco tempo chegarei aí para conversarmos.

— Mas...?

— Apenas confie em mim e faça o que estou pedindo. Explico tudo quando chegar.

— Tudo bem. — Fica em silêncio por alguns instantes. — Eu te amo.

Fico completamente surpreso com essas palavras, já que desde ontem estamos passando por algo delicado. Acabo sorrindo no meio de toda a tensão.

— Eu também te amo, pretty face.

Encerro a ligação e viro-me para os meus amigos, que cutucam uns aos outros e riem juntamente com o meu irmão. Mostro o dedo do meio para eles e guardo o celular no bolso interno do paletó.

— Vou providenciar um chip novo e um celular para Vanessa... trarei o aparelho antigo para que vocês tentem descobrir se minhas dúvidas estão mesmo certas.

— Claro, puto.

— Vou para a minha sala resolver algumas coisas daqui da SQUAD, mas depois do almoço irei para ela.

— Ela precisa de você. — Benjamim está sério. — Vá mesmo.

Apenas assinto e saio da sala do meu irmão. Cumprimento Lara e sigo para a minha sala, querendo terminar algumas análises para ir até Vanessa.

# Capítulo 35



VANESSA

Visto o robe, sentindo a minha cabeça doer. Não dormi muito bem, tive pesadelos terríveis com o meu padrasto... pareceu tão real, é como se ele estivesse aqui comigo o tempo todo. Sinto pavor a essa sensação.

Sigo pelo corredor e ao chegar na sala, meio receosa, vejo um papel perto da porta. Acho estranho, mas sigo até ele. Pego o papel e o desdobro para descobrir o que há. Sorrio ao reconhecer a letra do Felipe e sigo para o sofá para lê-lo.

"Pretty face, me dê notícias.  
Estou preocupado com o seu silêncio.  
Me ligue assim que ver esse bilhete.  
~FM"

Sinto-me uma filha da mãe por ter deixado Felipe preocupado. Pego o celular e procuro o seu número imediatamente. Quando ele me diz para desligar o celular, assim que encerrarmos a conversa, me faço perguntas, mas não externo nenhuma.

Quando nos despedimos, desligo o celular e cruzo os braços, pensativa. Decido ir ocupar minha mente com algo e não ficar pensando tanto nisso.

\*\*\*

Ouçó a campainha e me sobressalto, estou terminando de preparar o



almoço. Largo tudo e sigo até a porta; pelo olho mágico vejo Felipe e sorrio, aliviada. Abro a porta e me atiro nos seus braços, sentindo o meu coração disparado somente por tê-lo por perto.

— O que aconteceu, pretty face? — Me abraça de volta. — Tudo bem?

— Sim... apenas fiquei preocupada, desde que me disse para desligar o celular.

Dou espaço para que ele entre para que possamos conversar melhor. Fecho a porta e ele beija o meu rosto, estendendo para mim uma tulipa vermelha. Sorrio, lembrando-me do nosso começo.

— Para a minha namorada.

Pego a pequena flor e o vejo sorrir.

— Senta um pouco — peço. — E me explica porque eu tive que desligar meu celular.

— Estou achando que ele deve ter hackeado algo para chegar até você... me disse que ele sabe de computadores, certo?

— Sim, isso mesmo.

— Não quero arriscar nada quando tratamos de você. — Abre uma sacola de papel que trouxe. — Trouxe um celular e um chip novos. Não deve dar esse número a ninguém.

— Mas e os meus tios, Henry e Sheila?

— Falarei com eles sobre isso e explicarei que para falarem com você, precisarão vir aqui.

Fico parada por alguns instantes, perplexa. Terei que ficar encarcerada por causa daquele homem? Ele vai estragar a minha vida outra vez?

— Eu sei que é difícil, Vanessa... mas confie em mim, é somente até que possamos identificá-lo.

— O odeio. — Fungo, com as lágrimas beirando os meus olhos. — Odeio aquele homem, mesmo depois de anos continua atrapalhando a minha vida. O odeio, o odeio!

— Fique calma, pretty face. — Vem até mim e agacha na minha frente. — Será por pouco tempo, iremos nos livrar dele. Por favor, se acalme.

Apenas assinto e Felipe segura as minhas mãos, beijando-as em seguida.

— Tudo vai ficar bem, terá sua liberdade de volta. — Abre um sorriso arrebatador para mim. — Pensei em convidar Lara, Melissa e Suzana para que conversem com você, passem um dia com as crianças.

— Será bom.

— Se não quiser, posso dizer a elas que não venham.

— Não! Será bom tê-las aqui. — Toco seu rosto. — Você se esforça tanto por mim.

— Não venha me dizer que não merece.

Felipe ergue um pouco o corpo e beija os meus lábios, trazendo sua mão à minha nuca. Deixo que ele prolongue o beijo, sentindo sua carícia leve na minha nuca.

— Almoce comigo — peço, quando ele finaliza o beijo e cola as nossas testas. — Não quero ficar sozinha.

— Claro. Passaremos a tarde juntos.

— Mas e a SQUAD?

— Fiz o que tinha para fazer pela manhã. Apenas vou manter contato com o quarteto para possíveis novidades sobre o seu padrasto.

— Tudo bem, então.

Nosso almoço é descontraído à moda de Felipe Monteiro. Seu sorriso e o seu modo de levar a conversa para longe das coisas ruins que nos rodeiam me deixa encantada. Sinto como se pertencêssemos um ao outro desde sempre, como se nos conhecemos há anos.

## FELIPE

Retiro o blazer e ajudo Vanessa com a louça, mesmo com a insistência dela para que eu deixe para lá. Quando terminamos, a puxo para mim e ela abre um sorriso leve. Hoje ficarei com ela e a farei sorrir sempre que possível, Vanessa precisa disso.

— O que acha de chamá-las amanhã?

— As meninas? — Encosta a cabeça no meu ombro.

— Sim. Precisarei ir à casa de treinamento resolver algumas coisas sobre o seu padrasto e não quero que fique sozinha.

— Não se preocupe, não irei me matar.

— Esse assunto é muito sério, Vanessa.

— Eu sei. — Ergue a cabeça para me olhar nos olhos. — Não fique bravo.

Respiro fundo, colocando de lado a minha versão bruta. Vanessa falar sobre isso me perturba, se ela já tentou, pode tentar de novo e conseguir. Não quero nem pensar sobre isso.

— Não estou bravo, estou preocupado por causa da volta daquele homem.

Caminhamos de volta para a sala e ela fica em silêncio, evitando o assunto. Vanessa está perturbada, com medo... tenta esconder, mas consigo

perceber.

— Você quer assistir alguma coisa?

— Não sou muito de assistir, pretty face, tem alguma coisa que você prefere?

— Sim.

— Então coloque, para mim não há problema.

— Vai mesmo assistir romances comigo? — Ergue as sobrancelhas, como se me mandasse fugir. — Não faz o seu tipo de filme.

— Posso aguentar — brinco.

E assim, passamos a tarde toda assistindo os romances que Vanessa tanto gosta de ver. Quase infartei quando ela suspirou por um protagonista. Mas que porra é essa? Eu sou o quê? Uma planta aqui do lado dela?

— Não gostei nada de você olhando aquele feioso lá.

— Feioso? — Olha para mim, toda inocente no que estou dizendo.

— Aquele que peidou arco-íris e você ficou suspirando. — Faço bico.

Vanessa cai na risada depois de entender sobre o que estou falando e isso me faz cruzar os braços.

— Lara me disse que vocês são dramáticos, mas não que era para tanto.

— Deita a cabeça no meu peito.

— Ah, agora é drama. — Sorrio.

— Está mesmo com ciúmes daquele ator?

— Claro!

— Mas por que, se tenho você e é muito mais bonito? — pergunta baixinho, meio tímida.

— Hum... estou gostando, diga mais.

A olho nos olhos e me sinto bem ao vê-la um pouco distraída das coisas daquele homem. Amanhã o quarteto de atrevidas vai se reunir com as crianças e isso vai ser bom para todas, poderemos ir resolver o que for preciso sem nos preocupar.

— Convencido.

— Isso é uma calúnia! — me rebelo.

Beijo os seus lábios carnudos ao vê-la sorrindo e ela traz a mão ao meu rosto. Evito pressioná-la demais para não acionar os seus gatilhos psicológicos e colocá-la no modo defensivo. Então continuo fazendo carícias leves na sua pele, até ouvir o toque do meu celular.

— Vá atender, vou tomar um banho.

Sorrio e espero que ela siga para o quarto para atender a ligação.

— Conseguimos. — Reconheço a voz do Celso.

— O quê, puto?

— Acessei o computador do doente — hesita, parecendo nervoso. — Ele segue Vanessa há um tempo, existem muitas fotos dela aqui.

— Como é?! — berro.

— Lipe, se acalma. Precisamos nos reunir para resolver isso. — Celso tem o dom de se manter calmo em situações extremas. — Quase não conseguimos invadir o computador dele, o infeliz entende mesmo do assunto.

— Ele é um doente — rosno. — Onde Benjamim está?

— Está vindo para a casa de treinamento, Suzana e Melissa estão junto com Lara na casa dele... preferimos que ficassem juntas.

— Tudo bem, levarei Vanessa para lá e chego aí.

Encerro a ligação e passo as mãos nos cabelos, atordoado e cheio de raiva. Há quanto tempo ele vinha seguindo Vanessa?

Ela não pode saber disso, não posso simplesmente contar. Não posso correr o risco de ver Vanessa perturbada e com medo outra vez.

Decido ir ao seu quarto e escuto o chuveiro ligado. Hesito, pensando se entro no banheiro ou não, mas acabo decidindo entrar. Abro a porta e a vejo ensaboando o corpo.

— Ah, oi. — Ela abre um leve sorriso.

— Quer que eu saia?

— Hum. — Contraí os lábios, como se pensasse. — Não.

— Posso me juntar, então?

Começo a desabotoar a camisa e ela para de se ensaboar para me observar.

— Sim.

Quando estou inteiramente nu, entro no box com ela e aprecio todo o seu corpo nu. Penso na ligação do Celso e respiro fundo.

— Houve uma mudança de planos, pretty face.

— Como assim?

Ligo o chuveiro novamente e pego o sabonete líquido. Procuro as palavras para dizer, não quero que fique desconfiada.

— O quarteto precisa se reunir hoje à noite para saber mais sobre o seu padrasto.

— Não seria amanhã?

— Quanto antes, melhor. — Espalho o sabonete sobre a sua pele quente e ela fecha os olhos. — Precisarei deixar você na mão do Benjamim.

— Por quê? Não tem os seguranças aí na frente?

— Por favor, me sinto mais seguro assim.

— Tudo bem.

— Agora venha. — A puxo para mim. — Quero beijar você inteira antes

de irmos.

Tomo sua boca em um beijo e ela não recua, apenas fica na ponta dos pés para facilitar. Entro embaixo da água com ela e noto que ri em meio ao beijo.

— O que há? — Afasto os fios molhados colados no seu rosto.

— Você me faz feliz, Felipe, apesar da volta daquele homem... me faz sentir mulher, me faz sentir amada. Eu me sinto segura com você.

— Amo você. — A beijo de maneira intensa. — Entende isso? Sempre irei te proteger... com tudo o que tenho.

Volto a beijá-la e suspendo o seu corpo para que envolva o meu quadril com as suas pernas. O quarteto pode esperar um pouco. Vanessa segura firme nos meus ombros e eu apoio as suas costas na parede. Noto a sua respiração descompassada e trato de fixar meu olhar no seu.

— Sou eu — murmuro antes de beijar a sua boca outra vez.

O sorriso que recebo me faz ficar ainda mais certo de que ela não precisa saber que era seguida há um tempo. Não quero que ela regrida. Vanessa está feliz e comigo, não vou permitir que nada de mal lhe aconteça.

# Capítulo 36



VANESSA

Quando as minhas costas tocam a parede, agarro os ombros do Felipe e sinto o seu membro roçando em mim. A água escorre pelo seu corpo bonito e duro e eu sinto o meu coração bater descompassado.

Ele me penetra com cuidado e eu sinto as minhas costas contra a parede. O corpo forte dele me sustenta perfeitamente e eu solto um gemido, sentindo todo o seu membro se acomodando dentro de mim.

Sinto-me bem com ele, é como se eu flutuasse para longe da escuridão. Nada de ruim parece existir quando estou com Felipe.

Fazemos amor de maneira lenta, curtindo cada momento, cada beijo e cada gemido. É como mergulhar de cabeça no paraíso. Felipe me beija de maneira apaixonada, adora o meu corpo e diz que me ama.

Noto que ele fica um pouco tenso, mas coloco tudo de lado para curtir o nosso momento no chuveiro. Aproveito que a escuridão está controlada e guardada em um cantinho para me entregar a ele.

Suas investidas contra o meu sexo se mantêm firmes e as suas mãos me apertam contra ele. Me entrego de uma maneira incondicional, Felipe é o homem que amo, é com quem quero passar o resto dos meus dias. Jamais pensei que fosse sentir algo assim por alguém.

Sussurro o seu nome e colo a minha testa na sua. Um calor intenso se forma no meu ventre, se espalhando pelo meu corpo todo. Gemo baixinho, agarrada à ele e sinto as suas mãos segurando firme a minha carne.

Quando alcançamos o orgasmo juntos, Felipe me abraça firme e geme. Passo as mãos nos seus cabelos molhados e ele sorri, parecendo um pouco tenso.

— Você está bem, pretty face?

— Sim. — Aliso o seu rosto quando ele me coloca no chão. — Estou bem.

— Ótimo. — Beija os meus lábios. — Vamos terminar o banho para irmos.

— Temos mesmo que ir? Não quero ter que dar trabalho para Lara e as meninas.

— Elas vão ficar felizes em ter você por perto.

— Tudo bem.

Terminamos o banho juntos e assim que estamos prontos, saímos do apartamento. Somos seguidos por apenas um dos seguranças da minha porta, o outro fica para o caso de alguém aparecer. Ou ele.

— Felipe — chamo quando já estamos no carro. — O que vai fazer quando o encontrar?

— Não se preocupe com isso, pretty face... farei de tudo para que ele não volte a se aproximar de você.

Apenas assinto e ele dá partida no carro. O caminho até o edifício em que Lara mora com Benjamim e a filha é silencioso. Felipe sai do carro e acena para os seguranças. Desço do carro e o aguardo.

Felipe contorna o carro e vem até mim, fazendo o meu coração palpitar. Suas mãos abrigam o meu rosto e ele beija os meus lábios.

— Volto assim que puder, pretty face. — Me encara por alguns instantes. — Suba com o segurança e vá para perto da Lara. Não saia.

— Pode deixar, vou esperar por você. — Solto um suspiro. — Tome cuidado.

— Irei tomar. Agora vá com ele, Lara já está esperando.

Assinto e dou as costas, seguindo com o segurança que Felipe determinou. Antes de entrar de uma vez no prédio, olho para trás e ainda o vejo lá parado, me olhando.

— Senhorita, temos que entrar.

— Claro.

Acabo o acompanhando e respiro fundo. A subida no elevador é silenciosa e tensa, ele deve saber o que está acontecendo e eu sinto vergonha por isso. Assim que chegamos em frente ao apartamento, olho para o segurança e noto que ele se mantém afastado.

— Boa noite — João cumprimenta. — A senhora Lara já a aguarda.

— Obrigada, João.

— A senhorita pode entrar, estarei bem aqui fora com João.

— Isso mesmo, hoje estou de plantão.

— Pensei que fosse estar com eles na casa de treinamento — sondo.

— Benjamim preferiu que eu ficasse aqui. Gabriel será suficiente.

— Ok. — Sorrio. — Boa noite.

João apenas acena com a cabeça e eu toco a campainha do apartamento. Quando Lara abre a porta, noto que Ellen está ao seu lado e sorrio.

— Oi. — Sorrio, sem graça.

— Tia Vanessa — Ellen exulta. — Que bom que chegou!

Abraço Lara e depois a menina, que beija o meu rosto. Ao entrar, sou recepcionada por Melissa, que está com Heitor nos braços, e Suzana. Sorrio ao notar a pequena saliência na blusa da Suzana e não resisto, aliso sua barriga.

— Logo saberemos o sexo. — Ela sorri para mim, os seus olhos brilham. — Estamos eufóricos.

— Vocês merecem — Melissa diz, colocando Heitor no carrinho. — Depois de tudo... e você, Vanessa? Pretende ter filho?

Todas nos acomodamos no sofá, exceto Lara, que foi dar água a Ellen.

— Confesso que nunca pensei nisso. — Dou de ombros. — Nunca me imaginei com ninguém e agora estou aqui, com Felipe. Estamos fazendo alguns planos, mas não mencionamos filhos ainda.

— Tudo no tempo de vocês. — Lara senta ao meu lado. — Passar pelo que você passou e ainda estar de pé, lutando... não é para todo mundo.

— Você é uma guerreira, Vanessa. — Suzana alisa a pequena barriga. — Mas agora tudo vai mudar, o quarteto está por você.

— Isso mesmo. — Melissa toca a minha mão. — Estamos entre amigas aqui, você pode falar conosco.

— Obrigada. — Olho para Heitor, que balança os pés e as mãos no carrinho. — Posso pegá-lo?

— Claro.

Melissa me ajuda com o cinto do carrinho e eu pego o menino com cuidado. O coloco sentado nas minhas pernas e ele bate palminhas, levando as duas mãos à boca depois.

— Está assim por causa dos dentinhos. — Faz uma cara de preocupada. — Tem dias que chora ou fica sem comer direito.

— É assim mesmo. — Lara brinca com os pezinhos dele. — Ellen quase me enlouqueceu sem comer nesse tempo.

Olho para a menina entretida, desenhando, e sorrio. Suzana escuta tudo com toda a atenção, ela parece nervosa com o fato de ser mãe. Deve ter sido muito triste ter perdido o bebê naquela situação.

— E como Celso está? Tem melhorado?

— Sim, muito. Depois que engravidei outra vez e que superamos toda



aquela merda juntos, ele está outra pessoa. — Mostra a mão esquerda com a aliança, toda feliz. — E finalmente casamos.

— Finalmente mesmo — Lara brinca. — Estou muito feliz em te ver casada.

Ellen dá uma última olhada no desenho, fica de pé e vem até mim, sorrindo. Todas observam quando ela mexe com o menino no meu colo e volta a olhar para mim.

— Tia Nessa, fiz um desenho de você e do meu titio juntos.

— Mesmo? — Sorrio, meio envergonhada. — Deixe-me ver.

Quando a menina me mostra o desenho, acabo sorrindo. Pego o papel e ouço a risadinha da Suzana.

— Estou vestida de noiva? — pergunto, sorrindo.

— Sim! — Bate palminhas. — Você e o meu titio vão ficar bem bonitos quando casarem, igual à tia Suzana e ao tio Celso... à tia Melissa e o tio Anderson. Meu papai e minha mamãe eu não vi, mas ela deve ter ficado beem linda.

Ellen abraça a mãe e Lara abre um sorriso cheio de amor para a filha.

— Ellen dizendo, está dito — Mel brinca.

— Eu estava grávida de você quando me casei.

— Estava na sua barriguinha?

— Sim. — Ela sorri. — Na minha barriga.

Heitor emite um som, esticando o corpo e eu entendo imediatamente. O coloco de pé nas minhas pernas e o sustento, de frente para mim. O menino toca o meu rosto, fazendo besouro com a boca.

— Vanessa tem jeito com crianças — Suzy diz.

— Tem sim. — Lara sorri para mim. — Mas acho que ela vai querer curtir um pouco mais a vida com o Felipe antes de pensar em ter um bebê? Estou certa?

— Bom. — Sorrio, segurando Heitor um pouco mais firme. — Nunca conversei com Felipe sobre isso, estamos concentrados em manter o meu padrasto longe, por enquanto.

— É compreensível. — O sorriso da Suzana some. — Resolvam isso antes, enquanto são apenas os dois... uma gravidez ou um bebê mudam tudo. Filho é algo sério.

— Estou preocupada com eles... não dão notícias.

Lara abre um sorriso calmo ao ver a minha preocupação.

— Fique tranquila, eles vão aparecer.

## FELIPE

Entro na casa de treinamento e dou ordens para Gabriel comandar a segurança da casa. Sigo diretamente para a sala dos computadores. Ao entrar, vejo Benjamim, Anderson e Celso diante dos monitores.

— O que acharam? — vou direto ao ponto.

— Venha ver você mesmo.

Sento-me ao lado do Celso e ele vira um pouco o monitor para mim. A primeira coisa que vejo são fotos da minha Vanessa, uma pasta cheia delas.

— Puta merda, puta merda.

— Pelo que está registrado aqui, ele vem observando a Vanessinha há, pelo menos, um mês.

— Como esse filho da puta conseguiu essa merda? Sempre há seguranças seguindo ela!

— Se acalma. — Benjamim vem até mim e toca o meu ombro. — A gente vai encontrar ele e resolver isso.

— Eu estava conversando com eles, puta nervosa — Anderson começa, completamente sério. — A maneira mais fácil de resolver isso e, talvez a mais dolorida, seja atraí-lo através da Vanessa.

— O quê? — berro, ficando de pé. — Não vou usar Vanessa nisso. Vamos arrumar outro jeito.

— Que outro jeito, pirralho? — Ben aperta o meu ombro. — Eu sei que ela sofre muito com isso e você também, mas não conseguimos ver outra saída. Ele a segue há um tempo, talvez se deixássemos os seguranças se misturarem... ela sairia com Lara ou com uma das loirinhas, depois...

— Não vou arriscar a vida e a sanidade dela nisso, porra.

Fixo o meu olhar no monitor do computador e sinto uma ânsia de vômito. Sinto nojo daquele maldito. Ele é um doente e ainda foi ajudado para ficar vivo na prisão... estupradores e pedófilos não duram lá dentro.

— Vou arrumar um plano, tem que haver outro jeito.

Não posso pedir uma coisa dessas a Vanessa, não agora que ela está conseguindo viver um pouco melhor. Não agora que está bem comigo, sem medo. Passo as mãos nos cabelos, me sentindo um inútil derrotado. Amo demais aquela mulher para arriscá-la dessa maneira.

Meu irmão e os meus amigos ficam em silêncio, sabem que estou passando pela porra de um conflito interno. É muito bom saber que posso contar com cada um deles aqui, mesmo que não concorde com a ideia.

— E então?

— Vamos deixar alguém monitorando o computador desse canalha daqui e eu vou pensar em alguma coisa. — Fico de pé. — Conseguiram rastrear?

— Estamos quase conseguindo quebrar o código, logo vamos saber onde ele vive.

— E como conseguiram acessar o computador?

— Enzo nos ajudou com isso. Também está no encalço dele.

— Ok, Andelicia — tento brincar para que eles não se preocupem por mim. — Vamos para a casa do Ben, preciso levar Vanessa para casa e protegê-la.

— Vamos resolver isso, minha putinha.

Saímos cada um em seu carro diretamente para a casa do meu irmão, juntamente com a escolta de Gabriel. João ficou no apartamento do Ben com alguns seguranças, os nossos maiores tesouros estão lá.

Quando chegamos em frente ao apartamento, respiro fundo, tentando não transparecer que a merda já está acontecendo. Meus amigos me lançam um olhar e, quando aceno que está tudo bem, Benjamim destrava a porta e a abre.

Na sala, vemos as quatro sentadas juntas e eu fico hipnotizado ao ver Vanessa com Heitor nos braços. Ela dança com ele e Ellen está dançando com ela, fazendo Lara, Melissa e Suzana sorrirem.

Sorrio, feliz por ela estar se encaixando com as crianças e com as meninas. É bom que ela conviva com alguém com quem possa falar sobre. Vanessa parece ter vergonha de mim para falar sobre esse assunto.

Ao nos ver, as três ficam de pé e Vanessa para de dançar. Sigo até ela e a beijo, sentindo o meu peito se encher de preocupação outra vez. Afago os cabelos do Heitorzinho e volto a atenção para ela.

— Como você está, pretty face?

— Bem... estávamos conversando.

— O que resolveram? — Faz uma cara de preocupação. — Aconteceu alguma coisa?

— Depois conversaremos. — Engulo em seco. — Em casa.

Ela olha ao redor e sorri por ver Lara, Mel e Suzy entretidas com os seus maridos, antes de voltar a olhar para mim. Heitor estende os bracinhos e eu o pego, achando graça.

— Esse daí vai ser o puto dos putos — Anderson diz, orgulhoso.

— Titio! — Ellen vem até mim, depois de ter dado o beijo no pai. — Quero o meu beijo.

Sorrio, devolvo Heitor para Vanessa e agacho para abraçar e beijar a minha sobrinha. Ela me abraça e me lança um sorriso lindo. Penso no que ela viu quando bati no Ben e, porra, que merda fiz ela e Lara passarem.

— Está triste, tio? — Alisa o meu rosto.

— Não, pequenina. Está tudo bem.

— Fiz um desenho de você e da tia Nessa. Quer ver?

— Claro!

Volto a erguer o corpo e vejo Vanessa devolvendo Heitor para Melissa. Anderson fica bobo com o filho e faz palhaçada para o menino rir. Ellen volta saltitando e me entrega o desenho.

— Uau! Que desenho bonito, Ell.

Ellen apenas sorri e sai em direção aos pais. Vanessa vem até mim e eu envolvo os seus ombros com o braço, beijando os seus lábios outra vez.

— Fiquem mais um pouco, vou preparar um lanche — Lara convida. — Faz um tempo que não nos reunimos.

— Ah, cunhadinha... os seus lanches ainda vão me fazer morar aqui.

— Um caralho — Ben xinga. — Te quebro os dentes, pirralho.

— Ben, você sabe que o seu rabo é meu... a Larinha já aceitou isso.

— E a Vanessinha? — Anderson pergunta, sorrindo. — Já sabe disso?

— Ela tem que tapar os ouvidos, tadinha.

— Me defenda, Suzy! — me rebelo. — Isso está certo, Celsinho?

Todos caem na risada, inclusive Vanessa. Porra, quanto mais a vejo sorrindo, menos tenho vontade de contar que aquele maldito a segue. Não posso fazer isso com ela.

— Mel? Até você? — finjo indignação. — Faça algo pelo nosso amor!

— Ei, misera! Minha mulher não!

— Parem! — Lara, como sempre, acaba com a nossa briga. — Respeitem a Ell. Vou servir o lanche.

— Vou ajudar — Vanessa se oferece.

Lara sorri, aceitando a ajuda. Observo as duas seguirem para a cozinha e solto um suspiro, angustiado. Não sei como vou fazer ainda, mas preciso encontrar o infeliz, preciso bolar algo. Jamais poderei envolver Vanessa nisso e fazê-la de isca. Jamais.

# Bônus

SUZANA

Olho para a mesa decorada na nossa sala e sorrio. Escolhi a cor verde para decorar a nossa noite de hoje. Há plaquinhas pela parede com pequenos dizeres como "Quem sou eu?", "Vou ter os olhos do papai?", "Ainda vou dar um trabalhão à mamãe", "Estou ansioso(a) para dizer ao papai quem sou". Na mesa, os docinhos arrumados e o bolo decorado no centro, tudo em tons de verde.

A mesa está um mimo. Vou revelar o sexo do meu bebê, fiz o exame sem o Celso. Ele quase me matou, mas é por uma boa causa. Todos do quarteto virão e eu estou imensamente empolgada, principalmente pelo teor e pelo tamanho da notícia. Estou eufórica.

Sorrio quando vejo Celso chegar, todo desconsolado. Me jogo nos seus braços e o encho de beijos.

— Pare de ser dramático, só quero fazer uma surpresa, meu Rivotril.

— É que o meu coração não aguenta essas coisas, tigresa... eu fico louco.

— Logo essa loucura toda passa. — Arrumo a sua camisa. — Ande, sorria.

— Como vou sorrir, se só penso em te foder na raiva?

— Me foder na raiva? O que eu fiz? — finjo indignação. — Mas é um piadista safado mesmo.

— Vou usar um daqueles brinquedos em você, mais tarde.

— Louca por isso... safado.

Celso abre o sorriso sacana que tem e me puxa para me beijar outra vez. Sua mão para na minha barriga, um pouco saliente, alisando-a com carinho.

— Vou terminar de me arrumar. Se o quarteto chegar, os recepcione, já chego.

— Vou morrer de ansiedade, tigresa. Será que não rola um spoiler? — Faz bico. — Eu já soube da gravidez em uma surpresa.

— Não. — Dou risada. — Não rola.

Sigo para terminar de me arrumar e aliso a minha barriga, ainda boba com a gravidez.

\*\*\*

Sigo de volta para a sala e já ouço as vozes do Anderson, do Benjamim e do Felipe. Quando chego na sala, a algazarra está feita. Os três vêm me abraçar e

parabenizar ao som das risadas das meninas.

— Celsinho está para arrancar os cabelos de ansiedade — Anderson comenta, sorrindo. — Você é má, Suzy.

— Má? — Sorrio. — Estou sendo boa até.

— Ela está certa.

— Não defenda, Lara!

— Deixem a Lara. — Pisco para ela, que abre um sorriso enorme e vem me abraçar. — Ela sabe que estou certa.

— Essas quatro atrevidas juntas só poderia dar nisso — Benjamim comenta. — Cuidado, Felipe... só falta a Vanessa ser inserida no mundo do atrevimento agora.

— Algo a declarar, Vanessa?

— Gosto das meninas. — Ela sorri, sabendo da brincadeira.

— Fodeu, Felipe. — Celso dá risada.

Com o barulho, Heitor acorda nos braços da Melissa. Chego perto e toco a sua bochecha gordinha, fazendo o menino fechar os olhos e esticar os bracinhos, sonolento ainda.

— Vamos começar isso! — Celso apressa.

— Ih, a minha ninfeta está apressada.

— Anderson!

— Loirinha, loirinha.

— Tudo bem, vamos começar. — Sorrio. — Mas antes, quero palpites.

Todos se acomodam na sala e eu fico de pé, ao lado do Celso. O meu marido está nervoso e isso me faz querer rir, ele não sabe o que o aguarda.

— Vão ser trigêmeos. — Felipe pisca para mim.

— Eu acho que é um menino. — Lara coloca Ellen sentada nas suas pernas. — E você, filha?

— É uma menininha, mamãe... ela vai ser minha amiga e vai fazer o tio Celso e a tia Suzy pararem de sofrer, não é?

Todos riem e eu acho a coisa mais fofa do mundo o pensamento dela. Meus olhos ficam cheios de lágrimas e o meu piadista me puxa para ele.

— Estou com a minha pequena freira, é uma menina — Benjamim diz, sorrindo. — Vai enlouquecer o Celsinho.

— Olha a cara da Suzana! — Anderson sorri. — Ela não dá uma dica!

— Um casal — Vanessa se arrisca.

— Duas meninas. — Melissa dá risada.

— Temos vários palpites então. — Sorrio, animada para dar a notícia. — Vamos ao resultado então.

Saio na direção da pequena caixa que está ao lado da mesa. Um lacinho

verde enfeita a caixa branca e eu vejo Ellen bater palminhas, animada.

— Vou pedir para o piadista apressadinho abrir. — Estendo a caixa para o Celso. — Para que anuncie.

Celso olha para mim com uma cara de espanto, nervoso. Ele tira a tampa da caixa e eu comprimo os lábios, mal contendo a minha emoção.

— Vamos, puto! Quero saber!

— Benjamim Monteiro! — Lara o repreende. — Deixe o Celso.

— Atrevida agora é defensora dos animais.

A algazarra dos quatro está feita, Benjamim conseguiu fazer a bagunça. As risadas habitam a sala. Celso xinga os amigos e mostra o dedo do meio para todos.

— Se concentra, Rivotril.

— Ok, tigresa. — Aperta o meu queixo e eu sorrio. — Vou olhar isso.

Observo enquanto ele pega a imagem do ultrassom e a encara fixamente. Há um círculo e uma pequena seta, mostrando o sexo dos bebês. Celso ergue o olhar para mim, completamente surpreso. É emoção dupla.

— Fala, porra! — Anderson apressa.

— São duas! — Celso exulta, me fazendo sorrir. — Porra! São duas, meninas!

Felipe, Anderson e Benjamim ficam de pé e vêm até nós. Me abraçam e depois vão parabenizar e tirar sarro do Celso.

— Isso é sério, Su?

— Sim. — Sorrio em meio ao choro. — É sério, meu piadista.

Lara, Melissa e Vanessa vêm me abraçar e a Larinha chora comigo. Ela sabe o quanto eu sempre sonhei em ser mãe. Melissa me diz palavras bonitas e eu agradeço por tudo o que me ajudou a enfrentar junto com Lara. A Vanessa me parabeniza, ainda um pouco tímida.

Gosto dela, Felipe está muito feliz e ela é uma boa moça. Quero estar com ela quando precisar, algo nessa moça me passa confiança. Vanessa já sofreu muito na vida, merece ser amada; Felipe merece uma mulher que o queira muito antes dos seus bens.

— As gêmeas do Celsinho e da Suzy, isso vai dar um filme. — Felipe pisca para mim.

— Vai mesmo. — Anderson ri. — Se puxarem aos pais coelhos...

— Seu rabo — Celso rosna, me puxando para ele. — Minhas meninas vão ser quietinhas.

— Certo, certo.

— Deboche, Ben? Cuidado, a Ell está aí para provar o contrário.

— Uma porra!

— Ben sabe que a Ell vai ser namorada de primeira, como ele... o Heitorzinho é prova disso.

— Felipe, você implora para eu quebrar essa sua cara cínica.

Felipe dá risada, fazendo uma cara de paisagem. Vanessa sorri, parecendo admirada com o clima descontraído do quarteto.

— Se acostume, Vanessa... eles não param.

— Estou quase lá, Melissa. — Ela sorri.

Olho para Celso e noto que está me encarando. Sorrio para ele e posso ver a felicidade estampada no seu olhar. Finalmente estamos conseguindo nos estabelecer, conseguindo ser felizes.

## CELSO

Saber que a minha Suzy está grávida de gêmeas me deixa extremamente feliz e putamente preocupado. Não terei paz com o quarteto pelo resto da vida.

— Pelo menos o meu pau foi potente o suficiente para fazer duas! — rebato as brincadeiras.

— Celso Farias!

— Calminha, Su. — A puxo para mim e aliso a sua barriga. — Errado não estou... finalmente estamos sendo recompensados, depois de tanto sofrimento.

— Piadista.

— Não me chame assim ou eu não respondo por mim.

— Ih, é melhor irmos embora, pretty face... ou o casal vai nos dar uma aula presencial de como fazer sexo.

— Felipe?! — está espantada.

Vanessa lhe dá um breve tapa no ombro e ele sorri, beijando o seu rosto em seguida.

— Adoro ver a carinha de espanto dela.

— Está apaixonado. — Lara pega um docinho e o leva à boca do marido. — Isso eu posso garantir.

Benjamim chupa o dedo da Lara e eu faço uma expressão surpresa, adorando a algazarra.

— Eita! — faço espanto. — Isso o Felipe não vê.

— Shh! — Benjamim me manda o dedo do meio. — Quero foder quando chegar em casa.

— Vamos todos, daí aproveitamos e fazemos uma videoconferência para



saber quem dura mais.

— Chegou o pornstar — Anderson me alfineta.

— Já chega, vocês — Melissa pede, mal contendo o riso. — Respeitem a Ellen e o meu filho.

Heitorzinho está quase dormindo novamente no carrinho e Ellen está entretida com um brinquedo que trouxe. Estreito o olhar para os putos e eles caem na risada.

— Quer ajuda com a arrumação, Suzy?

— Não. — Ela sorri. — Contratei alguém para arrumar tudo aqui, ultimamente só sinto sono, fome e...

— Tesão — completo e recebo um tapa, sorridente. — A Su está impossível.

— Lara também ficou assim. Não me dava uma trégua.

Vejo quando Lara lança um olhar bravo para Benjamim e nos faz rir.

— Vamos para casa, então. Ellen precisa dormir.

— E nós precisamos foder.

— Benjamim, você é mesmo um insuportável.

— Calma lá, Larinha! — Anderson intercede. — Não vai colocar a coleira no Ben!

— Uma porra.

— Mamãe — Ellen choraminga, manhosa, nos fazendo encerrar o assunto. — Estou cansada.

— Estamos indo para casa, filha.

— Boa noite. — Benjamim e Lara se despedem.

Quando todos se vão, nos deixando sozinhos, paro cara a cara com Suzana. Toco o seu rosto e ela abre um sorriso lindo para mim.

— Já pensou em nomes? — Sorrio de volta.

— Ainda não... só tinha um em mente.

— E qual seria?

— Clara.

— É um lindo nome. — A beijo e a puxo para mais um abraço. — Gosto dele.

— Você pode escolher o outro.

— Vou pensar em algum. O mais importante agora é que eu estou me curando e que você e essas duas. — Toco a sua barriga um pouco saliente. — São o mais importante. Quase morri sabendo que são gêmeas... deveria ter desconfiado quando você me disse que queria privacidade com o médico.

— A sua carinha surpresa foi o melhor de tudo, meu Rivotril.

— Não terei paz com o quarteto, disso eu sei.

— Vocês se merecem, sabe disso.

— Sei. — Sorrio. — Mas agora vamos falar do que interessa.

— E o que interessa?

— Nós dois, a cama e alguns fetiches...

Suzana solta uma risadinha e pula nos meus braços, me beijando de maneira intensa. Estar com a minha tigresa e saber que vou ser pai de novo me renova, me faz sentir esperança novamente.

Vamos trepar a noite toda, vou adorar o seu corpo delicioso e fazê-la saber o quanto me faz bem. Suzana foi a minha salvação, o meu porto seguro quando eu mais precisei. Eu a amo com tudo o que sou e a farei feliz.

# Capítulo 37



VANESSA

Entramos no apartamento dele depois de chegarmos do chá de revelação das gêmeas da Suzana e do Celso. Sei que Felipe não vai me deixar voltar ao meu, pois o vi falar com os seguranças.

— Ei, pretty face.

— Hum?

— Poderíamos fazer mesmo o que o Celso sugeriu. — Me abraça por trás, me fazendo sorrir. — O que acha?

— Não está cansado?

— Nunca. — Beija o meu pescoço. — Você é um doce que eu nunca me canso de provar.

— Estou falando sério. — Sorrio.

— Tudo bem. — Me faz virar para ele e não parece bravo com a minha recusa. — Apenas quero que durma aqui, não é seguro ficar sozinha... não sabemos até que ponto aquele homem pode chegar.

— Está tudo bem? Descobriu alguma coisa?

Felipe parece ficar tenso e eu desconfio que ele está me escondendo algo. Será que descobriu onde aquele homem vive? Será que ele entrou em contato? Fez ameaças?

— Felipe?

— Pretty face, você confia em mim? — Fica completamente sério e toca o meu rosto.

— Claro. — Solto um suspiro. — Você ganhou a minha confiança, sabe disso.

— Então acredite que tudo o que eu faço, todo o meu esforço é para te ver bem.

— Eu sei. — Sorrio para tentar acalmá-lo. — Acredito em você.

— Obrigado.

Felipe me abraça, me apertando contra ele e eu fecho os olhos, encostando a cabeça no seu ombro. Sinto um beijo na minha cabeça e relaxo, sentindo o meu coração se acalmar.

— Vou tomar um banho — murmuro em meio ao nosso abraço.

— Tem toalhas limpas no móvel do banheiro... pegue uma camisa minha no closet, livre-se disso.

Nego com a cabeça, sorrindo, e saio em direção ao quarto dele. Tiro a minha roupa e faço um coque nos cabelos antes de entrar no box para ligar o chuveiro. A água morna lava um pouco as minhas preocupações e eu sorrio comigo mesma, feliz por ter Felipe comigo.

Me ensaboo devagar, querendo me concentrar e me manter calma, preciso disso. Felipe está se esforçando por mim, também posso me esforçar por ele. Estou sendo curada graças ao seu amor, graças a sua insistência.

Quando termino o banho, me enxugo sem pressa e saio do banheiro em direção ao closet do Felipe para buscar uma camisa. Sorrio quando noto que ele continua na sala, respeitando sempre o meu espaço. Mesmo que tenhamos feito tanta coisa juntos, ainda tenho algo dentro de mim que me prende.

Abotoo a camisa e paro diante do espelho, dando de ombros, vendo um resultado razoável. Volto ao banheiro e começo a pentear os meus cabelos, mas paro ao ouvir o nome de Henrique.

Saio do banheiro e sigo para o corredor devagar. Somente assim identifico ser uma ligação do meu primo. Quando vou me aproximar, noto o tom preocupado do Felipe e resolvo ficar quieta no corredor.

— Não, Henrique. Estou dizendo, tenho um pessoal que trabalha com isso. — Abaixa o tom da voz. — O maldito tem seguido Vanessa há um tempo... há uma pasta com fotos dela no computador dele. Sabe-se lá o que caralhos aquela fodido está fazendo com aquelas fotos da minha Vanessa.

O horror de ouvir isso me faz largar o pente no chão e cobrir a boca com as mãos. Então era isso que ele estava tentando me esconder. Aquele maldito está me seguindo?

— Puta merda! — xinga. — Vanessa ouviu, depois falamos.

A voz de Felipe fica distante, as minhas pernas fraquejam e eu ajoelho no chão. Lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, o meu corpo todo é tomado pelo pânico, pela ideia de ter aquele homem perto de mim dessa forma. Ele tem fotos!

Meu nome é chamado, mas está muito distante, só consigo pensar em como ele esteve tão perto de mim. Penso em quando nos encontramos na casa noturna dos meus tios, minha ficha cai que ele já vinha me observando.

Me encolho, sentindo dificuldade para respirar, uma angústia me toma novamente e eu sinto medo disso. Estapeio algo e sinto os meus pulsos serem segurados.

— Como me achou? — Choro. — Me deixa em paz!

— Pretty face. — Segura firme os meus ombros. — Respire, por favor. Sou eu.

Aos poucos vou caindo em mim novamente e sinto o meu corpo inteiro tremendo. A expressão preocupada do Felipe me faz ver que ele me trouxe de volta à realidade. Ficamos em silêncio por um longo momento.

— Sou eu. — Passa as mãos na minha cabeça e abriga o meu rosto entre as suas mãos. — Fique calma.

— D-desculpe.

— Está tudo bem. — Beija a minha testa e enxuga o meu rosto. — Era por isso que eu não queria que soubesse. Aquele maldito ainda atordoa você e isso me preocupa.

Sou abraçada outra vez e me aconchego no seu peito. Continuamos sentados no chão até que a minha respiração se acalme outra vez.

— Venha. — Fica de pé e me ajuda a levantar. — Vamos tomar uma água.

Caminho agarrada à ele até a cozinha; Felipe me ajuda a sentar e enche um copo com água para mim. Ainda bastante preocupado, ele senta em frente a mim e me observa.

— Está brava comigo?

Bebo um gole da água e abaixo a cabeça.

— Não. Você só quis me proteger disso... não consigo controlar.

— Não precisa ficar envergonhada. — Toca o meu queixo para que eu o olhe. — Sou eu que estou aqui, o seu Felipe... não há o que temer, eu nunca vou fazer nada para te machucar.

Apenas assinto e coloco o copo na mesa, sentindo Felipe fazer um carinho nos meus cabelos.

— Vamos para o quarto.

Ficamos de pé e ele arruma algo na cozinha antes de me acompanhar. Felipe entra comigo no seu quarto e me acomoda na cama, puxando a coberta para cima de mim.

— Se sente melhor?

— Sim. — Sorrio de canto. — Você vem?

— Claro. Vou somente tomar um banho.

Felipe beija a minha testa e retira a camisa antes de entrar no banheiro. Me encolho debaixo das cobertas e tento me manter calma com a ideia de ter sido seguida por aquele homem.

## FELIPE

Saio do banheiro com uma toalha enrolada na cintura e vejo Vanessa encolhida na cama. Estou muito preocupado com ela, não queria que soubesse disso. Preciso resolver esse assunto e tem que ser logo.

— Que cara é essa? — pergunta, completamente linda na cama.

— Apenas olhando a minha pretty face. — Sorrio, guardando para mim as preocupações.

— Vem.

— Não me chame dessa forma, porque acabaremos sem dormir.

Quando vejo o seu sorriso, relaxo um pouco e visto a cueca, indo para a cama em seguida. Deito-me ao seu lado e ela fica quieta, então me aproximo e a abraço por trás, ficando de conchinha.

— O que está sentindo? — pergunto para quebrar o clima tenso.

— Medo. É a única coisa que consigo sentir agora.

— Fique calma. — Beijo o seu ombro. — Tente descansar, vamos resolver isso.

\*\*\*

Ouçó o meu celular vibrar na mesa de cabeceira e grunho, abrindo os olhos devagar. Noto que o dia ainda não amanheceu completamente e franzo o cenho, deve ser alguém do quarteto. Olho para Vanessa e ela está toda linda com os cabelos espalhados no travesseiro.

Pego o celular e saio da cama com cuidado. Abro a porta do quarto e trago o celular ao ouvido depois de ver o nome de Benjamim na tela.

— *Encontramos o maldito.*

— O quê?!

— *Provavelmente é uma armadilha, mas já que ele pensa que é somente você, vamos montar uma para ele.*

— Chego aí em dez minutos.

Encerro a ligação e passo as mãos nos cabelos, não sei como vou dizer

isso a Vanessa. Fecho os olhos e respiro fundo, preciso pensar. Não posso deixá-la aqui sozinha, não confio nem na minha própria sombra. Ela ficará na casa de treinamento.

— Felipe? — Toca o meu ombro, a voz ainda sai confusa pelo sono. — O que aconteceu?

Viro o meu corpo para ela e a abraço sem qualquer aviso. Sussurro que tudo vai ficar bem e volto a olhar nos seus olhos.

— O encontraram, não é?

Não respondo, deixo que o silêncio dê a resposta. A carinha de sono de Vanessa é substituída por medo.

— Não vou deixar você sozinha aqui, irá comigo para a casa de treinamento. Ficarão segura lá.

— O que ele disse?

— Ainda não sei, meu irmão apenas me ligou... saberei lá.

— Vou me aprontar.

\*\*\*

Digito a senha no painel e a porta se abre, revelando o resto do quarteto reunido. Em cima da mesa vejo coletes à prova de balas, coldres, munição e armas. Vanessa para de andar e eu sei que está com medo do que vem pela frente.

— Chegaram. — A voz de Lara me surpreende.

— Lara?

— Estamos todas aqui, viemos dar suporte para Vanessa.

Olho para Vanessa e ela está tão surpresa quanto eu.

— Gostaria de ajudar mais, mas Celso não me deixa agir.

— Claro. — Celso vira-se para nós. — Você está grávida, Su.

— Nunca vamos arriscar vocês, sabem disso — digo, olhando para Vanessa.

— O que está acontecendo?

— Seu padrasto nos enviou uma mensagem, ele pensa que é Felipe... quer vê-lo para se acertarem. Por isso estamos nos preparando. De certeza, isso é uma armadilha.

Então vejo a minha pretty face se debulhar em lágrimas. Ela se solta de Lara e corre até mim, me abraçando com força.

— Por favor, não vá. — Toca o meu rosto e lágrimas descem sem controle pelo seu. — Por favor, Felipe... eu preciso de você. Não me deixe aqui à deriva, sem notícias.

— Pretty face. — Reúno toda a força que tenho dentro de mim para poder me manter calmo. — Fique com elas e com as crianças, a casa vai estar cheia de seguranças, não há o que temer.

— Temo por você. — Me abraça. — Não deixe a escuridão me afogar novamente, por favor. Não me deixe.

— Eu vou resolver isso e vou voltar para que possamos ficar juntos. Isso não vai acontecer.

— Prometa que vai voltar.

Putá merda. Dói você ter que prometer algo que não sabe se vai poder cumprir. Não sei o que me aguarda lá, mas preciso deixar Vanessa tranquila.

— Prometo. — Beijo sua testa. — Eu prometo, pretty face.

— Venha, Nessa — Melissa chama. — Vamos deixar que eles se preparem.

Todas se despedem dos seus maridos e seguem para o andar de cima. Me aproximo dos meus amigos e eles sabem o que devem fazer. Não parecem aquelas pessoas brincalhonas e cheias de humor. Estamos dispostos a tudo por quem amamos, somos uma família e vamos nos proteger até o fim como tal.

— Ele entrou em contato — Benjamim começa. — Deu o endereço de um galpão abandonado. Com a ajuda do Enzo, conseguimos restaurar as câmeras do lugar e ter acesso às imagens.

— Isso! — Anderson continua. — João e Gabriel ficarão aqui monitorando as câmeras e nós estaremos com pontos no ouvido para ouvi-los.

— Vamos saber qual é a desse palhaço.

— Claro que vamos, Celso — murmuro, raivoso. — Ou eu não me chamo Felipe Monteiro.

— Lipe. — Benjamim toca o meu ombro. — Você precisa colocar em prática tudo o que aprendemos; razão antes da emoção em momentos como este. Isso pode ser usado contra você.

— Eu sei.

— Se acalma, Lipitcho. — Gabriel está completamente sério. — Vou falar no seu ouvidinho, tudo vai dar certo.

— Seu filho da puta. — Acabo sorrindo e olho para o meu quarteto. — Vamos nos preparar.

Tiro o paletó e a camisa social junto com o quarteto, visto o colete à prova de balas e o ajusto ao meu corpo. Volto a colocar a camisa e o paletó e pego a minha arma.

— Aqui, mais munição. — Benjamim empurra dois pentes cheios para mim. — Guarde com você.

Coloco o coldre na perna e o ajusto. Verifico o pente que está dentro da



pistola e a encaixo no coldre juntamente com os pentes extras que Benjamim me deu.

— Estou pronto.

— Estamos — respondem em coro.

— Vamos resolver isso de uma vez por todas.

# Capítulo 38



"Nunca planejei que um dia eu estaria perdendo você  
[...]

Em uma outra vida, eu faria você ficar  
Assim eu não teria que dizer que você foi aquele que foi embora."

**The one that got away – Katy Perry**

## FELIPE

Faço o aceno e sigo para fora da casa, o meu coração está apertado. Preciso resolver essa merda hoje e cumprir a promessa que fiz para Vanessa.

— Aqui. — Benjamim para ao meu lado, estendendo o ponto para o ouvido. — Coloque.

Sem dizer nada, pego o pequeno aparelho e o coloco.

— Estaremos com você, fique tranquilo.

— Vamos — Anderson chama, dirigindo-se ao carro blindado que vamos usar. — Quero foder ainda hoje.

Xingamos Anderson em conjunto e o canalha só faz rir. Entramos no carro e quem conduz é Celso, que se comunica com Gabriel e João para testar os pontos.

O caminho é silencioso, penso somente em Vanessa e que tudo isso que estou fazendo é por ela. Reviso pela milésima vez a minha arma, nada pode dar errado.

\*\*\*

Descemos do carro quando Celso para em frente ao galpão e eu olho ao redor, procurando o maldito. Vejo a nossa escolta se preparar também e fico mais tranquilo. Reúno o quarteto e os encaro, completamente sério.

— Preciso entrar sozinho.

— Um caralho que vou te deixar sozinho, isso é uma armadilha. Não estou confiando nessa merda!

— Ben, vocês vão estar me ouvindo, sei que vão me acudir se eu precisar, mas eu preciso acabar com aquele homem.

— Ele precisa. — Anderson toca o ombro do meu irmão, que tenta me proteger. — Felipe é treinado, vamos ficar aqui e dar cobertura a ele.

— Vou te dar cobertura. — Faz cara feia.

— Obrigado.

Benjamim me abraça e me manda ter cuidado. Faço o aceno para os meus amigos e saio na direção da grande porta do galpão. Coloco a mão no coldre assim que abro uma brecha da porta, que range alto. Puxo a arma e a empunho para entrar no lugar.

— Me dê um status, Gabe.

— *Um homem parado no meio do galpão. Aparentemente desarmado.*

Penso em Vanessa, em como ela sofre por causa de tudo o que esse homem fez a ela. Preciso e vou colocar um fim nisso. Luzes são acesas e eu finalmente vejo o rosto do inimigo. Sinto toda a raiva ferver dentro de mim, mas lembro-me do conselho do meu irmão.

Razão antes da emoção. Razão antes da emoção. Razão antes da emoção.

— Não se mova — a ordem me faz sentir ainda mais raiva. — Então você é o audacioso que tentou invadir a minha privacidade com a Van-Van?

Van-Van? Mas que porra é essa?

— Sou eu, o noivo dela.

— *Lipitcho, tem alguma coisa na mão desse homem; não conseguimos identificar. Faça-o falar, nos dê tempo* — Gabriel diz.

— Admirei a sua coragem no início. — Brinca com algo na mão e eu aponto a pistola para ele. — Invadir o meu computador, tentar acessar os meus arquivos... mas então eu vi que isso é trabalho de um profissional, você não é qualquer um.

— Realmente, não sou qualquer um... olhe bem para essa cara aqui — rosno. — É a última que vai ver, maldito doente.

— Vanessa sempre vai lembrar de mim, do que vivemos... nunca vou deixar vocês dois em paz. Ela vai pensar em mim quando...

Não o deixo terminar, aproximo-me e bato a arma na sua cara com toda a

força. O homem cambaleia e eu espero uma resposta de Gabriel, mas não vem.

— *Benjamim, prepare-se* — João diz, completamente calmo. — *Vocês estão sendo cercados.*

Sabia que se trataria de uma armadilha, o que ele não sabe é que eu trouxe uma escolta e o meu quarteto comigo. O que me alegra é saber que estou salvando Vanessa, libertando-a dele.

— S7?

— *Estamos preparados, João.*

— Não deveria ter feito isso — rosna.

— Você é um doente! A porra de um doente, pedófilo!

— Pedófilo? — Ele ri e sua expressão se torna sombria. — Ela me provocava com aquele uniformezinho... provocava demais, você não entende. Aquele amiguinho maldito dela a olhava, ele a queria, o doente era ele por desejar a minha Van-Van. Só quis ela, só quero ela e morrerei querendo a pequena e macia...

— O que porra está dizendo? — Guardo a arma de volta no coldre.

Avanço para quebrar a sua cara, estou fora de controle.

— Vanessa é minha e eu vim buscá-la. — Ele ri, mesmo fodido. — Você não sabe como ela gemia gostoso quando eu tocava... tão macia... uma pena ser tão pequena e eu não poder me enterrar ali. Eu nunca a machuquei, nunca.

— Cale.essa.boca!

O suspendo contra a parede pela gola da camisa e soco a sua cara sem dó, liberando toda a raiva de ter ouvido as suas palavras nojentas. Dou um soco atrás do outro, sentindo o seu nariz quebrar e o seu rosto ser transformado em um monte de sangue. Escuto falarem no ponto, mas não dou atenção.

— S5! *Me ouça!* — Gabe grita, completamente sério. — *Há um dispositivo na mão do homem, tudo indica que aciona explosivos. Você precisa voltar à si!*

Pego a arma no coldre e pressiono contra a sua cara escrota. Meu sangue ferve de raiva, quero matá-lo com as minhas próprias mãos e livrar Vanessa desse homem.

Ouçõ tiros e o meu coração dispara, preocupo-me pelos meus amigos. Eu sabia que não seria fácil, mas por Vanessa eu irei até ao inferno.

— S5!

— Estou ouvindo, Gabriel. — Olho a cara do homem, que está sangrando. — Solte essa merda.

— Você assinou sua sentença de morte quando aceitou vir aqui, Monteiro. Ninguém tira Vanessa de mim.

— Isso é o que vamos ver — rosno.

Ergo a perna com tudo e golpeio a boca do seu estômago com o joelho. O homem curva o corpo para frente e eu acerto mais um soco no seu rosto, fazendo-o cair. Abro a sua mão e sinto ainda mais raiva por ver o dispositivo envolvido por fita isolante, grudando-o à sua mão.

Os tiros se intensificam lá fora e eu sinto a pressão crescendo dentro de mim. A raiva querendo me controlar. Não tenho notícias de ninguém e isso só está piorando, preciso pensar em algo logo.

— Gabe? João? Como eles estão? Precisam de mim?

— *Estão se virando; mantenha esse homem ocupado, estou tentando fazer Celso sair do tiroteio para vir ajudar você.*

— Entendido. Alguma ameaça aparente?

— Não.

— Desista, os seus amigos e você vão morrer. — Ele ri, cuspiendo sangue.

— Eu vou te matar! — Aponto a arma.

Piso no seu pulso e ele grita de dor. Olho para trás e vejo um homem entrar armado, um deles passou. Ele atira e isso me faz abaixar, recuando. Vejo o maldito se arrastar para o canto de uma parede e fazer sinal para o homem.

Atiro e a bala quase o acerta. Procuro um lugar para fazer de trincheira e me acomodo, xingando todos os palavrões possíveis. De repente, o tiroteio cessa e eu sinto o meu corpo tenso. Os meus amigos foram abatidos? Meu irmão?

— *Lipe? Pirralho?* — Benjamim está exaltado.

— Estou aqui.

— *Vamos entrar, conseguimos nos livrar da armadilha.*

— Fiquem aí fora. É uma ordem, há uma bomba aqui.

Desativo o ponto, não posso ficar ouvindo o meu irmão ou não vou conseguir fazer o que é preciso para salvar a minha Vanessa. Com cuidado, ergo o corpo e disparo duas vezes contra o homem. Ele cai.

Saio na direção do homem, com a pistola apontada para ele, isso vai acabar agora. O vejo sorrir e os momentos seguintes parecem estar em câmera lenta. Disparo três vezes contra ele.

— Se você não desiste... — Cospe sangue, sorrindo. — Nós dois vamos morrer, Monteiro de merda!

Olho na mesma direção que ele e vejo o homem em quem atirei com um dispositivo ainda maior nas mãos. Ele está ferido, mas ainda vivo,

— Vou te arrastar para o inferno comigo, Monteiro... minha... Vanessa é somente minha.

Antes que eu possa disparar contra o homem que segura o dispositivo, ele o aciona e o meu corpo é jogado longe. Depois disso, tudo é somente um zumbido, fogo, escombros e poeira.

Sinto um peso nos meus olhos, forçando-me a fechá-los. Penso em Vanessa e finalmente tudo está bem, estranhamente bem. Tudo não passou de um sonho ruim, estamos juntos de novo. Para sempre.

## VANESSA

Escapo das meninas e desço as escadas correndo, desesperada por notícias do meu Felipe. Sei que devo estar exagerando, mas preciso saber dele. Paro ao lado do Gabriel e do João e eles se entreolham, mas se mantêm em silêncio.

— Vanessa, venha.

— Não, Lara. — Fixo o meu olhar no visor em que o meu Felipe aparece, empunhando uma arma. — Não saio daqui até ver esse homem morto.

Gabriel e João berram códigos, mas Felipe parece não ouvir. O seu olhar é raivoso. O rosto do meu padrasto está desfigurado, completamente ensanguentado.

Cruzo os braços, apreensiva, vendo, em outro visor, o tiroteio acontecendo do lado de fora do galpão. Tiros perfuram as janelas de vidro e o Felipe parece não temer nenhuma, ou não as está vendo.

Fecho os olhos e dou as costas, fazendo preces silenciosas para que nenhum deles se machuque. Quando volto a olhar para as telas, o tiroteio já cessou e Benjamim parece exaltado. João o chama de S7 e o manda ficar calmo.

De repente, as câmeras saem do ar e eu entro em desespero, porque João e Gabriel fazem careta.

— O que aconteceu? — pergunto, exaltada. — Perderam o contato?

— Não, senhora.

— O que aconteceu?! — berro e Lara coloca a mão no meu ombro.

— Uma explosão.

# Capítulo 39



VANESSA

Ao ouvir as palavras do João, minhas pernas fraquejam e Lara me ampara. Uma explosão. Vejo Melissa descendo as escadas junto com Suzana, Ellen e o pequeno Heitor nos braços.

— Isso... isso não pode acontecer, Lara. — Choro, preocupada. — Ele estava lá dentro, ele... Os rapazes.

— Sh, fique calma, Vanessa.

— O que aconteceu? — Suzana pergunta.

— Tio João, meu papai já está voltando para cá? Quero ir pra casa... tô tão cansada.

— Vai, Joãozito. — Gabriel o libera. — A menina confia em você, preciso conversar com as patroas aqui.

João olha para Lara, pedindo permissão e ela acena com a cabeça. O homem também balança a cabeça, retira o ponto do ouvido e pega na mão da Ellen, dizendo ter sorvete na cozinha.

— Então...?

— Houve uma explosão no galpão, pensávamos que o dispositivo de acionamento estivesse com o homem, mas ele tinha outro plano.

— Explosão?! — Suzana se preocupa e toca a barriga.

— Os únicos dentro do galpão eram Felipe e o padasto. Estou tentando me reconectar com Benjamim.

Gabriel volta a sentar-se na cadeira quando parece escutar ordens do Benjamim. Fecho os olhos, toco o colar que Felipe me deu e deixo que o choro me atinja com toda a força.

— Ele me prometeu que voltaria... me prometeu.

— Vai ficar tudo bem. — Lara afaga os meus ombros. — Eles têm que voltar para nós.

— S7? Está me ouvindo? — Gabriel chama, preocupado. — Qual o atual estado de vocês?

Ele fica um tempo em silêncio, apenas ouvindo e anuindo, com uma expressão nada boa. Meus nervos parecem não ser meus mais, não consigo controlá-los. A escuridão queima dentro de mim, querendo me dominar outra vez, querendo me trancar em um quarto e não sair nunca mais.

— E S5? — Gabriel coloca a cabeça entre as mãos e Lara me faz sentar. — Tudo bem, precisa de reforços? Tem homens feridos?

— Deixe-me falar com ele — Lara pede, completamente calma.

— Não posso, senhora. Ordens dele.

— Vou matar aquele insuportável! Eu sou a mulher dele!

— Para onde? — Mantém-se sério e eu sei que as coisas não estão boas.

— As levarei para lá, não se preocupe.

— Onde estão? — Melissa pergunta, preocupada.

— À caminho de um hospital, vou levá-las até lá.

\*\*\*

O caminho angustiante e sem notícias parece triplicar de tamanho. Lara não solta a minha mão por nada e Ellen já está começando a notar nossa preocupação.

— Tia Nessa, não chora... o que foi que aconteceu, mamãe? Tio Felipe se machucou?

— Ainda não sabemos, filha. — Lara tenta sorrir para confortar a filha. — Estamos indo para o seu pai.

Estamos em carros separados, João está conduzindo o nosso e outro segurança está no banco do carona. Estamos eu, Lara e Ellen no banco de trás. Em outro carro vem Gabriel, mais um segurança, Suzana e Melissa com Heitor. Somos escoltados por motos e os homens se comunicam constantemente com João.

— Tio João, onde a gente tá indo?

Vejo quando, pelo retrovisor, ele pede permissão a Lara com um olhar. Ela assente e dá de ombros. Ellen é esperta demais para tentarmos enganá-la.

— Ao hospital, lindinha.

— Meu papai está lá? Tio Felipe se machucou? É por isso que a tia Nessa tá chorando?



— Ellen, sente — Lara interrompe. — Deixe o João trabalhar, ok?

Quando chegamos ao hospital, mal espero João permitir a nossa descida, abro a porta e salto do carro. Saio desesperada, correndo em busca de notícias. Entro na recepção atordoada e procuro por eles, mas não os vejo.

A escuridão está saindo do cantinho que a deixei, eu sinto o meu coração ruindo.

— Vanessa! — A voz do Benjamim me faz olhar para trás.

Corro na direção dele e o vejo completamente sério, mas com um olhar de dor para mim. Benjamim está ferido no braço, sua camisa está encharcada de sangue.

— Onde ele está? — Toco o colar outra vez, é como se eu pudesse senti-lo. — Ele está bem?

— Acalme-se, o levaram... não sabemos de nada ainda.

Anderson e Celso aparecem um de cada lado e me abraçam juntos. Eles têm pequenos arranhões, graças a Deus estão bem.

— Papai! — Ellen grita, correndo até ele.

— Pequena freira. — Agacha, a abraçando com força.

— Isso é um corte, papai?

Benjamim ergue o olhar para Lara e fica de pé, com a filha no braço. Ele beija os lábios da esposa e ela chora.

— Foi somente de raspão, as enfermeiras já fizeram a sutura.

— Fiquei tão preocupada. — Funga. — E Felipe?

— Não sabemos nada ainda.

Olho em volta e vejo Suzana nos braços do Celso, toda emocionada. Ele alisa a sua barriga e lhe diz para ficar calma. Melissa está segurando as lágrimas, olhando o marido, que tem o filho nos braços.

Respiro fundo e penso no Felipe, ele fez isso por mim. Todos estão aqui nessa situação por mim.

— Anderson, Celso — Benjamim os chama. — Vão para casa e levem Lara.

— O quê?

— Vou ficar aqui e esperar o meu irmão, hospital não é lugar para grávidas e crianças.

— Não faça isso comigo — ela pede.

— Atrevida, por favor. — Segura o seu rosto. — Leve todos, seja forte por nós. Vou ficar aqui com Vanessa.

— Não.

Lara dá as costas e respira fundo, caminhando até Suzana e Melissa em seguida. Vejo a expressão transtornada do Benjamim, ele está angustiado com

isso. Ele olha para mim e eu dou de ombros.

— Pronto — ela diz ao retornar. — As meninas ficarão com Ellen para nós. Celso e Anderson se comprometeram em entretê-la.

— Papai, você vai comigo?

— Não, Ell... depois chegaremos lá com o seu tio, ok? — Beija a testa da filha e a coloca no chão. — Vá com eles.

Não presto muita atenção quando eles dividem os seguranças e alguns vão com eles. No hospital ficamos eu, Lara, Benjamim, João e Gabriel. Sinto uma angústia enorme no meu peito, a escuridão me carrega de culpa pelo que Felipe está passando.

Lágrimas voltam a rolar pelo meu rosto e eu procuro um lugar para sentar. Aquele maldito machucou o único homem que consegui de verdade amar na vida. Se Felipe não sobreviver, não me perdoarei nunca.

— Vou buscar uma água para você. — Lara afaga o meu ombro e sai.

— Não fique assim — Benjamim pede. — Sei que está se culpando pelo que aconteceu, conheço essa reação.

Ergo o olhar para ele e noto sua expressão de dor. Fico de pé, enxugando o rosto e vendo os seus olhos cheios de lágrimas também. Benjamim está sofrendo.

— Não o protegi. — Desvia o olhar do meu, é como se não conseguisse me encarar, como se eu representasse Felipe. — Não pude, nos livramos dos homens tarde demais.

— Eu amo o seu irmão, Benjamim, e sei que ele me ama também. Se Felipe se machucou, foi tentando me proteger. — O olho de maneira firme e Benjamim continua sem me encarar, segurando as lágrimas. — Sei que ele jamais iria querer que se torturasse dessa forma, Felipe te ama muito. Sem qualquer exagero meu.

Olho para o lado quando noto Lara se aproximando com um copo descartável nas mãos. Ela me entrega e sorri levemente para mim, quando agradeço.

— Você está bem? — pergunta ao marido.

— Não, Lara. — A abraça forte e eu admiro o amor dos dois. — Estou preocupado com o meu pirralho, eu sou o responsável por ele.

A expressão de preocupação dela triplica e eu dou um pouco de espaço para os dois conversarem. Preciso ficar um pouco sozinha também.

## BENJAMIM

Quando meu irmão me diz sobre a bomba através do ponto, minha reação é correr na direção do galpão, mesmo com o braço ferido do tiroteio. Prometi que o cobriria, porra! Prometi e é o que vou fazer.

Antes que eu possa entrar no local, meu corpo é arremessado contra o chão e eu sinto um calor enorme. Não tenho tempo de pensar, fico de pé novamente e cambaleio, incrédulo. Minha audição está um pouco afetada, mas isso não me importa, só consigo pensar no meu irmão. O lugar está destruído, há fogo em alguns pontos e poeira, muita poeira.

— Meu irmão está ali dentro — berro, correndo em direção aos escombros. — Felipe! Porra!

Meus amigos correm para tentar encontrá-lo comigo e os seguranças. Chamo por ele, mas não há resposta, o desespero já habita em mim. Lembranças de nós dois mais novos jogando videogame e conversando sobre as primeiras garotas. Lembro das risadas, das brigas, do trabalho e de como ele ficou mal junto comigo quando aquela mulher me traiu.

Felipe esteve comigo nos meus melhores e nos meus piores momentos, ele não pode me deixar assim. Reviramos tudo e um segurança o encontra desacordado. Sigo até eles, tropeçando nos escombros.

— Felipe. — Ajoelho ao seu lado e coloco a arma no chão. — Meu irmão, acorde.

Levo dois dedos ao seu pescoço e verifico o seu pulso. Felipe está vivo, mas fraco.

— Vamos ao hospital, agora!

\*\*\*

Quando o levam sem dizer absolutamente nada, tento me manter calmo enquanto uma enfermeira costura o meu corte. Anderson e Celso estão tentando me dizer coisas para que eu me mantenha calmo. Só consigo pensar em Lara e na minha filha.

— Puto, fica calmo.

— Eu deveria ter entrado com ele — digo quando a mulher termina e higieniza o meu braço. — Não deveria ter deixado o meu irmão sozinho.

— Vai ficar tudo bem, a putinha mais nova vai voltar para a gente.

Meus amigos me abraçam rapidamente e eu bufo, apavorado com a ideia de perder o meu irmão. Passo a mão nos cabelos e saio da sala a tempo de ver Vanessa entrar correndo na recepção.

— Vanessa — chamo.

A mulher corre até mim e eu não vejo mais ninguém com ela. Devem ter ficado para trás; sei o quanto Vanessa ama o meu irmão. Aquele puto a tirou do fundo do poço e eu o admiro por isso. A paciência que ele tem, o cuidado com ela.

— Onde ele está? Ele está bem?

— Acalme-se, o levaram — digo mais para mim do que para ela e noto que está segurando o colar que ele lhe deu. — Não sabemos de nada ainda.

Anderson e Celso a abraçam e o seu olhar perdido me mata. Felipe tem que sair dessa. Ouço a voz da minha filha e tudo parece mudar de figura. Ellen corre até mim e eu agacho para abraçá-la.

A pequena curiosa pergunta sobre o corte e Lara escuta. Pego Ellen com o braço bom e ergo o meu corpo para beijar a minha esposa, seus lábios me acalmam um pouco. Digo que foi somente de raspão, mas ela continua com a expressão preocupada.

Depois da quase discussão com Lara, ela resolveu deixar Ellen com as amigas e ficou comigo. É bom saber que posso contar com a minha esposa, Lara é a melhor coisa que já me aconteceu e com ela, Ellen.

Agora, diante dela, depois da conversa com Vanessa, preciso externar o meu sentimento. Meu coração está doendo, faria de tudo para trocar de lugar com Felipe.

— Você está bem?

— Não, Lara. — A abraço sem que ela espere. — Estou preocupado com o meu pirralho, eu sou o responsável por ele.

Vejo quando Vanessa se afasta para nos deixar mais à vontade. Me afasto da Lara e abaixo a cabeça, sentindo todo o peso da culpa recair sobre mim.

— Ben. — Toca o meu rosto. — É muito sério?

— Quando o encontramos no meio daqueles escombros, ele estava desacordado, eu não sei... — Bufo. — Não sei porque demoram tanto.

— Vamos nos acalmar, ok. — Afaga os meus cabelos. — Logo o médico vai vir nos dar a notícia de que Felipe vai sair daqui com a gente ainda hoje.

Balanço a cabeça e Lara me beija outra vez, afagando o meu rosto. Sento-me e decido me acalmar um pouco. Vanessa anda de um lado para o outro, preocupada. O que nos resta agora é esperar por uma notícia.

Não sei o que vai ser de mim se o pior acontecer.

# Capítulo 40



VANESSA

A demora está me matando, não temos notícias, ninguém vem dizer nada. Brinco com o colar que Felipe me deu e cada minuto que passa a minha angústia aumenta. Quando vejo um médico vindo na nossa direção, me coloco de pé.

A vinda dele até nós parece não ter fim, a espera por notícias corrói. Pela cara, algo sério aconteceu e eu sinto muito medo do que possa ser.

— São os parentes de Felipe Monteiro?

— Sim — Benjamim responde, também ficando de pé.

— Acabamos de fazer alguns exames nele, incluindo uma ressonância, e constatamos uma contusão cerebral.

— Explique isso.

— A contusão cerebral é uma lesão no cérebro que normalmente acontece após um traumatismo craniano causado por um impacto direto... Como ele chegou aqui desacordado, não sabemos ao certo se vão haver sequelas.

Perco as forças nas minhas pernas e sou obrigada a sentar novamente. Estamos todos em silêncio com a notícia do médico.

— Q-Que sequelas seriam essas? — tomo coragem.

O médico vira-se para mim.

— Emoções confusas ou alteradas, problemas de memória e dificuldade de atenção. Mas isso não é obrigatório, devemos esperar o paciente apresentar melhora. — Ele se mantém sério. — Também fizemos exames de raio-x e não foram identificadas fraturas.

— Onde ele está?

— Está medicado, dormindo.

— Isso é muito sério? — Benjamim pergunta, apreensivo.

— Pela ressonância que fizemos não foi detectada nenhuma hemorragia, então não podemos considerar o caso como grave ainda. Mas o paciente precisa ficar em observação para analisarmos possíveis futuros sintomas e a evolução do quadro.

— Não podemos vê-lo? — estou angustiada. — Preciso ver o Felipe.

— Me acompanhem.

Seguimos o médico pelos corredores do hospital e ele nos mostra um quarto fechado. Fecho os olhos, tomando coragem e tentando não sucumbir à escuridão, ela está me matando por dentro.

Benjamim abre a porta devagar e eu vejo Felipe adormecido na cama. Seu rosto está arranhado, suas mãos também.

— Felipe — murmuro, chorosa. — Oh, merda.

— Vai ficar tudo bem, Vanessa. — Lara segura a minha mão.

Deixo que Benjamim vá primeiro e fico com Lara mais atrás. Ele afaga os cabelos do irmão e beija a cabeça dele, derramando algumas lágrimas silenciosas. É a cena mais linda que já vi na vida.

— Trate de ficar bem, meu irmão. Isso é a porra de uma ordem.

Sorrio com o jeito de falar dele, sentindo meu peito ainda mais apertado. Aperto a mão da Lara e ela sorri de canto para mim.

— Ele vai se recuperar — garante. — Felipe é forte e ama você... ele vai ficar bem. Vai voltar para nós.

Apenas aceno com a cabeça e Benjamim se afasta, olhando para mim. Desvio o olhar para Felipe, tomando coragem para me aproximar dele. Dou passos inseguros até alcançar o leito onde Felipe dorme. Fico em silêncio, apenas observando os arranhões pelo seu corpo.

— Vamos estar aqui fora — Lara sussurra para mim.

Passo as mãos nos cabelos, os colocando atrás da orelha e balanço a cabeça. Espero que os dois saiam e coloco a bolsa na poltrona, voltando-me para Felipe. Coloco a minha mão sobre a sua, que está no seu peito.

Felipe dorme profundamente e eu sinto medo de que ele não volte para mim. Sinto medo de não poder abraçá-lo mais, de não poder sentir os seus lábios quentes nos meus outra vez... ou pior, de não lembrar de mim. Sinto arrependimento por tê-lo afastado por tanto tempo. Tudo isso é culpa daquele maldito.

— Felipe. — Fungo. — Por favor fique bem... você me prometeu que voltaria.

Aliso os pequenos cortes no seu rosto e deixo um beijo na sua testa. Respiro fundo, enxugo o meu rosto e vou atrás do Benjamim e da Lara. Abro a

porta e os encontro sentados no corredor.

— Se vocês quiserem ir para casa, eu vou ficar aqui com ele — anuncio, cruzando os braços. — Ellen precisa dos pais dela por perto.

— Você vai ficar bem? — Lara se preocupa.

— Sim, vou ligar para uma amiga e para os meus tios. Não se preocupe.

— Gabriel ficará aqui — Benjamim decreta. — Qualquer coisa que precisar, peça a ele.

— Obrigada, farei isso.

Lara me abraça e afaga as minhas costas em apoio e conforto. Ela me diz para ligar se precisar de algo. Essa mulher tem uma alma tão boa, Benjamim tem sorte por tê-la. Ele também me abraça e me diz para que o mantenha informado sobre o irmão.

— Benjamim, podemos falar um instante?

— Claro.

Olho para os lados e me aproximo dos dois.

— O... O meu padrasto?

— Não se preocupe quanto ao infeliz, cuidamos de tudo.

Olho para Lara e ela assente, abrindo um leve sorriso. De repente, é como se um peso enorme fosse tirado das minhas costas. Abro um sorriso e agradeço; finalmente estou livre dele, do homem que me fez tanto mal.

Não deveria estar comemorando a morte de alguém assim, preciso saber como aconteceu tudo. Mas não tem como não me alegrar em saber que estou livre daquele monstro.

Quando os dois vão embora, volto para dentro do quarto e sento-me, sentindo medo pelo que vai acontecer com ele a partir de agora. Fixo meu olhar nas minhas mãos e respiro fundo, ansiosa. De repente, um choro silencioso e preocupado me atinge.

— Você me prometeu que voltaria... não descumpra isso, por favor. — Solução baixinho. — Você nunca descumpriu uma promessa. Me prometeu que levaria tudo no meu tempo e fez, me prometeu que jamais me tocaria contra a minha vontade e fez, me disse que nunca desistiria... e fez. Não descumpra essa promessa.

Trato de enxugar o rosto, não quero que ele me veja chorando quando acordar. Felipe precisa descansar e se recuperar disso tudo. Agora que nos livramos daquele homem, espero que tudo facilite.

O médico entra no quarto e eu fico de pé, querendo mais alguma coisa em que me agarrar. O homem abre um leve sorriso para mim e eu sinto medo, mas trato de me controlar.

— Avise assim que ele acordar. Precisamos saber qual a gravidade da

contusão.

— Tudo bem...

— Você está bem?

— Sim — minto. — Apenas preocupada com ele. O que nos resta é esperar.

Ele assente.

— Se me der licença, tenho outros pacientes.

Abro um leve sorriso e espero que o homem saia para tocar o colar que Felipe me deu. Outra vez, eu sei. Isso me acalma um pouco e ajuda a me manter firme.

Penso em Sheila, em Henrique e nos meus tios. Preciso falar com eles, preciso conversar, desabafar. Pego o celular e sigo para a porta do quarto. Ao abri-la, dou de cara com Gabriel no corredor e ele, imediatamente, vem até mim.

— Oi, Vanessinha.

O apelido me faz sorrir levemente; Felipe o mataria por isso. Gabriel passa as mãos nos cabelos fartos e se mantém na sua postura.

— Precisa de alguma coisa?

— Uma amiga minha virá, vou dar as informações do quarto a ela... por favor, quando ela chegar, deixe-a entrar.

— Sim, senhora.

— Nada de senhora, Gabriel... estou acostumada com as suas gírias.

— É que, com o puto nessa situação, fiquei mal de verdade. — Dá de ombros. — Eu nem deveria ficar falando essas coisas, tá ligada? Meu trabalho não permite, mas Felipe é mais meu amigo do que meu patrão.

— Você quer vê-lo?

Gabriel ergue as sobrancelhas, parecendo realmente surpreso. Ele fica parado, como se não soubesse o que responder.

— Venha.

— Não posso sair do meu posto, Vanessinha.

— Gabriel. Entre.

Dou espaço para que entre e ele o faz, hesitando. Gabriel fica parado, olhando o amigo desacordado e eu noto a sua tristeza.

— O que o médico disse? O Lipitcho tem que sair bem dessa, tá ligada? Ele é meu brother!

— Torço para isso. — Olho para Felipe. — Ele precisa sair dessa e voltar para mim, não sei mais o que fazer se ele não...

Me calo, sentindo que, se continuar, irei chorar de maneira descontrolada. Gabriel afaga o meu ombro e pede licença. Desbloqueio meu celular e digito o número de Sheila, o sei de cor. Olho para Felipe enquanto espero a minha amiga



me atender e sinto no mais profundo de mim o quanto ele conseguiu avançar, o quanto teve paciência para quebrar as minhas barreiras.

— *Nessa, minha amiga. Tudo bem?*

— Sheila... — Respiro fundo, mas não consigo falar.

— *Vanessa, estou ficando preocupada. Onde está?*

O ar me falta, sinto como se estivesse em um lugar apertado. Sento-me na poltrona ao lado do leito do Felipe e fecho os olhos, preciso me acalmar. Não posso deixar que a escuridão me domine, Felipe precisa de mim.

— N-No hospital.

— *Meu Deus, Vanessa! Em que hospital? O que aconteceu? Você está bem?*

Passo para ela o hospital e o número do quarto, não explico nada, apenas imploro para que venha. Quando encerro a ligação, busco por água e tomo alguns goles para me acalmar.

— Pretty face?

Olho para trás, sem acreditar, e o meu coração erra uma batida. Vou até ele, sem saber o que sentir direito, alívio ou medo.

— Felipe. — Toco o seu rosto com cuidado e as lágrimas escorrem, silenciosas, pelo meu rosto. — Ah, meu Deus... você nos deu um grande susto.

— Onde eu estou?

Fixo o meu olhar no seu por alguns instantes e eu noto realmente a sua dúvida. Quão profunda foi essa contusão?

— Vou chamar Gabriel para que ele avise ao médico que acordou.

Sorrio para que ele não fique agitado e não espero resposta, saio e aviso a Gabriel para que chame o médico. Antes de voltar para o quarto, respiro fundo.

— Ele já está vindo. — Forço um sorriso.

Felipe fecha os olhos lentamente e os abre da mesma forma. Isso me preocupa.

— O paciente acordou? — O médico entra no quarto.

— Bom, sim...

— Disse alguma coisa?

— S-sim, me chamou pelo apelido.

— Se nos der licença, preciso fazer algumas perguntas a ele para confirmar em que estado estamos.

Balanço a cabeça e Felipe me assiste sair do quarto, parecendo confuso. Oh, merda! Me machuca tanto vê-lo daquela forma por minha causa.

— Vanessinha? — Gabriel se aproxima. — Você está bem?

— Estou tentando me manter sã com tudo o que está acontecendo.

— Tudo vai ficar bem. Lipitcho é forte.

— É o que mais quero — hesito. — Gabriel, avise ao Benjamim que Felipe está acordado. Por favor.

— Pode deixar.

Silencio e fico quieta, vendo Gabriel voltar ao seu posto e fazer o que pedi. Ele realmente está preocupado com o amigo. Os Monteiro são grandes pessoas, exceto pelo pai, não tem como não gostar deles.

Fico esperando do lado de fora da sala, os minutos do médico lá dentro se arrastam. Gabriel me avisa que já ligou e que Benjamim vai passar na SQUAD antes de vir olhar o irmão. O médico sai da sala e para diante de mim, que fico de pé para saber da situação do meu Felipe.

— Então?

— O diagnóstico é realmente a contusão; Felipe ainda está um pouco confuso, mas não há sinais de que venha a ocorrer perda de memória, fiz algumas perguntas — explica calmamente. — Mas não está escape de nada, qualquer coisa fora do comum que ele venha a sentir, comunique imediatamente.

— E qual é o tratamento? Há remédios?

— Muito repouso, o paciente não deve se aborrecer ou forçar a ler. O medicamento usado será Acetaminofeno para aliviar as dores de cabeça que ele irá sentir.

— Tudo bem. — Balanço a cabeça. — Obrigada.

O homem se retira e quando vou entrar no quarto, ouço a voz de Sheila me chamando. Viro-me para a minha amiga e ela me corre para me abraçar.

— Fiquei tão preocupada com você! O que aconteceu?

— Felipe... ele... ele se feriu tentando me proteger.

— Oh, minha amiga. — Me abraça outra vez. — Mas ele está bem?

— Agora está acordado, o médico acabou de sair do quarto dele — hesito. — Você me espera aqui? Vou somente olhar para ele mais uma vez.

— Tudo bem, eu aguardo aqui.

Entro no quarto e Felipe me olha, abrindo um sorriso lindo. Aproximo-me da cama e ele estende a mão para mim. A seguro firme e sorrio, sentindo as lágrimas beirando os meus olhos outra vez. É tão bom vê-lo acordado e bem.

— Por que está chorando, pretty face? — Beija a minha mão. — Tudo está bem, não chore. Você está livre.

— Oh, Felipe. — Desato a chorar. — Fiquei tão preocupada.

— Shh... não chore. — Enxuga o meu rosto. — Preciso sentir os seus lábios, Vanessa. Por favor.

Hesitante, beijo os seus lábios e ele afaga o meu rosto. Ao afastar a minha boca da sua, fixo meu olhar no seu e os seus olhos azuis me transmitem paz.

— Prometi que voltaria, pretty face. Estou aqui, vamos sair disso. O pior já passou.

Apenas assinto, enxugando o rosto. Nada paga o que estou sentindo neste momento; ter Felipe de volta e ter me livrado do meu padrasto me deixa feliz. Essa palavra é tão estranha, tão rara no meu cotidiano, que chego a sentir medo do seu significado, da sua aparição.

# Capítulo 41



VANESSA

Fico com Felipe até que adormeça e saio do quarto devagar. Vejo Sheila sentada e Henrique está ao seu lado. Ao me ver, meu primo fica de pé e vem me abraçar.

— Ah, Nessa. — Beija a minha testa. — Como você está?

— Tentando me manter bem, Henry... por ele.

— Sabe como aconteceu?

— Só sei sobre a explosão, ninguém me disse nada a fundo. — Cruzo os braços e olho para Gabriel. — Agora eu só quero que ele saia daqui bem, sem hemorragia e sem sequelas.

— Quer ir tomar um café e comer um pouco no refeitório? — Sheila vem até nós. — Você não parece bem, Nessa.

Olho para Gabriel e ele assente, estendendo um aparelho embalado para mim. FRANZO o cenho e ele continua sério; isso é novidade para mim.

— Isso é um ponto. Coloque no ouvido, nos comunicaremos por isso, se algo acontecer.

— Obrigada.

Coloco o ponto no ouvido e Gabriel faz um pequeno teste antes que eu possa seguir com o meu primo e a minha amiga. Agora me sinto segura.

Assim que nos sentamos em uma mesinha mais reservada do refeitório, a primeira coisa que peço é água. Preciso me reidratar e me acalmar. Não queria ter chorado na frente dele, mas foi impossível; o alívio de saber que me reconhece e que está falando normalmente é enorme.

— Como estão as coisas na casa?

— Não é o mesmo sem você, sabe disso — Sheila solta de uma vez. — Sinto a sua falta, a novata é meio atrapalhada com as bebidas.

Acabo sorrindo com a sinceridade da minha amiga, juntamente com Henrique.

— Ela vai aprender — consolo.

— Sheila não está mentindo, aquele lugar não é o mesmo sem você, Nessa.

— Eu sei... também sinto muito a falta de lá, mas era necessário.

— Era? — Sheila cochicha.

— Sim.

Me fecho sobre o assunto, não quero dizer nada aqui. Paredes têm ouvidos. Continuamos conversando mais um pouco e eu escuto com atenção sobre o quanto os meus tios estão felizes com o crescimento da casa. Estou tão alegre por eles.

Não demoramos muito para retornar. Eles me forçaram a comer alguma coisa e, assim que terminamos o nosso lanche, saímos do refeitório. No caminho de volta para o quarto, preferimos o silêncio, ele diz muito mais do que qualquer palavra.

— Preciso ir agora, Nessa — Henry diz quando paramos diante da porta do quarto. — Assim que ele melhorar, venho agradecer a ele pessoalmente por cuidar bem de você.

Abro um leve sorriso e o abraço, adorando o apoio e a força que eles estão me dando.

— Se precisar de alguma coisa liga para a gente. — Sheila me abraça também. — Sério.

— Obrigada, minha amiga.

Os dois seguem de mãos dadas pelo corredor e eu sorrio, feliz por finalmente estarem juntos. Tiro o ponto do ouvido e entro no quarto para ver Felipe acordado, quieto.

— Me deixou aqui. Pensei que tivesse ido embora.

— Nunca — digo de uma vez.

Coloco a bolsa sobre uma cadeira no canto do quarto.

— Fui tomar uma água com Henrique e Sheila no refeitório, eles vieram saber de você. — Sento na poltrona ao lado do leito. — Estou aqui agora.

— Obrigado. — Estende a mão.

— Não me agradeça. — Aceito sua mão, pegando-a firme. — Eu quem devo agradecer por cuidar de mim, por ter se arriscado por minha causa.

— Ainda está nessa de não merecer?

— Estou sendo realista.

— Eu me apaixonei pela sua escuridão, pretty face, me apaixonei pelo seu jeito retraído, pelo seu sorriso... por você. Não fique assim, porque eu não me arrependo de nada.

— Ainda sou tão fechada...

— Não importa. — Entrelaça os nossos dedos. — Simplesmente não importa, pretty face. Você é quem eu escolhi, vamos passar por isso; eu te fiz livre e agora te farei minha mulher.

Mordo o lábio, sentindo meu coração disparado no peito. Beijo rapidamente os seus lábios e isso o faz sorrir. Aperto levemente a sua mão e o vejo piscar de maneira leve.

— Se sente bem?

— Só um pouco de dor de cabeça.

— Não fale muito — peço, retomando o meu posto de cuidadora. — Descanse. O médico já administrou o remédio?

— Sim.

— Ótimo... descanse.

## FELIPE

Me forço a abrir os olhos, sentindo as pálpebras pesadas e a cabeça doer. Olho para o lado e vejo Vanessa de pé, olhando pela janela do quarto. Ela tem a mão no colar que lhe dei, parece preocupada. Uma pontada de dor me faz grunhir. Ela ouve e vem até mim correndo.

— O que está sentindo?

— Somente dor de cabeça, pretty face. O médico disse que é normal.

— Apenas me diga se piorar. — Alisa os meus cabelos. — Benjamim está vindo ver você.

— Onde ele está agora?

— Disse que iria passar na SQUAD e viria, não se preocupe.

— E Gabriel?

— Felipe. — O tom me faz parar de falar e ficar quieto. — Você precisa se recuperar, o médico disse que precisa de repouso.

Sorrio com a sua preocupação comigo e sinto a minha mente vagar um pouco. Me forço a ficar concentrado na conversa, é como se as coisas não se encaixassem. Vanessa ainda está falando, mas tudo é distante, confuso.

— Está tudo bem? — Continua acariciando os meus cabelos. — Desculpe pelo desabafo, é que estou preocupada com você... com a sua

recuperação.

— Não se preocupe.

Toco o seu rosto bonito mais uma vez, querendo guardar suas feições delicadas para mim. Não sei o que ainda pode me acontecer; o médico foi bem sincero comigo. A pancada foi forte, a contusão aconteceu, uma hemorragia ainda pode ser identificada.

Prometi a Vanessa que voltaria e o fiz, mas não sei se conseguirei ficar. A ideia de deixá-la sozinha me perturba.

— Vanessa.

— Hum?

— Se algo me acontecer...

— Não. — Ergue o corpo, se afastando de mim. — Não diga isso, por favor. Você vai ficar bom e nós vamos ficar juntos.

— Vanessa... por favor. Me escute.

— Não, eu me recuso. — Está agitada, parece que vai perder o controle a qualquer momento. — Você me prometeu.

O quanto essa merda de acontecimento mexeu com ela? Estou preocupado.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Benjamim abre a porta, entrando ao lado da minha cunhada e da minha sobrinha. Meu irmão para e se emociona ao me ver. Vanessa respira fundo e abre um leve sorriso para Ellen, que a abraça.

— Meu irmão — chamo. — Não está chorando, está?

— Seu porra do caralho — xinga, vindo até mim.

Lara nem reclama com o meu irmão pelo palavrão que acabou de soltar na frente da filha, só sorri. Benjamim vem até mim e segura a minha mão em um gesto de carinho e alívio.

— Você nos assustou, porra.

— Gosto de surpresas — brinco, sorrindo.

Sinto a minha cabeça doer com isso e acabo parando. Olho para Ellen, tomando cuidado para que não escute o que irei dizer.

— Não poderia arriscar vocês — sussurro. — Jamais faria isso.

Vanessa lança um olhar para Lara e ela toca o ombro do marido. Sei que querem evitar esses assuntos para que eu não me esforce.

— Onde está a sobrinha mais linda desse mundo?

Benjamim solta a minha mão e pega a filha nos braços. Ellen está cada dia mais linda.

— Tio, você tá melhor? A mamãe falou que bateu a cabeça e doeu muito...

— Sim, pequenina. — Sorrio para ela. — Mas tudo está bem agora, estou melhor.

Ela faz um sinal para o pai e ele a posiciona para que me dê um beijo. Ellen alisa o meu rosto com carinho e cuidado antes de beijar a ponta do meu nariz.

— Me sinto imediatamente melhor depois desse beijo.

— Já pode ir para casa com a gente, então?

— Ainda não, Ell... logo poderei.

Minha sobrinha faz bico, parecendo decepcionada.

— Como se sente? — Lara pergunta, chegando perto.

— Cansado e com dor de cabeça, Lara... é como se tivesse corrido uma maratona.

— E o que o médico disse sobre isso?

— Que é normal, mas que ainda devo ficar em observação — hesito. — Celso e Anderson? Onde estão?

— Cuidando das loiras do quarteto e dos mascotinhos. Virão quando você estiver ainda melhor

Continuamos empenhados em uma conversa divertida e leve. Pela primeira vez em dias, sinto que estou tranquilo, sem a preocupação com aquele homem atrás da minha Vanessa. Agora só preciso ficar bom e sair daqui, mas sinto como se não conseguisse melhorar. Minha cabeça, algo está acontecendo, é difícil me manter concentrado

Olho para a minha pretty face e ela está sentada ao lado da pequena Ellen e da Lara. Ela tem o olhar fixo no chão e parece preocupada. Penso no que conversamos antes de o meu irmão chegar e Lara nota a minha desconcentração.

— Está cansado? — pergunta.

— Não — hesito, nervoso, quando Vanessa olha para mim. — Apenas com um pouco de dor de cabeça.

— O médico já deu algum medicamento?

— Sim — Vanessa responde por mim, com o olhar fixo no meu. — Apenas remédios para dor. Ele precisa de descanso e nada de aborrecimentos ou esforço... uma hemorragia ainda pode surgir.

— Vanessa está certa, ainda é muito recente. — Lara fica de pé.

— Vamos deixar você descansar e amanhã voltamos com o quarteto. — Benjamim dá dois breves toques no meu ombro. — Fique bem, meu irmão. Estamos torcendo pela sua recuperação.

— Não esqueça que o seu rabo é meu.

— Está doente, mas te quebro os dentes. Porra.

Sorrio para ele, que retribui e pega a minha sobrinha nos braços para que



ela se despeça de mim. Lara afaga os meus cabelos e me pede que melhore. Por fim, eles saem, me deixando com a minha linda Vanessa.

Ela olha para mim e fica quieta, parece que a magoei com o que disse mais cedo. Porra, eu estava sendo sincero. Queria que me promettesse que iria seguir sem mim, que seria feliz, se algo me acontecesse aqui. Se eu não sobreviver.

— Pretty face, está brava comigo?

— Claro. — Cruza os braços.

Abro um leve sorriso e, mais uma vez, estendo a mão para ela. Pela cara que faz, Vanessa não parece querer pegar, mas o faz. Ela nunca havia ficado brava comigo e eu estou achando a coisa mais linda desse mundo.

— Não fique brava. — Beijo a sua mão. — Você é a minha pretty face; sorria para mim.

— Não vou sorrir. — Faz bico, segurando o riso. — Pare com isso.

— E o que é isso que está escondendo? Seria o meu sorriso favorito?

Vanessa acaba cedendo e abre o sorriso bonito que tem para mim. Lutar por ela me fez mais forte. Ver a sua dor, o seu medo, o quanto queria viver e não podia por medo... isso tudo me fez ficar mais forte. Por ela.

# Capítulo 42



"Para o teu amor não há despedidas  
Para o teu amor eu só tenho a eternidade  
[...]

E tenho também um coração  
Que está morrendo de vontade de dar amor  
E que não conhece o fim  
Um coração que bate por ti"  
**Para tu amor – Juanes**

## VANESSA

A luz do sol esquentava a minha pele e eu sinto um pouco de sono. Não dormi a noite inteira, apenas atenta a qualquer movimento do Felipe. O médico do plantão esteve aqui duas vezes para verificar sobre dores e outros sintomas.

Penso no que ele me pediu ontem. Queria que promettesse algo, como se fosse morrer. Ele não pode fazer isso comigo, o único homem que amei, o único que foi capaz de me entender, de me amar... não pode me deixar assim. Não é justo.

Viro-me para ele e o vejo acordado, me observando. Abro um sorriso e me aproximo, sentindo algo esquentar no meu peito.

- Pretty face, você dormiu? Está com uma expressão cansada.
- Um pouco — minto. — Você está bem? Sente alguma coisa?
- Somente algo aqui. — Leva a mão ao peito. — Quando vejo você.
- Pare com isso. — Acabo sorrindo. — Estou falando sério.

— Estou bem.

Beijo a sua testa, aliviada. Lembro-me do que o médico disse sobre chamá-lo para que Felipe levante.

— Vou avisar ao substituto do Gabriel para que chame o médico.

— Onde está o puto? E por que médico?

— Ele foi dormir em casa, disse que chega cedo.

Sigo em direção à porta e a abro para chamar o segurança que está substituindo Gabriel. Quando dou as instruções, volto para dentro do quarto e olho para Felipe. Ele está um pouco pálido e o seu rosto arranhado me faz querer tirar tudo aquilo dali.

— O médico vem ajudar para que fique de pé. — Chego perto do leito.

— Mas nada de esforço, é somente para tomar banho.

— Sério isso? — reclama. — Quero sair daqui.

Apenas sorrio e arrumo as minhas coisas no sofá-cama. Felipe é durão, ele precisa sair dessa vivo e bem. Não pode deixar que o meu padrasto vença.

Quando o médico entra, ele ajuda Felipe a ficar de pé e me dá algumas dicas para ajudá-lo depois. Me explica sobre o banho e sobre como deve ser com cuidado e sem nada brusco. Felipe rejeita as enfermeiras que o médico trouxe e diz que só precisa de mim.

É fofo, eu sei. Mas a teimosia me faz querer bater nele. E se eu não pudesse?

— Pode se sentir tonto — o médico explica. — Se ficar pior, mande sua esposa avisar.

Felipe olha para mim e abre um leve sorriso ao ouvir o "esposa". Oh, Deus. Não sei como reagir a isso.

Quando o médico sai, fico perto dele e o vejo fechar os olhos. Seguro a sua mão com força e fico em silêncio, esperando.

— Está tudo bem?

— Sim, pretty face. Não se preocupe, apenas um pouco tonto.

— Consegue ir agora?

Felipe apenas assente e abre os olhos para seguir comigo. Entramos no banheiro e eu o ajudo com a bata do hospital, deixando-o nu. Amarro os meus cabelos e tiro as sandálias para entrar no box com ele.

— Queria estar entrando nesse box para transar com você.

— Pare com isso. — Sorrio.

Ele também sorri e fica em silêncio quando o coloco debaixo do chuveiro. O vejo segurar nas barras de ferro da parede e grunhir quando a água entra em contato com o seu corpo.

— Está sentindo alguma coisa?

— Estou bem, pretty face... apenas vamos logo com isso.

O ajuda com o banho, sempre fazendo com que se sinta confortável. Estou preocupada e aterrorizada com os sintomas e as expressões dele, mas não deixo nada transparecer. Felipe precisa de mim forte por ele.

— Venha — chamo quando desligo o chuveiro. — Terminamos.

Pego a toalha embalada em um plástico esterilizado, a abro e o entrego. Felipe enxuga o corpo e eu fico atenta a ele. Seus cabelos estão bagunçados e molhados, o peito nu, com pequenos arranhões, tem gotículas escorrendo.

— Vou ter mesmo que vestir essa maldita bata?

— Sim. — Sorrio. — Mas pedi para Benjamim trazer cuecas para você... pode usá-las.

Quando Felipe está vestido, o ajuda para que volte para a cama e pego uma escova de cabelo. Seus cabelos fartos são a coisa mais linda desse mundo, não me canso de dizer isso. Sento-me ao seu lado e penteio o seu cabelo com cuidado para não bater no seu hematoma.

O silêncio se apodera do lugar por alguns instantes. Começo a cantar baixinho a música Para tu amor do Juanes. É uma música leve, confesso que sempre gostei dela por falar de um grande amor... amor esse que pensei nunca ser capaz de sentir, ou merecer.

— Está cantando para mim? — pergunta em um tom brincalhão. — Estou lisonjeado.

— Engraçadinho.

— Por favor, não pare. — Segura as minhas mãos quando termino os seus cabelos. — Estou adorando ouvi-la cantar.

Apenas sorrio, um pouco constrangida, e saio para devolver a escova de cabelo ao banheiro. Ao sair, vejo Felipe ainda sentado na cama. O homem me olha e eu me aproximo, tocando o seu rosto arranhado.

— Obrigado, pretty face.

— Por?

— Por estar aqui comigo. — Beija as minhas mãos. — Eu amo você, nunca esqueça disso.

— Eu também amo você. — Curvo o corpo e beijo os seus lábios.

## FELIPE

Depois de me beijar, Vanessa sai de perto de mim e se põe a arrumar as suas coisas no sofá-cama. Sorrio comigo mesmo e tenho a certeza de que não

dormiu nada durante a noite, mas quer aliviar para mim. Vejo isso somente pelo modo como está piscando e agindo.

Mesmo com a carinha de cansaço e os cabelos meio bagunçados depois que me ajudou com o banho, Vanessa continua linda. A minha pretty face, a mulher mais doce que já cruzou o meu caminho, a flor cheia de espinhos que me deixou cortá-los aos poucos. Eu a amo.

Nunca pensei que fosse capaz de amar como o meu irmão e os meus amigos. Sempre levei tudo na brincadeira, as mulheres eram um passatempo. Vanessa foi a coisa mais séria que já tive depois do sequestro do meu irmão. Eu matei por ela e morreria se fosse necessário.

— Pretty face, sente aqui comigo.

— Seu café da manhã já deve estar chegando, preciso organizar algumas coisas aqui.

— Nosso café da manhã.

Antes que ela possa responder, alguém bate à porta e Vanessa vai atender. Me arrumo, sentado na cama, e sinto uma tontura. Resolvo ficar quieto, isso é normal. Vanessa retorna com uma bandeja nas mãos e sorri para mim, colocando tudo em uma mesa no canto oposto do quarto.

— Venha. — Aproxima-se e segura a minha mão para irmos juntos. — Vamos tomar o café da manhã para que volte a se deitar.

— Só se você disser que deita comigo.

— Nada disso. — Ela sorri. — Tenho a minha caminha ali.

Estamos em meio ao café da manhã quando Benjamim entra sem bater e Lara reclama com ele. Sorrio ao ver o meu irmão, ranzinza como sempre, e ele vem me abraçar.

— Porra, que bom te ver bem.

Benjamim abre um sorriso enorme e isso me faz sentir um pouco melhor. Faria qualquer coisa pelo meu irmão, assim como sei que ele está fazendo por mim agora.

— Obrigado, Benzinho.

— Seu cu. — Me abraça outra vez. — Como se sente? Está melhor?

— Sim. Quero ir para casa.

— Logo vai poder.

Lara abraça Vanessa e Benjamim a cumprimenta em seguida.

— Onde está a minha sobrinha? Na escola?

— Sim, João foi levá-la agora, enquanto vínhamos com Gabriel.

— Ficou louca para vir dar um beijo em você. — Lara sorri. — Mas iríamos nos atrasar.

— Aquela pequenina me mata de amores.

— Mais tarde a trago aqui para que veja você — Benjamim diz. — Estou ficando com ciúmes.

— Deixa de palhaçada.

Sorrindo, meu irmão cruza os braços. Ele parece feliz por me ver praticamente recuperado. Minha cabeça ainda dói, sinto tonturas, mas falta pouco para sair daqui.

Espero.

— Vanessa, me diga. — Benjamim pisca para mim. — Felipe não merece um prêmio por ser o herói da vez?

Vanessa abre um sorriso e assente levemente, limpando os lábios antes de falar:

— Sim, com certeza. Quase enlouqueceu a todos, mas agora virou herói.

— Celso e Anderson vão foder você — Ben diz. — Vou trazê-los mais tarde com Ellen.

— Melhor descansar agora, Felipe. — Lara sorri.

— Se eu passar mal, a culpa é toda do quarteto por serem tão lindos — brinco.

— Vanessa vai quebrar a sua cara por mim, agora estou atrasado para uma reunião. — Aperta o meu ombro. — Volto mais tarde.

— Tchau, Ben. — Sorrio. — Tchau, cunhadinha. Voltem logo para me tirar daqui.

Assim que eles saem, termino o meu café da manhã, observo Vanessa. Ela está concentrada, parece pensar em algo. Toco o local da pancada e sinto-o dolorido, deve estar péssimo.

— Já terminou?

— Sim, senhora.

Recebo um sorriso lindo e ela termina a sua xícara de café antes de levantar e vir até mim. Vanessa respeita quando me forço a levantar sozinho, apenas se mantém perto.

— Minha guarda-costas favorita.

— Eu sei.

— Sabe, é? — Sorrio. — Você tem que parar de andar com os meus amigos, isso é indício de convencimento deles.

Vanessa solta uma risadinha e, porra, é a coisa mais gostosa de se ver e de ouvir.

— Quero tanto transar com você. — Seguro a sua cintura e a puxo quando sento no leito, a deixando entre as minhas pernas. — E repetir milhões de vezes que agora está livre.

Vanessa me abraça sem dizer nada, de maneira delicada. Ouço quando

ela sussurra para que eu fique bom logo e eu noto que preciso falar com o meu irmão. Temos aquela casa na praia que emprestamos ao Celso para que levasse Suzy depois de tudo o que aconteceu.

Quero levar a minha pretty face lá e fazer algo diferente com ela. Agora estamos mais soltos um com o outro. Se tudo der certo e eu sair daqui bem, farei isso.

— Hoje precisarei falar com meu irmão, assim que ele chegar. — Pigarreio, fazendo com que olhe para mim. — Você se importaria de nos deixar a sós?

— Claro que não.

— Obrigado, pretty face.

Toco o seu rosto bonito e em seguida, o colar que lhe dei. Sinto o meu corpo fugindo do meu controle e o olhar amoroso de Vanessa se torna assombrado. Gostaria que ela tivesse me ouvido, que tivesse me prometido que seguiria sem mim.

Tento falar, mas não consigo. A escuridão me traga com força e eu só ouço a voz dela me chamando. Depois, mais nada.

# Capítulo 43



"Nós chegamos tão longe, meu bem  
Veja como nós amadurecemos  
E eu quero ficar com você  
Até que fiquemos bem velhinhos  
Apenas diga que você não vai embora"  
**Say you won't let go – James Arthur**

## VANESSA

— Felipe — grito, vendo-o desfalecer sobre o leito. — Oh, Deus.

Corro para fora do quarto e ordeno a Gabriel que encontre alguém. Volto para perto dele e toco o seu rosto, tentando acordá-lo.

— Felipe — chamo, desesperada, já chorando. — Por favor, por favor. Não desista de mim.

Penso no que ele queria me fazer prometer, como se fosse uma despedida. Ele não pode ir assim.

Os médicos entram na sala já com uma maca e levam Felipe de mim em instantes. Ainda chorando, me apoio no leito vazio para não cair. Sinto meu peito ardendo em angústia e a escuridão luta comigo.

— Vanessinha — Gabriel chama. — Se acalma. Já falei com Benjamim, ele e Lara estão vindo.

— Ele não pode me abandonar, Gabriel. Não pode desistir de mim assim.

— Aquele puto não vai não, ele não é doido, mermã. Busco ele pelo pé.

Enxugo o rosto e sinto dor no meu peito, a dor da preocupação, da



angústia e do medo. Não posso ficar sozinha de novo. Recomeçar seria duro demais para mim, não serei capaz.

O médico entra na sala e eu sinto um arrepio gelado percorrer a minha espinha. Gabriel me ampara e fica ao meu lado, esperando o que ele tem a dizer agora. Não sei o que esperar.

— Vamos fazer novos exames no paciente e descobrir se a causa do desmaio foi realmente algo proveniente da contusão. Logo trarei notícias.

— Obrigado — Gabriel responde, pois não sou capaz de fazê-lo.

— Estou com medo — confesso.

— Fica calma. Respira fundo, vai.

Faço como ele diz e respiro, fechando os olhos. Angústia é somente o que consigo sentir. Penso em ligar para Sheila, mas desisto, ela deve estar dormindo a essa hora, trabalhou à noite. Benjamim e Lara chegarão.

Gabriel me ajuda a sentar na poltrona e pega um copo com água para mim. Bebo alguns goles e, mesmo com uma expressão preocupada, ele mantém a sua postura de segurança.

Depois do que parece uma eternidade, Lara entra no quarto ao lado do marido e eu corro para abraçar a minha mais nova amiga. Ela recebe o meu abraço e o retribui, o que me faz chorar novamente.

— Deixei a SQUAD sob responsabilidade do Celso — Benjamim afirma.  
— O que ele tem agora?

— N-Não se sabe ainda... eles o levaram para fazer mais exames, estava desacordado.

Benjamim afaga o meu ombro e eu solto Lara para me recompor. Ela enxuga o meu rosto e sorri levemente, demonstrando conforto.

— Vamos aguardar por boas notícias, Felipe vai estar bem.

— Vou estar lá fora — Gabriel avisa. — João veio?

— Sim.

Ele apenas assente e se retira do quarto para voltar ao seu posto. Volto a sentar na poltrona e Benjamim olha para mim, parece perturbado. Eu não imagino como deve ter sido, mal deve ter dado tempo chegar na SQUAD.

Que bom que ele tem Lara ao seu lado para apoiá-lo nesse momento. Tenho certeza de que, se não tivesse ninguém, quebraria este hospital inteiro atrás do irmão. Isso se nota apenas pelo modo como passa as mãos nos cabelos, impaciente.

— Ele estava bem, porra.

— Felipe vai estar bem — Lara reforça. — Tratem de se acalmar, entenderam?

Benjamim abraça a esposa e beija o seu rosto antes de apoiar o queixo no

seu ombro. Eles são um lindo casal.

— Acha que foi algo sobre o que o médico falou? Hemorragia?

— Não — diz, calma.

— Ele não pode morrer, Lara.

— Felipe não vai me deixar, ele prometeu que voltaria.

Ficamos em silêncio depois das minhas palavras. Benjamim anda de um lado para o outro, passando as mãos nos cabelos sempre que pode, Lara está sentada, com uma expressão preocupada, e eu paro diante da janela. O dia está nublado lá fora, lindo.

\*\*\*

Quando acomodam Felipe de volta no leito, ele já está acordado e abre um sorriso para mim. Sei que ele está tentando me acalmar, mas isso é quase impossível.

— Fizemos uma nova ressonância e nada foi detectado, ainda pode ser um sintoma da contusão, mas hemorragia está descartada.

— Que bom! — Benjamim responde por mim, indo até o leito. — Quando ele poderá sair daqui?

— Ainda hoje, se não sentir mais nada. Mas o tratamento é o mesmo, repouso e paracetamol ou acetaminofeno para a dor de cabeça.

— Pode deixar — respondo.

O médico deixa a sala e eu olho para Felipe, que me olha de maneira intensa.

— Quero sair logo daqui — ele resmunga.

— É teimoso como o irmão, só tem o jeitinho de bonzinho. — Lara sorri para mim.

— Eu ouvi isso, cunhada.

— Era para ouvir mesmo. — Continua rindo. — Vocês dois são farinha do mesmo saco.

— Lara, Lara.

— Não entendi, Benjamim.

— Ô, vocês da D.R, com licença. — Felipe sorri novamente. — Quero ver os putos dos meus amigos e as atrevidas do quarteto. Me tragam todo mundo aqui.

— Celso está na SQUAD e Anderson no escritório, posso falar com eles sobre isso.

— Por que não deixamos para a noite? Provavelmente, já vai estar em casa.

— Ótima ideia, Lara — comento. — Você deveria descansar mais um pouco.

— Pretty face, venha cá. Sente aqui comigo.

— Quer te comprar, Vanessa.

— Não me entregue, Lara.

Lara abre um sorriso para mim e balança a cabeça. Vou até o leito, beijo a sua testa antes de sentar ao seu lado e seguro a sua mão. Felipe sorri para mim e Benjamim estreita o olhar.

— Está na hora de vocês oficializarem isso.

— Concordo. — Lara se aproxima do marido e ele a envolve com seu braço. — São um lindo casal.

— Por mim, já estaríamos morando juntos.

Olho para Felipe, perplexa com a sua afirmação. Ele quer mesmo morar comigo?

— Depois conversaremos sobre isso.

— Se fodeu — Benjamim declara, rindo.

— Para com isso, seu insuportável.

— Minha atrevida, deixe de braveza. Agora vamos embora, que a SQUAD está na mão do puto do Celso... ele agora só pensa nas gêmeas.

— Disso eu não posso discordar. — Ela sorri. — Vamos, Felipe já está melhor.

— Ben, antes de ir. — Olha para mim e pisca; entendo sobre o que me pediu mais cedo. — Quero falar com você.

Fico de pé e saio com Lara do quarto. No corredor estão João e Gabriel com suas caras sérias. Olho para Lara e ela está com uma cara de desconfiada. O que será que Felipe está aprontando?

## FELIPE

Assim que Lara e Vanessa saem, Benjamim senta-se ao meu lado no leito. Meu irmão, que antes sorria, agora está com uma cara de preocupação.

— Que porra de desmaio foi esse? Quer me enlouquecer de vez?

— Não sei, só espero não sair daqui morto... a ideia de deixar Vanessa sozinha me apavora. — Bufo. — A única coisa nesse mundo que me deixa assustado.

— Morto é o seu cu! Você não vai me deixar sozinho para colocar a SQUAD para frente!

— E é só por isso que você não quer que eu morra? — brinco. — Ou você gosta quando digo que vou comer o seu rabo?

Caio na risada quando vejo a expressão raivosa conhecida do meu irmão. Depois, ele ri junto comigo e nega com a cabeça.

— O que quer falar comigo?

— A casa, que emprestou ao Celso... quero fazer algo especial para Vanessa. Você tem planos para usá-la?

— Agora estou gostando de ver. — Toca o meu ombro, sorrindo. — Não tenho planos, é toda sua. Apenas me diga quando pretende ir para que eu mande alguém dar uma arrumada lá.

— Depois combino isso com você, assim que sair daqui.

— Tudo bem.

— Ben, que seja nosso segredo.

— Nem com a Lara? — faz manha. — Esse negócio de segredo já foi suficiente entre eu e ela.

— Para a Lara você pode. — Dou risada. — Ela colocou coleira mesmo.

— Uma porra.

Sorrio outra vez e nego com a cabeça.

— Te amo, Ben.

— Também te amo, pirralho.

Assim que ele deixa o quarto, ouço as despedidas lá fora e Vanessa entra no quarto. Sorrio para ela como se nada tivesse acontecido e sei que está desconfiada. Vejo quando o seu celular vibra e ela, imediatamente, olha a mensagem.

Vanessa digita algo e volta a bloquear a tela. Não consigo tirar os olhos dela, não sei o que fez comigo, mas isso não é normal.

— Pretty face.

Ela ergue o olhar para mim e não responde, apenas se aproxima.

— Pode me fazer um favor?

— Qual?

— Deite aqui comigo, quero sentir você.

— Mas Felipe... — Faz uma pausa. — Eu não posso.

— Claro que pode. — Sorrio. — Tranque a porta e venha aqui.

Hesitante, Vanessa faz o que pedi e vem até o leito. Afasto um pouco para que possa deitar comigo e sorrio ao vê-la se acomodar ao meu lado. Seguro a sua mão e a trago aos meus lábios, beijando-a demoradamente.

— Quando eu sair daqui, quero conversar sobre o nosso futuro. Sobre nós.

— Tem certeza, Felipe?

— Claro que tenho. — A olho nos olhos. — Já disse que te farei a minha mulher.

— Eu acho que já sou, não é? — Abre um lindo sorriso doce.

Sorrio de volta, surpreso com a sua resposta.

— Apenas se quiser ser.

— Promete ter paciência comigo?

— Eu sempre tive, minha pretty face. Isso não é um problema para mim.

Com cuidado, Vanessa encosta a cabeça no meu peito e fica quieta. Beijo o topo da sua cabeça e aprecio o cheiro delicioso que vem dos seus cabelos.

— Seu trauma vai ser uma lembrança distante, eu prometo que vai ser.

— Ele está mesmo morto? — sua voz treme.

— Sim, fique tranquila. Você está livre agora.

A ouço fungar e resolvo ficar quieto, apenas aperto a sua mão. Em silêncio, faço carinho nos seus cabelos e sinto uma satisfação enorme somente por estar com ela.

— Agora você só precisa sair daqui.

— Decidi lutar por isso. — Solto um suspiro. — Vamos sair daqui ainda hoje... promessa é dívida.

— Promessa é dívida — repete baixinho.

Ficamos quietos por um longo momento e eu sinto uma sonolência enorme. Resolvo me entregar ao sono, segurando firme a mão da minha pretty face.

\*\*\*

Desperto ouvindo a voz da Vanessa, foco no canto do quarto e a vejo com a amiga, Sheila. Fecho os olhos com força e volto a abri-los em seguida, acomodando melhor a minha visão.

— Olha só quem acordou. — Sheila sorri.

— Olá — cumprimento, sorrindo.

— Como se sente, namorado da Nessa?

— Sheila! — Vanessa repreende.

— Estou bem, obrigado. Gostei do meu apelido.

— Viu, Nessa? Ele tem humor.

Vanessa cruza os braços, parece horrorizada com o que a amiga disse.

— Sabe uma coisa que eu ainda não vi?

— O quê? — Me acomodo, sentando no leito.

— Vocês dois trocando beijinhos.

— Oh, Deus.

— Gostei dela, pretty face. — Sorrio. — Venha cá, vamos fazer sua amiga nos ver.

— Vai mesmo ceder a isso?

— Claro. — Pisco para ela. — Tenho que conquistar sua amiga, já vi que ela é bem protetora.

Vanessa estreita o olhar para mim e eu espero que chegue perto do leito. Fixo o meu olhar no seu e levo a mão ao seu rosto macio. Quando toco os seus lábios com os meus, acaricio o seu rosto e encerro o beijo, sei que não gosta de se mostrar assim.

— Oh, que lindos. — Sheila bate palminhas. — Vocês são um casal e tanto.

— Você e Henry também.

— Falando nele, preciso ir agora. Está me esperando. — Abre um sorriso. — Foi bom ver vocês; melhoras, Felipe.

— Obrigado.

As amigas se despedem com um forte abraço e Sheila deixa o quarto. Olho para o lado e as coisas de Vanessa estão arrumadas, logo iremos embora daqui.

— Pedi para Gabriel ir buscar uma roupa sua no seu apartamento.

— Aquele puto, preciso falar com ele.

— Ele já deve estar voltando. — Ela sorri para mim, toda delicada.

— Pretty face, você quem vai cuidar de mim?

— Claro que sim.

— Sou um moço sério, não abuse do meu pobre corpo indefeso.

— Mas que safado!

— Somente para vê-la sorrindo. — Pisco para ela.

Vanessa, definitivamente, é a mulher que ouvi Graça dizer que eu encontraria. Assim que coloquei os meus olhos nela, soube que seria minha.

# Capítulo 44



VANESSA

Gabriel entra no quarto e abre um sorriso, me entregando o pacote que pedi. Ele segue até o leito e para diante do Felipe.

— Ei, Lipitcho.

— Fala, Gabe.

— Está aí na mordomia, né? — Cruza os braços. — Tá bom de sair já, os putos estão ficando melhor que você no treino do corpo a corpo.

— Uma porra! Não acredito que aqueles putos safados estão treinando sem mim.

— Olha o espírito de puta nervosa do Benjamim... são irmãos mesmo. — Nega com a cabeça. — É brincadeira, mano... relaxa aí.

— Coloque as suas gírias bem no meio do seu...

O médico entra na sala com alguns papéis nas mãos e me entrega todos. Ele para ao lado do leito do Felipe e faz algumas perguntas sobre o que ele está sentindo.

Mal consigo conter o riso quando Gabriel, em sua postura de sério, pede licença e se retira do quarto. Felipe está rodeado de pessoas que o amam, isso é notável somente pelo modo como cuidam um do outro. Até mesmo os chefes da segurança deles.

— Depois desse período em observação, se persistissem os sintomas que acabei de citar, seria preciso um tratamento mais profundo.

— Então posso sair daqui?

— Darei alta a você. — O médico coloca as mãos para trás. — Mas ainda precisa de repouso. Acha que consegue?

— Ele vai conseguir — respondo. — Conheço o irmão dele, não vamos deixá-lo se prejudicar.

— Isso é bom. Vou providenciar mais algumas coisas, logo estarei de volta.

Olho para Felipe e espero que o médico saia para ajudá-lo a levantar.

— Você está bem? Sente tontura?

— Não, pretty face... estou bem.

Abro um sorriso, feliz por ele estar bem, apesar do susto que me deu desmaiando daquela forma. Felipe sorri de volta e caminha calmamente até o banheiro.

— Vou tomar um bom banho para tirar essa coisa.

— Tudo bem, vou estirar as suas roupas aqui.

— Finalmente vou usar algo decente.

Nego com a cabeça, ouvindo-o reclamar da bata do hospital. Assim que o chuveiro é ligado, abro a mochila e estiro o terno de três peças que Gabriel trouxe. Pelo tecido e pela costura, deve ter sido uma fortuna.

Não demora muito para que ele saia com uma toalha enrolada no quadril, sorrindo para mim. Felipe é muito bonito e bom, o anjo que chegou para me tirar da escuridão.

— Venha cá, pretty face. — Se aproxima do leito, onde as roupas estão. — Me ajude com isso, meu corpo ainda está dolorido.

Espero que ele vista a calça e me aproximo calmamente. Pego a camisa social e sigo para ficar atrás dele, mas paro ao ver o hematoma nas suas costas. Foi por isso que ele não me deixou ver as costas na hora do banho?

— Felipe.

— Não se preocupe com isso — corta, me acalmando. — O médico já fez os exames, não é nada. Quando tudo explodiu, eu fui jogado longe; por isso os arranhões e o hematoma.

Toco o lugar e o sinto quente. Antes que eu possa deslizar os dedos, Felipe se contrai e eu entendo, afastando a mão. O ajudo a colocar a camisa e ele vira o corpo, ficando de frente para mim.

Sem encará-lo, começo a abotoar a camisa para ele. Sinto seu olhar intenso sobre mim, mas o evito, não sei o que dizer sobre esse hematoma, sobre tudo o que fez para me salvar.

— Será que podemos ter um momento romântico aqui? — Toca o meu queixo e me faz erguer a cabeça para olhar nos seus olhos bonitos. — Ou você vai ficar emburrada assim?

Paro de abotoar a sua camisa e o abraço, sentindo uma emoção forte tomar o meu peito. Felipe, mesmo sentindo dor, me abraça de volta e beija os



meus cabelos.

— Se for chorar, pode parar. Só quero o nosso momento romântico.

Sorrio, me afastando.

— Eu te amo, Felipe. Você me salvou do mais profundo inferno em que eu vivia.

— Pretty face, diga de novo.

Ele está maravilhado, com os olhos fixos em mim. Mordo o lábio, mal contendo o sorriso e as lágrimas de felicidade.

— Eu te amo.

— É delicioso ouvir isso, sabia? Vou gravar você falando.

A felicidade é tanta, que chega a ser assustadora. Nunca senti nada tão bom, nada que se compare a quando estou com ele. Eu nunca fui realmente feliz, tive uma infância regada a abusos, uma adolescência cheia de medos e pensamentos suicidas e a vida adulta foi aterrorizante. Até ele chegar.

— Eu te amo, pretty face. — Beija a minha testa quando acabo de abotoar a sua camisa. — E vou te proteger com tudo o que sou e tenho.

— Não duvido disso.

Entrego a gravata para ele e o vejo seguir de volta para o banheiro e parar diante do espelho. Com maestria, ele dá o nó e a ajusta perfeitamente. Pego o colete e espero que venha até mim para ajudá-lo a vestir.

— Não sei porque algo tão arrumado para ir para casa. — Dou de ombros enquanto arrumo o colete.

— Mas não vou para casa. Preciso passar na SQUAD antes.

Horrorizada com as suas palavras, o encaro e cruzo os braços.

— Vou dizer ao médico que te prenda neste hospital.

— Eu fujo! — rebate, sorrindo. — Pretty face, é somente uma passadinha. Eu juro. Depois poderemos ir para casa.

— Mesmo?

— Mesmo.

Assim que ele veste o blazer, o médico entra na sala e abre um sorriso.

— Que bom vê-lo animado.

— Obrigado. Estou liberado?

— Sim, apenas mantenha o repouso que falei.

Felipe assente e eu sorrio em agradecimento, pegando a minha bolsa.

— Vou resolver as contas agora.

— Seu irmão resolveu mais cedo. — O médico olha um papel na mão. —  
Benjamim Monteiro.

— Mas que puto — xinga. — Obrigado, doutor.

Sorrio ao ver a expressão do Felipe por saber que o irmão pagou todo o

seu tratamento. Os dois se cuidam de uma forma tão bonita. Já estou até vendo a discussão que vai ser quando Felipe decidir devolver o dinheiro.

## FELIPE

No carro, ao lado da minha Vanessa, seguimos para a SQUAD, depois da minha alta. Preciso falar com o meu irmão sobre ele ter pago o meu tratamento e os exames no hospital e sobre a surpresa para a minha pretty face.

Olho para Vanessa e ela está concentrada na cidade passando lá fora. Seus cabelos castanhos e bonitos caem em ondas lindas nos seus ombros e eu sinto uma vontade enorme de tê-la. Mas estou proibido até de foder por enquanto, é foda.

Quando Gabriel estaciona o carro na garagem da empresa, desço e seguro a mão de Vanessa para que desça também. Faço o aceno para Gabriel e ele retribui, enquanto sigo com ela para o elevador.

— Não vai se estressar com trabalho, não é? Me prometa que não vai.

— Não vou. — Sorrio e dou um passo para frente. — Apenas quero falar com Benjamim e com Celso.

Inclino a cabeça e beijo os seus lábios, levando as mãos ao seu rosto. Ela se entrega ao beijo e toca os meus braços de maneira delicada. Preciso parar isso antes que eu fique duro.

Assim que o elevador para, encerro o beijo e sorrio, segurando a sua mão para sairmos juntos. Sinto um incômodo no local da pancada, mas continuo andando, apenas reduzo o passo.

— Está bem?

— Sim, tudo bem. — Sorrio. — Vamos.

Ao chegarmos à mesa da minha cunhadinha, a vemos sem ninguém. Decido seguir para a sala do meu irmão e bato antes de entrar. Lara está ao lado do esposo, ambos concentrados em algo na tela do computador.

— Não acredito. — Lara sorri.

— Mas o que porra você pensa que está fazendo aqui, Felipe?

— Que bom saber que está feliz em me ver, Ben. — Pisco para ele. — Minha putinha nervosa.

— Vanessa, você foi conivente com isso?

— Ele me prometeu que viria somente falar com vocês e iríamos para casa.

— Não tenta mudar o assunto não, Ben... vamos conversar sobre essa

conta do hospital.

— Que conta? — se faz.

— É sério, você não...

— Eu paguei porque cuido de você, seu porra do caralho. — Fica de pé e vem até mim. — Disse que cobriria você e falhei, foi a minha forma de me redimir.

— Benjamim, eu não quero que se redima por nada. Sou seu irmão, porra.

— Por isso mesmo.

Estreito o olhar para ele e vejo Lara sorrir, guiando Vanessa para fora da sala. Nossa conversa vai demorar um pouco, acho que Lara já sabe de tudo.

— Já entendi a sua palhaçada, sente e diga como quer a surpresa dela.

Abro um sorriso, esse puto me conhece bem; mas não engoli essa história de pagar a minha conta do hospital. Sento-me na cadeira que ele indicou e cruzo os braços, encarando o meu irmão.

— Lara já sabe?

— Claro. A única coisa que escondi dessa atrevida foi a merda toda que eu vivi.

Balanço a cabeça e abro um sorriso. Da Larinha não se esconde nada mesmo.

— Ótimo — hesito. — O que acha que devo fazer para ela?

— Ah, porra. — Senta na sua cadeira e abre um sorriso apaixonado. — Lara ama flores, vai ver Vanessa também.

— Tulipas vermelhas. — Sorrio.

— As favoritas da nossa mãe?

— Sim. É um símbolo nosso... aproveitei para lembrar dela também.

Benjamim balança a cabeça e se recosta na sua cadeira, pensando.

— Antes da viagem, presenteia ela... sei lá, puto. Não entendo muito dessas coisas. — Passa as mãos nos cabelos. — Só entendo de comer Lara bem gostoso.

— Mentiroso. — Estreito o olhar para ele, que sorri. — Vive mimando a Larinha, pensa que não vejo.

— Puto, você tem que ir pelo que ela gosta... se quer fazer uma surpresa, pense no que acha que ela vai gostar de ver e receber. Sem medo.

— Obrigado, Ben. Estou nervoso.

— Agora vá para casa e descanse, a casa da praia vai estar limpa e muito bem abastecida e cuidada, como sempre, quando quiser ir.

Fico de pé e ele contorna a sua mesa para me abraçar. Com cuidado para não magoar o meu hematoma, retribuo o seu abraço. Por fim, sigo até a porta da

sala e a abro para sair.

Dou de cara com Lara e Vanessa conversando, ambas com um sorriso no rosto. Sorrio também, feliz por saber que elas estão se dando bem.

— Perdoem atrapalhar o assunto. — Me coloco na conversa. — Vamos, pretty face?

— Vamos.

— Se cuide, Felipe, mantenha o repouso para que possa voltar a trabalhar.

— Irei, cunhadinha. — A abraço. — Não esqueça de levar a pequenina para me ver.

— Claro.

Olho para Vanessa e ela vem para perto de mim. Seguro a sua mão, pensando no que Benjamim me disse sobre a surpresa e, porra, ela vai amar. Quero aquela casa repleta de tulipas.

— Venha mais vezes, Vanessa. É ótimo conversar com você.

— Virei. — Ela sorri, maravilhada.

Seguimos juntos de volta para o elevador e ao entrarmos, Vanessa fica me olhando. Ah, porra, preciso transar com a minha Vanessa, isso está me matando aqui.

— Pretty face, eu não posso ser tentado dessa maneira... por favor, não me atice.

Ela abre um sorriso e nega com a cabeça, desviando o olhar, com o rosto meio avermelhado. Ah, essa capacidade de ficar tímida que ela tem... vou ficar louco antes de me curar para foder bem gostoso.

— Está corada?

Sorrio e chego mais perto.

— Pare, vai piorar. — Ela solta uma risadinha.

Estou adorando vê-la sorrir assim, despreocupada. Toco o seu rosto para que me olhe e ela o faz, com os lábios comprimidos um contra o outro.

— Mal posso esperar para ver você corada assim quando estivermos na cama.

Inclino a cabeça e beijo o seu pescoço, ouvindo-a soltar um suspiro. Penso enquanto estivermos na casa, aproveitando cada canto dela. Vou fazer Vanessa minha, cada pedacinho, cada recanto do seu corpo delicioso, vou conquistar cada lugar no seu coração. Estou disposto a qualquer coisa para fazer Vanessa deixar o trauma enterrado junto com o maldito.

# Capítulo 45



.. ALGUNS DIAS DEPOIS ..

VANESSA

Penteio os meus cabelos e observo Felipe andar de um lado para o outro, se preparando para ir à SQUAD. Penso no meu padrasto e somente a lembrança me faz estremecer, ainda não acredito que ele está mesmo morto.

— Que carinha é essa, pretty face?

— Não é nada. — Sorrio. — Apenas pensando.

— Sobre a nossa viagem?

Não sei o que fazer, Felipe tem que viajar à negócios e quer me levar, disse que a cidade é linda e temos que conhecer. Não sei o que dizer a ele sobre isso, confesso que o convite me deixou surpresa.

Ele voltou a trabalhar ontem e eu ainda fico preocupada sobre a contusão. Estou praticamente morando no seu apartamento desde que voltamos do hospital.

— Então? — Arruma a gravata diante do espelho. — O que decidiu?

— Eu não sei. — Dou de ombros. — Nunca fiz algo assim; não vou atrapalhar os seus negócios?

— Claro que não.

Ele abre um sorriso e me olha através do espelho. Como posso dizer não a isso?

— Tudo bem... vamos.

— Vamos mesmo? — Seu olhar se ilumina e ele vira o corpo para mim.  
— Pensei que não fosse aceitar.

Felipe me puxa para ele pela cintura e beija os meus lábios de maneira delicada. Sinto o meu corpo esquentar ao seu toque e sinto vontade de fazer sexo com ele. É tão estranho para mim querer isso, mas Felipe sempre me faz ficar à vontade para sentir, para amar e me entregar.

— Vai se atrasar — murmuro depois de afastarmos os nossos lábios.

— Antes de ir, quero te dar um presente.

— Presente?

— Para a viagem.

A cara de menino que está aprontando é nítida. Não sei do que se trata, mas tenho certeza de que vai me surpreender.

— Como sabia que eu iria aceitar?

— Eu não sabia. — Ele se afasta para entrar no closet. — Espero que goste, comprei ontem quando voltava da SQUAD.

Fico em silêncio, esperando. Felipe volta com uma sacola nas mãos, pelo jeito e pelo aroma adocicado, deve ser alguma roupa.

— Abra e me diga se gosta.

— Felipe...

— Vanessa. — Pisca para mim e sorri.

Sabendo que não tenho saída, sento-me na cama e abro o pacote com cuidado. Abismada, retiro o fino robe preto de dentro da embalagem. Isso deve ter custado uma fortuna.

— Felipe, havíamos combinado que não iria gastar comigo. Não quero o seu dinheiro.

— Eu sei que não quer o meu dinheiro, mas quis presentear você. Vamos viajar juntos.

— Você não tem jeito. Isso deve ter sido muito caro.

— Você merece, não pense em valor. Eu quis dar a você. — Beija o meu rosto. — Prove, arrume as suas coisas, viajaremos amanhã.

— Vamos ficar em algum hotel?

— Não, Benjamim tem uma casa lá... ficaremos nela. Agora realmente preciso ir, mais tarde combinaremos.

Quando Felipe deixa o quarto, volto a olhar para o fino tecido preto transparente. Não vou nem arriscar a chutar um valor. Fico de pé e resolvo prová-lo diante do espelho. Ao ver o resultado, mesmo por cima da roupa, fico perplexa com a minha imagem refletida.

— É lindo — murmuro.

Felipe tem um bom gosto indiscutível, não tenho palavras para dizer o quanto gostei. Mas ainda assim acho que ele não deveria ficar gastando comigo.

Por fim, decido guardá-lo de volta e ir arrumar as minhas coisas. O

cheiro amadeirado do Felipe está no ar, o que faz parecer que ele ainda está aqui. Meu coração se alegra somente em pensar nele, eu o amo tanto.

Penso nessa viagem e me sinto insegura, tem essa casa do Benjamim e, com certeza, vamos transar. Fecho os olhos e sinto um misto de sensações em meu peito, medo, vontade de estar com ele e insegurança. Pego o celular e procuro o número de Sheila, ela precisa me ajudar.

— *Nessa?* — resmunga. — *Por que me liga ainda de madrugada?*

Sorrio, sabendo que trabalhou a noite toda.

— Perdão, minha amiga... mas é importante.

— *O que há? Você está bem? É com Felipe?*

— Felipe me chamou para viajarmos juntos... só nós dois.

— *Só vocês dois?* — faz espanto. — *Hum, isso está mesmo ficando sério.*

*E você? Aceitou?*

— Sim, aceitei.

— *E qual é o problema?*

— O problema é a minha insegurança, Sheila. — Solto um suspiro. — Eu não sei o que fazer quando estamos prestes a transar, fico como boba. Ele sempre me guia e é perfeito, paciente... mas preciso da sua ajuda.

— *Que felicidade eu sinto ouvindo isso, Nessa...* — Parece se ajustar na cama. — *Estou aqui com Henrique, vou somente tomar um banho e chego aí.*

— Dormiu com Henry?

Sheila solta uma risadinha sacana, típica dela.

— *Dormir não foi bem o que fizemos, mas não se preocupe... eu chego aí, te ajudo e depois conto tudo.*

— Estou no apartamento dele.

— *Ok. Até mais.*

Assim que encerro a ligação, saio do quarto para esperar por ela. Aproveito para arrumar algumas coisas para a viagem, já que trouxe o básico para o apartamento dele.

Em algum tempo, ouço o interfone tocar e permito a subida da minha amiga. Fico esperando na sala e assim que ouço a campainha, corro para abrir a porta. Ao me ver, Sheila me abraça forte e eu retribuo.

— Ah, Nessa... Como você está?

— Estou bem. — Sorrio, dando passagem para que entre. — E você?

— Cansadinha, mas bem. — Olha em volta e se cala por alguns instantes.

— Uau, que lindo.

— Senta. Quer alguma coisa?

— Não.

Quando nos acomodamos no sofá, ela sorri para mim e pega as minhas

mãos.

— Me conte, o que quer saber?

— Quero saber o que fazer para... você sabe... tomar a iniciativa e surpreendê-lo.

O sorriso de Sheila alarga e ela solta as minhas mãos. Nunca falei sobre sexo com ninguém, para mim, era algo abominável, eu jamais me imaginei querendo isso. O que a palavra sexo representa é muito forte.

— Há muitas maneiras de se fazer isso, mas como você ainda está começando e está cheia de dúvidas quanto a você mesma e ao seu trauma, não vamos forçar. — Sheila está calma, parece que estamos falando sobre algo totalmente normal. — Você pode provocá-lo com beijinhos no pescoço, mordidinhas na orelha... pode trabalhar olhares, uma leve lambida nos lábios...

— Não sei se vou conseguir.

— Isso não é um problema, Felipe não vai ficar bravo porque você nunca tomou uma iniciativa. Apenas vá no seu tempo.

— Estou nervosa com essa viagem.

— Apenas relaxe e se deixe levar, você e Felipe são um casal lindo.

Apenas balanço a cabeça e sorrio, Felipe sempre me entendeu e me apoiou... não há problema se eu não conseguir. Estamos juntos nisso e quero crescer com ele, quero que o meu trauma seja algo distante.

## FELIPE

Saio do elevador acompanhado por Gabriel. Arrumo o meu paletó e passo as mãos nos cabelos, caminhando na direção da Lara. Sorrio para ela, que fica de pé para me receber.

— Estou sendo recebido de pé, vou começar a ficar me achando.

— Pare de graça. — Ela ri. — Benjamim está esperando por você, quer saber os últimos detalhes para a surpresa da Vanessa.

— Confesso que estou nervoso.

— Vai ser lindo, relaxe. Vocês vão se divertir e esquecer um pouco das coisas que aconteceram.

— É o que mais quero, Vanessa já sofreu demais. — Beijo o topo da sua cabeça. — Obrigado.

Entro na sala e vejo o meu irmão junto com o Celso, Anderson e João.

— Fodeu. — Fecho a porta atrás de mim e todos riem. — Os putos vieram me perturbar.



— Oi, putinha mais nova. — Anderson sorri. — Como está? Ainda sente dor na cabeça? Ou somente nos ovos por falta de molhar o biscoito?

— Puta merda. — Celso ri.

— Foco no assunto, seus porras! A segurança do Felipe e da Vanessa.

— É verdade — Celso diz. — Não podemos arriscar a segurança dos dois, o filho da puta morreu, mas era ajudado por peixes grandes.

— Exatamente — João se pronuncia. — Aconselho a você levar, além do Gabriel, a escolta de motos e de carro. Eles usarão a casa vizinha como base.

— Isso, Lipitcho.

— Claro. Não vou arriscar Vanessa, faremos o que for necessário, não sabemos se quem ajudava aquele homem pode atacar.

— Se algo acontecer, eu chegarei lá em um pulo — Benjamim garante. — Eu cubro você.

— Obrigado.

— Agora vamos falar de coisas boas. — Anderson pisca para mim. — Ben estava falando sobre os planos. Vanessinha vai amar.

— Além de puta nervosa, agora é fofoqueiro, Ben?

— Fofoqueiro é o caralho! Precisava da ajuda desses putos! Onde acha que eu iria achar tulipas para decorar a casa?

— Anderson é o rei dos contatos com floriculturas. — Celso sorri, cruzando os braços.

— Meu passado de devasso — explica, todo orgulhoso. — Agora é tudo para a minha loira e para o meu putinho.

— Obrigado, putas nervosas. Minha pretty face vai adorar tudo, eu espero.

— O último puto foi laçado, temos que fazer uma cerimônia. — Benjamim também sorri.

— Vocês não valem nada. — Nego com a cabeça. — Agora vou trabalhar, amanhã viajo com a minha pretty face.

— Lipe apaixonado. — Ouço Anderson dizer antes que eu possa fechar a porta.

Nego com a cabeça e decido seguir para a minha sala e me afundar no trabalho. Não vejo a hora de chegar na casa e mostrar a ela a surpresa. Estou louco para ouvir o seu gemido, somente a lembrança me deixa duro.

O dia é bastante agitado, cheio de protocolos, relatórios e trâmites para adesão de uma nova empresa. A SQUAD continua implacável, dominando o mercado. Benjamim xinga vários caralhos e Lara, como sempre, o acalma. Com as minhas putas, o dia sempre é mais divertido.

\*\*\*

— Pretty face? — Entro no meu apartamento.

O lugar está silencioso; deixo o pacote com comida sobre a mesa da sala e decido seguir para o quarto, onde vejo a luz acesa. Penso nela e, se algo aconteceu, nunca me perdoarei. Pego a arma no cós da calça e a empunho.

— Vanessa?!

E se ela tentou o suicídio novamente? Deus do céu, não quero nem pensar nisso.

— Pretty face!

— Estou aqui. — A voz suave me acalma.

Guardo a pistola de volta, entro no quarto e a vejo sentada em uma poltrona, lendo. Ao me ver, Vanessa sorri e um alívio sem tamanho toma o meu peito. Caminho até ela e, quando fica de pé, a puxo para um beijo. Fiquei seriamente preocupado agora; nunca mais a deixarei sem um segurança.

— Suas coisas estão prontas?

— Sim. — Deita a cabeça no meu ombro. — Fui ao meu apartamento à tarde e arrumei a mala.

— Isso é bom. — Sorrio. — Senti saudades... esses dias exclusivamente com você me deixaram mal-acostumado.

— Não deixaram nada.

— Vamos jantar? Trouxe comida.

— Sério? Por que não me avisou? — Faz bico. — Preparei uma torta salgada.

— Comeremos tudo, não se preocupe.

Toda linda, Vanessa segue na minha frente para podermos jantar. Ela me pergunta sobre o dia de trabalho e eu conto tudo. É estranho como estar com ela me faz sentir à vontade para dizer as frustrações do dia, as incertezas... Vanessa tem esse olhar doce que me faz ficar completamente envolvido.

— Falou com os seus tios sobre a nossa viagem?

— Sim. — Bebe um gole do suco. — Durante o dia.

— E eles? O que acharam?

— Me mandaram aproveitar. — Dá de ombros. — Sempre foram a favor da minha felicidade.

— E você está feliz?

Um breve momento de hesitação surge, seguido por uma troca de olhares. Não sei o que isso significou, mas senti algo forte no meu peito.

— Sim, estou. — Desvia o olhar. — Você sabe que ainda não estou muito familiarizada com esse sentimento, essa felicidade toda... ainda é novo, estranho.

— Isso é muito bom. — Seguro a sua mão por sobre a mesa. — Logo vai

se sentir bem com ela.

Vanessa retribui o aperto e eu trago a sua mão aos meus lábios. Assim que voltamos a comer, ela lança um olhar que tira o meu fôlego, estou embasbacado. Mesmo não querendo usar o seu poder da sedução, Vanessa consegue fazê-lo sem qualquer esforço.

Quero me segurar até estarmos na casa, amanhã. Está difícil pra caralho, mas eu vou fazer isso. Preciso ver a carinha de surpresa dela quando descobrir que não é uma viagem de negócios, quando ver que fiz tudo para ela. Vai querer me matar primeiro.

— Vai me deixar muito tempo sozinha na casa?

— Não — hesito, quase contando que não a deixaria momento nenhum.

Porra. — Prometo não demorar nas reuniões.

— Não quero que se apresse por mim, apenas...

— Relaxe, pretty face. — Pisco para ela. — Vai ser bom para nós.

Vanessa apenas balança a cabeça e volta a comer. Trato de fazer o mesmo, tentando tirar o foco do meu pau latejando aqui dentro da calça. Esperei todos esses dias, posso esperar para ver um sorriso gigante no rosto dela.

# Capítulo 46



"Observando, continuo esperando  
Ainda ansiando por amor  
Nunca hesitando  
Em tornar-nos predestinados a amar  
Virando-se e voltando  
Para algum lugar secreto onde se esconder  
Observando em câmera lenta  
Enquanto você se vira para mim e diz  
Meu amor, tire o meu fôlego"  
**Take my breath away – Berlin**

## VANESSA

Entro no carro e Felipe fica fora, conversando com Gabriel sobre a segurança. Mando uma mensagem para Sheila, uma para Henrique e outra para os meus tios avisando que estou saindo. Quando entra no carro, ele abre um sorriso para mim e liga o motor.

— Vamos? — Coloca os óculos escuros.

— Sim, vamos.

Assim que saímos do edifício, Felipe coloca uma música para tocar e me entrega o seu celular. Olho para ele sem entender muito bem e noto o seu sorriso torto estampado no rosto. Está tão bonito com esses óculos escuros, a barba por fazer e a expressão séria.

— Escolha alguma música para ouvirmos, pretty face.

— Tudo bem.

Entro na sua playlist pessoal e sorrio comigo mesma, há uma enorme seleção de músicas aqui. Passeando por entre nomes famosos, vejo a música Take my breath away – Berlin. A seleciono e, imediatamente, a música começa a ressoar pelo carro.

— Não sabia que gostava.

— É uma boa música... gosto do filme em que ela é tema, Top Gun.

— Combina com nós dois. — Ele sorri. — Você não acha?

— Nunca havia parado para pensar nisso.

Felipe canta a música e isso me deixa hipnotizada. Sua voz rouca e grave parece ter sido programada para isso, ele canta bem. Não é um profissional, mas é gostoso de ouvir.

— Gostando do meu show?

— Sim — confesso, desviando o olhar para a estrada. — Você canta bem.

— Canto, é?

— Sim, falo sério.

Felipe não responde, apenas nega com a cabeça, sorrindo. Volto a observá-lo, todo concentrado no trânsito Felipe fica ainda mais bonito. Decido parar de babar nele e olhar para a rua; de repente, sinto a sua mão na minha coxa e um calor me toma.

— Está incomodada com isso? — sua pergunta é séria.

— N-Não. — Me remexo, sentindo o calor se intensificar. — Está tudo bem.

Seu dedo polegar faz uma carícia quente na minha pele, ele o mexe em círculos. A carícia parece espalhar fogo pelo meu corpo, não sei o que há comigo, mas não quero que pare.

A música continua tocando, dizendo muito mais do que qualquer palavra que nós dois pudéssemos trocar. Então respiro fundo, tomando coragem, e seguro a sua mão que está na minha coxa. Felipe me olha rapidamente e sorri.

Quando a música chega ao fim, volto a pegar o celular para escolher algo. Felipe é muito eclético, ouve de tudo, e eu gosto disso.

— Gosta da minha playlist?

— É muito boa — digo, concentrada.

— Escolha outra.

Assim, nesse clima mais descontraído, a longa viagem aparenta curta e, além disso, divertida. Felipe me conta das suas coisas de criança com Benjamim, das brincadeiras e de como o irmão entrou numa briga por causa dele. Quando me dou conta, ele para o carro diante de uma casa linda.

— Gabriel vai fazer o procedimento de segurança antes de podermos entrar, ok? Não se espante.

— Tudo bem. — Passo as mãos nos cabelos, arrumando-os. — Felipe, eu tenho uma dúvida.

— Diga.

— Quem vai fazer negócios com a SQUAD em uma zona de praia? — Cruzo os braços e o vejo abrir um sorriso torto.

— Boa pergunta, pretty face. — Pisca para mim. — Logo iremos descobrir.

Felipe abre as janelas do carro e eu fecho os olhos quando a brisa fria do mar alcança o meu rosto. Respiro fundo e sorrio, sentindo-me estranhamente bem.

De repente, o portão da garagem é aberto por Gabriel e Felipe coloca o carro para dentro. Não contenho a reação de espanto quando vejo os jardins da casa. Todo o verde se mistura às cores das diversas rosas plantadas ali; alguém sempre cuida daqui.

Saio do carro e olho em volta, ainda admirada. Olho para a enorme construção de madeira e vidro e não sei o que dizer.

— Vamos entrar? — Bate a mala do carro e faz um sinal para Gabriel.

— Sim.

— Você gostou?

— Muito. — Dou de ombros. — O jardim é lindo.

— Vai gostar ainda mais da vista que temos para o mar, lá de cima.

Puxando as malas, Felipe segue na minha frente. O acompanho e fico ainda mais impressionada quando entro na casa. Os móveis em madeira deixam tudo mais rústico e acolhedor. Uma lareira em um canto da sala tem uma estante com livros perto e duas poltronas para leitura.

Continuamos seguindo e eu avisto a cozinha impecável e espaçosa, mas não tenho tempo para olhá-la. Felipe começa a subir as escadas e eu continuo o seguindo. Quando as escadas terminam, estamos em um amplo corredor com três quartos.

— Aqui é o nosso quarto. — Abre a última porta do corredor. — Venha.

Entro no quarto e sorrio ao ver um vaso com tulipas vermelhas na mesa da sacada. A cama de casal está forrada com uma colcha branca, impecável. No ar, um aroma delicioso, que me traz à mente flores do campo.

Viro-me e caminho até a porta de vidro para ir até a varanda. Vejo Felipe acomodando as malas em um canto e volto o meu olhar para o espetáculo diante de mim. A vista para o mar é de tirar o fôlego.

Sinto um toque nos meus ombros, seguidos de um beijo na minha cabeça.

Fecho os olhos e sinto alívio por estar livre, por finalmente poder me entregar a Felipe. Sei que nunca me livrarei da escuridão que carrego comigo, mas ele é o bem que veio para me curar. Ele vai me ajudar a mantê-la guardada.

— Não disse que iria gostar?

— É perfeito. — Viro-me para ele e envolvo o seu pescoço com os braços, aproximando os nossos rostos. — Daqui a pouco quero dar uma caminhada pela praia, você me acompanha?

— Claro. — Beija os meus lábios. — Mas primeiro, vamos comer alguma coisa, estou morrendo de fome.

— Tudo bem.

## FELIPE

Desço as escadas segurando a mão dela, sentindo meu coração quase sair de mim. Porra, que nervoso. Sigo na frente e vejo que deu tempo de preparar tudo enquanto estávamos lá em cima. Sorrio comigo mesmo e espero que ela veja a sala.

— Mas o que... — Ela para de andar ao final da escada. — O que... Felipe?

— Surpresa, pretty face. — Sorrio. — Gostou?

— Eu... isso não estava aqui.

Dou risada e a vejo caminhar na direção das pétalas no chão, há tulipas vermelhas em todos os cantos da sala. As pétalas que enfeitam o chão fazem um caminho até o lado de fora. Ando com ela, apenas observando a sua expressão surpresa.

Ao chegarmos do lado de fora, o caminho continua, contornando a casa, até chegar na piscina. Na mesa à beira da piscina, há uma única tulipa vermelha, um bom vinho e duas taças.

— Ainda não acredito que preparou isso tudo para mim, Felipe... não tem reunião nenhuma, não é?

— Não. — Sorrio, estendendo a mão para ela. — Venha.

Vanessa segura a minha mão com força e sorri também, relaxando. Pego a tulipa que está em cima da mesa e a entrego.

— Para que não se esqueça.

— Eu tenho todas elas.

— Todas? — estou perplexo.

— Todas.

— Agora estou lisonjeado e dessa vez não é uma brincadeira... eu poderia ter sabido disso antes.

— Nem iria contar. — Ela sorri.

— Que malvada. — Pigarreio. — Você... gostou? Digo, da surpresa?

— Sim, é claro que gostei! — Olha ao redor novamente, encantada. — Nunca recebi nada assim... até mesmo as tulipas tão simples que você me dava, eu as amava.

— Você merece cada sorriso que está dando, pretty face, merece cada pontada de felicidade que o seu coração sentir. Está me ouvindo? — Lhe roubo um beijo. — Agora vamos dar a volta na praia e aproveitar o dia.

— Uhum. — Funga.

— Vou somente colocar algo menos formal.

— Tudo bem.

Sentindo o meu coração acelerado por tê-la feito feliz, entro na casa e aceno para Gabriel. Ele vai protegê-la enquanto eu não estiver.

\*\*\*

Volto para a piscina e não vendo Vanessa onde a deixei, sigo até Gabriel. Enquanto caminho, olho ao redor, procurando por ela.

— Onde ela está?

— Ali, Lipitcho. — Faz um gesto com a cabeça. — Disse que queria ficar um pouco sozinha.

Olho para o lugar que ele apontou e vejo Vanessa sentada na areia da praia. Os seus cabelos castanhos estão balançando com o vento. Volto a olhar para o chefe da minha segurança, tentando entender.

— Será que devo ir lá?

— Não sou conselheiro não, mas você que conhece a Vanessinha melhor do que qualquer um aqui, deve saber. — Pigarreia. — Assim que você entrou, ela olhou mais um pouquinho as pétalas e começou a chorar.

Olho para Vanessa novamente e resolvo ir até ela. Sento-me ao seu lado e fico em silêncio, apenas olhando na direção do mar, como ela. As ondas quebram e a água corre até os nossos pés.

— Você está bem? — tomo coragem.

Ela não responde, apenas encosta a cabeça no meu ombro e isso faz com que eu a envolva com o meu braço, a puxando mais para mim. Ficamos em silêncio por mais algum tempo e eu a ouço suspirar.

— Desculpe por ter arruinado o nosso momento feliz — murmura. — Não sei o que me deu, só senti vontade de chorar... mas não é de tristeza.



— Não se preocupe, pretty face. Ainda vamos dar a nossa volta?

— Se você quiser, sim. — Ela abre um leve sorriso.

Fico de pé, estendendo a mão para ela e olho rapidamente para Gabriel. Faço um sinal para ele, que assente. Vanessa segura a minha mão e fica de pé, limpando a areia do vestido.

Caminhamos de mãos dadas, sentindo a água do mar batendo nos nossos pés. A praia praticamente deserta nos permite ficar mais à vontade. Vanessa está sempre atenta a tudo o que conto sobre quando vim para cá com Benjamim quando éramos mais crianças.

Assim que voltamos para a casa, dou a ordem para que Gabriel trave a porta que dá para a areia da praia. Não quero imprevistos. Sigo com Vanessa para a mesa que ainda nos aguarda com o vinho.

— Servida? — Pego a garrafa.

— Por favor.

Ela pega de volta a tulipa e brinca com ela. Faço todo o processo de abertura da garrafa e sirvo uma taça para Vanessa, que sorri em agradecimento. Sirvo a minha taça e sento na cadeira, ficando de frente para ela.

Penso na outra surpresa que comprei e chego a sentir tesão somente em imaginar. Será que ela vai gostar? Será que vai querer usar?

Já imagino o seu corpo delicioso sobre a cama, ela usando a porra do presente, seus gemidos... assopro, querendo dissipar o pensamento obsceno. Ah, caralho! Ela está me olhando com essa carinha de quem não está entendendo... as minhas taras me matam.

— O que foi? — Vanessa franze o cenho. — Está suando.

— Apenas calor, pretty face... inventamos de ir caminhar e, agora, de tomar vinho.

— Sim, o dia está quente. Acho que vou para a piscina.

Fodeu.

— Pode ir colocar um biquíni. — Sorrio antes de beber um longo gole da taça. — Esperarei por você aqui.

— Não vai mergulhar comigo?

Não quero assustar você com o meu pau sendo marcado na sunga, pretty face.

— Agora não. — Passo as mãos nos cabelos e suspiro. — Vou terminar a minha taça primeiro.

— Tudo bem.

Vanessa entra na casa e eu fecho os olhos, respirando fundo. Preciso me conter um pouco mais, quero que seja inesquecível.

# Capítulo 47



VANESSA

Assim que volto para a área da piscina, usando um maiô branco, sorrio para Felipe. Ele fica parado, me olhando como um bobo. Chego até a ficar um pouco sem graça, não sou acostumada com essas coisas. Coloco a toalha na cadeira em que estava sentada e sento-me à beira da piscina.

O sol esquentava a minha pele e eu respirei fundo, apreciando a incrível sensação de liberdade que estou tendo. Mexo os pés dentro da água e sinto frio; ah, que delícia de lugar, não quero mais ir embora.

— Pretty face.

Olho por sobre o ombro e sorrio em resposta.

— Hum?

— Quero ver as suas habilidades como nadadora.

Penso no que Sheila me disse, as dicas sobre como tomar a iniciativa. Ah, merda! Estou tão nervosa! Ele fez uma surpresa tão linda para mim, gostaria de surpreendê-lo também.

— Tudo bem.

Fico de pé no deque e caminho até as escadas em mármore da piscina. Sem tirar o olhar dele, ou pelo menos tentando, desço os degraus e mergulho quando a água está em uma altura boa. Ao voltar à tona, fico séria e um pouco surpresa, vendo Felipe de pé, retirando as roupas.

Assim que está somente de cueca, Felipe pula na piscina e eu fico parada, vendo-o nadar até mim. Quando ele emerge, frente a frente comigo, passa as mãos nos cabelos, retirando o excesso de água e me olha.

Seguindo as orientações da minha amiga, chego ainda mais perto e deixo

leves beijos no pescoço dele. Sinto as suas mãos agarrando a minha cintura e fecho os olhos. Subo pela sua barba e paro muito perto da sua boca.

— Isso me surpreendeu.

— Não gostou? — me preocupo. — Eu fiz errado?

— Claro que gostei. — Ele sorri. — Você tem lábios deliciosos, não vejo a hora de tê-la me chupando.

As palavras dele me fazem sorrir, sentindo o meu corpo e rosto arderem. Felipe me beija e cola o seu corpo molhado ainda mais no meu. Seu gemido de satisfação me faz gemer também, ao sentir seu membro roçando em mim.

Felipe começa, devagar, a deslizar as mãos pela minha cintura, descendo para as minhas coxas e bumbum. Solto um som espantado quando ele agarra a minha bunda em uma pegada forte, mas não chega a ser assustadora. Gostei disso.

Abro um leve sorriso para ele saber que está tudo bem e envolvo o seu pescoço com os braços para beijá-lo outra vez. Eu amo estar no abraço dele, amo os seus beijos carinhosos, amo a paciência que tem comigo... o amo inteiro.

Felipe me faz encostar na parede da piscina e para o beijo para me olhar fixamente nos olhos. Os seus cabelos molhados caem para o lado, imitando o movimento da sua cabeça. Sua mão grande acaricia o meu rosto e a outra se mantém firme no meu bumbum.

— Vamos para a cama, tenho uma surpresa... quero saber se vai topá-la.

— Outra surpresa?

— Sim. — Abre o sorriso sacana que tem. — Outra surpresa.

Saímos juntos da piscina e ele fica se exibindo pelo deque; passa as mãos no peito molhado, depois nos cabelos, a cueca está completamente grudada ao seu corpo. Assim que estou um pouco mais enxuta, sigo até ele e nós dois entramos na casa. Não paro de pensar nessa tal surpresa.

Subimos para o quarto e eu sorrio comigo mesma, a tarde nem chegou ainda e nós já fizemos tantas coisas. Felipe abre a porta e eu entro atrás dele, o observo ir até a sua mala e retirar uma caixa fechada de lá.

— Sente-se na cama, pretty face. Por favor.

Fico esperando que ele abra e franzo o cenho quando ele retira um pequeno equipamento rosa de lá. Espero que ele se aproxime de mim para poder me pronunciar.

— O que é isso?

— Você nunca viu um desses? — Ergue as sobrancelhas.

— Não.

— Bom. — Ele sorri, me entregando uma bolinha, que mais parece um

ovo, ela está ligada a uma pequena caixinha. — Isso é um vibrador.

— Oh, Deus. — Olho para o negócio nas minhas mãos. — Essa coisinha parece tão inofensiva.

Felipe cai na risada e eu lhe dou um tapa para que pare de rir de mim.

— Ele é inofensivo, pretty face... pelo contrário, ele vai te fazer muito bem. Se topar usá-lo.

— Mas eu não...

— Fique tranquila. — Pega o aparelho de volta das minhas mãos. — Você quer experimentar? Apenas diga se sim ou se não e eu guiarei você.

— Eu confio em você... então sim.

— Ok. — Pigarreia. — Agora preciso que retire o maiô e deite-se com as pernas abertas.

Hesitante, fico de pé e retiro lentamente o maiô. Um arrepio percorre toda a minha pele quando ele me observa inteira. Deito na cama exatamente como ele disse e fecho os olhos. Ouço Felipe rir e sinto cama mexer, depois disso, uma breve mordida é deixada na minha orelha.

— Abra os olhos, Vanessa — sussurra ao meu ouvido. — Não há o que temer. Olhe para mim.

O obedeço e o vejo sorrindo. Sinto borboletas no meu estômago de tanto nervoso.

## FELIPE

Olho para os seus lábios e sinto uma vontade imensa de senti-los no meu pau. Puta que pariu, que boca é essa?

Seguro o fio, deixando o ovinho pendurado diante do rosto dela. Vanessa nunca ter visto um desses só me anima ainda mais para fazê-la nunca esquecer.

— Abra a boca — peço e Vanessa o faz lentamente. Coloco o pequeno objeto dentro da sua boca com cuidado. — Agora chupe.

Tentação é a palavra que descreve isso. Caralho, ver Vanessa chupando esse vibrador está me matando, preciso da sua boquinha no meu pau.

Enquanto ela chupa e molha o ovinho, levo a mão à sua boceta e brinco com o seu clitóris. Ela junta as pernas, mas, com um olhar, ganho a sua confiança novamente e ela cede. Vanessa geme baixinho, ainda com o vibrador na boca, e eu sorrio para ela.

Quando sinto a sua boceta molhada, minha boca se enche de água. Retiro a mão e chupo os dedos, me deliciando antes de realmente chupá-la.

— Ótimo. — Puxo levemente o objeto e ele desliza pelos lábios dela, fazendo um estalo delicioso de ouvir ao sair da sua boca. — Agora relaxe e deixe comigo.

Deito de bruços entre as suas pernas e fico cara a cara com a boceta rosada e molhada. Giro o botão e o vibrador começa a trabalhar; deixo a velocidade baixa para não assustá-la, quero que experimente isso com calma.

Coloco o pequeno ovo sobre o seu clitóris e ela se encolhe. Ao erguer a cabeça, Vanessa me encontra sorrindo e volta à posição original. Lambo os lábios e me concentro no prazer dela, voltando a colocar o objeto sobre o seu ponto do prazer.

Um gemido escapa dos lábios dela e eu a vejo segurar os lençóis. Deslizo o vibrador pela sua boceta, lambuzando-o com o seu mel. Circulo o clitóris com ele e Vanessa geme um pouco mais alto, me surpreendendo.

— Linda, pretty face. Você é linda.

A penetro com o vibrador e a vejo morder o lábio. Ergo mais o meu corpo para ver melhor as suas reações e o seu olhar encontra o meu. Com o dedo polegar, estímulo o seu clitóris, enquanto o vibrador faz o seu trabalho dentro dela. A minha mão livre aumenta um pouco a velocidade e Vanessa geme, agarrando mais forte os lençóis.

Com o controle na mão, coloco o meu corpo sobre o seu e fico cara a cara com ela. Suas mãos desesperadas vêm para os meus braços e isso me faz sorrir. Beijo a sua boca e ela retribui com desejo, me deixando alucinado. Prolongo o beijo, sentindo que não posso mais aguentar.

— Pretty face — sussurro contra os seus lábios. — Me chupa... estou louco para ter a sua boquinha no meu pau.

Ela me encara por alguns instantes, como se perguntasse se tenho certeza do que estou fazendo. Inclino a cabeça e beijo o seu pescoço, confirmando a minha loucura por ela. Os seus dedos cravados no meu braço buscam canalizar as sensações que ela está apreciando.

Saio rapidamente da cama e retiro a cueca molhada. Meu pau já está meia-bomba e isso facilita pra caralho. Me masturbo um pouco antes de voltar a me aproximar da cama e Vanessa se senta, juntando as pernas. Ela emite um som delicioso de ouvir e eu trinco os dentes, me controlando.

— Não se apresse — mantenho o controle e tento deixá-la mais relaxada. — Apenas me diga se não conseguir fazer isso.

Permaneço de pé diante da cama e ela vem sentar-se à beira dela. O controle está na minha mão e eu aumento um pouco mais a velocidade da vibração, vendo Vanessa jogar a cabeça para trás e se remexer.

— Oh, merda — xinga baixinho.

— Tudo bem?

Afago o seu rosto e ela abre os olhos.

— Uhum...

Seguro a base do meu pau e ela entende, o pegando em seguida. Fico hipnotizado quando ela o analisa antes de trazer a língua até a cabeça. Solto um gemido, sentindo o meu pau sensível.

— Ah, que delícia, pretty face. — Toco a sua cabeça, mas não a forço. — Não pare.

Vanessa me coloca dentro da sua boca eu a auxilio, afastando os seus cabelos.

— Isso, agora deslize os lábios... sem pressa.

Ela faz como eu disse e me encanta com os lábios carnudos. Tento conter o gemido, mas é impossível. Estou finalmente saciando a minha tara de ter a boquinha deliciosa dela no meu pau. Vanessa está se saindo deliciosamente bem, o que me faz ficar ainda mais vidrado.

— Agora olhe para mim, pretty face.

Quando ela faz o que pedi, é preciso fazer um esforço sobrenatural para não deixar que o gozo venha. Preciso curtir um pouco mais essa boca gostosa. Meu pau lateja quando a vejo apertar as coxas, enlouquecendo com o vibrador.

Delícia de mulher. Se torna ainda mais por estar se descobrindo e confiando em mim para isso. Não vou decepcionar.

Estou com uma vontade filha da puta de segurar a sua cabeça e foder a sua boca. Vanessa vai ser a razão da minha loucura, essa carinha de anjo vai me matar de tesão. Ela continua me chupando e ousa um pouco, retira-me da boca e passa a língua no meu pau.

— Hum, pretty face... — Meus músculos estão retesados. — Está perfeito.

Vanessa para de me chupar quando aumento a vibração do brinquedinho e leva as mãos ao meio das pernas. A impeço de retirar o aparelho e entrelaço os meus dedos nos seus, sei que está à beira do gozo.

— Deixe que venha.

— Isso está... hum...

— Intenso? — Sorrio. — Você vai amar quando sentir o orgasmo explodir dentro de você... venha, traga as mãozinhas aqui.

Ainda segurando as suas mãos, as guio para o meu pau e ela geme, voltando a me chupar. Estou surpreso com o fato de ela voltar a cair de boca assim; será que está gostando?

— Hum... bem aí. — Gemo. — Porra, que gostoso.

A ouço choramingar com o meu pau na boca e sorrio, adorando vê-la

assim, despida do medo. Esses dias aqui vão ser deliciosos, se ela quiser, estarei aqui para ensinar e desfrutar junto com ela.

Quando sinto que estou perto demais do gozo, a faço parar gentilmente e sorrio. Vanessa, a cada segundo que passa, está mais desesperada pelo alívio. Está sendo uma delícia vê-la assim.

— F-Felipe...

— Se entregue, pretty face... deixe vir.

Curvo o corpo para frente e tomo os seus lábios em um beijo profundo delicioso. Vanessa geme na minha boca e eu mergulho os meus dedos nos cabelos da sua nuca, agarrando-os. Decido, com a mão livre, estimular o seu clitóris e Vanessa apoia a testa no meu ombro, enlouquecida.

— Goze, Vanessa.

Sorrio quando o seu corpo estremece e ela agarra os meus braços, a afasto para ver a sua carinha em meio ao gozo. Linda. Vanessa morde o lábio intensamente e os espasmos do seu corpo não param. Faço com que se deite e, lentamente, retiro o vibrador de dentro dela.

O desligo, colocando-o de lado e sorrio para ela, que ofega de maneira intensa. Gotículas de suor brotam na sua pele e eu estou tentado, bastante tentado.

— Gostou? — Mordisco a sua coxa. — Gozou lindamente.

— Sim — murmura. — Foi diferente.

Ainda sorrindo e sem quebrar o olhar com ela, subo beijando a sua barriga e expirando ali, deixando o seu sexo sensível quieto. Ao alcançar os seus seios, os apalpo devagar, sem tirar o olhar do dela.

Passo a língua no seu mamilo e ela se remexe embaixo de mim, trazendo as mãos aos meus cabelos. Depois de ter arrancado alguns suspiros e gemidos dela por dar atenção aos seus peitos, continuo subindo até alcançar o seu pescoço.

Beijo, chupo e mordisco o local um pouco abaixo da sua orelha e sinto Vanessa segurar mais forte os meus cabelos. Delícia de mulher cheirosa; me perco um pouco no aroma dos seus cabelos antes de voltar a erguer a cabeça e beijar a sua boca deliciosa.

— Vai continuar me ensinando as coisas?

— Coisas significa sexo? — Sorrio, descontraído. — Sim, até onde você quiser e puder ir.

— Nunca pensei que fosse tão gostoso. — Ela sorri, doce. — Somente a sensação de estar nos seus braços me faz relaxar em relação ao sexo.

— Ainda é tudo muito intenso em você... aos poucos o sexo vai se tornar normal. Não se preocupe, apenas me deixe guiar você.

Beijo os seus lábios outra vez e ela quem aprofunda o beijo. Meu coração dispara com isso, Vanessa está, aos poucos, se libertando do seu trauma, guardando-o junto com a sua escuridão. Eu vou lutar até onde puder e não puder para mantê-la sempre assim.



# Capítulo 48



"Nós já estivemos naquela estrada antes  
Mas agora já acabou  
[...]

Meu bem, você é tudo o que eu quero  
Quando você está aqui deitada em meus braços  
Eu acho difícil de acreditar  
Estamos no paraíso  
E o amor é tudo o que eu preciso  
E eu achei isso em seu coração  
Não é tão difícil de enxergar  
Estamos no paraíso"  
**Heaven – Bryan Adams**

## VANESSA

Felipe sussurra palavras carinhosas entre os beijos e eu adoro. Estar com ele me deixa extremamente bem, mesmo em um momento em que eu sempre pensei que seria horrível. No sexo.

Sei que ele esteve com algumas mulheres antes de mim, sua fama era de devasso, mas acredito nele. Felipe tem cuidado de mim desde o dia em que nos conhecemos; mesmo sem entender o que eu tinha, ele não desistiu.

Então eu o afastei, mas mesmo assim ele sempre aparecia com uma mensagem ou uma ligação. Confesso que pensei que ele desistiria, mas vi que não... e é por isso que eu acredito nele, por nunca ter desistido, por ser paciente.

Acredito no amor que construímos.

Me entrego ao beijo e às carícias do meu Felipe, sentindo o seu corpo quente sobre o meu. Os seus cabelos bagunçados são a minha paixão, adoro senti-los entre os meus dedos.

— Pretty face — sussurra contra o meu rosto. — Preciso me enterrar em você... não aguento mais me segurar...

— Vem. — Sorrio.

— Quero que faça algo. — Sai de cima de mim. — Acha que consegue?

— Depende.

Sento na cama e coloco os cabelos, ainda molhados, para o lado.

— Fique de joelhos, de costas para mim e mantenha as pernas afastadas.

Recebo um beijo nos lábios e, devagar, faço como ele disse. Suas mãos deslizam pela minha bunda e sobem pelas minhas costas para, com cuidado, chegarem até a minha barriga e me puxarem de encontro a ele. Sinto seu membro sendo pressionado contra mim e ouço um suspiro dele.

— Vou fodê-la assim. — Beija o meu ombro. — Segure no encosto da cama.

Obedeço e ele me faz curvar um pouco o corpo para frente. Sinto-o roçar o seu pau no meu bumbum, antes de posicioná-lo na minha entrada. Ele xinga alguma coisa e entra em mim lentamente, me fazendo gemer involuntariamente, ainda com o sexo sensível.

— Felipe — murmuro ao ouvir o seu gemido.

— Está tudo bem? — Prende os meus cabelos na sua mão, colocando-os para cima.

— Uhum. — Sinto um arrepio intenso tomar a minha pele. — Apenas continue.

Quando está inteiro dentro, sinto o seu peito tocar as minhas costas e as suas mãos vêm para os meus seios. Ele os segura de maneira firme, mas não chega a machucar.

Felipe começa a mover o quadril de maneira firme, entrando forte e saindo lentamente. A sensação que isso causa é enlouquecedora e me faz agarrar ainda mais forte o encosto da cama.

— Tão apertada, pretty face... deliciosa.

Ele desgruda o corpo do meu, mas se mantém dentro de mim. Sinto as suas mãos descendo de volta para o meu bumbum e ele o segura com firmeza. Agora, mais apoiado, Felipe começa a estocar de maneira firme, me mantendo parada com as suas mãos fortes.

A mesma queimação que senti com aquele vibrador dentro de mim me toma e eu fecho os olhos. Sinto o calor do seu corpo emanando para o meu, me

queimando junto com ele. O suor brota na nossa pele e os corpos ensandecidos em busca do orgasmo, não cessam.

Ergo o corpo e apoio as minhas costas no seu peito. Levo a mão até a sua nuca e ele me segura firme, estocando de maneira mais intensa. Entre gemidos, sussurros e suspiros, sinto o meu corpo se entregando. O corpo que antes se retesava, agora se abre para sentir coisas novas. Com ele o novo sempre vai ser bom e excitante.

Sua mão grande vem para o meu queixo e Felipe me faz virar a cabeça para beijá-lo. Os sons roucos e graves que ele emite se intensificam e eu sei que está à beira do orgasmo.

— Isso está tão gostoso... — murmuro. — Oh.

— Caralho... Vanessa, estou gozando...

Em uma estocada final, Felipe urra, tendo espasmos, e apoia a testa no meu ombro. Meu corpo estremece junto com o seu, tendo a sensação de ir ao céu e voltar novamente. Arriamos juntos na cama, lado a lado, e ficamos em silêncio, apenas ouvindo as respirações ofegantes.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, ele afaga os meus cabelos molhados e eu estou quieta. Vejo quando hesita, mas fica quieto; então olho para ele, o instigando a falar.

— Vanessa, tenho uma pergunta a fazer... seja sincera, sim?

— Tudo bem.

— Você... aceitaria morar comigo?

— Morar? — Sorrio. — Acha que estamos prontos para dar esse passo?

— Bom, eu nunca cheguei tão longe em um relacionamento... você também não. Acho que vale à pena tentarmos. — Toca o meu rosto. — O que você acha?

Penso por alguns instantes antes de responder:

— É maravilhoso.

Abrindo um sorriso largo, Felipe me beija e me abraça, voltando a aquietar em seguida. Fico quieta também, pensando na proposta que ele acabou de fazer. Nem acredito que isso está mesmo acontecendo.

Sorrio comigo mesma e me aconchego ainda mais no seu abraço quente. Recebo um beijo na testa e fico ali quietinha, não querendo que o momento acabe nunca. Uma pena que passaremos somente o fim de semana aqui, isso até parece um sonho.

FELIPE

Estamos aconchegados, curtindo um pouco um do outro, então eu sinto o sono me alcançar. Não resisto a ele, Vanessa também deve estar dormindo, está quieta.

\*\*\*

Sinto beijos pelo meu rosto e grunho, satisfeito, sentindo um cheiro delicioso de mulher que tira o meu juízo. Abro os olhos e vejo Vanessa usando somente o robe preto meio transparente que lhe dei. Babo nela usando o presente e decido sentar na cama.

— Você vai me matar de tédio — reclamo, apontando para o robe.

— Não vou nada. — Se afasta da cama sorrindo. — Espero você lá embaixo, fiz o nosso almoço.

— Ah, não acredito que perdi você desfilando seminua pela cozinha... — Penso um pouco. — Espera, Gabe não viu isso, não é? Onde ele está?!

— Não sei. — Ela sorri. — Não o vejo desde a hora em que estava na praia.

— Hum — resmungo, saindo da cama imediatamente.

Vanessa sai do quarto desfilando lindamente e eu sigo para tomar um bom banho. A água gelada me ajuda a despertar e a renovar as energias, preciso delas recarregadas para comer Vanessa em cada canto desta casa.

Assim que desço as escadas, a encontro na sala de TV, sorrindo para a tela. Me aproximo e paraliso ao ver imagens minhas e do Benjamim quando éramos crianças, estamos rindo e conversando. Nosso pai quem filmou.

Penso nele e não sinto absolutamente nada, nem vontade de ir vê-lo mais. Assim que voltei ao trabalho, depus um valor na sua conta para que a enfermeira comprasse o necessário para ele. Meu pai me decepcionou, me machucou... quase me matou por ter batido na minha mãe e eu não sabia de nada.

— Espero que não se incomode por eu estar vendo.

— Claro que não me incomoda, pretty face. Está tudo bem.

— Vamos almoçar?

— Vamos. Eu não deveria ter dormido tanto.

— Ah, mas você estava tão lindo dormindo... não queria te acordar.

Vanessa fica de pé, desliga a TV e vem até mim. Sorrio e envolvo os seus ombros com o braço, beijo do o seu rosto em seguida.

— Onde achou aquela fita cassete?

— Estava na estante de livros, juro que não fuzei nada.

Caio na risada e nego com a cabeça ao notar o tom de seriedade na sua voz. Entramos na cozinha e ela se afasta para sentar-se.

— Foi apenas uma pergunta, não se preocupe... eu não estou bravo. — Olho para as panelas cheirosas no fogão e a minha boca enche de água. — À noite, o jantar é por minha conta.

— Hum... — Ela sorri. — Estou gostando de ver isso.

— Tudo pela minha pretty face.

Seu sorriso se alarga e eu me sinto feliz por ter inventado essa viagem, está fazendo um bem indescritível a Vanessa. Só espero que não sejamos mais alvo de nada; agora que aquele miserável morreu, não posso confiar.

Sirvo um prato para mim e Vanessa serve um para ela. Sentamos frente a frente e começamos a comer em silêncio. Saboreio o prato e solto um grunhido, sem palavras para o seu talento na cozinha.

— Isso aqui está muito bom... assim vou ficar mal-acostumado.

— Obrigada.

Dou uma garfada e trago à boca, fechando os olhos para apreciar a delícia que está a sua comida.

— Pretty face, temos que pensar em como vamos fazer.

— O quê?

— Sobre o apartamento... já pensou em algo?

Ela parece surpresa com a minha pergunta, mas não diz nada sobre isso, apenas bebe um gole do suco e nega com a cabeça.

— Estava com os pensamentos distantes.

— É mesmo? — Sorrio, sabendo do que ela está falando.

— Você pensou?

— Sim e não. — Pisco para ela. — Eu só queria saber se você tem preferência em alguma coisa.

— Não. — Seu olhar me aquece. — Isso nós resolveremos juntos... eu só quero curtir um pouco esse repouso todo que estamos tendo, sim?

— Tudo bem.

Quando terminamos o almoço, me ofereço para ajudar e assim encerramos a lavagem louça mais rápido. Assim que saímos da cozinha, a puxo para uma porta embaixo da escada. Vanessa franze o cenho, mas não diz nada.

Abro a porta e sorrio ao ver que a sala continua do mesmo jeito. Há livros em todas as paredes, fotos nossas em uma mesa de centro perto das poltronas e, no meio da sala, há um piano preto. Me aproximo e sento diante dele.

— Que lugar lindo, Lipe.

Sorrio ao ouvir um apelido meus dos seus lábios. Ela nota que fiquei

bobo e sorri também.

Vanessa olha tudo, as estantes em madeira, as poltronas em um canto e depois, vem sentar-se ao meu lado. Espero que termine de admirar o piano para começar a falar.

— Minha mãe adorava tocar. — Ergo a tampa do teclado e olho para o porta-retratos com a foto dela, em cima do piano. — Bom, é o que Benjamim me conta. Ela aprendeu antes de abandonar toda a sua riqueza para ficar com o meu pai... começou a tocar em restaurantes por dinheiro, mas depois teve que parar porque engravidou... era louca para voltar a tocar.

— A história de vocês é tão bonita.

— Uma pena que não terminou tão bonita assim. — Olho para as teclas. — Manoel só pôde comprar este piano depois que ela se foi... anos depois. Eu só queria tê-la abraçado, pelo menos uma vez.

— Felipe. — Me faz olhar para ela. — Tenho certeza que, onde quer que ela esteja, está muito orgulhosa do homem que você é. Não ter ela aqui ao seu lado não significa que a perdeu... ela só está melhor do que nós.

Tento engolir o choro, mas uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. Se não fosse por Graça e por nossas tias, seríamos dois loucos sem rumo na vida. Manoel vivia para o trabalho; depois que ela morreu de desgosto, ele ficou meio obcecado.

— E o seu pai? — Enxuga o meu rosto. — Tem notícias dele?

— Não.

Ela entende que não quero falar sobre isso e não insiste. Volto a olhar para as teclas e posiciono as minhas mãos ali, arrumando a postura.

— Acho que está na hora de mostrar a você a última coisa que falta saber sobre mim. — Dou de ombros.

— Você toca? — faz espanto. — Oh, Felipe! Isso é... esse instrumento é lindo!

— Ninguém, além do meu irmão, sabe que toco... aprendi por causa dela. — Aponto para a foto nos encarando. — Sempre fiz de tudo para poder ficar mais perto dela. Isabel Monteiro.

Vanessa abre um sorriso e olha para as minhas mãos nas teclas.

— Vai tocar um pouco para mim?

— Estou meio enferrujado. — Faço bico. — Vamos ver se ainda sai alguma coisa.

Olho para a partitura diante de mim e a folheio. Ao achar a primeira música que aprendi a tocar, sorrio. Respiro fundo e afundo os dedos nas teclas, fazendo o som de Heaven do Bryan Adams ecoar pela sala. Ou pelo menos tentando.

Começo a cantar, mas deixo que ela continue, adorando ouvir a sua voz. Vanessa está atenta a todos os meus movimentos, parece abismada. Acabo errando uma tecla e dou risada, deixando tudo sem ritmo.

— Foi tão bonito. — Encosta a cabeça no meu ombro. — Obrigada por me mostrar.

— Errei um monte de coisas, pretty face. — Volto a fechar a tampa do teclado. — Foi somente para mostrar a você a única parte de mim que ainda não conhecia.

— Eu amei.

Encosto a minha cabeça na sua e o meu olhar encontra a foto da minha mãe. A encaro e guardo as suas feições comigo outra vez. Ela estaria orgulhosa de mim?

# Capítulo 49



VANESSA

Depois de ter ouvido Felipe tocar e cantar, ligo os pontos. A voz surpreendente dele quando cantou no carro enquanto vínhamos, ele fez aulas de música e de canto. Estou realmente impressionada com esse dom escondido dele e feliz que ele queira compartilhar comigo.

Olho para a foto da mulher sorridente, em cima do piano e sorrio também. Ela parece tão feliz na foto que chega a ser contagiante. É incrível como a vida de alguém pode virar de cabeça para baixo em pouco tempo.

— Gostei de conhecer esse seu lado, estou realmente surpresa. — Ergo a cabeça para olhar nos olhos azuis sacanas. — Gostaria que tocasse mais.

— Talvez um dia eu faça isso. — Ele sorri antes de beijar os meus lábios e eu entendo que o motivo de não tocar mais também deve ser a mãe. — Vamos assistir algum filme na sala?

— Sim. — Fico de pé e ele também.

— Qual você propõe?

Saímos da sala aconchegante juntos e ele fecha a porta atrás de nós. Assim que chego na sala, usando o robe que ele me deu, sento no sofá e agarro uma almofada.

— Ei, ei! Vou ficar com ciúmes dessa almofada aí.

— O quê? — Sorrio.

— Olha como está agarrando ela.

Abro mais o sorriso e nego com a cabeça, fazendo-o sorrir também.

— Bom, como eu sei que você gosta de romances e de Top Gun. — Abaixa, abre uma gaveta do móvel abaixo da televisão e retira um dvd de lá. —



O que acha de revê-lo?

— Ah, sério? — Bato palmas. — Vai assistir romance comigo?

— Esse é um dos poucos que tolero.

— Engraçadinho.

Felipe liga o aparelho de DVD e eu sorrio, fazia um tempo que não via um desses. Abaixo do aparelho de DVD tem um reproduutor de fita cassete, onde coloquei a fita de vídeo deles mais cedo.

— Brincadeira, pretty face. — Senta ao meu lado e me puxa para ele. — Relaxe e vamos assistir o feio do Tom Cruise.

— Feio?

— Vai mesmo me dizer o quanto aquele cara é lindo e gostoso? — Me olha, completamente sério. — Vou chorar, Vanessa.

— Quanto drama. — Solto uma risadinha. — Eu tenho você, por que precisaria olhar para mais alguém?

— Hum... — Pega o controle e aperta o play. — Agora estou me convencendo.

Me aconchego nele e foco na televisão. Sinto sua mão acariciando os meus cabelos, ainda úmidos do banho. Os filmes antigos são os meus favoritos, não tenho bem uma explicação, mas os amo.

Me perco nas falas bonitas, nos olhares e na trilha sonora maravilhosa, até que Felipe se espalha:

— Ah, olha que filho da puta — xinga. — Atrasou para encontrar com ela... sempre que vejo essa cena tenho vontade de dizer umas merdas.

Ergo a sobancelha, olhando para Felipe todo bravo por causa do filme e sorrio. Ele desmancha a carinha de malvado e sorri para mim.

— Está rindo de mim, pretty face? Eu estou errado?

— Você está certo. — Beijo o seu maxilar. — Só achei engraçado o modo de brigar com a TV.

— É porque não adianta ser bonito e filho da puta. — Vira a cabeça para mim e me rouba um beijo. — Tem que ser lindo, gostoso e um docinho como eu.

— Isso eu não posso negar.

Felipe infla o peito, todo orgulhoso e isso me faz rir e me aconchegar ainda mais nele. Ouço quando ele pigarreja e quase ofereço água, mas estou tão concentrada que até me esqueço.

FELIPE

Olho para cima em busca de alguma luz, os peitos da Vanessa dentro desse robe estão me deixando louco. Pigarreio e trato de tentar prestar atenção no filme, mas não consigo, as pernas torneadas estão expostas por ela tê-las cruzado e os peitos me chamam de otário na cara dura.

Coloco uma almofada sobre o volume na bermuda e ela pensa que fiz isso para que deite. Oh, caralho. No momento, não sei se quero rir ou chorar, já estou duro e querendo Vanessa de novo. Olho para ela e a vejo tão concentrada no filme que me faz bufar.

Quando ela se acomoda deitada no meu colo, deslizo o olhar pelo seu corpo bonito. As pernas continuam de fora, os peitos suculentos ainda riem na minha cara.

Não me concentro mais no filme, quando dou por mim, os créditos começam a subir e eu dou graças aos céus. Vanessa levanta e arruma o robe antes de sair, em silêncio, da sala. Me apresso e a sigo, querendo saber o porquê dessa correria toda.

Entro na cozinha atrás dela e sorrio ao ver que vai até a geladeira para beber água. Ao me ver, ela sorri.

— Eu vou voltar para a piscina — disfarço, coçando a nuca. — Você vai?

— Não. — Dá de ombros, sorrindo. — Pode ir.

— Não me diga que vai me deixar sozinho?

— Estarei na cadeira de sol. — Ela sorri. — Não é bem deixar sozinho.

Vanessa cruza a cozinha para sair e eu roubo um beijo quando ela passa por mim. Respiro fundo quando a vejo cruzar a porta para ir para o deque. Ah, porra. Somente de robe? Vai me matar do coração.

— Vanessa. — Corro para acompanhá-la.

— Hum?

— Os meus seguranças podem estar...

— Os vi entrar naquela casa. — Aponta, mordendo o lábio em seguida. — Estamos sozinhos.

Estreito o olhar para ela e, sem nenhum argumento, retiro a bermuda, ficando somente de sunga e pulo na piscina. O sol está forte, mas a água está uma delícia.

— Vem, pretty face.

— Estou bem aqui. — Ela sorri, mexendo nos cabelos. — Aproveite o seu banho.

Vejo quando ela pega novamente a tulipa que lhe dei e se recosta, sem tirar o olhar do meu. Estou gostando de ver Vanessa sustentar o olhar, não desviá-lo... ela parece mais confiante, o que a deixa ainda mais linda.

— Posso confessar algo? — Passo as mãos nos cabelos molhados,

nadando de volta para alcançar a beirada mais próxima dela. — Você é incrivelmente sexy, principalmente quando me olha como quem não quer nada.

Apoio os braços na beirada da piscina e coloco o queixo neles. Vejo Vanessa respirar fundo, parecendo tomar coragem, e levantar. Calmamente, ela vem até mim e para, de pé, diante de mim.

A roupa praticamente transparente me deixa ver tudo, cada pedaço do seu corpo. Coloco a mão para tapar o sol que me impede de focar nela e a vejo sorrindo. Essa é mesmo a minha Vanessa?

— Você acha?

Senta-se na beirada e, afastando boa parte do robe, coloca os pés dentro da piscina. Me coloco entre as suas pernas e sorrio, as abrindo um pouco.

— Sim, eu acho.

Desfaço o nó que une os lados do robe e ele se abre, revelando a sua linda pele morena. A luz do sol bate nela e tem a capacidade de deixá-la ainda mais incrível. Subo as minhas mãos pelas suas panturrilhas lentamente, segurando de maneira firme.

— Vem, pretty face. — Levo a mão à sua boceta e afasto os lábios macios para alcançar o seu clitóris. — Vamos tomar um banho bem gostoso, depois eu prometo ficar bem quietinho.

— Promete? — Estreita o olhar para mim e se remexe nos meus dedos. — Hum...

— Vou tentar cumprir isso. — Pisco para ela.

Continuo estimulando, sentindo sua boceta quente e deliciosa molhar os meus dedos aos poucos. A penetro com um dedo, quando sinto que está molhada o suficiente e ela geme, contraindo um pouco o corpo.

Exibo para ela o meu sorriso sacana e enfio mais um dedo, fodendo-a com eles em seguida. Vanessa segura o meu braço que está se movimentando nela, mas não pede para que eu pare. Com as pontas dos dedos, estímulo o seu ponto G e ela se contrai com a sensação.

— Oh, Felipe — sussurra de maneira entrecortada.

— Respire e controle o seu corpo, o poder é seu de gozar ou não — digo, calmo. — Você ainda tem medo do sexo? Sente medo quando toco você de alguma maneira?

— Com você, não.

— Isso é maravilhoso, pretty face. — Sorrio. — Agora faça como disse, respire.

Ela faz o que instruí e eu sorrio outra vez, adorando ver a minha Vanessa aberta ao sexo assim. Retiro a mão da sua boceta e as levo aos lados abertos do seu robe, retirando-o dela. Vanessa se apoia nos meus ombros e eu a suspendo

pela cintura, trazendo-a para dentro da água.

Inclino a cabeça e beijo a sua boca de maneira lenta, apreciando os seus lábios e dando a ela tempo. Toco o seu rosto e a minha outra mão desliza pelas suas costas até a sua bunda. Gemo quando ela desliza as mãos pelos meus ombros e desce pelo meu peito.

Não faço nada, apenas deixo que ela se descubra e me descubra. Encerro o beijo com uma leve mordida no seu lábio inferior e observo enquanto ela desce as mãozinhas pela minha barriga. Minha respiração se altera, o meu corpo começa a esquentar e nem mesmo a água fria está ajudando.

Ela solta um breve suspiro antes de avançar para a minha sunga e massagear o meu pau por sobre ela. Faço com que me olhe nos olhos, tentando acalmá-la.

— Assim está perfeito — elogio, adorando a carícia.

Hipnotizado, levo a mão ao seu rosto e o dedo polegar aos seus lábios. A maciez deles me lembra quando os tive no meu pau, há pouco tempo. Muito gostosos.

Inclino a cabeça para beijar a sua boca outra vez e paro a milímetros do seu rosto quando, graças à minha audição treinada, ouço passos. Puxo Vanessa para mim e a cubro com o meu corpo, o que a faz dar um breve grito.

— Lipitcho, eu acho que... — Gabriel para bruscamente, assustado. — Puta merda, mano! Não queria atrapalhar nada não, pensei que a Vanessinha estivesse lá dentro.

— Oh, Deus — Vanessa murmura e se agarra a mim, pressionando os seus peitos gostosos no meu peito.

— Diga, Gabe. — O olho por sobre o ombro. — Algo importante?

— Mermão, me perdi até no que ia dizer. Desculpa aí.

Quando Gabriel sai, resmungando, solto Vanessa e ela está branca como uma vela. Dou risada quando ela fica na ponta dos pés e olha por sobre os meus ombros.

— Ele já foi, fique tranquila. — Beijo o seu pescoço. — Onde estávamos?

Vanessa nega com a cabeça e cobre o rosto com as mãos. Continuo sorrindo, adorando vê-la envergonhada.

— Não fique com vergonha... pode não parecer, mas Gabriel é um profissional. Nada do que aconteceu aqui sairá daqui. — Beijo a sua boca e desço pelo seu pescoço. — Vamos retomar, sem medo... se entregue a mim.

Continuo beijando calmamente o seu pescoço, passando a língua e mordiscando, até que ela se rende novamente. Vanessa me ajuda a retirar a sunga e eu a jogo fora da piscina. Recebo o seu beijo e caminho com ela para que

encoste na parede da piscina.

Faço com que erga a perna direita e agarro a sua cintura para suspendê-la, fazendo com que abrace o meu quadril com as suas pernas deliciosas. Ela traz as mãos às minhas costas e crava os dedos na minha pele quando me encaixo na sua entrada molhada.

— Olhe para mim, pretty face.

Uma das suas mãos sobe das minhas costas para a minha nuca e ela faz o que pedi. Nossos olhares se encontram e eu penetro nela devagar, nos tornando um outra vez. Seu gemido baixo se une ao meu e eu tomo cuidado para não machucá-la, transar na água pode ser dolorido.

— Isso, sem pudores para mim.

Me acomodo inteiro dentro dela e espero que se acostume comigo para poder iniciar os movimentos em um vaivém lento. Ela agarra os meus cabelos com a mão que já está na minha nuca e me puxa para um beijo.

Ela geme em meio ao beijo, quando a pressiono mais contra a parede para apoiar os meus movimentos. Mantenho a firmeza do vaivém, garantindo que Vanessa esteja à vontade e gemendo bem gostoso para mim.

— Pretty face, mova seu quadril. — Seguro a sua cintura com as duas mãos e paro de fodê-la. — Nos dê prazer.

Forço a sua cintura e ela move o corpo para cima e para baixo de maneira linda. Seus peitos bonitos dançam na minha frente e eu não resisto, inclino a cabeça e mamo neles como se não houvesse amanhã. Minha Vanessa geme um pouco mais alto, subindo e descendo no meu pau.

A água chacoalha ao nosso redor, acompanhando os seus movimentos firmes. Estou gostando de vê-la mais solta e um pouco mais ousada. Quando mostrei o vibrador, mais cedo, pensei que fosse recusá-lo veementemente.

— Ah, porra, bem aí... que gostoso, pretty face.

Começo a mover meu quadril, acompanhando o seu ritmo e já sentindo que vai ser uma gozada daquelas. Ela solta um suspiro e cola a sua testa na minha; o ar quente da sua respiração entrecortada alcança o meu rosto e eu fecho os olhos, deliciado.

Tudo parece estar em câmera lenta, me controlo até onde aguento. Dou o máximo de mim para resistir ao gozo, mas Vanessa tem uma boceta apertada deliciosa e cavalga muito bem, mesmo dentro da água.

— Pretty face, vou gozar.

— Awn... — geme. — Felipe... eu também.

A vejo contrair o corpo bruscamente, apertando o meu pau inclusive, e gemer sem qualquer pudor. Linda. Depois de presenciar o espetáculo erótico que é vê-la gozando, me entrego ao meu gozo e trinco os dentes, rosnando como um

animal. Delícia de trepada.

A abraço quando sinto a sua cabeça apoiada no meu ombro e ela retribui. Faço com que erga a cabeça e me beije de maneira lenta. A coloco de pé e sorrio, afagando o seu rosto.

— Eu vou nadar mais um pouco para passar o calor. — Pisco para ela, que sorri.

— Vamos, então.

# Capítulo 50



VANESSA

Felipe, ainda nu, senta-se nos degraus de mármore da piscina e eu o acompanho. Trocamos um sorriso cúmplice e ele procura a minha mão para segurar e entrelaçar os nossos dedos. Encosto a cabeça no seu ombro e solto um suspiro.

— Está cansada? — O tom brincalhão está bem ali.

— Sim. — Sorrio, erguendo a cabeça para encará-lo. — Você não está?

— Um pouco. — Pisca para mim e parece pensar um pouco antes de perguntar: — Pretty face, posso fazer uma pergunta?

— Pode.

— Você já pensou em ter filhos?

A pergunta me pega de surpresa e eu não sei o que dizer no começo.

— Confesso que nunca pensei nesse assunto, mas, se eu tiver, não quero que sofra como eu... não posso deixar, entende?

— Claro que entendo.

— Não me sinto preparada ainda para enfrentar isso.

Desce um degrau para ficar na minha frente e me olhar fixamente. Toco o seu rosto bonito, deslizando a mão pela sua barba por fazer e penso se essa pergunta envolve os sentimentos dele também. Ele quer ter filhos?

— Você já pensou? — pergunto.

— Antes de os mascotinhos do quarteto nascerem, nunca tinha pensado.

— Ele sorri. — Mas quando vi a Ellen, a minha pequena princesa, depois o Heitorzinho... não sei, senti que poderia fazer algo bom nessa vida; agora vêm as gêmeas do Celso.

— Então você quer ter filhos?

— Sim. — Beija as minhas mãos. — Mas o faremos quando você estiver pronta... quero que curta comigo primeiro, que deixe os seus medos inteiramente de lado. Tudo bem?

— Tudo bem.

De repente, lembro-me que estou nua na piscina e que Gabriel pode voltar a qualquer momento. Fico de pé, cobrindo os seios e saio da piscina.

— Vou tomar um banho — explico, ao ver Felipe com uma expressão confusa. — Depois faremos o jantar.

— Eu farei. — Pisca para mim. — Sou prendado, pretty face.

— Veremos isso.

Abaixo para pegar o robe do chão e sigo para uma das toalhas na cadeira. Enxugo o meu corpo sob o olhar atento do Felipe e me enrolo na toalha. Antes de entrar, olho para ele uma última vez, todo lindo e nu dentro da piscina e depois sigo para dentro.

Sorrio comigo mesma enquanto caminho pela sala. Estou tão feliz em poder, finalmente, me entregar ao Felipe, feliz por estar com ele e por estar crescendo em um relacionamento. Nunca imaginei que algo tão bom fosse me acontecer.

Quando começo a subir as escadas, ouço barulhos intensos, como se fossem tiros. Solto um grito e me abaixo na escada mesmo. Penso em Felipe lá fora e corro, mas o alívio me toma ao vê-lo entrando na casa.

— Vanessa, venha.

Felipe me puxa pelo pulso e corre na direção da sala em que estávamos há pouco.

— O que está acontecendo?!

— Não saia daqui enquanto eu em pessoa ou Gabriel não vier buscá-la.  
— Toma o meu rosto entre as suas mãos. — Entendeu?

— Felipe.

— Apenas me prometa que não vai sair, independente do que ouvir.

As lágrimas inundam os meus olhos e eu sinto medo de perdê-lo, medo de aconteça algo como aconteceu naquele galpão. Ouço mais tiros e me encolho.

— Me prometa, Vanessa!

— Não vá — imploro.

Com apenas um beijo nos lábios, Felipe me força a entrar na sala e puxa a porta em seguida. Fecho os olhos e choro, sentindo as minhas pernas fraquejarem. Será que eu não posso ser feliz?

Sento-me no chão, longe do alcance das janelas e abraço as minhas pernas. Meu pensamento não sai dele, do meu Felipe. O que está acontecendo



agora? Por que nos atacam?

Paro para prestar atenção quando os tiros cessam. Fico atenta a qualquer barulho ou sinal do meu Felipe e sinto o meu coração apertado.

— S5, a ameaça já foi neutralizada. — Ouço Gabriel dizer.

— Quantos eram?

— Estavam em um carro e queriam entrar de todo jeito, tá ligado? — explica. — Não tinham nada com o padrasto da Vanessinha, achamos que era alguém do mesmo estilo que quis sequestrar o Ben uma vez... por dinheiro.

— Foda — xinga.

— Se alguém ousar tentar, meto bala de novo, mano. Vou proteger o seu rabo.

— Filho da puta! — Ouço um barulho. — Vou buscar Vanessa, volte ao trabalho.

Ouço passos e fico de pé, enxugando o rosto e seguro firme a toalha. Quando Felipe abre a porta, me joga nos seus braços e ele me aperta contra o seu corpo.

— Está tudo bem, foi só um susto. — Beija o meu rosto. — Você está livre daquele homem, como prometi que estaria... mas estar comigo significa correr riscos. Está preparada para isso?

— Eu quero estar, quero que me ensine a viver como vocês. — Fungo. — Não quero mais fugir ou me esconder.

Felipe apenas sorri e beija a minha testa, segurando a minha mão em seguida para sairmos da sala. Subimos as escadas juntos e assim que entramos no quarto, sigo para o banheiro. Noto a presença dele comigo e viro-me para encará-lo.

— Eles vão voltar?

— Não se preocupe com isso, pretty face... vamos voltar a curtir a nossa viagem tranquilos.

— Como você consegue?

— Já ouviu dizer que o costume é que mata o corpo? — Ele sorri. — Então... situações como esta nos fizeram treinar muito, praticar habilidades e aguçar os sentidos. Nós vamos resolver, não se preocupe.

— Tudo bem... — Tento sorrir, afastando o meu medo. — Vou tomar banho agora.

— Vou sair.

— Você pode... ficar, se quiser.

— Está mesmo me tentando? — Ele sorri. — Preciso resolver algo com Gabriel, vou te deixar à vontade.

Felipe beija os meus lábios e sai do banheiro, fechando a porta atrás de

si. O que ele fez, me trancando ali para me proteger, mexeu comigo. Ele já me mostrou cada segredo, cada pedaço do seu coração, se abriu comigo, mas os seus atos me surpreendem mais a cada dia.

É com ele que eu quero estar pelo resto dos meus dias, Felipe é o homem que o meu coração escolheu para amar. É o homem que eu escolhi para entregar o meu corpo e o meu coração.

## FELIPE

Estou na sacada do quarto, os braços cruzados, olhar fixo no mar e o pensamento distante. Vanessa está me surpreendendo nesta viagem, tudo está sendo tão bom que tenho medo que algo aconteça. Como aconteceu há pouco.

De repente, sinto mãozinhas deslizando pelas minhas costas e um leve beijo é deixado ali. Grunho com o carinho e seguro as suas mãos, quando elas alcançam o meu peito.

— Que mulher cheirosa, como posso resistir assim? — Beijo as suas mãos e ela ri baixinho.

— No que estava pensando? Estava tão concentrado...

— No nosso futuro. — Viro o corpo para ela.

Vanessa está linda usando um vestido preto de alcinhas. Os seus cabelos molhados emanam um cheiro delicioso, sua simplicidade a deixa ainda mais bonita.

— Não faça isso — diz, tranquila. — Pensar demais no futuro não faz bem. Sempre pensei demais no futuro, em como seria horrível viver sozinha e... quando menos esperei, você veio me salvar das garras da escuridão. As coisas não acontecem no nosso tempo.

— Tem razão, pretty face. — Beijo a sua testa, maravilhado com as suas palavras tão sábias. — Vou tomar banho agora para assistirmos ao pôr do sol.

A deixo na varanda e dou uma última olhada nela antes de seguir para o banheiro.

\*\*\*

Enrolo a toalha no quadril e saio do banheiro. Sorrio ao ver Vanessa tirando fotos do pôr do sol e chego perto dela.

— Gostando? — Beijo o seu pescoço.

— Sim. — Vira o celular para mim. — Até tirei algumas fotos, Sheila

está querendo saber de tudo.

— Diga a ela que estamos em lua de mel.

— Não vou nada, quer que ela venha até aqui. — Ela ri.

— E os seus tios?

— Estão bem, mandaram um abraço para você e mandaram ter cuidado.

— Mal sabem eles que você é quem me leva para o mau caminho — brinco.

— O quê?!

Caio na risada com a sua reação e me afasto, entrando de volta no quarto, antes que acabe apanhando. Visto uma bermuda e passo perfume antes de me aproximar dela novamente.

— Vamos começar a fazer o jantar? — chama.

— Vamos, vou mostrar as minhas habilidades em ferver água.

— Não acredito que se ofereceu para cozinhar sem saber de nada.— Ela ri enquanto descemos as escadas.

— Sei fazer algumas coisas, pretty face... só não sou profissional.

— E o que pensou em fazer?

Ela pega um avental e me entrega, colocando outro em si mesma. Sigo para a geladeira e pego todos os ingredientes necessários para fazer a carne que Graça me ensinou. Modéstia parte, fica uma delícia.

— O que vai preparar? — Ela chega perto e espia o que estou fazendo.

— Uma carne muito boa que aprendi com Graça.

— E em que eu posso ajudar?

— Pode ajudar fazendo aquela massa com aquele molho delicioso que você sabe.

— E você não iria fazer o jantar? — Cruza os braços.

— Pretty face, não me meta em uma enrascada.

Ela solta uma risadinha e vai para o armário buscar uma panela. Sorrio sozinho e fico hipnotizado a sua habilidade e rapidez em fazer as coisas. Trato de me concentrar na carne e demoro mais que o esperado nela.

Assim que termina de preparar a massa, Vanessa a deixa no fogo e se aproxima de mim. Fica em silêncio, apenas analisando o que estou fazendo. Que nervoso da porra que isso dá.

— Está me deixando nervoso, sabia? Tenho medo até de pegar a faca.

— Por quê? — Ela ri.

— Vai que eu esteja pegando errado.

Ao ver a sua expressão incrédula pela minha brincadeira, pisco para ela e volto a me concentrar nos preparativos. Coloco a carne no fogo e sigo para a despensa para buscar um vinho para fazer o molho.

Escolho uma garrafa e volto para o balcão para abri-la. Vanessa está quieta, me olhando, toda faceira e linda. Quando a olho de volta, ela faz a egípcia e pega um garfo para mexer a sua massa. Tenho certeza que esse atrevimento todo tem o dedo da Sheila e eu estou amando isso.

Assim que puxo a rolha do vinho, sigo até o fogão e analiso se a carne já está em um ponto bom para que eu coloque o vinho. Somente assim, despejo a quantidade suficiente para a carne. Inclino a cabeça e olho o resultado na panela antes de colocar a rolha de volta.

— Hum... — Ela espia a panela. — Molho especial.

— Sou quase um chefe.

Pego a cebola que cortei e a coloco na panela; vejo Vanessa balançar a cabeça, aprovando, mas finjo não ver. Ela aspira o cheiro da carne e fecha os olhos.

— Está me dando fome — comenta. — A massa está quase pronta.

— Só precisa engrossar um pouco o molho e estará pronta — afirmo.

— Meu cozinheiro favorito. — Ela para diante de mim.

— Que nada, sou um bom apreciador... da sua boceta principalmente.

— Para de graça. — A vejo sorrir.

— Linda. — Beijo a sua boca e desvio dela para mexer a carne.

Olho rapidamente para Vanessa e sinto o meu coração acelerar de felicidade. Nunca havia me imaginado indo tão fundo em um relacionamento, sempre gostei da minha liberdade. Mas quando vi Vanessa naquele elevador, eu soube que precisava tê-la.

Abri mão da minha tão estimada liberdade, da minha vida de puto devasso, para cuidar dela, para salvá-la do abismo em que estava. E eu não me arrependo. Ela me ensinou tanto com o seu jeito retraído, com a sua forma de observar mais do que falar... eu amo essa mulher com todas as minhas forças.

A minha pretty face.

# Epílogo



.. ALGUNS MESES DEPOIS ..

VANESSA

Coloco a última travessa com a comida pronta na mesa e olho o resultado. Sorrio ao ver um vaso com tulipas no meio da mesa e sei que foi obra do meu noivo. Antes que eu possa ir colocar a luva de volta na cozinha, Felipe me vira para ele e me beija.

Estamos na nossa casa nova fazem apenas duas semanas, um apartamento maior do que o nosso antigo. Aluguei o meu para Sheila e Felipe apenas decidiu manter o dele fechado. Disse que nunca se sabe quando alguém do quarteto pode precisar.

— Eles deram notícias? — Limpo a sua boca que sujei de batom.

— Sim, todos estão à caminho com os mascotinhos. — Ele lambe os lábios.

— Suzana e Celso também vêm com as meninas?

— Vêm sim... Suzy está a ponto de matar o Celso porque ele é muito nervoso.

— Celso vai acabar louco, isso sim.

— Vou falar com Gabriel sobre a chegada deles. — Pega o celular. — Quero atenção redobrada.

— Oh, Deus... ainda lembro daquele dia fatídico na piscina.

Damos risadas juntos e eu nego com a cabeça. Às vezes ainda sinto vergonha por aquilo, mas apesar das brincadeiras, Gabriel é um profissional. Espero que Felipe avise a ele sobre o reforço da segurança e me preparo para

contar a ele. Coloco as luvas de lado, arrumo a sua camisa social antes de estirar o meu vestido e olhar para os meus saltos.

— Está tudo perfeito, pretty face. — Segura o meu queixo e me faz olhá-lo. — Você principalmente.

— Obrigada. — Hesito. — Tenho algo a dizer.

— Diga.

— Eu... Parei o anticoncepcional hoje.

Vejo a surpresa crescer no seu olhar e um sorriso lindo nascer nos seus lábios.

— M-Mesmo? Digo... você tem certeza?

— Tenho. Andei conversando com Lara, com Suzana e com Melissa sobre isso... elas sempre me disseram para ir no meu tempo, quando eu realmente me sentisse preparada para encarar algo assim. — Dou de ombros. — Acho que estou preparada para começarmos a tentar.

— Isso é maravilhoso, pretty face.

Felipe me abraça rapidamente e, em seguida, beija a minha testa. Nos encaramos por alguns instantes e não é preciso dizer nada, nos entendemos somente com um olhar.

— Vou guardar isso para esperarmos todos.

Sorrio para ele de volta e sigo para a cozinha. Guardo as luvas e arrumo os cabelos antes de voltar para a sala e ver Felipe de pé, na mesma posição que o deixei. Vou até ele quando estende a mão para mim.

— Ainda não acredito que estamos morando juntos.

— E que você parou os remédios — ele completa.

Apenas sorrio e sigo para o sofá para sentar um pouco. Sei que a notícia o deixou feliz e a decisão veio depois de muita conversa com as meninas do quarteto. Não me achava preparada para isso, tanto é que elas ainda não sabem que resolvi parar os remédios. Tive algumas consultas com uma psicóloga de confiança do Felipe e isso também me ajudou na decisão.

Antes que Felipe possa vir sentar-se também, a campainha toca e eu fico de pé. Sei que são o quarteto mais louco desse mundo. Os primeiros a chegar são Benjamim, Lara e Ellen.

— Tio! — A menina pula nos braços do Felipe. — Que saudade!

— Oi, pequenina. — Felipe fica de pé com ela nos braços. — Também senti saudades.

Lara e Benjamim me abraçam e esperam que a sobrinha largue Felipe para o cumprimentarem também. Ellen vem me abraçar e abre um sorriso lindo quando me vê de vestido.

— Você tá linda, tia Nessa.

— Obrigada, Ell... você também está linda.

A saia verde e a blusinha branca que ela usa parecem ser um conjunto. Está a coisa mais fofa deste mundo. Os cabelos grandes, castanhos e bonitos a deixam parecendo uma boneca.

— Entrem — Felipe convida. — Se acomodem.

— Adorei a casa nova, Lipe.

— Obrigado, Lara; Vanessa quem deu a palavra final... estávamos indecisos entre esse e outro.

— Muito bom mesmo. — Benjamim olha ao redor. — Parabéns aos dois.

Os acomodo nos sofás e Felipe volta para abrir a porta quando a campainha toca outra vez. Anderson e Celso chegaram juntos e entram primeiro, com as bolsas dos seus bebês. Melissa entra segurando a mãozinha do Heitor, que já anda, todo lindo. Suzana entra com as gêmeas em um carrinho de bebê.

Todos se cumprimentam e em seguida, mexo com os bebês. Heitorzinho está a coisa mais gostosa andando e falando um pouquinho, Ellen está encantada com ele. As gêmeas estão dormindo no carrinho e eu sorrio com as palavras de Suzana sobre estar exausta, mas imensamente feliz.

— Temos que brindar o último puto laçado do quarteto de devassos — Benjamim afirma.

— Isso mesmo — Anderson reforça. — A Vanessinha laçou muito bem.

— Uma chave de perna bem dada.

— Celso Farias — Suzana reclama.

Todos riem, inclusive eu. Não há como não rir das palhaçadas deles, esses amigos são a verdadeira definição e prova viva de que amizade e amor verdadeiro existe. Adoro ver como eles se relacionam, mas também adoro ver como sabem levar algo a sério.

— Diga, Suzy? — Sorri para ela e olha as gêmeas dormindo no carrinho. — Lindas do papai.

— Dadá — Heitor emite, batendo palminhas e caminha, cambaleando, pela sala.

— Heitor está ficando a coisa mais linda desse mundo — Lara diz, mexendo nos cabelos dele, fazendo-o sorrir. — E tem o riso fácil como o pai.

— Esse daí vai ser fogo, Lara.

— Heitorzinho, vamos brincar? — Ellen para na frente dele.

O menino cai sentado e começa a engatinhar até Ellen, que corre na frente, dando risada.

— Que lindos esses dois — Melissa diz.

— Não sei não, Ben... a Ell vai ser fogo nos olhos como você e a Lara. — Anderson sorri.

— Com uma mistura dessas não tem como não ser. — Felipe cruza os braços.

— Falando em filhos, Lipe. — Celso estreita o olhar para o amigo. — Quero saber quando teremos os seus mascotinhos.

— Que bom que perguntou, Celso.

Felipe olha para mim e estende a mão, sorrindo. Olho para Lara, Melissa e Suzana e elas já entendem, abrindo seus sorrisos para mim. Fico de pé e sigo até Felipe para segurar a sua mão.

— Vanessa parou os remédios hoje. — Ele envolve os meus ombros com o braço. — Vamos tentar.

— É sério?! — Benjamim pergunta a mim.

— Sim. — Sorrio.

— Mais mascotinhos! — Anderson diz.

Celso puxa a algazarra e eu ergo a cabeça para olhar Felipe com um sorriso enorme no rosto. Nossos olhares se encontram e ele me beija rapidamente, antes de sermos abraçados pelos três, que ainda fazem barulho.

A campainha toca mais uma vez e a algazarra não para. Sigo até a porta e a abro para ver Sheila, Henrique e os meus tios juntos. Deixo que eles entrem e não entendem nada do barulho. Olho para as gêmeas e elas nem se mexem.

— Decidi parar os remédios — cochicho.

Sheila entra no barulho e me abraça forte, toda contente.

— Você merece, filha. — Minha tia me abraça junto com o meu tio e Henry. — Estou tão feliz que conseguiu esquecer tudo.

— Esquecer eu nunca irei, mas estou superando com a ajuda do homem mais incrível que já conheci e dos seus amigos maravilhosos.

Deixo que se acomodem e volto para perto do Felipe. Lara, Melissa e Suzana vêm até nós e nos desejam felicidades. As abraço e sinto a felicidade transbordando no meu coração. Agora eu tenho duas famílias e sou grata por ter essa segunda.

— Agora sim demos início à cerimônia dos putos enlaçados.

Todos se acomodam na sala e eu observo a alegria que tomou a minha casa. Encontrar com Felipe naquele elevador virou a minha vida de cabeça para baixo e eu sou grata por isso. No tempo eu não entendi o porque da sua insistência, não queria a sua proximidade... eu vivia dominada pela escuridão e pelos pensamentos horríveis.

Hoje me sinto amada, me sinto alguém entre eles, me sinto importante. A ferida que aquele monstro me causou nunca vai sair de mim, mas o amor que recebo todos os dias de todas essas pessoas aqui presentes faz com que a cicatriz no meu coração seja somente uma marca.



— Está gostando dessa bagunça? — Felipe cochicha para mim, parando ao meu lado.

— Muito. — Sorrio. — Estamos em família.

— Isso mesmo. — Me abraça por trás e beija o meu ombro levemente.

— Eu estou feliz com isso, com a sua melhora, pretty face.

— Eu também estou... é bom ver o mundo de outra forma.

— Vai melhorar quando tivermos o nosso mascotinho.

Viro a cabeça para olhá-lo e sorrio, voltando a encostar a cabeça na sua em seguida.

— Eu te amo, pretty face — sussurra. — Com tudo o que tenho.

— Eu te amo, Lipe — sussurro de volta. — Com tudo o que tenho.

O amor não cai do céu como a chuva, o amor precisa ser construído, precisa amadurecer e pode florescer em todos nós. Quando eu não pude lutar, Felipe lutou por mim... quando ele não pôde, eu o fiz e assim será até que a morte nos separe.

## SINOPSE ENZO - LIVRO 5 DA SÉRIE

Nem sempre o amor é o bastante.

Enzo Salvatore, no auge dos seus 30 anos é o Chefe da Máfia Italiana. Veio para o Brasil comandar um esquema de tráfico internacional de armas e drogas, montando um cassino como clube da Família e empresas-fachada.

Ele é controlador, vingativo, impiedoso, frio e calculista. Um predador, um assassino.

"Deus perdoa, eu não."

Kiara Moraes perdeu o irmão sem saber o porquê, encontrou seu corpo no jardim da sua casa com uma bala cravada na testa e sinais claros de tortura. Depois do ocorrido, ela se viu completamente sozinha, tendo que se sustentar com o salário de professora numa pequena academia de dança.

Passados cinco anos do assassinato do seu irmão e sem nenhum sucesso nas investigações da polícia, algo acontece. Kiara é pega por dois dos homens de Salvatore, que a levam até Enzo para que possam esclarecer o que, até então, ela não sabia.

Enzo acredita ter sido traído pelo irmão de Kiara.

Kiara jura não saber de nada.

Um encontro turbulento e cruel.

Venha conhecer essa intensa história de desejo e sangue.

## AUTORA

Obrigada a você que chegou até aqui! Essa jornada, eu não poderia fazê-la sozinha. Espero que tenha curtido a história.

FACEBOOK (PERFIL E GRUPO): Autora Eduarda Gomes

E-MAIL: [autoraeduardagomes@hotmail.com](mailto:autoraeduardagomes@hotmail.com)

INSTAGRAM: @egautora

Beijinhos, Duda.

---

[u](#) Meus amigos